UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS (UFG)
FACULDADE DE EDUCAÇÃO (FE)
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO (PPGE)

FREDERIKO LUZ SILVA

“Tem aqui na escola, perto de casa, em todo lugar”: percepções de jovens estudantes de Aparecida de Goiânia sobre as relações entre educação escolar e violência

GOIÂNIA
2022

Processo: 23070.003430/2022-79 Documento: 2941744

UFG

UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO

TERMO DE CIÊNCIA E DE AUTORIZAÇÃO (TECA) PARA DISPONIBILIZAR VERSÕES ELETRÔNICAS DE TESES

E DISSERTAÇÕES NA BIBLIOTECA DIGITAL DA UFG

Na qualidade de titular dos direitos de autor, autorizo a Universidade Federal de Goiás (UFG) a disponibilizar, gratuitamente, por meio da Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD/UFG), regulamentada pela Resolução CEPEC nº 832/2007, sem ressarcimento dos direitos autorais, de acordo com a Lei 9.610/98, o documento conforme permissões assinaladas abaixo, para fins de leitura, impressão e/ou download, a título de divulgação da produção científica brasileira, a partir desta data.

O conteúdo das Teses e Dissertações disponibilizado na BDTD/UFG é de responsabilidade exclusiva do autor. Ao encaminhar o produto final, o autor(a) e o(a) orientador(a) firmam o compromisso de que o trabalho não contém nenhuma violação de quaisquer direitos autorais ou outro direito de terceiros.

1. Identificação do material bibliográfico

[ ] Dissertação [x] Tese

2. Nome completo do autor

Frederiko Luz Silva

3. Título do trabalho

"Tem aqui na escola, perto de casa, em todo lugar": percepções de jovens estudantes de Aparecida de Goiânia sobre as relações entre educação escolar e violência

4. Informações de acesso ao documento (este campo deve ser preenchido pelo orientador)

Concorda com a liberação total do documento [x] SIM [ ] NÃO[1]

[1] Neste caso o documento será embargado por até um ano a partir da data de defesa. Após esse período, a possível disponibilização ocorrerá apenas mediante:
a) consulta ao(à) autor(a) e ao(à) orientador(a);
b) novo Termo de Ciência e de Autorização (TECA) assinado e inserido no arquivo da tese ou dissertação.
O documento não será disponibilizado durante o período de embargo.
Casos de embargo:
- Solicitação de registro de patente;
- Submissão de artigo em revista científica;
- Publicação como capítulo de livro;
- Publicação da dissertação/tese em livro.

Obs. Este termo deverá ser assinado no SEI pelo orientador e pelo autor.

Documento assinado eletronicamente por **FREDERIKO LUZ SILVA**, **Discente**, em 30/05/2022, às 14:26, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020.

Documento assinado eletronicamente por **Miriam Fábia Alves**, **Professor do Magistério Superior**, em 30/05/2022, às 17:36, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020.

A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.ufg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **2941744** e o código CRC **4BC9476A**.

FREDERIKO LUZ SILVA

“Tem aqui na escola, perto de casa, em todo lugar”:
percepções de jovens estudantes de Aparecida de Goiânia sobre as relações entre educação escolar e violência

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação, da Faculdade de Educação (FE), da Universidade Federal de Goiás (UFG), como requisito para obtenção do título de doutor em educação.
Área de concentração: Educação
Linha de pesquisa: Estado, Políticas e História da Educação

Orientadora: Professora Dra. Miriam Fábia Alves.

GOIÂNIA
2022

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor, através do
Programa de Geração Automática do Sistema de Bibliotecas da UFG.

Silva, Frederiko Luz
"Tem aqui na escola, perto de casa, em todo lugar": percepções de jovens estudantes de Aparecida de Goiânia sobre as relações entre educação escolar e violência [manuscrito] / Frederiko Luz Silva. - 2022.
223 f.: il.

Orientador: Profa. Dra. Miriam Fábia Alves.
Tese (Doutorado) - Universidade Federal de Goiás, Faculdade de Educação (FE), Programa de Pós-Graduação em Educação, Goiânia, 2022.
Apêndice.
Inclui lista de figuras.

1. Juventude. 2. Escolarização. 3. Distorção idade-série. 4. Violência. I. Alves, Miriam Fábia, orient. II. Título.

CDU 37

UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS

FACULDADE DE EDUCAÇÃO

ATA DE DEFESA DE TESE

Ata Nº **75** da sessão de Defesa de Tese de **Frederiko Luz Silva** que confere o título de **Doutor em Educação** pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Goiás-PPGE/FE/UFG, na *área de concentração em* ***Educação.***

Aos **vinte e cinco dias do mês de fevereiro de dois mil e vinte e dois (25/02/2022)**, a partir das **14:00**, em plataforma virtual no link público *http://meet.google.com/vrz-baqv-ggn*, realizou-se a sessão pública de Defesa de Tese intitulada **"Tem aqui na escola, perto de casa, em todo lugar": percepções de jovens estudantes de Aparecida de Goiânia sobre as relações entre educação escolar e violência"**. Os trabalhos foram instalados pela Orientadora Profª. Drª. **Miriam Fábia Alves (PPGE/FE/UFG),** doutora em **Educação** pela **UFMG,** com a participação dos demais membros da Banca Examinadora: Prof. Dr. **Marcos Flávio Rolim (UNIRITTER),** doutor em **Sociologia** pela **UFRGS** - membro titular externo, Prof. Dr. **Aldimar Jacinto Duarte (PUC-GO)**, doutor em **Educação** pela **UFG** - membro titular externo, Profª. Drª. **Sandra Maria de Oliveira (Seduc/Faculdade Araguaia)**, doutora em **Sociologia** pela **UFG** - membro titular externa e Profª. Drª. **Gina Glaydes Guimarães de Faria (PPGE/FE/UFG),** doutora em **Educação** pela **UFG** - membro titular interna. Durante a arguição os membros da banca **não fizeram** sugestão de alteração do título do trabalho, mas apresentaram algumas sugestões de melhoria na Tese, o que foi acatado pelo candidato e sua orientadora. A Banca Examinadora reuniu-se em sessão secreta a fim de concluir o julgamento da Tese, tendo sido o candidato **aprovado** pelos seus membros. Proclamados os resultados pela Profª. Drª. Miriam Fábia Alves, Presidente da Banca Examinadora, foram encerrados os trabalhos e, para constar, lavrou-se a presente ata que é assinada pelos Membros da Banca Examinadora, aos vinte e cinco dias do mês de fevereiro de dois mil e vinte e dois.

Banca Examinadora:

Profª. Drª. Miriam Fábia Alves

Prof. Dr. Marcos Flávio Rolim

Prof. Dr. Aldimar Jacinto Duarte

Profª. Drª. Sandra Maria de Oliveira

Profª. Drª. Gina Glaydes Guimarães de Faria

TÍTULO SUGERIDO PELA BANCA

Documento assinado eletronicamente por **Miriam Fábia Alves, Professor do Magistério Superior,** em 07/03/2022, às 20:05, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020.

Documento assinado eletronicamente por **Aldimar Jacinto Duarte, Usuário Externo,** em 10/03/2022, às 10:16, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020.

Documento assinado eletronicamente por **SANDRA MARIA DE OLIVEIRA, Usuário Externo**, em 22/03/2022, às 10:45, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020.

Documento assinado eletronicamente por **Gina Glaydes Guimarães De Faria, Professora do Magistério Superior**, em 12/05/2022, às 07:44, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020.

Documento assinado eletronicamente por **Daniela Da Costa Britto Pereira Lima, Coordenadora de Pós-Graduação**, em 25/05/2022, às 16:04, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020.

A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.ufg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **2710245** e o código CRC **F7AC60EB**.

Referência: Processo nº 23070.003430/2022-79 SEI nº 2710245

AGRADECIMENTOS

Agradeço, em primeiro lugar, aos e às jovens pela disposição em participar das rodas de conversa e por responderem ao questionário que propomos, o que nos possibilitou ouvi-los e, a partir disso, refletirmos sobre seus contextos de distorção idade-série e suas percepções sobre a relação entre essa situação e o envolvimento deles e delas com violência.

Em segundo lugar, agradeço à Secretaria Municipal de Educação de Aparecida de Goiânia e aos diretores e diretoras das quatro escolas em que realizamos a etapa de campo da pesquisa, por nos ter concedido autorização para isso.

Em terceiro lugar, agradeço à professora Dra. Miriam Fábia Alves pela gentil e sábia orientação na reformulação do projeto de pesquisa, escolha das disciplinas a serem cursadas, elaboração dos instrumentos de coletas de dados, bem como na análise e discussão deles, por ter me acompanhado no desenvolvimento das quatro rodas de conversa que realizamos, pelas palavras estimuladoras e de carinho nos momentos de dificuldade e pela amizade e confiança desde o meu ingresso no curso de doutorado.

Agradeço ainda aos professores Marcos Rolim, Aldimar Jacinto e Dijaci David e a professora Gina Glaydes pela leitura atenta que fizeram quando da qualificação do texto.

Aos professores Marcos Rolim, Aldimar Jacinto e às professoras Gina Glaydes e Sandra de Oliveira agradeço pela disponibilidade de aceitarem participar da sessão de defesa dessa tese.

Por fim, agradeço a todos meus familiares, especialmente meu pai e minha mãe, por sempre serem meus maiores incentivadores frente aos desafios profissionais e acadêmicos. Aos meus amigos e amigas por tornarem o percurso acadêmico e de pesquisa menos cansativo e mais divertido. Aos colegas de profissão por entenderem as diversas vezes que estive distante do trabalho por conta das demandas de pesquisa. E ao João Victor, meu noivo, por ter me abraçado e incentivado, com tanto amor, na reta final da escrita desta tese.

RESUMO

A presente tese é resultado de estudo exploratório desenvolvido no Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Goiás – PPGE/FE/UFG, na linha de pesquisa *Estado, Políticas e História da Educação*, sobre o tema *Percepções de jovens estudantes de Aparecida de Goiânia sobre a relação entre educação escolar e violência*. Teve como objetivo geral analisar, a partir da escuta dos e das jovens participantes, as relações entre violência e distorção idade/série. O principal recurso metodológico utilizado para a coleta de dados foi a realização de rodas de conversa com educandos e educandas, de quatro escolas do município de Aparecida de Goiânia, matriculados em turmas de 9º ano do Ensino Fundamental. A discussão acerca dos dados teve como base teórica a Análise do Discurso Crítica. Buscou-se desenvolver o estudo na perspectiva da Sociologia da Juventude, compreendendo os e as jovens como sujeitos sociais ativos, para além da concepção simplista baseada na delimitação etária – utilizada pelos aparatos jurídicos. A partir da análise dos discursos dos e das participantes da pesquisa, percebeu-se que a desigualdade da oferta de qualidade no ensino é um forte elemento gerador do insucesso escolar, identificado tanto na presença de estudantes com 15 anos ainda no Ensino Fundamental, quanto na relação deles e delas com a violência que praticam e que incide sobre eles e elas dentro e fora da escola. O ambiente escolar também se configura como um ambiente de violência, uma vez que o perfil dos jovens pesquisados coincide com o perfil de um (construído) inimigo social, vulnerável às políticas de morte do Estado – de matar e deixar morrer. A distorção idade-série precisa ser encarada na complexa dinâmica da vida do e da jovem em que, entre outros elementos, a violência experienciada é fator importante das suas práticas e percepção de futuro.

Palavras-chave: Juventude. Escolarização. Distorção idade-série. Violência.

Abstract

The present thesis is the result of an exploratory study developed in the Graduate Program in Education of the Faculty of Education of the Federal University of Goiás – PPGE/FE/UFG, in the research line State, Policies and History of Education, on the theme Perceptions of young students from Aparecida de Goiânia on the relation between school education and violence. Its general objective was to analyze, based on the listening of the young participants, the relationship between violence and age/grade distortion. The main methodological resource used for data collection was the holding of talking circles with students from four schools in the municipality of Aparecida de Goiânia, enrolled in 9th grade classes of Elementary School. The discussion about the data was theoretically based on Critical Discourse Analysis. We sought to develop the study from the perspective of the Sociology of Youth, understanding young people as active social subjects, beyond the simplistic conception based on age delimitation - used by legal apparatus. From the analysis of the speeches of the research participants, it was noticed that the inequality in the offer of quality in education is a strong element that generates school failure, identified both in the presence of 15-year-old students still in Elementary School, and in the relation of students with the violence they practice and which affects them inside and outside school walls. The school environment is also configured as an environment of violence, since the profile of the young people surveyed coincides with the profile of a (constructed) social enemy, vulnerable to the death policies of the State – of killing and letting die. The age-grade distortion needs to be faced in the complex dynamics of young people's lives in which, among other elements, the violence experienced is an important factor in their practices and perception of the future.

Keywords: Youth. Schooling. Age-grade distortion. Violence.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1	Gráfico da proporção de estudantes de 15 a 17 anos de idade com distorção idade-série, segundo algumas características selecionadas – Brasil 2005/2015	45
Figura 2	Gráfico da proporção de pessoas de 15 a 17 anos de idade que não concluíram o ensino fundamental dentre os que não frequentam escola, por quintos de rendimento mensal per capita nacional – Brasil – 2005/2015	46
Figura 3	Gráfico da taxa de analfabetismo, por grupo de idade – Brasil – 2005/2015	47

LISTA DE QUADROS

Quadro 1	Sexo dos e das participantes	69
Quadro 2	Idade dos e das participantes	69
Quadro 3	Etnia/raça dos e das participantes	69
Quadro 4	Cidade em que moram os e as participantes	69
Quadro 5	Histórico de mudança de cidades entre os e as participantes	69
Quadro 6	Cidades em que os e as participantes moraram antes de Aparecida de Goiânia	70
Quadro 7	Estado do Brasil de origem dos pais dos e das participantes	71
Quadro 8	Experiência de trabalho remunerado dos e das participantes	71
Quadro 9	Tipo de registro do trabalho e valor da remuneração dos e das participantes	72
Quadro 10	Renda familiar dos e das participantes	72
Quadro 11	Pessoa que desempenha o papel de chefe da casa dos e das participantes	72
Quadro 12	Tipo de casa em que mora os e as participantes	72
Quadro 13	Pessoas com quem moram os e as participantes	73
Quadro 14	Acesso à internet dos e das participantes	73
Quadro 15	Modo e frequência de acesso à internet dos e das participantes	73
Quadro 16	Local onde os e as participantes acessam internet	73
Quadro 17	Sentimento de desrespeito sofrido no ambiente escolar	74
Quadro 18	Pessoas pelas quais os e as participantes se sentiram desrespeitados(as) no ambiente escolar	74
Quadro 19	Impressão dos e das participantes sobre o que mais acham desrespeitoso na escola	74
Quadro 20	Grau de estudo das mães e dos pais dos e das participantes	75
Quadro 21	Espaços de lazer que os e as participantes frequentam	75
Quadro 22	Uso de drogas lícitas e ilícitas pelos(as) participantes	76
Quadro 23	Experiência de abordagem pela polícia	76
Quadro 24	Experiência de agressão pela polícia	76
Quadro 25	Experiência de envolvimento em brigas	76
Quadro 26	Experiência de assalto em que o/a assaltante estava portando arma	77
Quadro 27	Experiência de ter sido roubando sem que o autor do roubo estivesse portando arma	77
Quadro 28	Experiência de já ter presenciado atos de violência na casa onde mora	77

Quadro 29	Experiência de já ter presenciado algum ato violento na escola onde estuda	77
Quadro 30	Tipos de violências presenciadas no ambiente escolar	78
Quadro 31	Prática de alguma violência durante a vida	78
Quadro 32	Tipos de violências já praticadas pelos(as) participantes	78
Quadro 33	Opinião sobre a matricula escolar impedir a praticar violência	79
Quadro 34	Número de vezes que precisou repetir o ano escolar	79
Quadro 35	Motivos que levaram às reprovações de ano escolar	80

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO 15

JUVENTUDE, ESCOLARIZAÇÃO E VIOLÊNCIA: Algumas contribuições teóricas 21

1.1 A produção teórica e jurídica sobre juventude 21

1.1.1 Adolescência *versus* Juventude 23

1.1.2 Juventude como categoria social 29

1.2 Juventude e o problema do acesso e da permanência escolar no brasil 34

1.2.1 Do direito à educação: disputas permanentes 35

1.2.2 O histórico papel da escola para a manutenção das desigualdades sociais 37

1.2.3 Evasão e distorção idade/série: o que dizem os indicadores 44

1.3 Violência e a construção de insegurança ontológica 49

1.3.1 Manifestações violentas e formação de jovens 54

O PERCURSO DA PESQUISA: ESPAÇOS, METODOLOGIAS E PARTICIPANTES 60

2.1 Os espaços da pesquisa 60

2.2 As rodas de conversa como metodologia de coleta de dados 65

2.2.1 Planejamento e desenvolvimento das rodas de conversa 67

2.3 Perfil dos e das jovens participantes da pesquisa 68

COM A PALAVRA: OS E AS JOVENS ESTUDANTES 82

3.1 Discursos sobre violência presenciada no cotidiano 84

3.2 Discursos sobre violência no ambiente escolar 92

3.3 “A gente para de sonhar”: discursos sobre as relações entre as dificuldades na escolarização e o cometimento de violência 101

CONSIDERAÇÕES FINAIS 110

REFERÊNCIAS 113

APÊNDICES 119

APÊNDICE I 119

Roteiro das Rodas de Conversa 119

APÊNDICE II 123

Questionário 123

APÊNDICE III 126

Roda de conversa – Escola Municipal “Conhecimento” 126
APÊNDICE IV **138**
Entrevista - Educando01C 138
APÊNDICE V **148**
Entrevista - Educanda04C 148
APÊNDICE VI **167**
Roda de Conversa - Escola Municipal “Sabedoria” 167
APÊNDICE VII **182**
Roda de Conversa - Escola Municipal “Experiência” 182
APÊNDICE VIII **203**
Roda de Conversa - Escola Municipal “Pensamento” 203

INTRODUÇÃO

Não é possível iniciar a introdução desta tese sem recuperar minha trajetória profissional como professor efetivo na Rede Municipal de Ensino de Aparecida de Goiânia, onde atuo ministrando aulas de Língua Portuguesa para turmas da Segunda Fase do Ensino Fundamental desde maio de 2011. Considero tal impossibilidade pelo fato de que o tema desenvolvido neste trabalho foi formulado a partir da referida prática docente.

No primeiro semestre de 2016, surgiu a oportunidade de ampliar minha carga-horária de trabalho, atuando como professor regente de uma turma de 5º ano do Ensino Fundamental. Na ocasião eu estava lotado na Escola Municipal Cidade Satélite São Luís, onde ministrava aulas de Língua Portuguesa e Língua Inglesa para três turmas de 6º ano do Ensino Fundamental, no turno matutino. Aceitei a oportunidade de dobrar minha carga horária de trabalho e passei a ser o professor regente de uma das duas turmas de 5º ano do Ensino Fundamental da Escola Municipal "Experiência"[1], no turno vespertino. Essa oportunidade de trabalhar numa escola diferente da que eu trabalhava no turno matutino durou, mais ou menos, três meses, de meados de janeiro até final do mês de abril, pois surgiu a possibilidade de eu dobrar a carga horária de trabalho na mesma escola em que trabalhava pela manhã, como coordenador do então programa Mais Educação. Assim, fiz a opção de, no mês de abril, deixar a regência da turma de 5º ano na escola onde estava atuando no turno vespertino e passei a atuar nos dois turnos na escola onde era professor de Língua Portuguesa e Língua Inglesa nas turmas de 6º ano, no período matutino, ministrando aulas e, no vespertino, coordenando o referido programa.

Nos quase três meses em que fui professor regente de uma turma de 5º ano do Ensino Fundamental, pude vivenciar muitos diálogos com os alunos e alunas e um deles me chamou, especialmente, a atenção. Esse diálogo a que estou me referindo ocorreu em uma aula de História em que o conteúdo era o golpe da maioridade dado por Dom Pedro II. Havia nessa turma um educando de 15 anos de idade, ou seja, que era, em média, cinco anos mais velho que a maior parte dos e das colegas de turma, que tinham entre 10 e 11 anos de idade. Esse aluno mais velho, que vou chamar de Educando1E[2], era muito calado

[1] Nome fictício, pois se trata de uma das quatro escolas onde a etapa de campo da pesquisa foi desenvolvida.
[2] Esse formato é o que também foi utilizado para caracterizar os e as jovens participantes das rodas de conversa e entrevistas realizadas na etapa de campo da pesquisa. O número se refere à ordem de participação e a letra à inicial do nome fictício da escola em que estava matriculado.

nas aulas, porém na referida aula, ele pediu a palavra e compartilhou sua opinião sobre o debate em torno da redução da maioridade penal brasileira.

O Educando1E disse que não concordava “com essa história de diminuir a idade pra poder prender os jovens mais cedo”. Questionei o porquê dele pensar dessa maneira, ao que respondeu, contando para mim e para os e as colegas da turma, que ele já havia sido internado três vezes por ter cometido infrações. Explicou ainda que, na opinião dele, os espaços onde jovens infratores são internados “servem mais para ensinar a ser bandido” do que para recuperá-los. Foi impressionante, positivamente, como o Educando1E, que geralmente não participava das aulas, ficou à vontade para compartilhar suas histórias de infrações e internações naquele momento. Relatou que todas a internações foram motivadas por três assaltos cometidos por ele, no primeiro estava desarmado, nos outros dois estava portando arma de fogo. Seguindo sua narrativa contou que alguns homens adultos fizeram o convite belicoso, o aliciaram e deram a ele uma arma de fogo. Quando eu o questionei sobre o porquê de ele ter deixado de praticar as infrações e estar de volta à escola, respondeu que foi por ter ido para uma igreja de doutrina protestante.

Dias após aquele diálogo, segui refletindo sobre a situação de tantos outros educandos e educandas que, por motivos diversos, não conseguem avançar na escolaridade e, também, sobre quantos deles(as) evadem da escola por enxergarem na criminalidade melhores atrativos em comparação aos oferecidos pelo ambiente escolar. Desde então, tenho pensado sobre a necessidade e importância de estudos que tratem sobre a situação da evasão escolar e a interseccionalidade desse fenômeno com fatos sociais como a violência e suas consequências. Me empenhei em elaborar um projeto de pesquisa que fosse capaz de investigar alguns dos elementos em torno do contexto observado, identificando-os e, quem sabe, auxiliando numa futura proposição de soluções. Desse modo, a tese que agora apresentamos é resultado de pesquisa orientada pelo método materialista histórico e dialético, já que partimos do que Triviños (1987) chama de contemplação viva de um fenômeno, onde foi possível estabelecer a singularidade existente em torno do tema a ser investigado. Para analisar o fenômeno e penetrar em sua dimensão abstrata, nos valemos de metodologias diversificadas para a coleta dos dados, o que nos possibilitou descrever a realidade concreta do mesmo.

Entendo que é necessário registrar como é difícil para professores e professoras que trabalham em mais de um turno e, por vezes, em escolas diferentes, distantes umas

das outras, conseguir fazer as leituras necessárias e encontrar tempo para refletir sobre essas leituras e escrever um projeto de pesquisa para tentar ingressar em um curso de pós-graduação stricto sensu, situação que é ainda mais penosa para as professoras que, em sua maioria, são chefes de suas casas e precisam conciliar afazeres domésticos e responsabilidades de acompanhamento dos filhos e filhas com as duras jornadas de trabalho nas escolas.

Apesar das dificuldades objetivas, consegui elaborar o projeto de pesquisa e ser aprovado na seleção para ingresso na 16ª turma de doutorado do Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Goiás, onde pude desenvolver uma pesquisa de campo qualitativa e exploratória sobre o tema: *As percepções de jovens estudantes repetentes matriculados no 9º ano do Ensino Fundamental sobre as relações entre escola e violência no município de Aparecida de Goiânia.* Que resultou na tese que apresento agora.

As dificuldades em relação às condições apropriadas para estudar não terminaram quando consegui ingressar no curso de doutorado, pois o meu pedido de licença para aprimoramento profissional foi ignorado pela Secretaria Municipal de Educação de Aparecida de Goiânia. Me matriculei no referido curso em agosto do ano de 2017 e em outubro do mesmo ano tive que iniciar uma batalha judicial para garantir o meu direito à licença, o que foi resolvido, por meio de liminar, apenas em novembro do ano seguinte, de modo que, durante um ano e três meses, cursei as disciplinas do curso trabalhando – mesmo tendo o direito legal de me afastar das atividades na mencionada Rede –, e contando com a colaboração do gestor da escola em que estava lotado.

No mês de abril do mesmo ano em que ingressei no curso de doutorado, passei a trabalhar também na Rede Municipal de Ensino de Goiânia, como pedagogo, e nesse contexto eu não tinha direito à licença para aprimoramento profissional, pois estava no início do estágio probatório, que tem duração de três anos. Dessa forma, mesmo quando a licença na Rede de Aparecida de Goiânia foi concedida, via determinação judicial, não tive condições de me dedicar integralmente à pesquisa proposta quando do ingresso no curso de doutorado. Contei com a colaboração de técnicos da Secretaria Municipal de Educação de Goiânia que autorizaram a minha remoção, mesmo estando em estágio probatório, para uma turma de extensão da modalidade de Educação de Adolescentes Jovens e Adultos que funcionava no Aterro Sanitário da cidade de Goiânia e em que um

dia da semana tinha todo o período de aulas ministrado pela professora de Educação Física. Nesse dia em que eu não estava em sala de aula com a turma, deveria elaborar planos de aula, atividade que, após acordo com a direção da Escola Municipal Osterno Potenciano e Silva, fui autorizado a realizar em um dia da semana no turno noturno e, com isso, conseguia cursar disciplinas do curso de doutorado nas tardes de quinta-feira.

Para que fosse possível discutir o tema proposto no projeto de pesquisa, além de toda a organização de horários de trabalho e luta pela garantia do direito de aperfeiçoamento profissional e a consequente conquista das condições mínimas para realizar o estudo, dei continuidade ao levantamento bibliográfico sobre estudos científicos/acadêmicos envolvendo juventudes, educação e violência[3], iniciado ainda no período de escrita do projeto, onde notei que a maioria dos trabalhos a esse respeito foram realizados no âmbito do Ensino Médio, revelando, em meu entendimento, que há uma representação social de que os e as jovens brasileiros e brasileiras têm avançado na escolaridade como o previsto nas leis que regulamentam a educação nacional e revelando que os estudos que tratam sobre a questão da distorção idade/série dos e das jovens são restritos a investigações no âmbito da modalidade da Educação de Jovens e Adultos (EJA).

Para chegar a estas constatações, consultei publicações de autores como Abramo (1997); Gomes (1997); Sposito (1997); Guimarães (1997); Sposito e Carrano (2003); Duarte (2014); Teixeira e Teixeira (2016); Alves (2016; 2018); Gomes e Duarte (2019) e Oliveira (2021).

A partir do exposto, foram elaboradas algumas questões-problema, além de um objetivo geral e três específicos para nortear o desenvolvimento do estudo. As questões foram as seguintes: o e a jovem que tem negado o seu direito à apropriação dos conteúdos escolares na idade certa está mais propenso a se envolver em atos de violência? Os e as jovens que completaram 15 anos de idade e não ingressaram no Ensino Médio são os que mais se envolvem com a criminalidade no município de Aparecida de Goiânia? Os e as

[3] A revisão bibliográfica mencionada foi feita por meio de busca em sites de periódicos científicos/acadêmicos em que foram utilizadas as seguintes combinações de palavras-chave: “juventude e educação”, “escolarização de jovens” e “fracasso escolar e juventude”. Além das leituras de textos encontrados nessa busca que foi iniciada ainda no período de elaboração do projeto de pesquisa, foram realizadas leituras sugeridas durante a integralização de disciplinas no decorrer do curso de doutorado.

jovens estudantes percebem a existência de políticas educacionais voltadas ao combate da evasão escolar nas escolas municipais de Aparecida de Goiânia?

A pesquisa teve como objetivo geral: analisar, a partir da escuta dos e das jovens matriculados(as) no ensino fundamental, suas percepções sobre as possíveis relações entre escola e violência. E como objetivos específicos: elaborar o perfil dos e das jovens com mais de 15 anos de idade matriculados na Segunda Fase do Ensino Fundamental em escolas municipais de Aparecida de Goiânia, verificando se os(as) mesmos(as) seriam mais propensos a estarem envolvidos em situações de violência registradas no município; analisar os motivos que impediram os e as jovens de avançarem na escolaridade e se apropriarem dos conteúdos curriculares conforme o previsto nos documentos oficiais que regulamentam a Educação Básica brasileira; analisar, a partir da escuta dos e das jovens, as suas experiências de envolvimento com a violência.

Para atingirmos o objetivo geral e os objetivos supracitados e termos condições de discutirmos o tema proposto para a pesquisa, realizamos como principal metodologia de coleta de dados rodas de conversa com educandos e educandas maiores de 15 anos de idade matriculados ainda no 9º ano do Ensino Fundamental em escolas municipais de Aparecida de Goiânia. A opção por essa metodologia se deu por possibilitar a compreensão da escuta, pois permite que os e as participantes expressem suas narrativas (ALVES, 2018).

Após termos[4] desenvolvido a pesquisa, apresentamos esta tese que está organizada em três capítulos. O primeiro está dividido em três seções e apresenta contribuições teóricas sobre o conceito de juventude e adolescência, sobre a situação de dificuldade de garantia de permanência com qualidade na Educação Básica brasileira e sobre a violência estrutural e suas manifestações sociais.

O segundo capítulo é dedicado à apresentação do percurso da pesquisa, onde apresentamos detalhadamente os espaços em que foi realizada a etapa de campo, bem como a justificativa e a metodologia utilizada para coletar os dados e o perfil dos participantes. No terceiro capítulo, apresentamos os dados coletados, acompanhados de

[4] A mudança da 1ª pessoa verbal do singular para a 1ª pessoa verbal do plural se deu por conta de, a partir desse ponto do texto, a escrita se referir a percursos que não foram feitos individualmente, mas sob constante colaboração por parte da professora orientadora.

análise realizada à luz de uma perspectiva discursiva, crítica, materialista histórica e dialética.

Ressaltamos que finalizamos a etapa de campo da pesquisa no mês de março de 2020, uma semana antes da suspensão das aulas presenciais como medida de combate à disseminação do então "Novo Coronavírus", causador da doença Covid-19. A partir do dia 16 de março de 2020, passamos a viver dias de intensa angústia e sofrimento coletivo decorrente de mortes de pessoas próximas e distantes por todo o mundo. No Brasil, no dia 22 de novembro de 2021 as mortes chegavam ao absurdo número de 612.782[5] mil e não foram causadas apenas pela letalidade do vírus, mas também pela letalidade do governo Bolsonaro que, desde o início da pandemia, teve postura negacionista e genocida, não incentivando a prática de medidas sanitárias de combate à disseminação do vírus e não articulando a compra de vacinas. Se esse cenário tivesse sido previsto, talvez tivesse repensado o tema, problemas e objetivos desta pesquisa, uma vez que as medidas de isolamento social impuseram aos estudantes brasileiros o afastamento do espaço físico escolar, criando um cenário mundial de prática educativa remota, o que, sem dúvida, causou um impacto considerável, modificando os motivos causadores de reprovação, abandono e evasão escolar.

De toda sorte, esperamos que esta tese possa funcionar como amplificador das vozes de educandos e educandas jovens e que dê a visibilidade merecida às suas tão articuladas opiniões e sugestões sobre como deve ser a escola, a fim de atender aos seus interesses, anseios e esperanças subjetivas. Estamos certos de que este produto que disponibilizamos é apenas um momento da necessária continuidade de diálogos e debates que seguiremos realizando sobre juventude e direito à educação.

[5] Números acessados em https://covid.saude.gov.br/

PRIMEIRO CAPÍTULO

JUVENTUDE, ESCOLARIZAÇÃO E VIOLÊNCIA: ALGUMAS CONTRIBUIÇÕES TEÓRICAS

Este primeiro capítulo tem como finalidade apresentar as correntes teóricas que se dedicam ao estudo da juventude e da adolescência, algumas discussões em torno do problema da permanência dos e das jovens na escola e a questão da violência estrutural a que a juventude está submetida, para tanto, está organizado em três seções.

A primeira se dedica à apresentação de diversas compreensões teóricas sobre juventude e adolescência. Tais contribuições foram selecionadas a partir de revisão bibliográfica realizada desde o ingresso no curso de doutorado de forma que os autores e autoras selecionados para ajudar-nos a entender o objeto de estudo foram os que, em nosso entendimento, apresentam reflexões mais próximas aos contextos que analisamos.

Na segunda seção, são apresentadas discussões teóricas sobre o problema da permanência dos jovens na Educação Básica brasileira, sendo tal questão tratada como negação de direito que deveria ser garantido pelo Estado, e alguns indicadores que revelam o problema.

E na terceira seção, trazemos algumas discussões, também teóricas, que nos ajudam a pensar as relações entre juventude e violência e sobre como é gerada uma condição de insegurança ontológica para a população jovem. Tal discussão nos possibilita olhar para a condição específica da juventude brasileira inserida em uma organização social capitalista que encontra sua base na exploração do homem pelo homem.

1.1 A produção teórica e jurídica sobre juventude

A definição de jovem é complexa por envolver características diversas, desde o desenvolvimento biológico, emocional, até o desenvolvimento cognitivo e social. Mas há um critério mais pragmático, necessário para a elaboração de leis e estatutos, que é o critério etário. Portanto, iniciamos compreendendo como os instrumentos legais mais recentes determinam, juridicamente, o espaço cronológico da juventude.

Antes, cabe dizer que os estudos envolvendo as juventudes nem sempre consideram a voz dos próprios jovens. Abramo (1997) faz a observação de que

> na academia, depois de anos de quase total ausência, os jovens voltam a ser tema de investigação e reflexão, principalmente através de dissertações de mestrado e teses de doutorado — no entanto, a maior parte da reflexão é ainda destinada a discutir os sistemas e instituições presentes nas vidas dos jovens (notadamente as instituições escolares, ou a família, ou ainda os sistemas jurídicos e penais, no caso de adolescentes em situação "anormal" ou de risco), ou mesmo as estruturas sociais que conformam situações "problemáticas" para os jovens, poucas delas enfocando o modo como os próprios jovens vivem e elaboram essas situações. Só recentemente tem ganhado certo volume o número de estudos voltados para a consideração dos próprios jovens e suas experiências, suas percepções, formas de sociabilidade e atuação (ABRAMO, 1997, p. 25).

Essa consideração da autora foi publicada há mais de vinte anos e o que notamos na atualidade é que os trabalhos acadêmicos têm avançado no debate, mas as políticas públicas voltadas para os e as jovens continuam não considerando-os(as) como sujeitos que são. Exemplo disso é a reforma do Ensino Médio de 2017 que está pautada pela lógica mercadológica (GOMES; DUARTE, 2019).

Foi em um movimento de resposta ao problema da não promoção da participação efetiva dos e das jovens nas decisões que lhes dizem respeito que, em 2013, foi sancionada pela presidenta Dilma Rousseff a lei 12.852 que institui o Estatuto da Juventude e dispõe sobre os direitos dos e das jovens, sobre os princípios e diretrizes das políticas públicas de juventude e sobre o Sistema Nacional de Juventude (BRASIL, 2013). É nesta lei que nos baseamos para definir, legalmente, qual faixa etária compreende a juventude, visto que no 1º parágrafo do Art. 1 fica estabelecido que "são consideradas jovens pessoas com idade entre quinze e vinte e nove anos de idade" (BRASIL, 2013, p. 9).

A faixa etária prevista no Estatuto da Juventude é utilizada por nós como um dos parâmetros para definir que o sujeito, no Brasil, ao completar quinze anos de idade é legalmente considerado jovem, o que não significa que o corte etário seja o único aspecto que levamos em consideração para conceituar a juventude.

As discussões sobre a garantia do protagonismo juvenil em decisões e políticas públicas que dizem respeito aos jovens não são recentes, a constituição do Estatuto da Juventude é resultado de mobilizações e discussões que ocorrem desde meados de 1995 (SPOSITO; CARRANO, 2003). Antes da promulgação da lei que institui o Estatuto da Juventude em 2013, já havia setores da sociedade brasileira pensando a juventude a partir de uma concepção ampliada de direitos, "é no âmbito de uma concepção ampliada de direitos que alguns setores da sociedade brasileira têm se voltado para a discussão da situação dos adolescentes e dos jovens, cuja expressão maior reside no Estatuto da

Criança e Adolescente (ECA – lei federal nº 8.069), promulgado em 13 de julho de 1990" (SPOSITO; CARRANO, 2003, p. 19).

Sobre o ECA, que foi a maior expressão legal das discussões sobre a situação dos e das adolescentes e jovens brasileiros até a promulgação do Estatuto da Juventude, os mesmos autores explicam que ele

> é o marco legal de um processo prático-reflexivo que se dispôs a transformar o estatuto da menoridade brasileira, especialmente naquilo que se refere aos que estão em processo de exclusão social ou em conflito com a lei. O ECA, além de representar radical mudança de rumo ético-político perante o antigo ordenamento jurídico-institucional configurado no segundo Código de Menores (1979), gerou estruturas colegiadas nos âmbitos nacional – Conselho Nacional dos Direitos da Criança e do Adolescente (CONANDA) –, estadual e municipal (conselhos estaduais e municipais de direitos da criança e do adolescente) (SPOSITO; CARRANO, 2003, p. 19).

Como existem duas leis que tratam de uma faixa etária comum para a adolescência e a juventude, entendemos que é importante diferenciar conceitualmente estas duas categorias, especialmente pelo fato de que a maioria dos e das participantes dessa pesquisa têm idade entre 15 e 17 anos, justamente o período etário comum ao ECA e ao Estatuto da Juventude. Trata-se de uma reflexão teórica que colaborará, ao analisar criticamente os discursos, para a definição se os e as participantes dessa pesquisa devem ser considerados adolescentes ou jovens.

1.1.1 Adolescência *versus* Juventude: distinções necessárias

Nossa defesa é de que não é possível tratar adolescência e juventude como sinônimos, especialmente por conta de termos a intenção de considerar os e as participantes dessa pesquisa como jovens, ainda que, em sua maioria, tenham idade entre 15 e 17 anos, o que, de acordo com o ECA, deveria ser considerado como adolescente. O termo adolescente está presente há pouco tempo nas pesquisas acadêmicas e é ainda mais recente nas políticas públicas. Evidentemente o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) representou um marco não apenas legal, mas também epistemológico no que concerne à visibilidade dos sujeitos criança e adolescentes, inclusive nas pesquisas científicas. Sobre o conceito e o uso acadêmico e jurídico da palavra adolescente, sabemos que

> o termo foi oficialmente empregado na língua inglesa em 1430, o que denota um longo passado, do ponto de vista do léxico. Mas do ponto de vista acadêmico, tem uma história recente, haja vista que a adolescência demorou para ser tema de pesquisa nas universidades e também se tornar política pública. No Brasil, o termo ganhou força de lei apenas em 1990, quando entrou em vigor o ECA, em substituição ao Código de Menores (FRANCISCO; GROPPO, 2016, p. 278).

Retornando a questão etária e, para além disso, as instituições que devem estar imbuídas do trabalho jurídico, assistencial e educativo, os mesmos autores explicam ainda que

> Utiliza-se a terminologia adolescente para designar os indivíduos entre 12 e 18 anos incompletos, considerados como sujeitos de direitos, amparados pelos Conselhos Tutelares, Juizados Especiais, contando com representação na Defensoria Público, previsão de projetos arquitetônicos adequados, trabalho articulado entre órgãos e serviços públicos para agilizar e qualificar os atendimentos em um ambiente humanitário e humanizado, favorecendo o redirecionamento social e os processos educativos, em consonância com os direitos humanos. Nessas legislações não há referências ao termo juventude (FRANCISCO; GROPPO, 2016, p. 284).

Nossa compreensão é de que, como há uma distinção na esfera legal entre os termos adolescente e juventude, não se pode também considerar todos os estudos que se dedicam a entender questões relacionadas à população jovem como teorias da juventude, já que as várias contribuições existentes têm focos distintos e origem em lugares teóricos também diferentes.

Não queremos com isso sugerir que uma articulação entre as várias áreas de estudos não seja possível, pelo contrário, acreditamos ser esse o movimento necessário para que se tenha uma compreensão ampliada do que seja a juventude e de como se dá a formação subjetiva do e da jovem. Tal diferenciação se faz necessária, pois concordamos com Castro (2019) quando explica que

> ao indiferenciar as teorias da juventude das teorias dos sujeitos juvenis, não se dando conta das nuances que as distinguem, reduz-se a pluralidade epistêmica do campo teórico e se aplainam as eventuais controvérsias no diálogo necessário entre as disciplinas que se ocupam do campo da juventude (CASTRO, 2019, p. 69).

Na esteira da necessidade de uma diferenciação, entendemos que as teorias da juventude discutem-na considerando sua emergência e constituição como categoria social

e, por isso, são prioritariamente, originárias da sociologia, enquanto que as teorias da subjetivação do jovem se ocupam em entender quem é o sujeito juvenil e como se dá a produção de sua subjetividade, tendo como lugar teórico prioritário a psicologia (CASTRO, 2019).

Dessa forma, o campo de estudo da juventude, na psicologia e psicanálise, orienta-se em torno da discussão subjetiva e psicológica dos e das jovens e da especificidade do juvenil enquanto aspecto constitutivo da subjetividade. Com isso, esses campos do saber tomaram a adolescência como conceito que define uma função psicológica no processo constitutivo da subjetividade moderna em que o tornar-se adulto coloca um leque de novas demandas para o sujeito, tanto advindas de forças internas, como externas (CASTRO, 2019).

Há um esforço teórico nas reflexões psicológicas e psicanalíticas no sentido de desconstruir a ideia que trata a adolescência como uma fase da vida e, consequentemente, a juventude como uma outra, pois a adolescência é entendida como um processo e uma função constitutiva da subjetividade moderna e considerada como algo que ilumina todos os movimentos e ações dos e das jovens (CASTRO, 2019). Dessa forma, para o campo da psicologia e psicanálise, a adolescência é um processo constitutivo da personalidade do sujeito e não categoria social.

Ao tratar da questão da adolescência, as teorias da subjetivação do e da jovem dedicam-se à tentativa de compreender os processos de individualização na modernidade. Castro (2019, p. 80) esclarece que "a função adolescente tem sido conceituada como resultado do processo histórico-cultural moderno de individualização, cujos desdobramentos se fazem presentes na construção da subjetividade e identidade".

A partir da importância que a adolescência assume nas teorias da subjetivação do e da jovem, não podemos deixar de considerar alguns dos elementos que a psicologia observa como integrantes desse processo, isso nos ajuda a não perdermos de vista que as trajetórias juvenis não são construídas ao acaso, já que são sempre referenciadas em transmissões que ocorrem durante todo o processo de socialização (AUGUSTO, 2019).

Nessa perspectiva, a construção da identidade juvenil ocorre no interior de um processo mais amplo de configuração social, o que necessariamente envolverá a família do e da jovem e a forma como ele e ela sente e se comporta no tempo em que vive. Sobre isso, é importante compreender que "junto à identidade do 'eu' sempre coexiste uma

identidade ‘nós’, mesmo quando – como é o caso atualmente – a consciência do ‘nós’ se encontra tão obscurecida que é (quase) considerada inexistente” (AUGUSTO, 2019, p. 91).

Para o autor supracitado, a família constitui-se como grupo decisivo no processo de subjetivação juvenil, visto que

> cada criança nasce num mundo constituído, numa sociedade já existente, num determinado patamar social, num local e numa família específicos e o que ela se torna é, justamente, a fusão de suas potencialidades com aquilo que introjeta desse social em que se insere. Desse modo, é sempre necessário um “Outro” para que um “Eu” seja identificado (AUGUSTO, 2019, p. 93).

O autor reforça a ideia de que o ambiente familiar em que se vive será decisivo para a subjetivação de toda e qualquer criança que se tornará jovem, pois é o grupo social pelo qual e no qual vive o presente. A partir da compreensão de que, para vislumbrar o futuro, faz-se necessário ter domínio do presente, os e as jovens pertencentes a famílias socialmente privilegiadas e que possuem condições de apoiá-los(as) durante a infância e a adolescência, poderão encarar o futuro com melhores perspectivas. Já os e as jovens, cujo contexto familiar, desde sempre, não goza de privilégios sociais ou os(as) que não têm família e que, por isso, tiveram infâncias e adolescências privadas de apoio psicológico e financeiro adequados, terão mais chances de vislumbrar um futuro de incertezas.

Esta diversidade de passados que pode ser notada a partir da observação das vivências juvenis, nos indica que não é possível tratar a juventude como fenômeno social homogêneo, já que cada jovem vivencia o tempo em condições particulares (AGUSTO, 2019).

Percebemos que o período da adolescência é um momento de vida em que a ausência de expectativa positiva e incertezas sobre o futuro, por parte do sujeito, ainda não são plenamente sentidas, pois existe nesse período forte sustentação familiar, o que nos faz defender que a adolescência está mais próxima da infância, enquanto que a juventude está mais próxima da vida adulta. Tal proximidade de vivências e sentimentos do presente com a infância ou com a vida adulta não é estabelecida apenas pela idade que os sujeitos possuem, mas deve ser verificada a partir da observação de seus interesses e práticas sociais.

Nesses termos, a adolescência pode ser compreendida como um processo transitório entre o contexto estritamente familiar e o amplo contexto social, sendo considerada "como a operação que expõe a cena social presente na base da cena familiar, até então encarregada das operações referentes às funções materna e paterna para a constituição subjetiva" (ROSA, 2002, p. 230). Trata-se de um processo de ampliação da subjetivação, abrindo espaço para a participação de outros sujeitos externos ao convívio familiar, uma vez que a "constituição subjetiva e os sintomas que [a adolescência] produz estão vinculados à inserção social, campo do Outro em que o adolescente busca inscrever-se" (ROSA, 2002, p. 239).

É possível questionar qual tem sido o valor de influência das famílias no processo de subjetivação frente a tantas outras instituições sociais nas quais os adolescentes estão inseridos. Martuccelli (2016) comenta sobre a participação da escola no processo de subjetivação juvenil

> insistamos: a pesar de la importancia siempre decisiva del rol de las familias de origen, el nivel del diploma obtenido al egreso del sistema escolar se ha convertido en un factor importante de las trayectorias sociales. En breve: ayer, los jóvenes adquirían un lugar social esencialmente por *herencia*; hoy, sin que esto haya desaparecido, adquieren una posición social a través de sus *méritos* escolares[6] (MARTUCCELLI, 2016, p. 160).

O que se observa é que existem muitas relações no interior do processo de subjetivação, não sendo possível que apenas a família ou apenas a escola contribua para isso, visto que essa última, apesar de muito importante, sozinha seria insuficiente para definir a natureza da inclusão cidadã dos e das adolescentes.

Ao considerar a atuação social do sujeito, Martuccelli (2016) defende que, na adolescência, as principais manifestações coletivas são culturais e desportivas e não de natureza política, fato que impediria os e as adolescentes de serem encarados como atores políticos propriamente ditos. O autor finaliza sua defesa argumentando que a cidadania plena supõe efetiva capacidade de transformação social e que, no caso dos e das adolescentes, a capacidade existente é ainda apenas de natureza cultural. Porém, o fato de ainda não serem atores políticos não os inabilita à participação social, pois

[6] Insistamos: apesar da importância sempre decisiva do papel das famílias de origem, o nível do diploma obtido ao se formar no sistema escolar tornou-se um fator importante nas trajetórias sociais. Resumindo: ontem, os jovens conquistaram um lugar social essencialmente por herança; hoje, sem que isso tenha desaparecido, eles adquirem uma posição social pelo mérito escolar.

> Muchos adolescentes perciben sus vidas como viviendo ya – aquí y ahora – cosas difíciles. Es esencialmente en sus vidas personales, dados los desafíos con los que tienen que lidiar, pero también los empoderamientos colectivos y culturales que han obtenido, que son actores sociales[7]. (MARTUCCELLI, 2016, p. 166).

Os discursos que serão apresentados e analisados criticamente nos segundo e terceiro capítulos deste trabalho, revelam que os e as participantes dessa pesquisa, apesar de terem em sua maioria idades entre 15 e 17 anos, o que de acordo com o ECA os caracteriza como adolescentes, já convivem com dilemas que são próprios da vida adulta, o que, consequentemente, os(as) distanciam dos processos sociais próprios à infância, embora ainda demonstrem forte ligação com seus núcleos familiares. Com isso, percebemos uma indicação de que a desvinculação familiar, que dá lugar à relação com outros sujeitos pertencentes a outras relações sociais é que inauguraria a juventude. Essa desvinculação não necessariamente é física, mas pode ocorrer no âmbito de interesses que passariam a não ser mais conciliáveis, esta fase não seria, então, marcada apenas pela mudança do ou da jovem da casa dos pais, mas pela mobilidade social que ultrapasse as relações do núcleo familiar.

Dessa maneira, concordamos com Francisco e Groppo (2016) que, ao se fundamentarem numa perspectiva sócio-histórica, sugerem que não devemos nos perguntar do que se trata a adolescência, mas sim sobre como ela é historicamente constituída, elaborada e ressignificada socialmente. Esse entendimento desmonta o argumento de que a adolescência seria mais previsível do que a juventude, mesmo que ainda esteja muito presente no imaginário social essa ideia, já que

> em nossa sociedade atual, temos um certo padrão em que o início da juventude é a adolescência, marcada mais ou menos "naturalmente" pela puberdade. Mas não se tem mais um padrão esperado a respeito do final da juventude e da passagem à idade adulta, outrora, marcados por acontecimentos mais ou menos simultâneos, a saber: o final da escolaridade, o casamento, a formação de um novo lar, o ingresso no mercado de trabalho e filhos (FRANCISCO; GROPPO, 2016, p. 289).

O fato é que essa imprevisibilidade aceita socialmente para o final da juventude pode ser observada também no processo de subjetivação que estamos chamando de

[7] Muitos adolescentes percebem que em suas vidas já presenciam – no presente - coisas difíceis. É essencialmente na vida pessoal, pelos desafios que enfrentam, mas também pelos empoderamentos coletivos e culturais que conquistaram, que são atores sociais.

adolescência, pois nem todos os sujeitos encaram da mesma forma o amadurecimento biológico do corpo, as famílias não são todas constituídas igualmente e essa diversidade de modos de viver esse processo será influenciadora dos e das jovens que se constituirão. Assim, concordamos com Francisco e Groppo que "cada tempo humano tem seu valor e sua contribuição, tanto para a vida do sujeito, quanto para autoconsciência da sociedade" (FRANCISCO; GROPPO, 2016, p. 290).

Adiante, apresentamos contribuições teóricas específicas sobre o que caracteriza a juventude. Assim, poderemos compreender melhor a escolha desta tese em tratar como jovens um grupo que, de acordo com o critério etário, seria visto pelo ECA e demais instituições, sobretudo jurídicas, como adolescentes.

1.1.2 Juventude como categoria social

Para refletirmos acerca das ideias sociológicas sobre juventude, recorremos, primeiramente, a Pais (1990), autor que tem grande relevância e se tornou um clássico para o campo de estudo em questão. A primeira observação que o referido autor nos apresenta é sobre o fato de, comumente, os e as jovens serem tomados(as) como fazendo parte de uma cultura juvenil uniforme. Ele explica que a questão central posta para uma sociologia da juventude "é a de explorar não apenas as possíveis ou relativas similaridades entre jovens ou grupo sociais de jovens, mas também – e principalmente – as diferenças sociais que entre eles existem" (PAIS, 1990, p. 140).

O mesmo autor esclarece que a sociologia da juventude "vacila" entre duas tendências,

> numa delas, a juventude é tomada como um conjunto social cujo principal atributo é o de ser constituído por indivíduos pertencentes a uma dada fase da vida, prevalecendo a busca dos aspectos mais uniformes e homogéneos que caracterizam essa fase da vida – aspectos que fariam parte de uma cultura juvenil, específica, portanto, de uma geração definida em termos etários;
> Noutra tendência, contudo, a juventude é tomada como um conjunto social necessariamente diversificado, perfilando-se diferentes culturas juvenis, em função de diferentes pertenças de classe, diferentes situações económicas, diferentes parcelas de poder, diferentes interesses, diferentes oportunidades ocupacionais, etc. Neste outro sentido, seria, de fato, um abuso de linguagem subsumir sob o mesmo conceito de juventude universos sociais que não têm entre si praticamente nada de comum. (PAIS, 1990, p. 140)

A partir dessas duas tendências podemos notar que, em algumas análises, a juventude é classificada por um recorte etário e que em outras, o foco situa-se na maneira como os grupos juvenis refletem a organização social que se dá pela divisão em classes. Assim, teríamos duas principais correntes sociológicas de análise da juventude: a *geracional* e a *classista*.

A corrente teórica geracional encontra seu ponto de partida na ideia de juventude como fase de vida e foca o aspecto unitário da juventude. O quadro teórico desta corrente é constituído pelas teorias da socialização, vinculadas ao funcionalismo, e pela teoria das gerações que defende a existência de descontinuidades entre uma geração e outra (PAIS, 1990).

Para a "corrente geracional – quer o quadro teórico seja o das teorias da socialização quer o das teorias das gerações –, as descontinuidades intergeracionais estariam na base da formação da juventude como uma geração social" (PAIS, 1990, p. 152), o que significa dizer que uma geração só é determinada a partir de sua autorreferência em relação a outras gerações existentes. Assim, é possível formular que, para a corrente geracional, a juventude está sempre inter-relacionada a outras gerações e que os conflitos existentes nesse processo se dão de forma uniforme. Há também um pressuposto de que uma geração mais experiente é responsável pela formação das gerações menos experientes, nesse sentido, os e as adultos(as) ensinariam os e as jovens a se comportarem na sociedade e estaria, justamente nessa relação educativa, a possibilidade de conflito entre uma geração e outra.

Considerando que a relação entre uma geração e outra é uma situação de exercício da sociabilidade, "para os defensores da socialização contínua, a participação das novas gerações na vida social teria duas principais características: a socialização dos jovens, por um lado, e a juvenilização da sociedade por outro" (PAIS, 1990, p. 155), o que revela que, ao mesmo tempo em que a geração adulta ao tentar modelar a juventude à sua imagem, se rejuvenesce. Temos aqui a ideia de que há participação social ativa por parte da juventude, retirando desse grupo de sujeitos a representação de que são passivos e desinteressados pelas questões sociais.

Pais (1990) propõe a seguinte síntese sobre a corrente teórica que acabamos de apresentar:

> para a corrente geracional, os signos de continuidade e descontinuidade intergeracional poderão manifestar-se de duas formas: por um lado, e na medida em que são alvo de processos de socialização através de instituições sociais específicas, como a família ou a escola, as gerações mais jovens interiorizariam e reproduziriam na sua vivência quotidiana toda uma série de crenças, normas, valores e símbolos próprios das gerações adultas, isto é, todo um conjunto de signos de continuidade intergeracional. Por outro lado, e na medida em que essa interiorização de signos não é feita de uma forma nem indiscriminada nem passiva, gerar-se-iam fraccionamentos culturais entre as várias gerações, fraccionamentos esses que teriam a ver, entre outras razões: com a própria consistência da cultura transmitida pelas instituições sociais dominadas pelas gerações mais velhas; com os comportamentos e atitudes do mundo adulto tal como são percebidos pelos jovens; e finalmente, com os próprios processos de transformação social e de integração funcional das várias gerações (PAIS, 1990, p. 156).

A corrente classista não desconsidera a questão das relações intergeracionais, mas a trata numa perspectiva diferente. Enquanto na perspectiva geracional a reprodução se restringe à análise das relações intergeracionais, ou seja, dedica-se a compreender como se dá a conservação ou sedimentação das formas e conteúdo das relações sociais entre as gerações, na perspectiva classista, a reprodução social é compreendida a partir da reprodução das classes sociais (PAIS, 1990).

Os trabalhos desenvolvidos na linha da corrente classista são,

> em geral, críticos em relação ao conceito mais vulgar de juventude – isto é, quando aparece associada a uma fase de vida – e acabam mesmo por ser críticos em relação a qualquer conceito de juventude, já que, mesmo entendida como categoria, acabaria por ser denominada por relações de classe (PAIS, 1990, p. 157).

Assim, a corrente classista compreende que a transição dos e das jovens para a vida adulta estaria sempre pautada em mecanismos de reprodução de classe e que, por isso, as culturas juvenis são sempre culturas de classe, devendo sempre serem entendidas como produto das relações antagônicas existente entre as classes sociais (PAIS, 1990).

Em ambas as correntes – geracional e classista – a análise das culturas juvenis é uma forma de compreensão da juventude como categoria social, sendo tais culturas compreendidas nas duas correntes como processos de internalização de normas e como processos de socialização.

Pais (1990) faz o alerta de que não podemos nos acorrentar às abordagens teóricas, pois isso nos impossibilitaria buscar compreensões a partir de novas perspectivas e, no esforço do não acorrentamento teórico, surgem novas possibilidades de compreensão dos

fenômenos que envolvem a participação juvenil, uma delas é o desenvolvimento de uma sociologia da juventude que nos coloca a necessidade de que

> os jovens sejam estudados a partir dos seus contextos vivenciais, quotidianos – porque é quotidianamente, isto é, no curso de suas interações, que os jovens constroem formas sociais de compreensão e entendimento que se articulam com formas específicas de consciência, de pensamento, de percepção e acção (PAIS, 1990, p. 164).

Ao tratar do desenvolvimento da sociologia da juventude, Groppo (2016) propõe uma reflexão compreendendo a categoria como questão social, já que para este autor a compreensão dos significados das juventudes modernas e contemporâneas não se dá por meio da delimitação da faixa etária de sua vigência, pois entende que a idade não tem caráter absoluto e universal e que se trata de um produto da interpretação das instituições das sociedades sobre a sua própria dinâmica. Para o autor a juventude é

> uma categoria social usada para classificar indivíduos, normatizar comportamentos, definir direitos e deveres. É uma categoria que opera tanto no âmbito do imaginário social, quanto é um dos elementos estruturantes das redes de sociabilidade. De modo análogo à estruturação da sociedade em classes, a modernização também criou "grupos etários homogêneos", categorias etárias que orientam o comportamento social, entre elas, a juventude (GROPPO, 2016, p. 10).

Esta reflexão compõe a intenção do autor em demonstrar que a juventude é uma realidade social e não mera mistificação ideológica, compreendendo-a como categoria social e não como uma característica natural dos indivíduos. Esta concepção implica na necessidade de correlacionar a juventude com outras categorias sociais, tais como: nacionalidade, etnia, gênero, religião, condição urbana ou rural, momento histórico, situação econômica etc. (GROPPO, 2016).

Segundo Groppo (2016), os estudos históricos e sociológicos demonstram que o que realmente existe são grupos juvenis múltiplos e diversos e não uma única juventude concreta, porém o autor não deixa de mostrar que existe uma condição juvenil mais ou menos geral que é resultado da formação desses grupos juvenis.

A proposta de Groppo é que a sociologia da juventude se desenvolva através de uma concepção dialética e concebe essa ideia como "a presença de elementos contraditórios no interior dos diversos grupos juvenis" (GROPPO, 2016, p. 15). Um

exemplo da contradição existente é o percurso dialético entre a institucionalização da juventude e a possibilidade de sua autonomia.

Assim, temos que uma condição juvenil mais ou menos geral seria estabelecida pelo fato de que instituições socializadoras como escolas, igrejas, o mercado e a indústria cultural agregam os sujeitos por idades semelhantes com o objetivo de determinar o sentido da transição à vida adulta. Há, então, uma organização institucionalizada que imprime às pessoas categorizadas como jovens condições sociais comuns, porém o que possibilita a formação de grupos juvenis diversos é o fato de que cada pessoa pode desenvolver valores, identidades e significações múltiplas daquelas determinadas pelas instituições (GROPPO; SILVEIRA, 2020).

Dessa forma, concordamos com a necessidade de se avançar no desenvolvimento de uma sociologia da juventude de caráter dialético, que considere o cotidiano dos e das jovens. Nesse sentido, compactuamos com Dayrell (2003) quando propõe que os e as jovens sejam compreendidos como sujeitos sociais, observando que, com essa compreensão, o e a jovem não deve ser visto como sujeito passivo, não participante da movimentação social.

Sobre este último pensamento citado, entendemos que "tomar os jovens como sujeitos não se reduz a uma opção teórica. Diz respeito a uma postura metodológica e ética, não apenas durante o processo de pesquisa, mas também em meu cotidiano como educador" (DAYRELL, 2003, p. 44).

Diante disso, adotamos neste trabalho a concepção dialética de juventude, pois

> Ainda que inspirada originalmente por teorias críticas desenvolvidas em meados do século passado, pode trazer novas iluminações para compreender a condição juvenil na atualidade. É que ela traça outros caminhos, ao focar não apenas o cotidiano, ou melhor, a focar menos o cotidiano e mais o extra-cotidiano, na figura da rebeldia, revolta, recusa, resistência e autonomia juvenil (GROPPO; SILVEIRA, 2020, p. 10).

Ao olharmos para os e as participantes dessa pesquisa e considerarmos as muitas tramas sociais em que estão enredados, bem como as instituições e agências que disputam poder e domínio sobre eles e elas, temos a condição de compreendê-los(as) para além das idades que possuem, analisando também as realidades em que vivem. Encontramos na proposta de uma sociologia da juventude articulada a uma concepção dialética de

juventude o caminho para pensarmos as relações entre um determinado grupo etário e estruturas de classe.

Concordamos com Dayrell (2003, p. 43) que "existem várias maneiras de se construir como sujeito, e uma delas se refere aos contextos de desumanização, nos quais o ser humano é 'proibido de ser', privado de desenvolver as suas potencialidades, de viver plenamente a sua condição humana". Ancorados nessa ideia, olhamos para os discursos dos e das jovens que participaram das rodas de conversas, num esforço de, a partir de suas falas, percebermos quais dimensões sociais estão presentes na constituição das pessoas que se tornaram e que pretendem ser.

Como o tema deste trabalho se estabelece a partir da negação à educação formal aos e às jovens, e sobre quais as influências desse fenômeno social para o envolvimento deles e delas com a violência, dedicamos as seções seguintes a pensar, à luz de teorias já produzidas, as formas de privação que os e as jovens sofrem tanto em relação à negação da escolaridade, como em relação à violência instalada em torno deles(as).

1.2 Juventude e o problema do acesso e da permanência escolar no Brasil

A desqualificação das pessoas pobres aparece como um elemento considerável na produção do fracasso escolar brasileiro, o que, por vezes, configura a escola como instituição de controle social, objetivando formação moral. A partir dessa compreensão, emergiu a necessidade de refletir sobre quais são as raízes históricas que contribuíram para que a escola se tornasse uma instituição de controle social e de moralização, especialmente das pessoas pobres, e de articular tal reflexão à questão da negação do direito à educação formal no Brasil, revelada nas dificuldades de acesso e permanência escolar.

Para compreender as relações entre produção do fracasso escolar e a discussão acerca da prevenção da violência – que supostamente os alunos e alunas pobres seriam os mais propensos a cometer –, utilizamos *A síntese de indicadores sociais 2016: uma análise das condições de vida da população brasileira* (IBGE, 2016) e analisamos o tema à luz das publicações de Patto (1996, 1999a, 2005, 2007) que nos permitiu compreender como se construiu a ideia de que a escola pode cooperar na prevenção da violência, retórica ainda tão presente na área educacional. Os textos utilizados promovem a

discussão sobre as formas de controle social e higiene social desde o período imperial brasileiro, mostrando o desenvolvimento dessas formas no avanço histórico que perpassa pela instituição da Primeira República brasileira até o que se percebe na atualidade.

A partir das considerações históricas de Patto (2005), sobretudo no que concerne a história recente do Brasil, acerca das relações entre escola e prevenção da violência, urgiu a discussão dos conceitos de equidade e igualdade, em geral colocados em uma disputa. O embate igualdade *versus* equidade tornou-se marca evidente nas políticas educacionais vigentes e, em nosso entendimento, tem colaborado para o fracasso escolar atual, revelado nos ainda altos índices de evasão escolar e distorção idade/série da população jovem brasileira, conforme os indicadores da educação nacional referente ao período 2005-2015.

1.2.1 Do direito à educação: disputas permanentes

Para pensar a Educação Básica como direito e conceito, recorremos a Cury (2008a, 2008b). Sobre o conceito o autor diz que "a expressão 'educação básica' no texto de uma Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDBEN – é um conceito, é um conceito novo, é um direito e também uma forma de organização da educação nacional" (CURY, 2008a, p. 294). O aspecto da discussão feita por Cury (2008a) que mais nos interessa para o desenvolvimento desta tese é a compreensão da Educação Básica como direito. A defesa que o autor faz a esse respeito é de que "na Constituição Federal – CF – de 1988, a educação, dada sua inerência à cidadania e aos direitos humanos, foi, então, positivada como direito" (Idem, p. 295), sendo direito do cidadão, passa a ser um dever do Estado.

Sobre o tratamento dado à educação na Constituição de 1988, o autor explica que houve um percurso longo até que se chegasse nesta configuração,

> este reconhecimento positivado, dentro de um Estado Democrático de Direito, tem atrás de si um longo caminho percorrido. Da instrução própria das primeiras letras no Império, reservada apenas aos cidadãos, ao ensino primário de quatro anos nos estados da Velha República, do ensino primário obrigatório e gratuito na Constituição de 1934 à sua extensão para oito anos em 1967, derrubando a barreira dos exames de admissão, chegamos ao direito público subjetivo e ao novo conceito (FÁVERO, 1996, apud CURY, 2008a, p. 295).

Explica ainda que

> a LDB captou esse espírito [de universalidade] e o traduziu pelo conceito de "educação básica", conceito novo expresso em uma declaração de direito de todos a ser realizado em uma educação escolar que contivesse elementos comuns. **De um lado, o combate à desigualdade, à discriminação e à intolerância, de outro lado, o apontamento da condução da educação escolar pelo princípio, também novo, da gestão democrática** (CURY, 2008a, p. 298, grifo explicativo nosso).

Observamos que é histórico, na constituição da sociedade brasileira, o problema da desigualdade social que se revela sempre de forma muito acentuada e marca a disputa de classes, sabe-se que a instituição escolar sempre esteve e está perpassada por esta situação social e, ora combate tais desigualdades, ora as naturaliza. Quando a escola contribui para a naturalização das desigualdades sociais e conformação do antagonismo entre as classes, isso não se dá de forma explícita, mas por meio de um mascaramento que gera a impressão de que esteja promovendo o contrário.

Consideramos que é importante compreender qual é o pano de fundo do fracasso escolar revelado nos indicadores referentes à escolaridade dos e das jovens brasileiros. Assim, para atingir tal compreensão, recuperamos a ideia de que "a educação escolar veio se constituindo como um dos direitos mais importantes da cidadania" (CURY, 2008b, p. 208). Mediante o reconhecimento desse direito,

> os novos tempos da Modernidade não seriam tais sem o concurso da escola como lugar do direito ao saber e da cidadania. A esse direito – conceituação duramente conquistada e formalizada pelas lutas sociais e parlamentares dos que compreenderam sua natureza e funções – se impôs sua institucionalização e sua abertura como dever do Estado. (CURY, 2008b, p. 208)

Porém o Estado, representado por diferentes governos, não tem conseguido cumprir com o dever de institucionalizar e democratizar a escola de maneira satisfatória, já que, embora tenha garantido o acesso ao Ensino Fundamental, parece não estar conseguindo garantindo a qualidade necessária. Dessa forma, o fracasso escolar que, antes dos empenhos legais pela universalização do acesso à referida etapa da Educação Básica, se expressava pelos altos índices de crianças e adolescentes fora dela, na atualidade, é expresso pela não aprendizagem dos conteúdos ensinados no ambiente escolar, pela dificuldade em avançar na escolaridade e, consequentemente, na não permanência desses educandos e educandas na escola, o que ocasiona o não ingresso de todos(as) os(as) jovens com 15 anos no Ensino Médio.

Frente à universalização do acesso dos e das jovens ao Ensino Fundamental e também à incapacidade de garantia da qualidade da experiência escolar, ainda segundo Cury,

> a educação escolar, similar a outras dimensões da vida sociocultural, então coexiste nessa contradição de ser inclusiva e seletiva nos modos e meios dessa inclusão e estar, ao mesmo tempo, sob o signo universal do direito. Ela não teve e ainda não tem sua distribuição efetivamente posta à disposição do conjunto dos cidadãos sob a égide da igualdade de oportunidades e de condições (CURY, 2008b, p. 210).

A partir da constatação de que o direito à educação escolar no Brasil reflete a disputa entre as classes sociais e que a garantia desse direito só se deu, legalmente, considerando toda Educação Básica, em 2009, com a aprovação da EC 59 que tornou obrigatória a escolaridade dos quatro aos dezessete anos de idade (ALVES, 2016), passaremos a refletir sobre como a escola tida por vezes como instituição de prevenção da violência, pode contribuir para a exclusão e desqualificação da população pobre.

1.2.2 O histórico papel da escola para a manutenção das desigualdades sociais

Uma marca importante do período imperial brasileiro foi o esforço de "reeuropeização" da sociedade, tendo como principal estratégia o submetimento, pelo estado, das famílias latifundiárias que haviam se deslocado para as cidades. Durante o período imperial, a presença do ideário de vanguarda da burguesia europeia foi marcante e motivou a produção intelectual que resultou na formação de nossa cultura erudita (PATTO, 1996).

Verifica-se que, desde o Império, o discurso científico legitimou a desqualificação das pessoas pobres no Brasil, "a utopia evolucionista e conservadora de Comte, as teses racistas do social-darwinismo e uma versão regressista do liberalismo permitiam aos opressores racionalizar a barbárie e manter intacta uma boa imagem de si mesmos e do país para uso interno e externo" (PATTO, 1996, p. 185).

Foi nesse cenário que a medicina higienista ganhou papel de destaque, já que corroborava com a ideia de que o progresso urbano era necessário por uma questão de melhorar a saúde das pessoas. Os médicos, então, orientavam a interdição de cortiços, o combate a construção de casas próximas umas das outras para que se evitasse a excessiva umidade e o consequente adoecimento de seus moradores, até a preservação das praias, que eram verdadeiros depósitos de lixo e esgoto tornou-se uma pauta médica.

O problema que se coloca diante das orientações médicas no período imperial brasileiro é que depositavam na pobreza a responsabilidade pela sujeira e adoecimento nas cidades, movimento que culminou no afastamento das populações menos favorecidas economicamente dos centros das cidades, apenas as ocultando, sem de fato melhorar suas vidas.

Já no período republicano, o que se verifica é uma diminuição da força tida pela medicina higienista nas ações de controle social observada no Império e o estabelecimento da ideologia militar como condutora da moralização, pois seria "incapaz de sozinha alterar a sociedade, a classe média nascente, à qual se somavam empregados e funcionários, ter-se-ia cristalizado em torno de uma nova força: 'a força militar, o Exército', porta-voz dos ideais republicanos" (PATTO, 1999a, p. 167).

Assim, o Estado brasileiro da primeira República não hesitou em usar do aparato repressivo para cumprir a promessa republicana de garantir a ordem pública. Não se agia com sutileza disciplinadora, pelo contrário, os detentores valeram-se do poder não mediram esforços em valer-se da violência física para imobilizar os e as indesejáveis (PATTO, 1999a).

Tanto no Império quanto na Primeira República brasileira existiu um projeto da elite, que detinha o poder de desqualificação das pessoas pobres, com a finalidade de naturalizar a superioridade dos sujeitos ricos em relação aos(às) desqualificados(as). Houve, portanto um

> eficientíssimo artifício ideológico domesticador que se articulou nesse período, em íntima relação com o discurso científico, foi a disseminação pelo corpo social de uma imagem negativa dos pobres, vírus poderoso que naturalizava a condição social de uma classe aos olhos de todos e justificava a exploração econômica, a rudeza do aparato repressivo e o exercício oligárquico do poder (PATTO, 1999a, p. 183).

Diante do exposto, nos interessa refletir sobre qual o lugar da escola nesse projeto de desqualificação das pessoas pobres e de reprodução do modo repressor e preconceituoso de moralizar os e as pertencentes às classes populares.

Construiu-se historicamente um discurso, por parte da classe dominante, que coloca a escola como instituição salvadora, que tem, na compreensão da autora, a impossível missão de tirar das ruas crianças e jovens moradores nas áreas urbanas mais pobres das cidades e, com isso, diminuir os índices de criminalidade, por meio do ensino

de princípios morais e de bons costumes ou dando-lhes um diploma ilusório que não lhes garantirá emprego em tempos de desemprego estrutural

> Nada de novo no *front* das ideias educacionais hegemônicas. Assistimos à continuidade de uma crença que ganhou força sob a influência do "racismo científico" das teorias raciais oitocentistas que, [...] desde o Segundo Império: com pretensão de neutralidade científica, passou-se a acreditar na inferioridade do povo brasileiro, porque negro e mestiço, pressuposto ideológico que adquiriu fôlego na Primeira República e justificou uma estrutura social hierárquica e injusta e uma política educacional coerente com essa crença (PATTO, 2007, p. 244).

Essa configuração da escola, ainda percebida no presente, não se deu da noite para o dia, já que, segundo Patto (2007), em um decreto de autoria do ministro Leôncio de Carvalho, publicado em 1879, sobre a reforma do ensino, a obrigatoriedade da frequência nas escolas se justificava não só como recurso de desenvolvimento das forças produtivas, mas também como diminuição dos gastos públicos com segurança.

O problema é que em lugar de prevenir a violência, as escolas tornaram-se espaços de práticas violentas pelos que as frequentam. O Estado, no que concerne ao universo da Educação Pública, é violento com seus professores e professoras, pois lhe pagam baixos salários, lhes oferta cursos de formação de má qualidade e são os excluem das decisões sobre políticas educacionais. Quanto aos(às) educandos e educandas, lhes dá a ilusão de que estão sendo incluídos(as) na escola e no universo do trabalho, pela obtenção do diploma (PATTO, 2005), isso representa uma fração das expressões de violência simbólica percebidas nos ambientes escolares em que essa pesquisa se deu.

A crítica de Patto (2005, p. 34) é de que "as escolas vêm se tornando 'recolhimentos provisórios de menores', espécies de *Febem-dia* que querem simplesmente tirá-los das ruas e melhorar as estatísticas de ocorrências policiais". O resultado dessa falsa inclusão é que,

> frequentemente frustrados, enraivecidos, desesperados, descrentes do ensino que lhes é oferecido e da possibilidade de melhorar as condições de vida pela escolarização, os alunos desenvolvem meios de sobrevivência em condições adversas. Muitas vezes, essas expressões de desespero confirmam, aos olhos dos adultos da escola, a predisposição à violência que a ideologia atribui aos meninos e meninas pobres (idem).

Diante do cenário em que a escola não logra êxito na suposta missão de cooperar com a prevenção da violência e criminalidade e, ao contrário, constitui-se em mais um

espaço social de prática de violência, faz-se necessário discutir como a equidade tem sido o princípio das políticas educacionais e tem levado para segundo plano a ideia de igualdade.

Alinhado a este cenário e, inclusive, subsidiando-o, estão princípios neoliberais que objetivam naturalizar as desigualdades sociais, utilizando a ideia de equidade como substitutiva da ideia de igualdade. Tal fenômeno é substancialmente preocupante já que os documentos que estabelecem as políticas educacionais vigentes e orientam/implementam as reformas no campo da educação formal tratam equidade como sinônimo de igualdade.

Referente a essa questão, Resende e Miranda (2016) chamam a atenção para o fato de que "ainda que fosse possível dizer que hoje em alguns países todas as crianças com idade correspondente têm a garantia do acesso à educação básica, a má qualidade dessa educação desmentiria a ideia de sua universalização" (RESENDE; MIRANDA, 2016, p. 22). As mesmas autoras explicam que a palavra equidade,

> Sistematicamente reiterada desde os anos de 1990 [...] designa o princípio de igualdade de oportunidades. Como as iniquidades não apenas se mantêm, mas se aprofundam, são redobrados os esforços retóricos para justificar as políticas orientadas para a promoção da equidade com o sentido de igualdade de oportunidades. (RESENDE; MIRANDA, 2016, p. 26).

O problema que surge diante dos esforços pela igualdade de oportunidades é que, da forma como a vida é produzida na sociedade capitalista, trata-se de um objetivo inatingível já que a globalização reforça os mecanismos de exploração e aprofundamento das desigualdades sociais em todo o mundo. É nesse contexto que a palavra equidade emerge como síntese de ideia, ideais, projetos e direções, constituindo um paradoxo que, perante a extensão global e radical da desigualdade postula o abandono da palavra igualdade como guia de um projeto para a humanidade em nome da equidade (RESENDE; MIRANDA, 2016).

A eficácia da estratégia de transmutar igualdade em equidade é explicada de forma bastante objetiva por Resende e Miranda (2016), segundo elas

> a transmutação da igualdade em equidade seria solidária da transmutação da desigualdade em diferença. Não haveria oportunidades para todos, mas em princípio ninguém deixaria de ser contemplado por ser diferente. Nessa perspectiva, a proteção dos diferentes esconde desiguais (RESENDE; MIRANDA, 2016, p. 39).

Tiballi (2016) apresenta a configuração de três movimentos evidenciados no discurso educacional brasileiro e os considera expressivos das ideias hegemônicas formuladas para explicar a desigualdade educativa no país, a saber: “o psicologismo das primeiras décadas do século XX, o sociologismo da segunda metade daquele século e o assistencialismo do início do século XXI” (TIBALLI, 2016, p.105). A mesma autora assinala que

> a desigualdade educativa no Brasil se configura como problema social somente nas primeiras décadas do século XX, quando as modificações econômicas, políticas e sociais ocorridas no país passaram a exigir a ampliação da escolarização da população, em decorrência do aumento dos centros urbanos, do comércio, da indústria e das exigências do mercado interno e de bens e serviços. (TIBALLI, 2016, p. 106)

Desde então, vários foram os empenhos no sentido de garantir o acesso de crianças e jovens à escola, mais recentemente podemos observar que os esforços para ampliação da escolarização no Brasil têm sido implementados a partir de uma perspectiva assistencialista, já que na década de 1980 o debate pedagógico sofreu um deslocamento que foi das análises macroestruturais para as causas intraescolares do fracasso escolar. Deslocou-se também das teorias explicativas para a observação, apreensão e interferência na prática escolar. Desse modo, as explicações reprodutivistas foram perdendo espaço e dando lugar para uma visão mais otimista, sustentada nas possibilidades de uma atuação verdadeiramente efetiva da escola pública (TIBALLI, 2016).

Também na década de 1980 observou-se que os debates sobre desigualdade e exclusão foram mais intensos no país, isso em um contexto de redemocratização, de abertura política e de liberdade de expressão, o que ampliou o discurso crítico reivindicatório da intervenção do Estado para se atingir a melhoria das condições de vida e escolarização da população pobre (TIBALLI, 2016).

O problema foi que, ao valer-se da escola no enfrentamento das desigualdades sociais bastante explícitas a partir do processo de urbanização nacional, as políticas educacionais contribuíram para descaracterização da educação formal, pois

> ao transferir para a escola múltiplas responsabilidades sociais que fogem à sua especificidade, esta instituição deixa de ser escola, porque se vê destituída da responsabilidade pela escolarização que promove a formação ética e profissional das gerações que chegam, garantindo-lhes a formação científica e intelectual para o discernimento crítico das relações sociais e das determinações que configuram esta sociedade, para transformar-se em organização social a serviço dos interesses particulares e de organismos ligados ao capital nacional e internacional. (TIBALLI, 2016, p. 124).

Assim, o acesso à escola, pautado em princípios neoliberais, que vislumbram a manutenção do sistema capitalista, resulta em uma exclusão social cujas evidências mais comuns são subemprego, baixa qualidade de vida, moradia precária, desmotivação para o acesso a outros níveis de ensino, já que, como tem sido implementada a ampliação da escolaridade, não se garante igualdade, mas equidade.

Em estudos mais recentes, como Ribeiro (2014) vemos emergir discursos no cenário educacional brasileiro acerca de uma "melhoria da educação escolar", esses discursos se baseiam nos resultados referentes às aprendizagens dos educandos e educandas e a equidade. Para entender como a equidade é tratada nos processos educacionais, a mesma autora faz a distinção dessa ideia entre liberalistas e igualitaristas, explicando que os liberalistas "focalizam apenas os processos de implementação das políticas, sem considerar as consequências" (RIBEIRO, 2014, p. 1096), ancorando-se na perspectiva de que os resultados são produzidos pelo mérito de cada indivíduo. Já os igualitaristas valorizariam o peso da origem social sobre o mérito e que, por isso, admitiriam a necessidade de considerar as distribuições e as consequências dos processos, negando a ideia de que bastaria garantir acesso justo para que os resultados fossem também justos (RIBEIRO, 2014). Dessa forma, a compreensão igualitarista seria de que a equidade é parte do conceito de qualidade de educação e estaria no âmbito da filosofia política que defende que, na sociedade capitalista, a justiça não seria possível sem se considerar os resultados.

Para se pensar em equidade para ampliação/geração de igualdade é necessária a preocupação com a distribuição do conhecimento, isso considerando o caso específico de educação formal. Assim,

> na instituição escolar, poder-se-ia dizer: todos os alunos dominam um quadro de conhecimentos, relativo ao que foi predefinido, sem o qual estariam relegados à indignidade e à ausência de respeito, o que os caracterizaria como perdedores, levando a problemas de autoestima e, por fim, à violência escolar usada pelos "perdedores" como forma de afirmar sua própria existência no sistema; e sem o qual seriam extremamente prejudicados no seu percurso escolar (RIBEIRO, 2014, p. 1101).

Nessa perspectiva é que Crahay (2013) defende que à escola caberia lutar contra o peso das desigualdades de origem social, colaborando para que todas as pessoas adquirissem os aprendizados fundamentais, propondo uma ideologia pedagógica que

considera ser justo dar mais atenção aos que enfrentam dificuldades maiores. Assim, teríamos um quadro com três concepções de igualdade no âmbito educacional: igualdade de tratamento, igualdade de oportunidades e igualdade de aquisição, sendo que

> a igualdade de tratamento corresponde ao ideal de justiça igualitária; a igualdade de oportunidades ao da justiça distributiva (meritocrática) e a igualdade de aquisição ao da justiça corretiva. Assim, a igualdade de tratamento é respeitada quando todos os alunos recebem a mesma qualidade e os mesmos conteúdos de ensino. A igualdade de oportunidades será satisfeita se as oportunidades educacionais mais ricas forem oferecidas àqueles que são realmente os mais merecedores, o que pressupõe uma identificação objetiva dos talentos e dos méritos. Por fim, os que sonham com a igualdade de aquisição consideram que é legítimo dar mais aos mais desfavorecidos no plano intelectual e cultural, a fim de criar uma nova situação na qual todos os indivíduos sejam dotados de competências consideradas fundamentais para se desenvolver na sociedade do século XXI (CRAHAY, 2013, p. 13).

Essas três concepções de igualdade descritas por Crahay (2013) para entender o princípio de justiça no âmbito educacional, nos ajuda a perceber que, apesar dos avanços obtidos quanto ao alargamento do acesso ao Ensino Fundamental no Brasil, as políticas educacionais não têm colaborado para a ampliação da igualdade, visto que não têm focado na distribuição do conhecimento, ou seja, não têm manifestado a concepção de igualdade de aquisição, mas apenas as de igualdade de tratamento e de oportunidades. Nesse sentido, não estamos negando o valor e necessidade das políticas educacionais pautadas pelo princípio da equidade, mas indicando que precisam ser melhoradas, a fim de que sejam capazes de garantir para todos os educandos e educandas a distribuição e apropriação dos conhecimentos escolares, o que em nosso entendimento colaboraria para a diminuição da reprovação e evasão escolar.

Diante do princípio da equidade pautando políticas educacionais que têm foco apenas na igualdade de tratamento e de oportunidades e que guiam a organização da educação formal brasileira, consideramos quão atual é o alerta feito por Frigoto (1995), de que no final do século passado o capitalismo, ao enfrentar sua crise estrutural mais profunda e sua perversa recomposição, se materializou em inúmeras formas de violência, exclusão e barbárie. Os impactos disso na instituição escolar se traduzem na subordinação de sua função social de forma controlada para responder às demandas do capital.

Ainda é considerável a cultura que escamoteia os conflitos e as crises sociais, de forma que, sob o paternalismo e clientelismo, o conflito capital-trabalho é diluído, ocorre a minimização da desigualdade social e da profunda discriminação racial sendo a

educação formal utilizada fortemente na consolidação do processo de mascaramento das mazelas sociais geradas na estrutura capitalista (FRIGOTO, 1995).

Assim consideramos que, embora o conceito de equidade seja capaz de articular uma série de discursos mobilizadores e importantes em seus contextos, como a lutar por oportunidades para grupos socialmente desprestigiados, este conceito não é suficiente para alcançarmos, no fazer educacional, a igualdade de condições de distribuição e aquisição de conhecimento. Por isso defendemos a ampliação da discussão sobre a igualdade.

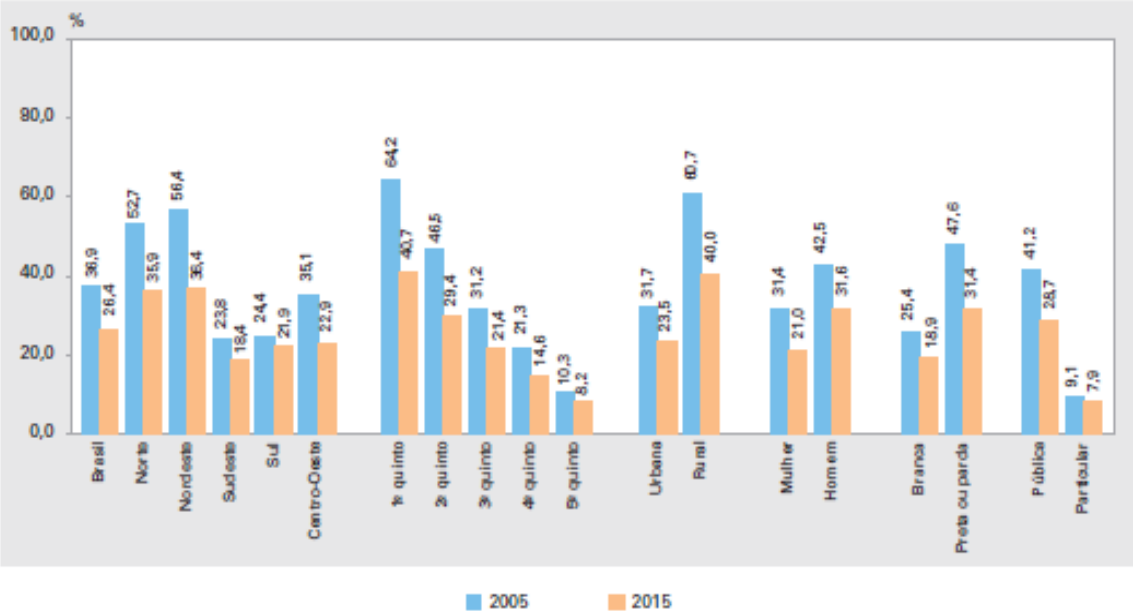
1.2.3 Evasão e distorção idade/série: o que dizem os indicadores

Na busca por compreendermos melhor como, no processo de organização da escola pública brasileira, ela se tornou, em grande medida, um espaço de desqualificação das pessoas pobres no Brasil, utilizamos a *Síntese dos Indicadores Sociais: uma análise das condições de vida da população brasileira* (IBGE, 2016), publicação baseada na Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios – PNAD 2015.

> O acesso ao ensino fundamental se aproximou da universalização na década de 1990, quando ocorreu a intensificação da expansão educacional na educação básica. Em 2015, a taxa de frequência escolar bruta das pessoas de 6 a 14 anos de idade atingiu 98,6%. Por sua vez, a inserção dos jovens de 15 a 17 anos de idade avançou lentamente, evidenciando a dificuldade de garantia do direito à educação básica obrigatória para esse grupo etário que deveria estar frequentando o ensino médio. A proporção de jovens de 15 a 17 anos de idade que frequentava escola cresceu somente 3,4 pontos percentuais, passando de 81,6%, em 2005, para 85,0% em 2015. (IBGE, 2016, p. 59)

E mesmo os e as jovens inseridos na escolaridade tiveram dificuldades na progressão escolar, como fica evidenciado no Gráfico 1.

Figura 1 - Gráfico da proporção de estudantes de 15 a 17 anos de idade com distorção idade-série, segundo algumas características selecionadas – Brasil 2005/2015



Fonte: IBGE, Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios 2005/2015.
Nota: Distorção idade-série representa a proporção de estudantes no ensino regular com idade dois anos ou mais acima da esperada para a série/ano que frequentavam, em relação ao total de estudantes dessa faixa etária.

É possível observar ocorrências importantes em relação à distorção idade-série de educandos e educandas de 15 a 17 anos no cenário nacional a partir do gráfico acima. Esse índice é maior no 1º quinto de rendimentos[8], ou seja, na população mais pobre. A diferença dessa parte da população com os mais ricos que ocupam o 5º quinto de rendimentos, em 2015, foi de 32,5 pontos percentuais.

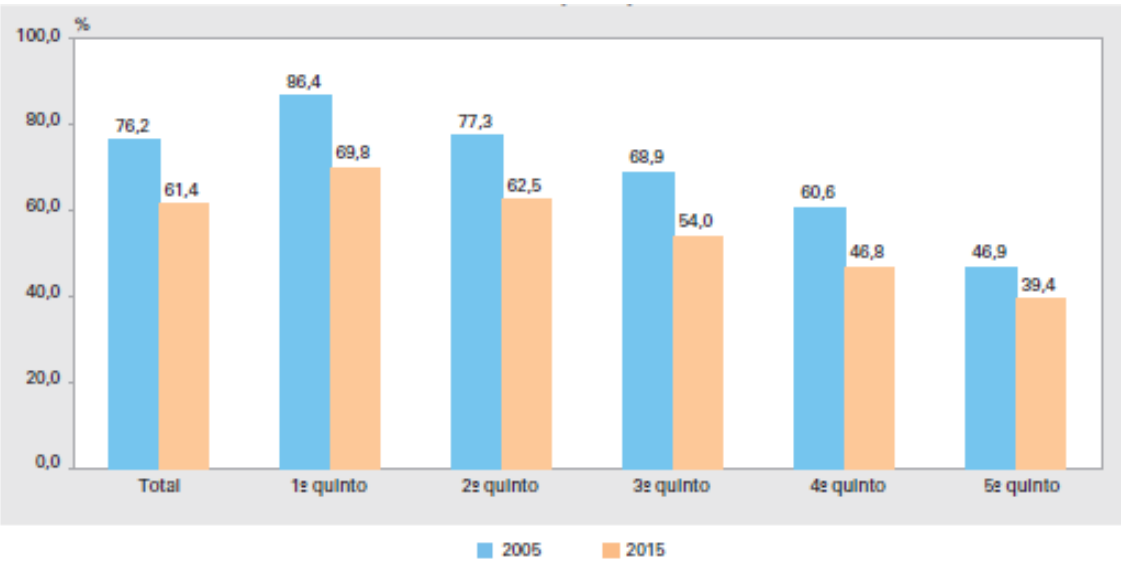
Observamos também que a proporção de jovens entre 15 e 17 anos de idade que apresentam distorção idade-série é maior na zona rural; e consideravelmente mais significativa entre os homens; entre pretos ou pardos e bem menor nas escolas particulares.

Também considerando a diferença entre os quintos de rendimentos da população brasileira, é significativa a diferença entre a proporção de jovens de 15 a 17 anos de idade pertencentes ao 1º quinto e ao 5º quinto de rendimentos no que se refere a não conclusão

[8] Quinto de rendimento é a expressão usada para caracterizar as faixas de renda financeira familiar. São estabelecidas faixas que vão do 1º ao 5º quinto de rendimento, sendo o 1º referente à faixa com as menores rendas e o 5º com as maiores.

do Ensino Fundamental e não frequência à escola, como demonstrado no Gráfico 2 (IBGE, 2016).

Figura 2 - Gráfico da Proporção de pessoas de 15 a 17 anos de idade que não concluíram o ensino fundamental dentre os que não frequentam escola, por quintos de rendimento mensal per capita nacional – Brasil – 2005/2015



Fonte: IBGE, Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios 2005/2015.
Nota: Exclusive pessoas com o ensino médio completo ou níveis posteriores.

Como evidenciado no Gráfico 2, era alto o índice de jovens com idade entre 15 e 17 anos que não frequentavam a escola e que não concluíram o Ensino Fundamental. Referente a esse dado, é importante considerar o alerta que Machado e Alves (2017) nos fazem em consideração à meta 3 do PNE (2014-2024) que dispõe sobre a universalização da escolaridade dessa população e que também prevê a elevação da taxa líquida de matrícula dessa faixa etária no nível educacional adequado. Os autores afirmam que

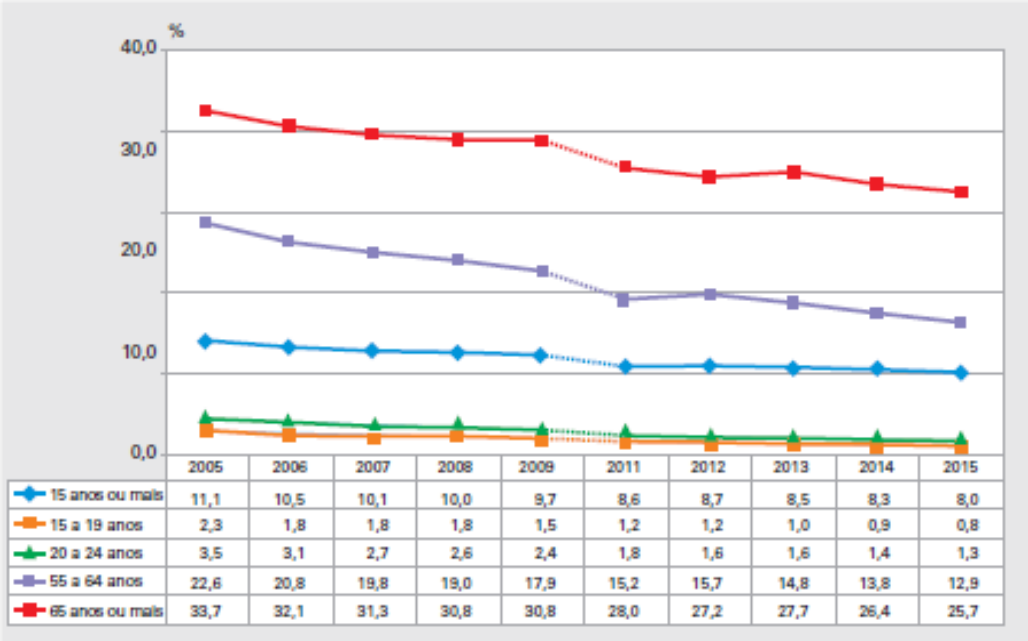
> Os desafios recaem sobre o ensino fundamental, que precisa cumprir com o desafio histórico de permitir que os adolescentes concluam essa etapa aos 14 anos, implicando numa significativa capacidade da escola de se repensar e realizar uma formação que os leve a permanecer na escola. (MACHADO; ALVES, p. 149)

Há ainda um dado nacional preocupante apresentado na *Síntese dos Indicadores Sociais*, que diz respeito à taxa de analfabetismo das pessoas de 15 anos de idade ou mais. Observou-se que

> Houve uma queda de 3,1 pontos percentuais nessa taxa nos últimos 10 anos, reduzindo a proporção de pessoas que não sabiam ler nem escrever de 11,1%, em 2005, para 8,0% em 2015. A queda das taxas de analfabetismo ocorreu para todas as faixas etárias, sendo que a população com idade acima dos 65 anos permaneceu com a maior incidência de analfabetismo (25,7%) (IBGE, 2016, p. 65).

As informações apresentadas na citação acima podem ser verificadas no gráfico representado abaixo.

Figura 3 - Gráfico da Taxa de analfabetismo, por grupo de idade – Brasil – 2005/2015



	2005	2006	2007	2008	2009	2011	2012	2013	2014	2015
15 anos ou mais	11,1	10,5	10,1	10,0	9,7	8,6	8,7	8,5	8,3	8,0
15 a 19 anos	2,3	1,8	1,8	1,8	1,5	1,2	1,2	1,0	0,9	0,8
20 a 24 anos	3,5	3,1	2,7	2,6	2,4	1,8	1,6	1,6	1,4	1,3
55 a 64 anos	22,6	20,8	19,8	19,0	17,9	15,2	15,7	14,8	13,8	12,9
65 anos ou mais	33,7	32,1	31,3	30,8	30,8	28,0	27,2	27,7	26,4	25,7

Fonte: IBGE, Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios 2005/2015.

Os dados do gráfico revelam que o problema da distorção idade/série no âmbito da Educação Básica não se esgota na juventude. O fracasso escolar acompanha o sujeito em sua vida adulta e, caso não seja resolvido via modalidade de Educação de Jovens e Adultos, será realidade também na fase idosa da vida. Os direitos de acesso e progressão escolar não garantidos durante a infância, adolescência e juventude, geram problemas que se arrastam por toda a vida da pessoa, impedindo que esta mesma pessoa tenha plena participação social.

A distorção escolar acentuada no Ensino Fundamental que impede jovens de ingressarem no Ensino Médio, especialmente verificado na rede pública de educação,

pode ser reflexo do princípio da equidade que vem orientando a organização da educação formal no país, visto que as escolas parecem não estar conseguindo garantir a todos(as) educandos e educandas, que ingressam na Educação Básica, formação adequada para que consigam avançar, não atendendo à concepção de igualdade de aquisição mencionada na seção anterior (CRAHAY, 2013). Assim, verifica-se que não há um combate efetivo às desigualdades sociais, por meio da educação escolar brasileira, mas a naturalização delas, já que, para o Estado, as condições e oportunidades estão sendo oferecidas de forma equânime, dando conta apenas das concepções de igualdade de tratamento e de oportunidades.

A partir de tal análise, entendemos que a organização da escola pública brasileira caminha afinada com a perspectiva neoliberal, cujos objetivos estão alinhados à formação para o capital humano e não para o desenvolvimento integral dos sujeitos, uma vez que

> a lógica neoliberal, que conquistou as mentes a partir dos anos 1980, confirma, aparentemente, o que eu escrevia em 1975, em uma abordagem marxista: ela descarta os grandes debates sobre o Homem e impõem a divisão social do trabalho como referência básica do discurso sobre educação (CHARLOT, 2013, p. 45).

Também nessa direção, temos que

> o substrato ideológico da classificação não foi inventado pela escola nem por seus mestres, forma parte da consciência cultural de nossa sociedade ver a humanidade escalonada em tipos superiores e inferiores, mais capazes e menos capazes, mais éticos e menos éticos. Ideologia recriada em pseudocientíficas teorias de aprendizagem (ARROYO, 2012, p. 357).

Os altos índices de reprovação e evasão escolar da população brasileira mais pobre revelam que essa ideologia da classificação binária mencionada por Arroyo (2012), tem cumprido com o seu papel de perpetuar as polarizações sociais, de classe, raça, gênero e cultura, naturalizando-as e legitimando-as. A tentativa dessa ideologia da classificação é de convencer as pessoas e grupos sociais que sempre foi assim, que as hierarquias entre melhores e piores, mais capazes e menos capazes, são naturais e não construídas socialmente, de modo que no ambiente escolar esse pensamento reproduz a lógica social da desigualdade e ainda têm função de controlar condutas (ARROYO, 2012).

O estudo aprofundado dos contextos de reprovação e evasão escolar nos obriga a enxergar os educandos e educandas, suas complexidades, sua construção como sujeitos,

e é essa nova visão o caminho para iluminar novas práticas educacionais capazes de alterar a realidade social pautada na supervalorização de uns e desvalorização de outros (ARROYO, 2012).

É bastante comum ouvirmos por parte de pessoas adultas que os e as jovens são irresponsáveis, rebeldes e desinteressados pelo futuro. Muitas vezes, tais representações sobre a juventude são reveladas por parte de adultos que trabalham diretamente com esta população, como professores e professoras, socioeducadores(as) e assistentes sociais, o que nos indica certa falta de compreensão sobre a situação da condição juvenil. Se queremos tratar os e as jovens como sujeitos sociais e analisar as culturas juvenis de forma dialética, precisamos considerar e entender como estão organizados os contextos em que eles e elas estão inseridos.

A constatação de que a juventude brasileira vive imersa em profunda desigualdade social, nos faz perceber porque muitos e muitas jovens do nosso país não têm um presente que os(as) oportunize serem otimismo em relação ao futuro. Esse cenário nos convoca a "encarar um fenômeno que atinge jovens de diferentes lugares, situações e origens: trata-se de apontar o desaparecimento (ou a forte diminuição) de uma visão positiva em relação ao futuro, que, com frequência é visto como inexistente ou problemático" (AUGUSTO, 2019, p. 96).

Em virtude do tema desta tese, refletimos, agora, especificamente sobre como a organização social possibilita que os e as jovens sejam encarados como potenciais sujeitos violentos.

1.3 Violência estrutural e suas manifestações

Arroyo (2012, p. 17) sugere que "a infância revela os limites para sermos humanos em uma economia que se tornou inumana", propondo que deveríamos ver na infância e adolescência a imagem da barbárie social, visto que o tratamento dado a crianças e adolescentes pobres é bárbaro.

Para pensarmos a barbaridade social verificada cotidianamente nas diversas práticas de violência a que estamos expostos, precisamos refletir sobre as raízes da violência estrutural também observável na sociedade capitalista. Nesse sentido, recorremos a Engels (2015) que, ao tratar da teoria do poder, explica que a origem da

forma de dominação capitalista está na maneira como as mercadorias são distribuídas nesse regime, indicando que o poder é apenas um meio e que a vantagem econômica é que é o fim. Para ilustrar tal ideia, explica que antes que fosse possível escravizar, foi necessário que se tivesse alcançado uma determinada fase de produção que instaurou a desigualdade na distribuição das mercadorias. Assim, concordamos que

> a subjugação do ser humano visando ao trabalho servil pressupõe, em todas as suas formas, que o subjugador disponha dos meios de trabalho, sem os quais ele não poderá usar o escravizado, e ademais, no caso da escravidão, disponha dos meios de vida, sem os quais ele não poderá manter o escravo com vida. Em todas as situações, portanto, ele deve dispor de um certo patrimônio superior ao da média das pessoas (ENGELS, 2015, p. 240).

E na luta travada entre burgueses e feudais, o que se percebeu foi o empenho por parte da burguesia em alterar a forma de produção e, consequentemente, de distribuição das mercadorias, gerando a possibilidade da propriedade privada e da acumulação de capital, sendo possível entender que

> A luta da burguesia contra a nobreza feudal é a luta da cidade contra o campo, da indústria contra a posse fundiária, da economia do dinheiro contra a economia natural, e as armas decisivas dos burgueses nessa luta foram meios econômicos de poder que cresceram continuamente mediante o desenvolvimento da indústria, começando do artesanato e mais tarde avançando até a manufatura, e mediante a expansão do comércio (ENGELS, 2015, p. 243).

A partir disso, nota-se que o poder se constrói com base na elaboração de estratégias eficientes que culminam na geração de lucro que, ao ser acumulado, se configura em capital. E, nesse aspecto, a burguesia foi capaz de desenvolver meios de produção dotados de força necessária para substituir a forma de produção feudalista e instaurar um regime social econômico que só se mantem por meio da exploração por parte de uma minoria, os dominadores, à maioria, os dominados.

No processo de aperfeiçoamento dos mecanismos de exploração da maioria, a burguesia utilizou a indústria para produzir aparatos bélicos, o que possibilitou a formação de grandes exércitos postos a serviço dos Estados que garantem os privilégios burgueses (ENGELS, 2015). Foi assim, estabelecido um cenário de disputa territorial que objetivava a aquisição de mais propriedades privadas para a nobreza burguesa e a consequente maior capacidade de produção de mercadorias. Por ser importante

entendermos melhor como as estratégias de manutenção do poder burguês se converteram em escravização, esclarecemos que

> a produção já se havia desenvolvido a tal ponto que doravante a força de trabalho humana era capaz de produzir mais do que era necessário para seu simples sustento: estavam dados os meios para sustentar mais forças de trabalho e, igualmente, os meios para mantê-las ocupadas – a força de trabalho tornou-se um *valor*. Porém, a comunidade e a federação à qual ela pertencia não forneciam forças de trabalho disponíveis, excedentes. A guerra, em contrapartida, as fornecia, e a guerra era tão antiga quanto a existência simultânea de vários grupos comunitários lado a lado. Até aquele momento, não se sabia direito o que fazer com os prisioneiros de guerra, que eram, portanto, simplesmente abatidos e, ainda antes desse tempo, devorados. Mas, no estágio que se havia alcançado da "situação da economia", eles adquiriram valor, assim eram mantidos vivos e seu trabalho era aproveitado. Dessa maneira, em vez de dominar a situação da economia, o poder foi, ao contrário, forçado a servir a ela. A *escravidão* havia sido inventada (ENGELS, 2015, p. 261).

Temos então, a escravização como expressão violenta da consolidação dos meios de produção e acumulação capitalista, não sendo de nenhuma forma possível tratá-la como natural, pois a história mostra que a exploração do homem pelo homem foi conscientemente adotada a fim de que a minoria dominante lucrasse.

A prática violenta da escravização marcou a constituição das sociedades que se formaram por meio de processos colonizadores na América, como se pode observar no caso de formação/constituição da sociedade brasileira. E especificamente sobre o caso do Brasil, Rolim (2012) explica que os grupos pertencentes à elite, desde os colonizadores, sempre tiveram a habilidade de articular seus próprios interesses em nome da nação. Tal dissimulação cunhou, nos processos políticos brasileiros, a prática da conciliação que se consolidou como "uma estratégia racional pela qual vitoriosos e vencidos seriam contemplados com as benesses do poder" (ROLIM, 2012, p. 58). Dessa forma, no Brasil, praticou-se, desde a colonização, a estratégia de encarar como violentas apenas as ações que não partissem do Estado, porém,

> O estudo histórico das respostas oferecidas pelo Estado brasileiro aos revoltosos que não integravam os quadros das elites econômicas e culturais nos coloca diante de uma violência impiedosa e, no mais das vezes, absolutamente gratuita, característica sempre minimizada pelas construções ideológicas comprometidas com a idéia de uma "alma brasileira" pretensamente benigna e de uma indeclinável vocação pela paz e pelo perdão que marcaria nossa tradição política (ROLIM, 2012, p. 60).

A violência por parte do Estado é marca da constituição da sociedade brasileira e se expressa por meio de ações contra transgressores, foragidos e suspeitos que até hoje são, muitas vezes, exterminados, o que demonstra que a brutalidade, no caso brasileiro, não é restrita a contextos de guerra ou de revoltas (ROLIM, 2012).

E em todo o desenvolvimento histórico da sociedade brasileira a violência cometida pelo Estado foi sempre dissimulada para que parecesse estar a serviço do bem de todos e não apenas ter o objetivo de proteger os privilégios da elite dominante. Assim,

> Os apelos em favor da "ordem" se confundem com a necessidade de manter os "de baixo" em seu "devido lugar". Noção disciplinar por natureza, a idéia de "ordem", com efeito, nunca apareceu associada em nossa história à concepção de democracia [...] A ordem que sempre interessou às elites brasileiras, pelo contrário, é aquela onde o conflito foi superado, onde não há mais luta ou contradição social (ROLIM, 2012, p. 67).

Toda essa artimanha que autoriza o Estado a ser violento com quem ousa desafiar a organização social capitalista, expressa na atualidade pelo neoliberalismo, segue viva e referendada pela mídia, banalizando e gerando indiferença ao sofrimento e terror a que são submetidos os que não pertencem às elites econômicas e culturais, o que permite os desdobramentos do que Rolim (2012) chama de anti-humanismo. O resultado atual disso é que

> sob os aplausos calorosos da "opinião pública" e na esteira de uma demanda punitiva crescente estimulada pelos formadores de opinião, crescem os espaços de intolerância e ódio, se renovam as proposições excludentes, são legitimadas as punições corporais e a tortura, se estimula a resistência armada dos chamados "cidadãos de bem" e a indiferença diante da barbárie, como no caso dos linchamentos, aumenta.
>
> O que tais fenômenos parecem expressar é uma incapacidade empática crônica; ou dito de outra forma: a impossibilidade de se identificar com o outro, de reconhecer a alteridade como portadora da condição humana pela qual me defino e de conviver com aquilo que nela percebo como diverso ou mesmo estranho (ROLIM, 2012, p. 70).

Temos então, que a incapacidade de se identificar com o outro e de exercer a empatia é uma manifestação da violência estrutural e institucional experienciada historicamente. Essa situação cria um cenário que, articulado à negação de direitos, como visto na seção anterior no caso da permanência escolar com qualidade, é gerador de uma sombra que nos acompanha em nossa tradição cultural,

> é aquela que recepciona conceitos como os de “direito”, “humanidade”, “democracia” ou "indivíduo" como realidades tão-somente abstratas, que podem mesmo ser manipuladas retoricamente, mas que não regulam eticamente nossa existência, nem nos dizem algo importante quando lidamos com um conflito. Trata-se da vertente anti-humanista da brasilidade que emerge, inesperadamente, nas demandas por violência endereçadas ao próprio Estado, nas representações sociais que procuram desumanizar os suspeitos e os autores de delitos, no ódio cego que propõe a destruição pelo preconceito e pelo estigma (ROLIM, 2012, p. 68).

A partir das considerações já feitas, para resolver o problema da violência estrutural e institucional, seria necessário romper com o capitalismo, já que as práticas violentas são inerentes às suas formas de reprodução. Porém, Rolim (2006) alerta para o fato de que se ficarmos restritos à essa perspectiva, menosprezaremos a necessidade de uma política de segurança pública. O que o autor propõe é que tratemos a noção de prevenção articulada à ideia de agenciamentos do crime e da violência e não às suas causas, pois

> as causas de problemas complexos são, como se sabe, também complexas. Normalmente, elas remetem a problemas estruturais cuja solução é tarefa para gerações inteiras. Em outras palavras: para problemas cujas soluções demandam décadas. Não se pode, de qualquer forma, aguardar pela resolução deles quando o tema é segurança. Afirmá-lo seria o mesmo que dizer às pessoas que estão atemorizadas pelos riscos de vitimização – e que, por isso mesmo têm pressa - que nada poderá ser feito na defesa dos seus direitos (ROLIM, 2006, p. 60).

Como defende o autor, não queremos diminuir a necessidade do combate ao capitalismo e suas classes antagônicas, mas dizer da possibilidade de, concomitante a essa luta histórica, identificar, localmente, os agenciamentos em torno do crime e da violência, a fim de elaborar políticas para o tempo presente que possam prevenir as práticas violentas (ROLIM, 2006).

Considerando especificamente os e as participantes da pesquisa a que diz respeito essa tese, pessoas jovens, moradoras de áreas periféricas urbanas e estudantes de escolas públicas, é que concordamos com a necessidade de se analisar e criar meios de enfrentamento das situações particulares de manifestação da violência, sem com isso deixar de considerar sua universalidade no capitalismo.

É preciso considerar que “qualquer ação juvenil que contrarie os ritos da segregação urbana pode ser codificada sob o signo da violência” (DIÓGINES, 2012, p. 107), o que colabora para a representação social de que os e as jovens são sujeitos que

manifestam suas insatisfações por meio de atos violentos. Como resultado disso, "os jovens se retraem, se enclausuram em redes sociais que muitas vezes se aproveitam de suas fragilidades e de sua falta de crença no futuro e, nesse universo paralelo, experimentam o ilícito e perdem ou se distanciam dos liames com o plano das instituições" (DIÓGINES, 2012, p.111).

Na subseção seguinte, indicaremos, por meio de exposição ainda teórica, como as expressões de violência identificáveis nos contextos em que estão inseridos as e os jovens pobres brasileiros colaboram para desconstrução de suas esperanças subjetivas de um bom futuro.

1.3.1 Manifestações violentas e formação de jovens

Pais (1990) ensina que "na tradição da criminologia funcionalista, a delinquência juvenil é explicada como consequência da incapacidade de os jovens se ajustarem à normas de comportamento dominantes" (PAIS, 1990, p. 161). Nessa linha, o problema da delinquência juvenil se explicaria, por um lado, pelo conflito entre gerações e, por outro, pelo conflito de classes, já que essa delinquência seria um fenômeno que se daria nas classes de mais baixa condição social e não seria apenas uma espécie de rebelião contra os ensinamentos das gerações anteriores. Assim,

> a delinquência juvenil seria efeito da resistência – deliberada e consciente – aos valores das classes dominantes, ou, noutros termos, efeito de contradições ideológicas: da ideologia própria das famílias de origem desses jovens (ideologia operária) e de valores propagados pelos media; do tradicional puritanismo do operariado e das novas ideologias consumistas (PAIS, 1990, p. 161).

Para uma compreensão dialética da juventude, precisamos nos esforçar para entendermos a totalidade em que os fenômenos sociais se dão, pensar em como as instituições mantenedoras da estrutura social capitalista operam para que as pessoas se tornem exploráveis e utilizáveis de forma a não prejudicarem o funcionamento do sistema. Nesse aspecto, entendemos que

> o que os discursos científicos, jurídicos e socioculturais fizeram com a juventude, na modernidade, é análogo ao que se dizia em relação à pobreza ou riqueza na Idade Média europeia, ou mesmo a escravidão no Brasil colonial e imperial, ou seja, de que se tratavam de condições "naturais", e não o resultado de uma determinada dinâmica histórica mantida pelos padrões socais vigentes. No movimento de "naturalização" da juventude pelas ciências e saberes

> modernos, portanto, o que acontecia era a própria criação das juventudes modernas (GROPPO, 2016, p. 12).

Também na subseção anterior, verificamos que a estratégia mencionada por Groppo não é exclusiva do tempo presente, já que é inerente aos meios adotados pelo capitalismo de se reproduzir. Tais discursos continuam operando com a intenção de formar também uma juventude explorável e submissa aos interesses do mercado, o que se verifica nas práticas educacionais pautadas pela lógica da classificação como tratada por Arroyo (2012).

Paiva, Oliveira e Colaço (2019) concordam que nossa sociabilidade atual produz e é produto da violência. Mencionam ainda que o Estatuto da Criança e do Adolescente, criado em 1990, possui como um de seus mais significantes avanços a Doutrina de Proteção Integral para todas as crianças e adolescentes, mas que isso não tem ocorrido, especialmente nos casos em que estão envolvidos infratores. Explicam que

> o debate sobre violência, não raro, assume um tom naturalista e linear, excluindo-se dele a complexidade de fatores de ordem econômica, política, sociológica, e mesmo subjetiva, envolvidos na produção da violência social, como se o problema se tratasse de uma mera oposição do bem contra o mal, comportamentos certos *versus* errados, boas ou más escolhas (PAIVA; OLIVEIRA; COLAÇO, 2019, p. 178).

No esforço de não corroborar com essa prática de naturalização da violência por parte de adolescentes e jovens, mas buscando compreender o que tem gerado as condições e motivações para praticarem atos violentos, podemos recorrer ao conceito de necropolítica, que explica a existência de "uma determinada parcela da sociedade para quem a morte é um fato tão corriqueiro que não mobiliza ações efetivas do Estado nem comoção da população" (PAIVA; OLIVEIRA; COLAÇO, 2019, p. 182).

Barros (2019) define a necropolítica como "uma tecnologia de poder que faz funcionar maquinarias econômicas e simbólicas voltadas para a gestão da morte" (BARROS, 2019, p. 222). Para o autor, um dos principais traços da necropolítica brasileira é o processo psicossocial de fabricação de um inimigo ficcionalizado. Ainda sobre o caso brasileiro, o autor apresenta pelo menos três dispositivos que fazem funcionar a necropolítica em nosso cotidiano: "A guerra às drogas, a violência institucional e o hiperencarceramento" (BARROS, 2019, p. 229).

O primeiro grande expoente do conceito de necropolítica, o filósofo camaronês Achile Mbembe, trata esse conceito como o poder da morte e argumenta que as formas contemporâneas que subjugam a vida a esse poder "reconfiguram profundamente as relações entre resistência, sacrifício e terror" (MBEMBE, 2016, p. 146). A necropolítica é facilmente identificável no modelo neoliberal de mercantilização de mercado, em que ocorre supervalorização do capital, o que possibilita gerar privilégios que só se sustentam pela eliminação de outras vidas. Ela é o retrato do Estado que mata e que também "deixa morrer", pela falta de políticas de saúde, de educação, de segurança pública, de garantia dos direitos humanos e de acesso às políticas de seguridade social a parcela mais pobre – mata pela sua presença violenta em determinados contextos e deixa morrer pela sua ausência, nos mesmos contextos.

A sustentação de um Estado que mata e que deixa morrer prescinde da criação de inimigos sociais, para que a eliminação seja justificável em nome da preservação da vida dos privilegiados (PAIVA; OLIVEIRA; COLAÇO, 2019).

A criação desse inimigo social se dá pela desqualificação da condição de humanidade das pessoas, que passam a sofrer violação dos direitos sem que haja intervenção do poder público ou manifestações contrárias da maior parte da sociedade civil (PAIVA; OLIVEIRA; COLAÇO, 2019). Como resultado dessa dinâmica nefasta, o que se pode constatar é que

> a explosão da violência urbana, comumente vinculada às populações marginalizadas, destacando-se o segmento juvenil pobre e negro, a quem se atribui antecipadamente, e preconceituosamente, a responsabilidade. Portanto, sem levar em conta a complexidade desse problema social, que é multideterminado e requer uma análise multidimensional, a sociedade, de modo geral, e, também, o Estado produzem discursos evasivos e apontam respostas simplistas e reducionistas sobre a questão. Simplifica-se o entendimento dessa problemática definindo como bandidos e delinquentes jovens que estão, de alguma forma, próximos aos territórios tidos como violentos e suscetíveis de envolvimento com práticas ilícitas as mais diversas. E como alternativa para superação do problema propõe-se medidas imediatistas como a repressão, o encarceramento ou a eliminação dos seus supostos causadores (PAIVA; OLIVEIRA; COLAÇO, 2019, p. 202).

Barros (2019) contribui para a compreensão de como se revela a necropolítica na organização social e como isso afeta a vida dos sujeitos jovens. Para tanto, utiliza do conceito de "capitalismo gore" que, segundo o autor, consiste na "presença insidiosa do crime organizado, do militarismo e de deficitários investimentos em políticas sociais em contextos periféricos" (BARROS, 2019, p. 212). O autor, a partir de um estudo realizado

com sujeitos jovens residentes na cidade de Fortaleza, estado do Ceará no nordeste do Brasil, aponta que como

> expressão do "Capitalismo gore" no Brasil contemporâneo, destacam-se as consequências do quadro de intensificação de conflitos territoriais e da violência armada nas periferias urbanas, notadamente o aumento de homicídios de adolescentes e jovens negros e pobres em periferias (BARROS, 2019, p. 213).

A partir da discussão feita neste primeiro capítulo, poderíamos considerar que um dos emblemas da política da morte, no caso brasileiro, é "a produção da figura do adolescente/jovem pobre e negro (in)visibilizado perversamente" (BARROS, 2019, p. 234) como potencial criminoso. Ocorre que a situação de violência expressa pela necropolítica, não é a única que torna a vida da pessoa jovem difícil, há ainda a situação da precariedade laboral a que muitos deles são submetidos.

Em uma perspectiva geracionista[9], Ferreira (2019) faz uma análise importante sobre como as gerações adultas veem as gerações jovens, sem que, por diversas vezes, percebam com o devido cuidado os contextos em que a juventude está imersa, o que gera rótulos que não são representativos da complexidade existente nas condições de vida juvenis. Tal análise está sustentada numa possível crise entre gerações a partir da forma como o mercado está organizado, levando em consideração os postos de trabalho disponíveis para os jovens e as relações de consumo. Segundo o autor, existe

> muita especulação, simplismo e exagero universalista, por vezes até contradição, nas afirmações que se fazem acerca da existência de supostas gerações e mudanças geracionais. São generalizações geralmente fundamentadas em estudos de mercado promovidos por grandes empresas orientadas para o marketing e para o business (FERREIRA, 2019, p. 35).

O foco da análise de Ferreira (2019) é a precariedade das condições laborais ofertadas aos e às jovens portugueses(as), que culmina numa estratégia neoliberal de culpabilizar e responsabilizar os sujeitos jovens pelo fracasso que, por vezes, têm de enfrentar no mercado de trabalho. Desse modo,

> a figura do "jovem empreendedor" e a imagem da "empregabilidade, cultivadas em larga escala pelas políticas públicas mais recentes no combate ao desemprego juvenil, são figuras prototípicas do neoliberalismo económico, que coloca no indivíduo o ónus da responsabilidade (e da culpabilidade) pela

[9] Para o autor em questão, o conceito de geração não se resume a uma faixa etária específica, mas "é assumido como uma realidade discursiva" (FERREIRA, 2019, p. 39).

> condição de desempregado e pela sua saída dessa condição desconsiderando os fatores estruturais que estão na base do acréscimo de jovens nessa situação (FERREIRA, 2019, p. 54).

A situação de precariedade laboral a que estão submetidas as pessoas jovens não se verifica apenas no caso português, aqui no Brasil também é perceptível essa situação, marcada por uma concepção neoliberal do capital, cenário que é agravado porque

> as condições de precariedade dos jovens não se fazem sentir apenas na sua inserção no mundo do trabalho, mas atingem uma dimensão muito mais ampla nas transições para a idade adulta, afetando outras dimensões das vidas juvenis em termos de (des)proteção social e de (in)dependência e, em última instância, de (in)segurança ontológica (FERREIRA, 2019, p. 56).

Por tudo isso, a segurança ontológica que pode ser definida como um sentimento de continuidade da identidade pessoal de cada sujeito, de estabilidade e ordenamento dos acontecimentos experimentados e de constância social e material, está ameaçada em decorrência da precariedade sentida nas inserções laborais dos e das jovens (FERREIRA, 2019).

Porém, não é apenas a precária situação de trabalho a que os e as jovens estão inseridos que coopera para a ameaça constante do sentido de segurança existencial e pessoal, ameaça que contamina as perspectivas de futuro dessas pessoas, também a necropolítica, entendida como manifestação da violência estrutural capitalista na atualidade, com suas práticas de criar inimigos socais, na maioria das vezes pobres e negros, para serem eliminados e/ou invisibilizados e a negação do direito de acesso e permanência com qualidade na Educação Básica brasileira contribuem para a construção e manutenção de um cenário de vida que coloca os jovens em situação de insegurança ontológica.

Considerar toda a complexidade em torno da condição juvenil é o que, em nosso entendimento, possibilita o avanço de uma dialética da juventude, a partir da compreensão do jovem como sujeito social. Essa complexidade, como discutido neste capítulo, está incrustrada na negação da igualdade de condições do acesso à qualidade da educação, ainda pautada, sobretudo, pelo princípio da equidade no acesso, se distanciando da igualdade na aquisição do saber; as condições violentas a que esses jovens estão submetidos devido a um contexto de vida que os excluem das políticas públicas que lhes deveriam garantir o direito a vida; e, com consequência, a invisibilização desses sujeitos,

já caracterizados discursivamente como um dos grandes problemas da sociedade, por serem, eles mesmos, os sujeitos violentos, contraventores e incapazes de aprender. Essa é a base conceitual que guiou nossa pesquisa e que alicerçará nossa discussão nas próximas seções.

Seguindo nesse percurso, no próximo capítulo apresentamos os espaços onde foi realizada a etapa de campo, a metodologia e o perfil dos participantes da pesquisa

SEGUNDO CAPÍTULO

O PERCURSO DA PESQUISA: ESPAÇOS, METODOLOGIAS E PARTICIPANTES

Neste segundo capítulo nos dedicaremos à apresentação e justificativa da escolha dos espaços onde a etapa de campo da pesquisa foi desenvolvida, também apresentaremos e explicaremos as metodologias utilizadas para a coleta dos dados e, por fim, o perfil dos educandos e educandas com quem conversamos.

2.1 Os espaços da pesquisa

Aparecida de Goiânia é a segunda maior cidade do estado de Goiás, com população estimada em 601.844 pessoas, com Índice de Desenvolvimento Humano Municipal de 0.718, registrado em 2010. O PIB per capita, em 2018, era de R$ 23.439,72 e a cobertura de escolarização para a população entre 6 e 14 anos, verificada em 2010, era de 95,3%.[10] É uma das cidades que compõem a região metropolitana de Goiânia, capital do estado, o que, no passado, lhe dava a função de cidade dormitório. Atualmente Aparecida de Goiânia possui economia pujante, movimentada por polos industriais, e, por isso, não é mais majoritariamente habitada por pessoas que trabalham durante o dia na capital e vão para suas casas apenas para dormir.

A proximidade geográfica com a capital Goiânia, pode ser um dos motivadores para que Aparecida de Goiânia seja uma das cidades mais violentas do estado de Goiás, ocupando a 6ª posição estadual de acordo com o *Mapa da Violência 2016*[11]. Análises mais atualizadas mostram que os índices de violência no município o colocam numa situação de destaque negativo no cenário nacional, pois o *Atlas da Violência 2018*[12] aponta a cidade, dentro do grupo das 309 cidades brasileiras com mais de 100 mil habitantes, com taxa de homicídios e mortes violentas por causas indeterminadas superior a 60%.

Conforme o *Atlas da Violência 2018*, são quatro cidades goianas que aparecem na tabela de 123 municípios brasileiros com mais de 100 mil habitantes e que são

[10] Dados consultados em: https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/go/aparecida-de-goiania.html
[11] Dados consultados em: http://www.mapadaviolencia.org.br/mapa2016_armas.php
[12] Dados consultados em: https://www.ipea.gov.br/portal/index.php?option=com_content&view=article&id=33410&Itemid=432

responsáveis por 50% das mortes violentas no país. No ranking goiano, Aparecida de Goiânia ocupa a segunda posição com taxa de 61,6, estando à frente da capital do Estado, Goiânia, que tem índice de 43,1. Dessa maneira, no Estado de Goiás e considerando apenas as cidades com mais de 100 mil habitantes, Aparecida de Goiânia só não supera o número de homicídios e mortes violentas por causas indeterminadas observado na cidade de Luziânia que tem índice de 84,8.

Este cenário de taxas elevadas de violência, expressas por alto índice de homicídios, articulado à observação, a princípio empírica, por conta da prática docente do pesquisador em escolas municipais, de que muitos educandos e educandas maiores de 15 anos estavam matriculados ainda no Ensino Fundamental, constituiu a cidade de Aparecida de Goiânia como lugar privilegiado para o estudo das percepções de jovens com histórico de reprovação escolar sobre a relação entre escola e violência.

Na Rede Municipal de Educação de Aparecida de Goiânia, em um universo de sessenta e uma escolas, quatro instituições ofertam toda a Segunda Fase do Ensino Fundamental (6º ao 9º ano), tal oferta se dá no turno matutino. Apenas uma escola municipal em Aparecida de Goiânia tem atendimento no turno noturno em que oferta a modalidade de Educação de Jovens e Adultos (EJA) referente à Primeira Fase do Ensino Fundamental[13]. Além das escolas públicas municipais, a cidade conta com oferta de vagas para o Ensino Fundamental e Ensino Médio, inclusive na modalidade de Jovens e Adultos, em escolas públicas estaduais, porém estamos focando a descrição na realidade da Rede Municipal por ter sido a em que desenvolvemos a etapa de campo da pesquisa.

De acordo com os resultados do *Censo Escolar 2020*[14], os Indicadores Educacionais de Taxas de Distorção Idade-Série por Municípios brasileiros mostram que em Aparecida de Goiânia, na dependência administrativa municipal, nos anos iniciais houve uma média de 6,7% de distorção idade-série verificada e nos anos finais a média foi de 27,6%.

À medida que vão avançando os anos escolares, a taxa de distorção idade-série também aumenta. A média observada nas turmas de 5º ano foi de 12,6% e saltou para 22,6% nas turmas de 6º ano, para 29,0% nas turmas de 7º ano, atingindo 33,2% nas turmas de 8º ano e 30,5% nas turmas de 9º ano. Esses resultados disponíveis no *Censo Escolar*

[13] Dados obtidos a partir do desenvolvimento da função de Analista Educacional da Secretaria Municipal de Educação – SME/Aparecida de Goiânia no período de fevereiro de 2015 a junho de 2016.
[14] Dados consultados em: : https://www.gov.br/inep/pt-br/acesso-a-informacao/dados-abertos/indicadores-educacionais/taxas-de-distorcao-idade-serie

2020 comprovam o que era impressão a partir do exercício da docência em escolas municipais da cidade de Aparecida de Goiânia, que há um índice considerável de educandos e educandas com distorção idade-série matriculados nas escolas do município na Segunda Fase do Ensino Fundamental.

Fizemos a opção metodológica de dialogar com jovens de 15 anos ou mais matriculados em turmas de 9º ano. Sendo assim, nosso campo de pesquisa foi constituído pelas quatro escolas municipais de Aparecida de Goiânia que ofertam todo o Ensino Fundamental. Essa escolha se deu por entendermos que nessas turmas haveria um maior número de educandos e educandas que já tivessem atingindo a idade mínima necessária para serem considerados legalmente jovens, conforme preconizado pelo Estatuto da Juventude e pela opção dessa tese, apresentada no primeiro capítulo, sobre como conceituar juventude.

A decisão por dialogar apenas com educandos e educandas maiores de 15 anos foi tomada também por ser a idade em que a pessoa que avança na escolaridade sem nenhuma reprovação escolar, e que ingressou no Ensino Fundamental com 6 anos, entraria no Ensino Médio. Assim, os a as jovens com quem dialogamos são pessoas que já poderiam estar cursando o Ensino Médio e que, por conta de distorção idade-série de pelo menos um ano, ainda não haviam conseguido sair do Ensino Fundamental.

Nas quatro escolas que constituíram nosso campo de pesquisa fizemos, pelo menos, duas visitas. A primeira visita visou solicitar a autorização da pessoa responsável pela gestão da unidade para que pudéssemos conversar com nosso público de participantes pretendido, fazer junto à coordenação pedagógica o levantamento de quantos educandos e educandas seriam potenciais participantes e já convidá-los(as), dando-lhes explicações sobre como seria a participação na pesquisa. Nessa primeira conversa com os potenciais participantes, pedimos para os e as menores de idade que demonstraram interesse em participar/colaborar que assinassem o termo de assentimento livre e esclarecido e aos(às) maiores de idade que assinassem o termo de consentimento livre e esclarecido.

Na segunda visita, recolhemos os termos de consentimento livre esclarecido assinados pelos(as) responsáveis dos e das participantes/colaboradores menores de idade, em seguida realizamos a roda de conversa e, por fim, propúnhamos que respondessem um questionário composto de trinta e seis questões. Em uma única dessas escolas foi necessária uma visita também para realização de duas entrevistas.

A primeira instituição visitada foi a Escola Municipal “Conhecimento”, tendo a primeira visita sido realizada no dia 22 de novembro de 2019. Esta escola possuía 120 educandos e educandas matriculados(as) nas quatro turmas de 9º ano, dos quais 97 deles(as) tinham 15 anos ou mais. Desses 97, estavam presentes na escola, no dia da primeira visita, 41. Apresentamos e explicamos a pesquisa para eles(as) e 19 quiseram assinar os termos de assentimento e levar para casa os termos de consentimento para a assinatura dos(as) responsáveis. No dia 27 de novembro, retornamos à escola para a realização da roda de conversa e resposta aos questionários. Dos 19 que se interessaram em participar/colaborar, 6 estavam presentes nessa segunda visita e com os termos de consentimento assinados por algum(a) responsável. Esta escola foi a única em que fizemos uma terceira visita no dia 04 de dezembro para realizar duas entrevistas, uma com um dos educandos que participou da roda de conversa e outra com uma educanda que também participou da roda de conversa. Optamos por realizar essas duas entrevistas, pois tanto o educando quanto a educanda apresentaram elementos em suas falas durante a roda de conversa que mereceram maior exploração para adequado entendimento e análise.

A segunda instituição visitada foi a Escola Municipal “Sabedoria”, tendo a primeira visita sido realizada no dia 29 de janeiro de 2020. Nesta escola não conseguimos ter acesso a dados do sistema interno que nos mostrasse o total de educandos e educandas matriculados(as) nas três turmas de 9º ano e nem quantos deles(as) tinham 15 anos ou mais. Acompanhados de uma assistente da coordenação pedagógica, fomos nas três turmas e perguntamos em cada uma se alguém tinha 15 anos ou mais e encontramos apenas 3 educandos que assinaram os termos de assentimento e levaram para casa os termos de consentimento. No dia 03 de fevereiro, fizemos a segunda visita, porém nenhum dos 3 educandos que assinaram os termos de assentimento na primeira visita estava presente nesse dia em que havíamos combinado de realizar a roda de conversa. Aproveitamos, então, a segunda visita para passar novamente em cada uma das 3 turmas de 9º ano e convidar e explicar mais uma vez sobre a pesquisa, dessa vez assinaram os termos de assentimento e levaram para casa os termos de consentimento um educando e uma educanda. Também nessa segunda visita pedimos a ajuda da gestora da escola para falar com os e as responsáveis dos educandos e educandas que tinham perfil para participar da roda de conversa. A terceira visita nessa escola foi no dia 18 de fevereiro e realizamos a roda de conversa com 4 educandos, os três que haviam assinado o termo de assentimento na primeira visita e o que assinou o termo de assentimento na segunda visita.

A terceira instituição visitada foi a Escola Municipal “Experiência”, tendo a primeira visita sido realizada no dia 06 de fevereiro de 2020. Esta escola possuía 149 educandos e educandas matriculados(as) nas quatro turmas de 9º ano, dos quais 62 deles(as) tinham 15 anos ou mais. Desses 62, estavam presentes na escola, no dia da primeira visita, 33. Apresentamos e explicamos a pesquisa para eles(as) e os 33 quiseram assinar os termos de assentimento e levar para casa os termos de consentimento para a assinatura dos(as) responsáveis. No dia 19 de fevereiro, retornamos à escola para a realização da roda de conversa e resposta aos questionários. Como nesta escola foi alto o número de educandos e educandas que se interessaram em participar/colaborar com a pesquisa, cogitamos realizar duas rodas de conversa, para não comprometer a metodologia, isso, caso o número de educandos e educandas com termos de consentimento assinado pelos(as) responsáveis fosse maior que 20, porém dos 33 que se interessaram em participar/colaborar, 20 estavam presentes nessa segunda visita e com os termos de consentimentos assinados por algum(a) responsável, sendo possível a realização de apenas uma roda com todos eles e elas.

A quarta e última instituição visitada foi a Escola Municipal “Pensamento”, tendo a primeira visita sido realizada no dia 03 de março de 2020. Esta escola possuía 132 educandos e educandas matriculados(as) nas três turmas de 9º ano, dos quais 42 deles(as) tinham 15 anos ou mais. Desses 42, estavam presentes na escola, no dia da primeira visita, 14. Apresentamos e explicamos a pesquisa para eles(as) e os 14 quiseram assinar os termos de assentimento e levar para casa os termos de consentimento para a assinatura dos(as) responsáveis. No dia 05 de março, retornamos à escola para a realização da roda de conversa e resposta aos questionários. Dos 14 que se interessaram em participar/colaborar, 06 estavam presentes nessa segunda visita, com os termos de consentimento assinados por algum(a) responsável, participaram da roda de conversa e responderam ao questionário. Nesta última escola, combinamos de retornar para uma terceira visita em que seriam feitas entrevistas com um educando e uma educanda, porém não foi possível por conta da suspensão das atividades presenciais em decorrência das medidas de combate à pandemia causada pelo “Novo Coronavírus”, mencionada na Introdução desta tese.

Não foi tarefa fácil convencer os educandos e educandas com 15 anos ou mais matriculados nas turmas de 9º ano das escolas pesquisadas colaborarem com a pesquisa participando das rodas de conversa e respondendo aos questionários. Muitos explicaram que os(as) responsáveis ficaram com medo de autorizar a participação deles e delas. Para

evitar constrangimentos aos e as jovens, não buscamos uma maior compreensão desse "medo", mas pela experiência deste pesquisador no ambiente da escola pública, posso inferir que se trate de um medo relacionado a exposição dessa família, como se a pesquisa pudesse gerar algum tipo de julgamento culpabilizando a família pela situação de distorção da idade-série do aluno.

Outra dificuldade encontrada diz respeito as faltas desses educandos e educandas, muitos e muitas estavam presentes no dia de realização das rodas, mas estavam ausentes no dia da assinatura dos termos de assentimento e distribuição dos termos de consentimento, sem esses documentos não podíamos permitir a participação. Foram dificuldades que havíamos previsto por estarmos desenvolvendo pesquisa de campo envolvendo menores de idade e, justamente, por isso, organizamos visitas anteriores a cada escola antes da visita para realização das rodas de conversa e, ainda assim, tivemos que, algumas vezes, reorganizar o percurso, alterando a data de realização da roda e fazendo visitas extras para explicar sobre a pesquisa, para garantir que nenhuma das quatro escolas ficasse de fora do estudo.

O desencontro com muitos dos educandos e educandas com perfil adequado para participarem das rodas de conversa é revelador da irregularidade de frequência escolar deles e delas, o que nos faz supor que educandos e educandas maiores de 15 anos e com histórico de reprovação escolar têm mais dificuldades em estarem presentes regularmente no ambiente escolar.

2.2 As rodas de conversa como metodologia de coleta de dados

Diante da intenção que tínhamos de colaborar para o desenvolvimento de uma sociologia da juventude, foi necessário pensar sobre qual metodologia de coleta de dados nos possibilitaria desenvolver a etapa de campo da pesquisa numa abordagem dialética, que nos possibilitaria apreender as contradições presentes nas materialidades vivenciadas pelos(as) participantes.

A forma que encontramos para conseguir superar o desafio metodológico, foi optando pela utilização de rodas de conversa, pois trata-se de recurso metodológico científico que se caracteriza por possibilitar a compreensão da escuta, uma vez que

permite que os e as participantes expressem suas narrativas sobre o tema proposto (ALVES, 2018).

Dessa forma, a escolha da utilização das rodas de conversa como técnica de coleta de dados se justifica pelo fato de que "se tornaram canais responsáveis por trazer à tona as vozes, as expressões e os gestos dos jovens e colocá-los em cena [...] contribuindo para a quebra de estigmas e preconceitos" (SILVA; NETA, 2010, p. 55).

Assim, corroboramos com a defesa de Alves de que o uso das rodas de conversa é "um instrumento capaz de possibilitar a escuta dos jovens, sem direcionar a sua narrativa, bem como de não lhes atribuir narrativas que não foram por eles produzidas" (ALVES, 2018, p. 437).

Escolhemos esse procedimento metodológico por acreditarmos que nos possibilitaria ouvir os e as jovens, valorizar suas narrativas, o que eles e elas têm a dizer e compreender suas realidades a partir de suas próprias falas, com o objetivo de permitir uma aproximação com a realidade deles e delas e suas visões de mundo. Dessa forma, atribuímos às rodas de conversa, como técnica de coleta de dados, a potencialidade que as mesmas possuem de intervir na realidade da população jovem e a possibilidade de eles e elas virem a se reconhecer como sujeitos sociais com direitos (ALVES; MONTEAGUDO, 2019).

Com a utilização deste recurso, pudemos conhecer a opinião e a visão dos e das participantes/colaboradores(as) da pesquisa acerca de sua própria situação escolar, pois com as rodas de conversa ocorre uma aproximação dos pesquisadores com as pessoas da investigação.

Nossa intenção, ao utilizar essa técnica, foi de que os e as jovens participantes da pesquisa se sentissem parte do processo de construção dos resultados do trabalho, não queríamos apenas indicar que a distorção idade/série contribui para o envolvimento das juventudes com a violência, o que poderia ser feito por meio de pesquisa documental, em fontes primárias, por exemplo. Queríamos ouvir o que os e as jovens pensam a respeito disso, bem como depreender quais são as opiniões deles e delas sobre a forma como a educação escolar em Aparecida de Goiânia estava organizada e a implicação dessa organização para suas vidas, especialmente referente ao envolvimento dos(as) mesmos(as) com a violência.

E tudo isso foi realmente possível, pois "as rodas de conversa podem contribuir tanto como uma narrativa potente para a escola quanto para os sujeitos que se encontram

nesse universo, uma vez que nos permite, ouvindo suas vozes, repensar o fazer escolar" (ALVES; MONTEAGUDO, 2019).

2.2.1 Planejamento e desenvolvimento das rodas de conversa

Alguns passos são necessários de serem seguidos para que a utilização da roda de conversa possua o rigor adequado ao desenvolvimento de uma pesquisa científica. O primeiro deles é o planejamento/elaboração de um roteiro que norteie o desenvolvimento das conversas. Tal roteiro deve contemplar assuntos em torno do tema que está sendo pesquisado, em nosso caso, *as relações entre distorção idade-série e envolvimento com a violência por parte de educandos e educandas maiores de 15 anos matriculados no 9º ano do Ensino Fundamental*.

Ao se pensar na composição do roteiro para uma roda de conversa, além da necessidade de se considerar o tema a ser investigado, é preciso eleger recursos a serem utilizados que despertarão o interesse dos e das participantes em falarem sobre os assuntos abordados. Para a realização das rodas de conversa dessa pesquisa, optamos por utilizar, como recursos motivadores das falas, uma música e algumas charges, que podem ser consultadas no Apêndice I desta tese.

O segundo passo necessário para que a realização da roda possua rigor metodológico, é preparar a pessoa que irá mediar a conversa. No caso desta pesquisa, contamos com a colaboração de um jovem chamado Carlos Eduardo, membro do *Cajueiro – Centro de Formação da Juventude*, que em 2019 estava finalizando o Ensino Médio. Para que os e as participantes da roda fiquem mais à vontade para conversarem e responderem as questões norteadoras, é importante que a pessoa que vai fazer a mediação da roda tenha idade o mais próximo possível dos e das participantes. A preparação do jovem colaborador/mediador das rodas foi feita em um encontro em que apresentamos a ele o tema e objetivos da pesquisa e o roteiro elaborado para nortear a realização das rodas de conversa.

Além de uma pessoa para mediar, é importante que se tenha mais outras duas pessoas, uma para gravar o momento de realização das rodas, no caso desta pesquisa optamos pela gravação em vídeo, e uma terceira pessoa para fazer o registro escrito. Nas rodas de conversa que realizamos, a gravação do vídeo foi feita pelo pesquisador e os registros escritos foram feitos pela professora orientadora da pesquisa.

Tanto a pessoa que faz a gravação como a que faz os registros escritos devem ser discretos em sua participação, durante a realização da roda, de modo que apenas a pessoa responsável pela condução da conversa é que interaja com os e as participantes. É necessário que a pessoa que esteja fazendo a mediação fique a todo momento atenta e motive que todos e todas façam uso da fala.

No caso desta pesquisa, os dados obtidos com a realização das rodas de conversa podem ser divididos em dois blocos: o primeiro refere-se especificamente ao momento da execução do roteiro elaborado; e o segundo trata-se de continuação da conversa com intervenções feitas pelo pesquisador e pela professora orientadora a partir de falas que lhes chamaram a atenção durante a observação da execução do primeiro bloco. O limite entre um bloco e outro pode ser facilmente percebido nas transcrições das rodas de conversa disponíveis integralmente nos Apêndices desta tese.

Como já foi mencionado na primeira subseção deste capítulo, na primeira escola em que realizamos roda de conversa, fizemos também duas entrevistas individuais, semiestruturadas, motivadas por falas feitas na roda de conversa em que o entrevistado e a entrevistada participaram. Ambas as entrevistas foram conduzidas pelo pesquisador e pela professora orientadora, gravadas em áudio e realizadas separadamente – as transcrições dessas entrevistas também podem ser consultadas na íntegra nos Apêndices III e IV desta tese, respectivamente.

Todos os dados, tanto os vídeos das rodas de conversa quanto os áudios das entrevistas, foram transcritos integralmente e estão disponíveis nos Apêndices desta tese. Alguns trechos são analisados no próximo capítulo. Além do material gerado a partir da realização das rodas de conversa e entrevistas, temos também as respostas que os e as participantes deram ao questionário que propomos que fosse respondido ao final de cada conversa. Na subseção seguinte, apresentamos o perfil dos e das jovens participantes da pesquisa por meio das respostas dadas aos itens do questionário.

2.3 Perfil dos e das jovens participantes da pesquisa

Para elaboração do perfil dos e das participantes desta pesquisa, utilizamos as respostas que deram ao questionário respondido ao final de cada roda de conversa realizada. Assim, está organizado por meio da apresentação de 35 quadros gerados a partir

das respostas dadas aos 36 itens do questionário já mencionado. A cada bloco de itens e respostas dadas pelos(as) participantes, fizemos alguns apontamentos e os relacionamos às teorias discutidas no capítulo anterior e que embasam esta tese, processo que terá continuação no próximo capítulo, quando da apresentação e análise de alguns dos discursos dos e das jovens.

Conforme pode ser observado nas respostas expressas nos primeiros cinco quadros, do total de 36 jovens que participaram das quatro rodas de conversa, a maioria é do sexo masculino, possui 15 e 16 anos de idade, se autodeclara parda e preta, mora em Aparecida de Goiânia e nunca morou em outra cidade antes.

Quadro 1 – Sexo dos e das participantes		
Masculino	Feminino	Total
22	14	36

Fonte: Dados obtidos pelo próprio autor.

Quadro 2 – Idade dos e das participantes				
15	16	17	19	Não Respondeu
19	10	5	1	1

Fonte: Dados obtidos pelo próprio autor.

Quadro 3 - Etnia/raça[15] dos e das participantes					
Branca	Preta	Parda	Amarela	Indígena	Não Respondeu
6	8	13	3	4	2

Fonte: Dados obtidos pelo próprio autor.

Quadro 4 – Cidade em que moram os e as participantes		
Aparecida de Goiânia	Goiânia	Não Respondeu
27	8	1

Fonte: Dados obtidos pelo próprio autor.

Quadro 5 – Histórico de mudança de cidades entre os e as participantes	
Sim	Não
15	21

Fonte: Dados obtidos pelo próprio autor.

[15] Conforme classificação utilizada pelo IBGE.

Dos e das 15 participantes que responderam, no questionário, ter morado em outra cidade antes de Aparecida de Goiânia, a maioria não informou o nome da/das cidade/s anterior/es e, os e as que informaram revelaram ter, predominantemente, origem nortista e nordestina, conforme pode ser verificado no quadro abaixo.

Quadro 6 – Cidades em que os e as participantes moraram antes de Aparecida de Goiânia	
Aracaju/SE.	1
Guarulhos/SP	1
Xambioá/TO	2
Xinguara/PA	1
Capinzal do Norte/MA	1
Ceres/GO	1
Uberlândia/MG	1
Santa Clara/MA	1
Não respondeu.	6

Fonte: Dados obtidos pelo próprio autor.

Sobre a origem de seus pais, a maioria respondeu, no questionário, que nasceram no Estado de Goiás e chamou a atenção o grande número de educandos e educandas que responderam não saber o Estado em que a mãe ou o pai nasceu.

Quadro 7 – Estado do Brasil de origem dos pais dos e das participantes	
Mãe	Pai
Goiás: 8	Goiás: 7
Distrito Federal: 2	Distrito Federal: 1
Alagoas: 0	Alagoas: 1
São Paulo: 0	São Paulo: 1
Bahia: 2	Bahia: 2
Minas Gerais: 1	Minas Gerais: 1
Tocantins: 4	Tocantins: 4
Maranhão: 4	Maranhão: 3
Sergipe: 0	Sergipe: 1
Pará: 6	Pará: 6
Piauí: 1	Piauí: 0
Não sabe: 8	Não sabe: 9

Fonte: Dados obtidos pelo próprio autor.

Sobre ocupação profissional, a maioria respondeu que não estava trabalhando, o que pode indicar que em algum momento da vida já tiveram atividade profissional, pois havia no questionário também a opção em que poderiam dizer nunca terem trabalhado. Dos que responderam que estavam trabalhando, apenas um disse ter registro na carteira de trabalho e a maioria tem remuneração entre R$ 120,00 e R$ 500,00 por mês, dados que mostram que, na realidade dos e das jovens com quem conversamos, a precariedade laboral, indicada no primeiro capítulo como um dos elementos, ao lado das expressões diversificadas de violência na sociedade, que colaboram para o estabelecimento de insegurança ontológica.

Quadro 8 – Experiência de trabalho remunerado dos e das participantes		
Sim	Não	Nunca trabalhou
12	17	7

Fonte: Dados obtidos pelo próprio autor.

Quadro 9 – Tipo de registro do trabalho e valor da remuneração dos e das participantes				
Com carteira assinada			Sem carteira	
1			11	
Qual salário?				
Até R$ 120	De R$ 120 a R$ 500	De R$ 500 a R$ 1000	De R$ 1000 a R$ 1500	Não respondeu
1	5	4	1	1

Fonte: Dados obtidos pelo próprio autor.

A maior parte dos e das participantes informaram que a renda familiar varia de um a dois salários mínimos, que as mães são as chefes das famílias e que moram em imóveis próprios. Sobre a informação referente ao tipo de moradia, pode ter havido algum desentendimento por parte dos e das participantes sobre a diferença entre imóvel próprio e financiado, já que nenhum dele(as) disse morar em casa financiada.

Quadro 10 - Renda familiar dos e das participantes				
Menos de 1 salário	De 1 a 2 salários	De 2 a 4 salários	Mais de 5 salários	Não respondeu
7	18	8	0	3

Fonte: Dados obtidos pelo próprio autor.

Quadro 11 - Pessoa que desempenha o papel de chefe da casa dos e das participantes			
Mãe	Pai	Você	Outra Pessoa
15	13	1	7

Fonte: Dados obtidos pelo próprio autor.

Quadro 12 – Tipo de casa em que mora os e as participantes			
Alugada	Cedida	Própria	Financiada
14	2	20	0

Fonte: Dados obtidos pelo próprio autor.

Ao serem questionados sobre com quem moram, a maioria disse morar com a mãe e o pai, dado que não comprova a representação social de que, numa perspectiva de formação tradicional, as famílias de educandos e educandas de escolas públicas localizadas em áreas urbanas periféricas são, em sua maioria, desestruturadas, aspecto sobre o qual, muitas vezes, recaem as justificativas para o não aproveitamento adequado da experiência escolar.

Quadro 13 – Pessoas com quem moram os e as participantes							
Mãe e Pai Madrasta/Padrasto	Mãe	Pai	Avó/Avô	Outro Parente	Amigos	Sozinho/a	Companheiro/a
23	5	2	4	2	0	0	3

Fonte: Dados obtidos pelo próprio autor.

Quanto ao acesso à internet, foram quase unânimes em afirmarem que possuem, sendo que a maior parte disse acessar pelo aparelho celular, que o faz diariamente e em casa.

Quadro 14 - Acesso à internet dos e das participantes	
Sim	Não
35	1

Fonte: Dados obtidos pelo próprio autor.

Quadro 15 – Modo e frequência de acesso à internet dos e das participantes				
Celular	Computador	Televisão	Videogame	Não Respondeu
26	5	7	1	9
Diário	Semanal	De vez em quando		
24	3	9		

Fonte: Dados obtidos pelo próprio autor.

Quadro 16 – Local onde os e as participantes acessam internet				
Tem acesso em casa	Na casa de amigos/as	Acessa em *Lan house*	No serviço	Outro
33	3	1		2

Fonte: Dados obtidos pelo próprio autor.

Os três próximos quadros são referentes à sensação dos e das participantes de já terem se sentido desrespeitados(as) no ambiente escolar. Foi alto o índice de participantes que responderam que o que os fazem mais se sentirem desrespeitados na escola é o fato de professores e professoras não se preocuparem em ministrar boas aulas, dado que desmonta a representação social de que os e as jovens não têm interesse pelo conhecimento escolar e que indicam uma comprovação de que não esteja havendo preocupação, por parte das equipes docentes, com a qualidade da permanência escolar.

Quadro 17 – Sentimento de desrespeito sofrido no ambiente escolar	
Sim	Não
28	8

Fonte: Dados obtidos pelo próprio autor.

Quadro 18 – Pessoas pelas quais os e as participantes se sentiram desrespeitados(as) no ambiente escolar			
Por colegas	Por professores	Pela direção	Por funcionários/as
21	13	6	2

Fonte: Dados obtidos pelo próprio autor.

Quadro 19 – Impressão dos e das participantes sobre o que mais acham desrespeitoso na escola		
Conteúdos fora da realidade dos alunos	5	
Professores/as que não se preocupam em dar boas aulas	19	
Alunos/as que faltam ou conversam nas aulas	11	
Outros. Quais?	1	“A forma como nos tratam”

Fonte: Dados obtidos pelo próprio autor.

Apesar de a maioria ter respondido que o fato de professores(as) não darem boas aulas é o que os fazem se sentirem mais desrespeitados na escola, quando foram questionados sobre as pessoas que praticam o desrespeito a que os e as participantes já foram submetidos no ambiente escolar, 21, dos e das 28 que disseram já terem se sentido desrespeitados, atribuíram a colegas e não aos professores(as) a responsabilidade da sensação.

Quanto ao grau de escolaridade das mães e dos pais dos e das participantes, chamou atenção o fato de, mesmo tendo sido consideradas como chefes da maioria das famílias, as mães possuírem menos tempo de escolaridade que os pais. Foi também considerável o alto número de participantes que disseram não saber sobre o nível de escolaridade dos pais, dado que indica um provável distanciamento ou inexistência de relação paternal.

Quadro 20 - Grau de estudo das mães e dos pais dos e das participantes	
Mãe:	
Analfabeta	2
Ensino fundamental incompleto	17
Ensino fundamental completo	4
Ensino médio incompleto	6
Ensino médio completo	2
Ensino superior incompleto	2
Ensino superior completo	2
Não respondeu	1
Pai:	
Analfabeto	4
Ensino fundamental incompleto	11
Ensino fundamental completo	5
Ensino médio incompleto	1
Ensino médio completo	5
Ensino superior incompleto	2
Ensino superior completo	0
Não respondeu	8

Fonte: Dados obtidos pelo próprio autor.

Quanto aos espaços que costumam frequentar, a maioria respondeu que frequentava feiras e shoppings. Apenas 8 dos e das participantes responderam que frequentavam bares, porém quando questionados sobre o consumo que fazem de algum tipo de entorpecente, a maioria que disse usar, se referiu a bebidas alcóolicas.

Quadro 21 – Espaços de lazer que os e as participantes frequentam	
Shopping	20
Praças	17
Feiras	24
Bares	8
Bailes	7
Campo de futebol	17
Alguma outra área de esporte	9
Não respondeu	1

Fonte: Dados obtidos pelo próprio autor.

Quadro 22 - Uso de drogas lícitas e ilícitas pelos(as) participantes	
Maconha	8
Crack	0
Êxtase	2
Cocaína	0
Fumo	6
Remédio controlado	3
Energético	15
“Bomba”	0
Cerveja	14
Pinga, wisk (destilado)	16
Outro	0
Não respondeu	11

Fonte: Dados obtidos pelo próprio autor.

Dos e das 26 participantes que responderam já terem sido abordados pela polícia, 11 responderam que foram agredidos nessas abordagens, o que indica uma prática de violência institucionalizada nas vivências juvenis.

Quadro 23 – Experiência de abordagem pela polícia	
Sim	Não
26	10

Fonte: Dados obtidos pelo próprio autor.

Quadro 24 – Experiência de agressão pela polícia		
Sim	Não	Não respondeu
11	23	2

Fonte: Dados obtidos pelo próprio autor.

Quanto ao envolvimento em brigas, 22, dos e das 36 participantes, disseram já terem se envolvido em alguma.

Quadro 25 – Experiência de envolvimento em brigas		
Sim	**Não**	**Não respondeu**
22	11	3

Fonte: Dados obtidos pelo próprio autor.

Em relação a já terem sido assaltados(as), quase metade do total de participantes disse ter vivido tal experiência e que o(a) assaltante estava portando algum tipo de arma. Quanto à situação de terem sido assaltados em que a pessoa autora do ato estava desarmada, apenas 13 dos e das participantes responderam ter experienciado essa prática violenta.

Quadro 26 – Experiência de assalto em que o/a assaltante estava portando arma		
Sim	Não	Não respondeu
17	18	1

Fonte: Dados obtidos pelo próprio autor.

Quadro 27 – Experiência de ter sido roubando sem que o autor do roubo estivesse portando arma		
Sim	Não	Não respondeu
13	20	3

Fonte: Dados obtidos pelo próprio autor.

Quando consideramos as respostas mostradas nos quadros 24, 25, 26 e 27, é possível dizer que os e as jovens participantes desta pesquisa, costumeiramente, estão envolvidos em situação de violência, ora como vítimas, como no caso das agressões sofridas nas abordagens policiais e nas ocasiões em que foram assaltados(as) em situações em que os(as) assaltantes estavam ou não portando alguma arma, ora como autores(a) da violência, nas ocasiões em que se envolveram em brigas.

Sobre já terem presenciado atos de violência em que não necessariamente estivessem envolvidos na situação, as respostas mostradas nos quadros 28 e 39 demonstram que as casas onde moram os e as participantes são ambientes menos violentos que as escolas onde estudam.

Quadro 28 – Experiência de já ter presenciado atos de violência na casa onde mora		
Sim	Não	Não respondeu
11	24	1

Fonte: Dados obtidos pelo próprio autor.

Quadro 29 – Experiência de já ter presenciado algum ato violento na escola onde estuda	
Sim	Não
28	8

Fonte: Dados obtidos pelo próprio autor.

Ao descreverem as situações de violência que já presenciaram no ambiente escolar, a agressão entre colegas foi o que predominou.

Quadro 30 – Tipos de violências presenciadas no ambiente escolar	
Colegas se agrediram	19
Um menino queria matar todo mundo na escola	1
Desrespeito de professor com aluno	2
Briga entre professores	1
Briga entre funcionários	1
Não descreveu.	6

Fonte: Dados obtidos pelo próprio autor.

Quanto à prática mais diversificada de violência, quase metade dos e das participantes respondeu ter cometido alguma vez, conforme indicado nos quadros 31 e 32.

Quadro 31 – Prática de alguma violência durante a vida	
Sim	**Não**
17	19

Fonte: Dados obtidos pelo próprio autor.

Quadro 32 – Tipos de violências já praticadas pelos(as) participantes	
Cortei os pulsos de uma amiga	1
Quase rasguei o nariz de uma menina na porta de uma escola	1
Bati em um colega	1
Paulada e murro	1
Murros e chutes	1
Briga	9
Briga com faca	1
Estrangulei um animal de estimação, mas ele continua vivo	1
Não respondeu	1

Fonte: Dados obtidos pelo próprio autor.

O fato de o número de participantes, 17, que respondeu que já praticou alguma violência ter sido menor que o número de participantes que disse já ter se envolvido em brigas, 22, pode indicar que as situações de conflitos com presença de algum tipo de

agressão física entre colegas são tão corriqueiras que não as percebem como expressões de violência. Também o fato de apenas 9 dos e das participantes que responderam já terem praticado alguma violência, ter descrito que foi brigando, reafirma a briga numa categoria de violência que pode ser comum ao ponto de não mais os(as) impressionar.

O próximo item do questionário indica o que pensam os e as jovens participantes da pesquisa sobre a relação entre estarem estudando e a influência disso para a diminuição da prática de violência.

Quadro 33 – Opinião sobre a matricula escolar impedir a praticar violência		
Sim	Não	Não respondeu
11	24	1

Fonte: Dados obtidos pelo próprio autor.

O fato de a maioria dos e das participantes terem dito que já presenciaram atos violentos na escola, conforme indicado pelas respostas mostradas no quadro 29, pode explicar o porquê de mais da metade deles e delas não acreditarem que estar estudando os(as) impede de praticar violência, já que, geralmente, na vivência deles(as), o lugar onde mais presenciam violência é na própria escola.

As respostas mostradas nos dois últimos quadros indicam o que os e as participantes pensam sobre os motivos que eles e elas percebem como causadores de suas reprovações escolares.

Quadro 34 – Número de vezes que precisou repetir o ano escolar				
Uma vez	Duas vezes	Três vezes	Mais de três vezes	Não respondeu
18	12	2	3	1

Fonte: Dados obtidos pelo próprio autor.

Quadro 35 – Motivos que levaram às reprovações de ano escolar	
Mudei de escola	3
Falta de vagas	1
A escola era longe de casa	1
Depressão	1
Parei de estudar por estar doente	1
Expulsão por causa de briga	1
Expulsão	1
Porque minha mãe não tinha dinheiro para comprar os materiais	1
Não gostava de estudar	2
Faltas	8
Por não fazer as coisas/tarefas	7
Bagunça	2
Tinha dificuldade de aprender e as professoras não tinham paciência	1
Parou de estudar porque engravidou	1
Não relatou	4

Fonte: Dados obtidos pelo próprio autor.

A maioria respondeu que reprovou apenas uma vez em algum ano escolar e que a principal motivação para que isso tivesse ocorrido foi o número excessivo de faltas às aulas e o fato de não fazerem as atividades escolares. Quanto ao número de faltas, pudemos constatar, quando da realização da etapa de campo da pesquisa, que era uma prática realmente existente, pois, conforme apresentado na primeira subseção deste capítulo, o número de educandos e educandas maiores de 15 anos que conseguimos encontrar nas visitas que realizamos nas quatro escolas municipais de Aparecida de Goiânia foi muito inferior ao número de educandos e educandas com essa faixa etária matriculados nas turmas de 9º ano.

Os dados expressos nos quadros gerados pelas respostas dadas pelos(as) jovens aos itens do questionário, revelam diversidade de vivências, mas também indicam algumas tendências e estilos de vida que são comuns a todos. Tratar os e as jovens como sujeitos sociais, implica em considerar a universalidade e singularidade presente nas existências. Pensar nas predominâncias nos ajuda a desenhar cenários, mas não nos

autoriza a desconsiderar as particularidades, princípio observado por Triviños (1987) ao indicar os passos da pesquisa educacional de abordagem materialista histórica e dialética.

No próximo capítulo, analisamos criticamente os discursos dos e das jovens que participaram das rodas de conversa e concederam entrevistas aos pesquisadores e continuamos a refletir sobre o que pensam a respeito da relação entre distorção idade-série e envolvimento com a violência.

TERCEIRO CAPÍTULO

COM A PALAVRA: OS E AS JOVENS ESTUDANTES

Neste último capítulo analisamos, em perspectiva crítica, os discursos das e dos jovens que participaram das quatro rodas de conversa e que concederam as duas entrevistas. No capítulo anterior, apresentamos o perfil dos e das participantes da pesquisa considerando as respostas que deram aos itens do questionário que foi proposto e, para a adequada apreensão da dialética das falas proferidas nas rodas, retomaremos alguns dos indicadores mencionados antes.

Adotamos, como Fairclough (2016), a concepção de que o discurso é tridimensional, podendo ser texto, prática discursiva e social. Assim, consideramos que discursos são modos de ação e que há uma relação dialética entre o que se diz e a estrutura social, o que torna possível dizer que "o discurso é uma prática, não apenas de representação do mundo, mas de significação do mundo, constituindo e construindo o mundo significado" (FAIRCLOUGH, 2016, p. 95).

Também Fairclough (2016, p. 294) explica que existem, pelo menos, três tipos de análise do discurso em perspectiva crítica, a saber: "i) análise das práticas discursivas, focalizando a intertextualidade e a interdiscursividade das amostras do discurso; ii) análise dos textos e iii) análise da prática social da qual o discurso é uma parte". Para esse autor não há uma sequência fixa para se realizar a análise, entendendo que esses três tipos apresentados estão sempre superpostos.

Fizemos a opção de focarmos na análise da prática social da qual os discursos dos e das jovens estudantes participantes da pesquisa são parte. Para tanto, selecionamos três categorias que julgamos mais relevantes para a compreensão das percepções dos e das jovens estudantes com quem conversamos sobre as relações entre escola e violência.

A primeira categoria selecionada é o ethos, cujo reconhecimento nos discursos objetiva "reunir as diversas características que vão em direção à construção do 'eu', ou de identidades sociais" (FAIRCLOUGH, 2016, p. 300); A segunda categoria selecionada é o *significado das palavras* com intuito de identificar nos discursos palavras-chave que revelam significado cultural geral ou local; e a terceira categoria por nós utilizada é a dos *efeitos ideológicos e políticos dos discursos* cujo o reconhecimento nos permite

compreender os sistemas de conhecimento e crença, as relações sociais e as identidades sociais (FAIRCLOUGH, 2016).

Assim, a análise que apresentamos buscou identificar nas falas, dos e das jovens com quem conversamos, as interpelações ideológicas presentes nelas, isso por considerarmos que as

> Ideologias são significações/construções da realidade (o mundo físico, as relações sociais, as identidades sociais), que são construídas em várias dimensões das formas/sentidos das práticas discursivas e que contribuem para a produção, a reprodução ou a transformação das relações de dominação (FAIRCLOUGH, 2016, p. 122).

Identificar as ideologias que estão embutidas nas práticas discursivas não deve ser um exercício que objetive apenas constatar o que está naturalizado nas práticas sociais, mas que vislumbre a possibilidade de remodelagem das práticas discursivas ideologicamente marcadas, num esforço de reestruturação e transformação das relações de dominação, o que Fairclough (2016) chama de *luta ideológica* e aponta como dimensão da prática discursiva.

Apreender a hegemonia presente nas falas também foi uma intenção que tivemos ao fazer as análises e, para tanto, consideramos que

> hegemonia é liderança tanto quanto dominação nos domínios econômicos, político, cultural e ideológico de uma sociedade. Hegemonia é o poder sobre a sociedade como um todo de uma das classes economicamente definidas como fundamentais, em aliança com outras forças sociais, mas nunca atingindo senão parcial e temporariamente, como 'equilíbrio instável'. Hegemonia é a construção de alianças e a integração muito mais do que simplesmente a dominação de classes subalternas, mediante concessões ou meios ideológicos para ganhar seu consentimento. Hegemonia é um foco de constante luta sobre pontos de maior instabilidade entre classes e blocos para construir, manter ou romper alianças e relações de dominação/subordinação, que assume formas econômicas, políticas e ideológicas (FAIRCLOUGH, 2016, p. 127).

Assim, buscamos localizar nas falas dos e das participantes os pontos de instabilidade entre o que está posto pela ideologia dominante e observado na hegemonia social e o que pensam os e as jovens que apresentam distorção idade-série sobre o envolvimento/cometimento de violência.

Nossa análise dos discursos juvenis está organizada em três seções que se estabeleceram por unidades temáticas formadas a partir da sequência proposta no roteiro (Apêndice I) que norteou as rodas de conversa e a seleção dos trechos foi motivada pela

possibilidade de dialogar com os tópicos teóricos discutidos no primeiro capítulo dessa tese e de identificação das categorias de análise por nós selecionadas.

3.1 Discursos sobre violência presenciada no cotidiano

Nesta primeira seção, analisaremos alguns discursos que foram produzidos pelos(as) jovens quando da participação nas rodas de conversa realizadas nas quatro escolas que compuseram a amostra da pesquisa sobre a violência que os(as) cercam em seus cotidianos.

Na primeira roda de conversa que realizamos, na Escola Municipal "Conhecimento", ao terminarem de ouvir a música e de verem a primeira charge apresentada pelo mediador e serem questionados(as) sobre já terem presenciado atos violentos nas comunidades em que vivem, o Educando01C imediatamente respondeu: *"Sim, foi... era um dia, quarta-feira, tinha um colega meu que tava na rua, brincando normalmente, o pai chegou bêbado e começou a espancar ele até ele cair no chão. Ele desmaiou e aí levaram ele pro hospital. Eles se mudaram e nunca mais eu vi ele".*[16] E explicou que o pai do colega havia se alcoolizado antes de cometer a agressão. Essa explicação sobre o consumo de álcool pelo agressor é reveladora de uma associação que não é feita apenas pelo Educando01C, mas por grande parte dos sujeitos sociais da pesquisa, pois há outros trechos de falas de outros participantes que fazem a relação do cometimento de atos violentos com uso de álcool e/ou outras drogas.

Na ocasião da roda de conversa na Escola Municipal "Sabedoria", ao serem questionados sobre a violência percebida no bairro onde moravam, o Educando01S e o Educando04S responderam, respectivamente, "*Ah, no bairro. Ixi... demais"* e "*No meu bairro, demais"*. Ao explicar o tipo de violência percebida no bairro em que morava, o Educando01S explicou com os seguintes discursos: "*Lá perto de casa dá é tiro, moço, Deus me livre"* e *"Tem, briga de facção, né? Aí é muito perigoso".*

[16] Todos os trechos aqui transcritos são de fonte do próprio autor e foram gerados a partir dos vídeos e áudios gravados nos momentos de realização das rodas de conversa e entrevistas. O material transcrito manteve a variedade linguística utilizada pelos/as participantes da pesquisa sem ser submetido a nenhum tipo de adequação/correção e pode ser consultado integralmente nos Apêndices desta tese.

Na roda de conversa realizada na Escola Municipal "Experiência", o Educando(?)E[17] disse que "*Violência ocorre em casa"*, porém a referência a 'casa' foi de modo geral e não a dele especificamente, o que foi recorrente nos relatos, indicar que as casas dos(as) outros(as) têm violência, mas não reconhecerem tal prática nas que eles(as) moram.

Em seguida, começaram a comentar as mortes de três pessoas que haviam ocorrido no dia anterior ao da realização da roda. A Educanda07E comentou que "*A polícia matou três"*, explicando em seguida onde havia ocorrido, "*Aqui mesmo, bem ali embaixo".*

O Educando10E, tentando explicar ao mediador da roda como havia ocorrido as três mortes mencionadas, contou que "*Roubou um carro, moço. Roubou um carro, a polícia pegou lá" e "matou tudo, todo mundo".*

O Educando02E, contando sobre a movimentação gerada após terem ocorrido as mortes, explicou: "Aí *eu cheguei lá no serviço e o IML tava lá. Aí tava a polícia técnico-científica também lá, aí imediatamente veio o IML na XXX lá. Parece que era mais de, de sete viatura nesse trem lá. Tava lá, né, eu cheguei elas já tava lá".* Nessas falas, em que casos de assassinatos foram mencionados, fica evidente que nas práticas sociais em que estão inseridos os e as jovens participantes da pesquisa, a morte é fator cotidiano e expressão de violência.

O Educando01P, da Escola Municipal "Pensamento", disse que violência "*Tem aqui na escola, perto de casa, em todo lugar".* Com esses discursos apresentados nesta primeira seção, percebemos que a violência está de modo explícito instalada nas práticas sociais das comunidades onde os(as) participantes da pesquisa vivem. Vale ressaltar que as escolas onde realizamos as rodas são distantes umas das outras, localizadas em pontos geográficos muito distintos da cidade de Aparecida de Goiânia, a fim de que a delimitação geográfica não pudesse ser um elemento suficientemente explicativo da violência.

No capítulo anterior, ao apresentarmos as respostas que os(as) participantes deram ao questionário, mostramos que, para a maioria deles(as), suas casas são lugares em que a violência não é praticada e/ou percebida, o que não ocorre quando se trata de suas impressões sobre o cometimento de violência dentro das escolas.

[17] Por conta do número alto de participantes nessa roda de conversa, 20, não foi possível identificar exatamente qual participante proferiu algumas falas, pois a gravação em vídeo não conseguiu captar todo o ambiente.

Analisando o que responderam no questionário e o que falaram nas rodas de conversa, é possível refletir que as casas em que moram os e as jovens são espaços que, em suas percepções e falas, os(as) mantêm protegidos da violência, o que, a partir das informações fornecidas pelos(as) participantes, não ocorre quando pensamos no ambiente escolar. Não queremos com isso dizer que eles(as) não percebem a existência de casos de violência doméstica, mas que não relataram, por medo ou por não se sentirem à vontade para revelar isso.

O fato de percebermos nos discursos dos e das jovens que a violência é algo presente nos seus cotidianos, mas não nas casas em que moram, indica que suas residências são espaços em que a penetração de práticas sociais facilmente verificáveis "na rua" nem sempre ocorre. Para tal reflexão, estamos considerando a violência como prática social de modo que as casas em que moram, não sendo tão permeáveis do que ocorre fora delas, está mais passível do controle familiar, o que esteve refletido em discursos que exaltaram a importância da educação dada pelas mães e pelos pais.

Os participantes percebem o cometimento de violência perto de suas casas e nas escolas, uma vez que o ambiente escolar é mais penetrável socialmente do que o domicílio. Tal compreensão parece óbvia, porém nos intrigou o fato de que, nas opiniões expressas durante as conversas, não emergiu quaisquer ações desenvolvidas pelas escolas a fim de coibir ou minimizar tais práticas diferentes das observadas, pelos educandos(as), nos espaços entre as casas e as escolas.

Para exemplificar que, apesar de os e as jovens não terem mencionado nas rodas de conversa a prática de violência nas casas em que moram, os domicílios não estão totalmente imunes de serem penetrados pela prática violenta percebida "na rua", recorremos a trechos da entrevista que nos concedeu a Educanda04C. Esta educanda insistia em em dizer que ela era "terrível" e o que nos motivou em entrevistá-la foi justamente o interesse em entender o que ela queria dizer com o uso desse adjetivo, o trecho a seguir nos ajuda nesse entendimento:

Entrevistadora:	*Que história é essa de facção aí?*
Educanda04C:	*É porque, tipo assim, minha família, eh, minha família a maioria mexe com essas coisas, entendeu?*
Entrevistadora:	*Ahã.*
Educanda04C:	*Meus primos...*
Entrevistadora:	*Ah... tá.*
Entrevistador:	*Facção?*
Educanda04C:	*Sim.*

Entrevistador:	*Droga?*
Educanda04C:	*Sim.*
Entrevistador:	*Ah...*
Educanda04C:	*A maioria da minha família tá presa. Aí as pessoas acham assim: não, só porque a família dela é assim...*
Entrevistador:	*Ela também é.*
Educanda04C:	*É. Aí... pra você ver, toda briga que tem aqui na escola as menina me chama, acha que assim: "Não, se a 'Educanda04C' vim, os parentes dela vêm...".*
Entrevistadora:	*Ah, entendi o seu terrível!*
Entrevistador:	*Você é vista como a... a perigosa.*
Educanda04C:	*É.*

Percebemos que a denominação "terrível", antes de ser assumida por si mesma, foi uma construção discursiva que partia das pessoas com quem a educanda interagia e que tinha a ver com a forma como era percebida socialmente e sua posição frente ao que os primos realizavam. Fato que evidencia a força dos discursos dos outros para a formação das identidades individuais e para a significação das palavras escolhidas para as elaborações discursivas, como revelado no próximo trecho:

Entrevistadora:	*Quem fala que você é terrível? Quem fala? Você fala ou as pessoas é que falam e você repete?*
Educanda04C:	*Eu falo, as pessoas falam...*
Entrevistadora:	*Ãh... entendi o terrível.*
Entrevistador:	*É uma construção mesmo.*
Entrevistadora:	*É uma construção, eh... Que legal você fazer a desconstrução disso, né?*
Entrevistador:	*De não se achar mais terrível.*
Entrevistadora:	*É, porque isso te põe em outro lugar, "Educanda04C", te põe em outro lugar no mundo. Te põe em outro lugar na vida, né? Você é super jovem, né?*
Educanda04C:	*É, mas... tipo, se eu quiser entrar no crime eu já tinha entrado no crime.*
Entrevistador:	*E por que você não entrou?*
Entrevistadora:	*É uma boa pergunta.*
Educanda04C:	*Tipo, eu não me vejo numa coisa dessa...*
Entrevistador:	*Ahã. Por quê?*
Educanda04C:	*Ah, eu acho assim, eu vejo assim, umas coisas tão perigosas, sabe, e eu sou uma pessoa que tem medo de morrer.*
Entrevistador:	*Você tem medo de morrer.*
Educanda04C:	*E eu vejo, assim, os meus primos morrendo assim na minha frente... teve uma vez que eu tava na casa da minha vó e meu primo tava lá, e ele, vocês conhecem o serial killer, né?*
Entrevistadora:	*Ahã.*
Educanda04C:	*Meu primo é igual homem... E aí os bandidos entrou lá com aquela arma que atira um monte de uma vez? Aí só não matou nós porque as balas foram tudo no chão, porque senão e minha família tinha tudo morrido.*

Ao responder à entrevistadora sobre quem dizia que ela era "terrível" e "perigosa", a educanda diz que ela própria e as pessoas o faziam, o que indica a potência dos discursos dos(as) outros(as) para a consolidação/construção de sua autoimagem, de seu *ethos*, situação que comprova o pressuposto teórico de que "junto à identidade do 'eu' sempre coexiste uma identidade 'nós', mesmo quando – como é o caso atualmente – a consciência do 'nós' se encontra tão obscurecida que é (quase) considerada inexistente" (AUGUSTO, 2019, p. 91)".

A Educanda04C também explicou o porquê de ela não cometer as mesmas práticas que os primos e a justificativa foi o "medo de morrer". O relato que fez sobre a violência extrema que presenciou não foi de um acontecimento na casa em que morava com seu pai e sua mãe, mas numa casa de outros familiares, a casa da avó, um acontecimento que a colocou em risco de morte. A justificativa dada pela Educanda04C para não se envolver com drogas é reveladora de como a possibilidade de ser morto(a) é próxima das vidas dos e das jovens com quem conversamos, confirmando a explicação de Paiva, Oliveira e Colaço (2019) de que a lógica da necropolítica está em tornar a morte um fato corriqueiro para determinada parcela da população. As percepções dos e das jovens com quem conversamos indicam que a designação social dessa parcela da população que morre no cotidiano e não tem a morte chorada socialmente tem a ver com o baixo nível de escolaridade dos mortos/assassinados.

O próximo trecho mostra que a educanda se relaciona bem com os primos "envolvidos com coisas erradas", mas não se sente tranquila diante da situação:

Entrevistador:	*Então você se relaciona bem com seus primos que são envolvidos em coisas erradas?*
Educanda04C:	*Sim.*
Entrevistador:	*Apesar de você não se envolver nas coisas erradas deles, vocês têm uma vida familiar boa?*
Educanda04C:	*Sim... não tenho nada contra eles. Só meus pais que não gostam muito, meus pais são evangélicos.*
Entrevistador:	*Ãh?*
Educanda04C:	*Aí eles não gostam muito do XXX.*
Entrevistador:	*E você é evangélica?*
Educanda04C:	*É porque, tipo assim... Não.*
Entrevistadora:	*Não? Só seus pais?*
Educanda04C:	*Sim. Eh... é porque os meus primos é assim: sempre quando eu me envolvo em briga, eles entravam no meio.*
Entrevistador:	*Pra te proteger?*
Educanda04C:	*Sim.*

Entrevistador:	*Pra te defender?*
Educanda04C:	*Aí... e sempre dava polícia. Por isso, porque eles, do jeito que eles é, né, sempre dava polícia.*
Entrevistador:	*Ahã.*
Educanda04C:	*Igual, entraram na minha casa, roubaram meus trem, né, roubaram as coisas da minha casa, meus primos já matou quem entrou lá em casa.*
Entrevistador:	*Matou?*
Educanda04C:	*Matou.*
	(pausa)
Entrevistador:	*Você acha que, no seu contexto, matar e morrer é comum?*
Educanda04C:	*Não é, só que... já foi tanta coisa que aconteceu que não... só que eu não sou...*
Entrevistador:	*Mas você ainda não vê isso como normal?*
Educanda04C:	*Não...*
Entrevistador:	*Matar uma pessoa, uma pessoa morrer...*
Educanda04C:	*Não, só que eu não sou uma pessoa tranquila... eu não, eu não consigo ficar sozinha em casa, eu sou muito, eu tenho que ficar, tipo assim, quando a pessoa mexe com você, percebe uma pessoa que mexe com essas coisas, a pessoa fica toda hora nervosa, aí eu preciso ir lá, pra ver se tá acontecendo alguma coisa, entendeu? Eu sou desse jeito.*

Apesar da proximidade com as ocorrências de mortes violentas, essa prática não é vista como algo comum pela Educanda04C e tal vivência gera conflitos e inseguranças emocionais nela. Essa situação é reveladora de um conflito entre o que se percebe socialmente e o como a jovem gostaria que fosse, apesar da percepção que possui para ela, as práticas não estão naturalizadas, ponto que poderia ser alvo de trabalhos e intervenções para que sejam geradas novas práticas sociais pautadas na sensibilidade, na empatia, na capacidade de perceber a crueldade da lógica de violência social e do necropoder.

Para retomar a reflexão de que as casa dos e das jovens não são totalmente impenetráveis pelas práticas violentas, recorremos a mais um trecho dessa entrevista:

Educanda04C:	*A parte do meu pai é tudo, tudo, é tudo criminosa! Agora, por parte de mãe eu tenho gente da ROTAM, XXX.*
Entrevistadora:	*Nossa!*
Educanda04C:	*Aí que é... complica tudo.*
Entrevistadora:	*É, complica mesmo. Tem razão.*
Entrevistador:	*Mas você não quer ser nem criminosa, nem polícia?*
Educanda04C:	*É, não... na verdade, antes eu guardava uns trem, já guardei arma...*
Entrevistador:	*Ah é?*
Educanda04C:	*Drogas, essas coisas...*
Entrevistador:	*Dos teus primos?*
Educanda04C:	*Sim, porque tipo assim, na casa da minha tia, direto tem policial indo lá, essas coisas XXX estar lá, só que minha tia tirou de lá, aí eu vou e... ia e guardava isso.*

Entrevistadora: *Na sua casa?*
Educanda04C: *Sim.*
Entrevistadora: *Ãh?? E seu pai mais sua mãe que são evangélicos?*
Entrevistador: *Não sabiam...*
Educanda04C: *Não sabiam.*
Entrevistadora: *Ãh?? Sério? Você conseguia esconder deles?*
Educanda04C: *Sim.*
Entrevistadora: *Putz, cara.*
Entrevistador: *E por que que você parou?*
Educanda04C: *Porque...*
Entrevistador: *Você parou?*
Educanda04C: *Parei, ahã. Medo.*
Entrevistador: *Medo.*
Entrevistadora: *E seus pais não descobriram?*
Educanda04C: *Não.*
Entrevistador: *Medo de quê?*
Educanda04C: *De morrer.*

Nesse trecho, a educanda relata que já acobertou os primos, escondendo armas deles dentro da casa em que morava e, outra vez, diz do "medo de morrer" para justificar o porquê não seguiu ajudando-os. O trecho é revelador do controle parcial que as mães e pais têm sobre as ações dos(as) filhos e filhas jovens. Esse desconhecimento é impeditivo de intervenções, o que pode colaborar para a permanência da realização de infrações/crimes. E confirma que a não prática de violência nas casas em que moram os e as jovens pode não estar sendo percebida ou que eles e elas não ficaram suficientemente à vontade para relatá-las nas rodas de conversa.

Para encerrar essa seção, utilizaremos um trecho da roda de conversa realizada na Escola Municipal "Experiência" que ilustra a violência sofrida por parte dos e das jovens pela polícia:

Orientadora: *... depois a gente transcrever a fala de vocês. Eu queria ouvir um pouco mais organizado a fala de vocês sobre a questão da polícia. Vocês disseram: "Ah, matou alguém ali", "a ROTAM passou perto de mim" e parece que há um tom meio assustado. Como é que vocês veem essa coisa da polícia com os jovens, com vocês, nessa idade aí?*
Pesquisador: *Um de cada vez.*
Orientadora: *É, pode falar uma palavra, como você disse, mas vamos gravar de uma vez. Por exemplo, qual palavra que você usou?*
Educando(?)E: *Eles é violento com nós.*
Orientadora: *Ok, que mais?*
Pesquisador: *Como que é?*
Educando02E: *Não, depende do que você fazer.*

Educando(?)E: *Violento, violento.*

Educando10E: *Não, tem alguns, tem alguns que você tá de boa, você tá só andando na rua, eles pegam você, se você não tiver com o documento eles solta a mão na sua orelha, XXX.*

Orientadora: *Depende, você disse depende.*

Educando02E: *Não, mas isso aí que ele falou é verdade. Os bichos ele é muito, eles é ignorante mesmo. Parece que eles cheiram um trem antes de trabalhar, fumam uma maconha, fazem alguma coisa, mas...*

Educando02E: *Ficam querendo colocar palavra na boca da gente, fica perguntando onde que é a boca, cadê a droga e não sei o quê.*

Educanda07E: *É igual uma vez que eu morava XXX, elas, elas, sempre a polícia entrava, invadia a minha casa, sabe? Teve um dia que a gente tava brincando, brincando mesmo assim na rua e eles pararam a gente e invadiu a gente, assim, do nada, a gente não tinha nada e eles entraram...*

Orientadora: *Invadiam a sua casa por quê?*

Educanda07E: *Porque os meninos do lado vendiam droga, aí era como se, eles achavam que a gente ajudasse.*

Orientadora: *Tu ia falando, fala menino.*

Educando15E: *Não, assim, XXX que eles implica muito, tem muitos que usa brinco, tatuagem...*

Orientadora: *Eles implicam com a aparência?*

Educando15E: *É.*

(todos falam juntos)

Orientadora: *Qual é a implicância maior: brinco?*

Educando15E: *Brinco, tatuagem, essas coisas.*

Educando(?)E: *Corrente.*

Orientadora: *Corrente.*

Educando(?)E: *O jeito de se vestir.*

Educando(?)E: *O jeito de se vestir é XXX.*

Orientadora: *Ok.*

Educando02E: *Teve uma vez que eu tava de moto mais um colega meu, né? Não foi ROTAM, não foi CPR, não foi nada, não foi o Choque, foi os militares.*

Orientadora: *Ahã. A PM?*

Educando02E: *Foi, a PM. Aí nós tá, aí eles vai (faz o barulho da sirene). Aí nós parou, né? Aí nós parou lá e eles falou: "Daonde vocês é aí, brother?", "Nós somos lá do "PS", XXX ali embaixo", "O que que cês tá fazendo aqui?", aí, "Não, nós só tá dando uma volta aqui mesmo". Aí ele foi, foi lá na viatura, aí o outro ficou lá: "Cadê o documento da moto?", aí o meu colega ele tinha acabado de comprar a moto, ele não pegou os documento ainda, foi de garagem ainda. Aí, eh, o outro, que tinha ido lá na viatura, pego um, aquele negócio de borrifar água pra limpar vidro? Com álcool. E pegou esse trem e tá, tá no meu olho, tá no meu olho, e ardeu no meu olho, ardeu no dele. Aí na hora que nós saiu um pouco pro lado eles deu dois tapão na nuca nossa, pá, pá, em nós dois. Aí o outro chega quase caiu, bateu a cara na moto, o meu colega, porque deu um tapão, né? Aí foi "Dá o fora daqui, suas desgraça", aí nós vazou.*

O trecho, apesar de extenso, é necessário para percebermos que a falta de motivação bem determinada para praticar violência não é exclusividade dos educandos e educandas quando brigam dentro da escola, a polícia também é violenta sem motivação

aparente. Pelo que disseram os educandos e a educanda no trecho acima, a violência policial se dá por uma generalização que os policiais fazem dos(as) sujeitos(as) jovens tratando a todos, que vivem nas periferias, como potenciais praticantes de atos ilícitos.

Diante do comportamento violento dos policiais, o Educando02E supõe que teriam feito uso de algum tipo de droga, pois, na percepção do educando, não haveria outra motivação para que tal comportamento violento ocorresse, o que reafirma que, na opinião dos educandos e educandas, o uso de drogas está diretamente associado ao cometimento de violência percebida em seus cotidianos, inclusive por parte da polícia.

A violência policial relatada nessas falas é reveladora do que pode ser chamado de inversão do que seria a lógica social, já que a instituição que deveria combater a violência, no caso as polícias, é promotora de atos violentos, aparentemente, gratuitos. Assim, os discursos selecionados dos e das jovens para essa primeira parte da análise revelam práticas sociais marcadas por cometimento de violência, muitas vezes praticada por quem deveria combatê-la, cenário que colabora para a manutenção da sensação de insegurança ontológica tratada teoricamente no primeiro capítulo desta tese. A violência estrutural social é percebida no dia a dia em expressões brutais pelos e pelas jovens estudantes com quem conversamos.

Na seção seguinte, analisaremos discursos que revelam como a prática de violência ocorre também nos ambientes escolares que não estão separados do todo social.

3.2 Discursos sobre violência no ambiente escolar

Apesar de os(as) participantes não reconhecerem as casas em que moram como ambientes violentos ou de não terem, discursivamente, expressado essa situação, atribuem à educação dada pela família a responsabilidade pelo cometimento de atos violentos, o que pode ser observado no seguinte trecho da roda de conversa realizada na Escola Municipal “Conhecimento”:

Educanda05C: *Eu acho assim, porque tipo assim, antes de eu vim pra cá, eu morava em São Paulo, aí a minha irmã queria me colocar aqui porque ouviu falar que aqui era muito liberal, as...*

Educanda04C: *Aqui era, é considerada a pior escola de Aparecida de Goiânia.*

Educanda05C: *Isso, aí por causa disso ela falou assim, que, eh, os menino fumava, o povo não tava nem aí, não dava bola, não ligava, aí ela não queria colocar, né, porque ela não queria uma escola ruim pra mim. Aí eu cheguei aqui eu vi que é tudo diferente, eu acho que é por referência do novo diretor.*

Educanda04C: *É, você chegou aqui bem depois que ele entrou. Se você pesquisar no Youtube, no Youtube, vai aparecer as brigas no meio da rua.*

Mediador:	*Nossa, então foi com a mudança de, de direção...*
Educanda04C:	*Foi.*
Mediador:	*Foi que...*
Educanda04C:	*Foi que melhorou.*
Mediador:	*Ah...*
Educanda06C:	*Mas pra mim eu acho que a escola não tem nada a ver com isso. Eu acho que tem a ver os alunos.*
Mediador:	*Os alunos?*
Educanda03C:	*É porque quem faz a escola é os alunos, né?*

O trecho mostra que, ao mesmo tempo em que acreditam numa melhora de organização da escola por conta de uma nova pessoa à frente da gestão escolar, concordam que "os alunos" é quem fazem a escola. Há nesses discursos o ideário de responsabilização individual, tanto quando se atribui a melhora da escola ao diretor, tanto quando se considera que os educandos e educandas são os responsáveis por um cenário ruim ou bom para se estudar. O fato é que não foi perceptível em nenhuma das falas a possibilidade da colaboração entre gestão escolar e educandos e educandas, o que indica a presença, nos discursos, de uma hegemonia social sustentada no individualismo.

Na continuidade do diálogo, fica evidente que acreditam na força da educação familiar:

Educanda03C:	*Uma criança que vê violência em casa, né, vai na escola e acha que é igual na casa dele.*
Mediador:	*Ahã.*
Educanda03C:	*Foi criado mal-educado, chega na escola e acha que lá é mal-educado.*
Mediador:	*Faz todo o sentido. O cotidiano da, da pessoa, né, pode mudar... se a criança teve uma, um, uma criação violenta, né, ela vai acabar batendo...*
Educanda06C:	*Aí ela vai querer fazer o mesmo que ela faz em casa, vai querer matar alguém ou vai querer espancar alguém.*

Apesar de não reconhecerem a prática de violência nas casas em que moram, observamos, a partir das falas da Educanda03C e da Educanda06C, que têm conhecimento sobre atos violentos praticados em casas de outras famílias e que tal ocorrência é influenciadora de comportamento violento que poderá ser realizado, inclusive, dentro de escolas.

Quando foram perguntados(as) no questionário sobre já terem sido desrespeitados(as) na escola, mais da metade dos(as) participantes responderam que sim. Dos e das 28 que disseram, no questionário, já terem sido desrespeitados na escola, 21 indicaram que o desrespeito partiu de colegas. Quando questionados(as) sobre qual tipo de violência já praticaram, 9 dos(as) 17 participantes que disseram já ter cometido

violência relataram brigas. O trecho a seguir é transcrito da roda de conversa realizada na Escola Municipal "Sabedoria" e contém discursos que revelam que o desrespeito sofrido na escola, por parte de colegas, se dá em forma de agressão física:

Mediador:	*Vocês praticam algum tipo de violência?*
Educando01S:	*Eu não.*
	(risos)
Mediador:	*Bullying? Eh...*
Educando03S:	*Ano retrasado eu bati nesse aqui.*
Mediador:	*Você bateu nele?*
Educando01S:	*Bateu em mim.*
Mediador:	*Por quê?*
Educando03S:	*Ah, porque ele era folgado. Ficava falando o que não deve.*
Mediador:	*Folgado?*
Educando03S:	*Nós juntamo a sala tudinho e eu bati nele.*
Mediador:	*Foi muito forte?*
Educando01S:	*Menino! Teve porrada, chute (aluno que bateu fala)*
Mediador:	*E você levou alguma advertência?*
Educando03S:	*Não.*
Mediador:	*Aconteceu alguma coisa?*
Educando01S:	*Deixa eu te explicar. Hoje nós todo mundo é amigo. (aluno que apanhou) Ano passado é porque eu queria conversar com ele, queria discutir, esses trem, aí eles começou a bater em mim, chutar.*
Mediador:	*Você queria explicar os trem.*
Educando01S:	*É... XXX posso sentar com vocês? Esses trem. Eles não, começavam e batiam em mim.*

Fica nítido que o desrespeito em forma de violência física nos ambientes escolares é, na maioria das vezes, por motivações banais, pois os que cometem a agressão, por vezes, não sabem explicar a motivação. Não há um entendimento por parte dos e das jovens para explicar o porquê cometem agressões físicas e/ou verbais causando desrespeito ao outro, como fica evidente no trecho a seguir:

Mediador:	*É engraçado que no jornal agora a gente tá vendo um caso desses de aluno, de jovens e... adolescentes, assim, que tá agindo assim, como você falou, às vezes fal-, falta de paciência, assim, porque a pessoa fala simplesmente e já tá lá, pou pou pou. Vocês acham que essa violência vem daonde? Assim, essa falta de paciência? É falta de paciência, talvez, ou é só falta de lidar com alguém?*
Educando01S:	*Vem de casa.*
Mediador:	*Vem de casa?*
Educando01S:	*Da rua também.*
Educando02S:	*Da rua também.*

Mediador:	*Da rua?*
Educando02S:	*Mais da rua.*
Mediador:	*Da rua? Vocês falam, como assim, da rua?*
Educando01S:	*Ah, tipo, você vê uma briga de trânsito, aí você pensa: "Nossa, o que que é aquilo?", aí você vai pensar com a cabeça e quer fazer a mesma coisa que ele fez.*

Outra vez, não há acordo sobre de onde vem a influência para que cometam violência. Quando falam que a influência vem de casa, não estão falando das casas em que moram, mas explicando a violência nas casas de outras famílias.

O trecho da conversa que emergiu na roda de conversa realizada na Escola Municipal "Pensamento", que apresentamos a seguir, é revelador de que uma agressão física cometida sem motivação bem determinada pode tomar proporções incontroláveis:

Mediador:	*Como é que essa violência na escola?*
Educanda01P:	*Assim... (parece sem graça).*
	(os alunos riem)
Educando02P:	*Uma é de briga, né, porque ontem uma pessoa chegou batendo no nosso amigo, a gente não vai deixar isso impune, né? Nós queria pegar eles lá na saída, só que eles acabaram saindo. Aí hoje ele tava falando com nóis, e nós tava planejando de bater neles.*
Mediador:	*Hoje?*
Educando02P:	*É, uai, foi.*
Mediador:	*Vocês ainda estão com esse plano?*
Educando02P:	*Tamos, porque eu não vi o motivo que ele chegou batendo no nosso amigo. Ele chegou ele e mais cinco. Então... se tivesse alguma explicação para ele fazer isso, mas não. Ele só chegou batendo. Eu não ia deixar isso.*
Educando04P:	*Foi um ato de covardia, sabe? Tipo, nós era... aqui nós era os maioral, protege os mais fraco, praticamente, aí, só que eles chegaram em montinho e mexeram com o mais fraco, que é o que nós mais briga e que nós mais gosta de defender.*

Ao perceberem que um colega foi agredido injustamente, estabeleceu-se a necessidade de revidarem, o que indica que, para esse grupo, a falta de empatia ainda não foi instalada. Não estamos concordando com a forma como estavam planejando responder à injustiça que observaram, mas os discursos do relato mostram que houve preocupação e solidariedade com quem foi vítima da violência. O fato de não visualizarem uma forma diferente de responderem à injustiça observada, indica que a prática da violência se dá por reprodução da violência estrutural a qual esses grupos já estão submetidos, o que pode colaborar para a naturalização de práticas violentas.

Dos(as) 28 participantes que, ao responderem o questionário, disseram já terem presenciado casos de violência na escola, 2 disseram que a agressão partiu de professores

contra colegas. Também, 28 dos(as) participantes responderam, no questionário, já terem se sentido desrespeitados na escola, e 13 indicaram que o suposto desrespeito partiu dos professores. O questionário proposto não tratou desrespeito como sinônimo de prática de violência física e também os e as participantes não deram esse tratamento aos termos em seus discursos. O trecho a seguir também é extraído das falas da roda de conversa realizada na Escola Municipal "Pensamento" e é revelador do que os e as jovens consideram como desrespeito por parte dos professores e professoras:

Mediador:	*Mas... eh... por quê? Como que foi isso? Em questão pra vocês, você tá falando que os professores são chatos...*
Educanda01P:	*Tem muitos que, tipo assim, que quer pagar, tipo, de uma coisa que ele não é. Aí, apesar dele ser grosso e tal, eles são..., sendo que eles eram só professores...*
Mediador:	*Ahã.*
Educando04P:	*Eles querem respeito, mas não te respeitam.*
Educanda01P:	*Isso que eu queria falar.*
Mediador:	*Entendi.*
Educando02P:	*E acaba não fazendo o papel de professor, ele quer ser seu pai e sua mãe. Aí já, já aconteceu, uma vez um professor gritar comigo e eu falar que ele não é meu pai pra gritar. E ele gritava comigo, e eu sou uma pessoa de pavio curto, então só saí da sala.*
Mediador:	*Você só saiu?*
Educando02P:	*É, eu sou uma pessoa de...*
Educanda06P:	*Já aconteceu comigo, mas eu fiquei quieta, porque...*
Mediador:	*Como, como que foi?*
Educanda06P:	*Assim, ãh, tem professor às vezes que, meio que é ignorante, sabe? Eu acho que só porque é professor,...*
Mediador:	*É dessa escola? Aconteceu nessa escola?*
Educanda06P:	*Ahã, só porque é professor acha que pode gritar com você... às vezes têm aluno meio assim, XXX, só que, por exemplo, tem professor que são muito mal-educado, você tenta ser educado com ele, só que ele não é com você. Teve uma vez que eu, eu sempre, eu sou muito gentil, educada, sabe? Eu tento ser com todo mundo, e toda vez quando eu chego assim na sala meio atrasada o professor de Ciências fala "bom dia".*
Mediador:	*Ahã.*
Educanda06P:	*E teve uma vez que... o ano todinho eu fiz "bom dia", só que teve uma vez que eu esqueci de pedir licença e falar "bom dia", e ela gritou comigo, ela falou assim: "Você não vai pedir licença?". Eu falei assim: "Não, porque toda vez que eu peço você não fala", você não fala, tipo, pode entrar ou alguma coisa.*
Mediador:	*Ahã.*
Educanda06P:	*E aí ela falou assim: "Mas você tem que falar". Eu saí: "Então licença". E ela falou assim: "Pode entrar, não sei o que". Aí eu também... fiquei quieta, porque eu sou muito... (risos).*

O relato da Educanda06P demonstra que, em algumas situações, a rispidez do educando ou educanda é reação a uma sequência de atitudes de indiferença a que são submetidos(as), pois, no caso relatado, após não ter percebido, várias vezes, reciprocidade

diante de sua forma gentil de agir, terminou por se exaltar e questionar a autoridade do professor, porém o fez como reação e não como prática frequente. Situação que nos indica que certas posturas juvenis, encaradas como rebeldia e mal comportamento, podem ser respostas ao modo como os e as jovens são cotidianamente tratados e/ou invisibilizados. A queixa da Educanda06P e o relato da forma como foi sua reação em um determinado momento, nos dá pistas de que o tratamento dispensado aos jovens por professores e professoras tem considerável força para a construção de seus ethos.

Houve relato também de agressão física por parte de um educando, irmão de um dos participantes da pesquisa, contra uma professora. O relato surgiu na roda de conversa realizada na Escola Municipal "Experiência". O trecho a seguir, além de trazer o relato da situação, mostra a recorrência do não entendimento sobre o que influencia o comportamento violento:

Educando11E:	*Lá no "RI", lá no "Ri" o meu irmão quase matou a professora.*
Educando(?)E:	*Teu irmão?*
Educanda07E:	*O "R"?*
Educando11E:	*O mais velho, meu outro. Ele rumou a cadeira na professora, xingou ela.*
Educando02E:	*É o cotidiano, né, de professor, aqui no Brasil.*
Mediador:	*Por quê?*
Educando11E:	*Uai, ele era atentado, era o primeiro ano dele.*
Mediador:	*Qual a questão que vocês acham que faz o aluno fazer, fazer alguma coisa nesse ponto contra um professor?*
	(todos falam e riem juntos)
Educando02E:	*É muito fraco, né, cabeça fraca, né, pra fazer uns trem desse.*
Mediador:	*Mas como assim? Cabeça fraca?*
Educando02E:	*Cabeça fraca, não pensa antes de fazer nada, não, não, pensa duas vezes antes de fazer aquilo, né?*
Educanda07E:	*Eu acho que já, já são pessoas que já convivem com esse tipo de coisa, tipo, já é acostumado com violento, com violência, tipo, até com a mãe mesmo, às vezes a mãe bate nele, não sei, pega e bate nele...*

O discurso do Educando02E de que sofrer violência por parte de educandos e educandas é do cotidiano dos professores e professoras no Brasil, é revelador de que a prática de violência em ambientes escolares é frequente. Porém, há nesse caso um ponto de instabilidade discursiva, já que em seguida o mesmo educando expressa não concordar com a violência contra professores e professoras por parte de educandos e educandas, explicando que os(as) que fazem isso têm "cabeça fraca".

Nos chamou atenção o relato que alguns educandos(as) fizeram sobre violência policial dentro de escolas, pois, da forma como nos contaram, é cometida com o consentimento da gestão escolar, como mostra o trecho a seguir:

Orientadora:	*E aí quando vocês falam que a escola chama o guardinha, eh, quando vem o guardinha ou quando vem alguma autoridade policial na escola, seja ela o que for, como eles reagem dentro da escola? Vocês, quem já viu a ação deles dentro da escola?*
Educanda07E:	*Ano passado eles tipo, tinha uns aluno da nossa sala que XXX, era envolvido com XXX e tudo o mais, e aí eles chamaram os guardinha e eles entraram todo mundo pra dentro da sala e fecharam a porta. Mas ninguém sabe o que que aconteceu lá.*
Educando20E	*E, eu tava!*
Orientadora:	*Você tava?*
Educando20E:	*Eu tava lá mesmo.*
Orientadora:	*E pode contar pra nós como é que foi?*
Educando20E:	*Esses trem não pode não.*
	(risos)
Educando20E:	*Você tá doido? Já foi três vezes assim lá.*
Educanda07E:	*E é desse jeito, eles saiu de lá, a gente perguntava o que foi e eles não falavam o que aconteceu lá dentro.*
Educando20E:	*Não pode, uai!*
Orientadora:	*Não pode?*
Educando20E:	*Não.*
Orientadora:	*A gente não vai perguntar duas vezes.*

O Educando20E conta que, por três vezes, ocorreu essa situação, e expressa em seu discurso o medo em dizer sobre o que ocorreu na presença dos "guardinha" que foram chamados pela coordenação da escola. Da mesma forma que ocorre fora, dentro da escola as práticas violentas são diversificadas e, por vezes, institucionalizadas, revelando e reafirmando o espaço escolar como reprodutor das dinâmicas sociais.

Ainda sobre a violência policial que é executada dentro das escolas, o trecho a seguir é revelador do que produz o medo que os e as jovens têm da polícia:

Orientadora:	*Vamos ouvir o "Educando11E".*
Educando11E:	*Nós tava jogando bola dentro da escola, foi na terça-feira. Na segunda-feira roubaram a escola, aí nós foi jogar bola. Aí esperou eles passar do meu lado ainda. Aí nós fico lá, aí eles pegaram o cabo de vassoura e pararam, não perguntaram nada, nem documento, nem nada. Aí nós olhou pra esses cara, tava tudo drogado. Deu pra perceber, porque tava até vomitando o policial. Aí nós ficou duas, uma hora e meia apanhando lá dentro. E enquanto nós não falava que roubou eles não, não XXX.*
Pesquisador:	*Não era horário de aula?*
Educando11E:	*Ãh?*
Pesquisador:	*Era horário de aula?*

Educando11E:	*Era num sábado, era num, num, na terça-feira, 5h, tinha acabado a aula já. Aí nós, nós tinha autorização pra jogar.*
Pesquisador:	*Ah.*
Educando11E:	*Aí nós falou: "Moço, nós tem autorização pra jogar".*
Pesquisador:	*Nessa escola?*
Educando11E:	*Não, lá no "R" (outra escola), lá embaixo.*
Pesquisador:	*No "RI".*
Educando11E:	*Aí na hora, ele falou que eu não tenho autorização, aí ele falou quem tem autorização ali era ele. Ele pegou e levou o menino lá pra baixo, aí pegaram um balde, encheram d'água e enquanto ele não falava quem era ele não tirava a cabeça dele de dentro do balde. Foda, né?*
Orientadora:	*Dentro da escola?*
Educando11E:	*Dentro da escola. E eles tava com medo da câmera virá pra eles, porque era a câmera da caixa, que era 360, da caixa, eles tava com medo. Aí eles batia no canto, batia em nós no cantinho assim, porque nós não tava XXX. Se não fosse meu irmão e minha prima ir lá e ver a viatura e chamar minha mãe pra ir lá buscar nós, eles ia levar nós lá pra Serra das Areia e dar um fim em nós.*
Educanda(?)E:	*O que eles fazem, né?*
Educando(?)E:	*O que é muito comum, né?*
Orientadora:	*É muito comum?*
Educanda(?)E:	*É.*
Educando11E:	*Tiraram foto nossa, quebraram cabo de vassoura, bateram na cara dos cara...*
Orientadora:	*É muito comum matar jovens e dar fins neles? É isso que vocês tão dizendo?*
Educando10E:	*Na Serra das Areias, é tipo um cemitério de, de adolescente.*

A crueldade do que é relatado nesse trecho revela, como mencionado no Primeiro Capítulo, que o Estado brasileiro é violento, que o Estado brasileiro mata pessoas inocentes, que existe uma política expressa em práticas policiais que naturaliza a barbárie, que o Estado brasileiro não protege seus e suas jovens mas, ao contrário disso, autoriza que suas polícias os(as) assassine. Mostra que os(as) que ousam desafiar a regra do medo, podem ser mortos. Uma típica demonstração do que Rolim (2012) chamou de desumanização de suspeitos e autores de delitos. E outra vez, agora na fala do Educando11E, aparece a ideia de que o que motivaria tamanha violência policial seria o uso de drogas ilícitas.

O trecho a seguir foi extraído da roda de conversa realizada na Escola Municipal "Sabedoria" e o utilizamos para ilustrar como o assassinato de jovens pelas polícias tem sido naturalizado, como essas mortes não têm sido choradas:

Pesquisador:	*O "Educando01S" falou de um jovem que morreu, um desses que...*
Educando03S:	*Era da nossa sala.*
Pesquisador:	*Ah, era da sala de vocês?*
Educando03S:	*Ahã.*
Pesquisador:	*Esse ano, "Educador02S"?*

Educando01S: *Ano passado.*

Pesquisador: *Ano passado?*

Educando2S: *Ano retrasado.*

Educando01S: *Ano retrasado? Foi ano retrasado?*

Pesquisador: *Vocês faziam que série?*

(falam algo incompreensível)

Educando02S: *Nós fazia o 6º ano.*

Pesquisador: *Fazia o 6º ano e ele foi assassinado?*

Educando01S: *Foi.*

Educando01S: *Aqui embaixo, na mata. Nós era de terça-feira, nós saía 11h45. Aí meio-dia aconteceu.*

Pesquisador: *Durante o dia?*

Educando01S: *Foi, de dia.*

Educando03S: *XXX. Aí eles correu pra dentro da mata. Aí dentro da mata tem uns bloco de, de terra, que não dá pra passar com o carro. Aí eles parou o carro e foi trocar tiro com a polícia. Aí foi a hora que matô eles.*

Pesquisador: *Ah, foi a polícia que matou?*

(os alunos confirmam com a cabeça)

Pesquisador: *Peraí, só, conta de novo, "Educando03S", o que que foi o fato.*

Educando03S: *Porque eles tinham uma XXX, bem por aqui pra cima.*

Pesquisador: *Aluno aqui da escola?*

Educando03S: *Aluno.*

Orientadora: *Estudava aqui na escola?*

Pesquisador: *Saiu da... na hora que liberou...*

Educando03S: *Foi.*

Pesquisador: *Ele saiu...*

Educando03S: *É, tinha um menino que não estudava aqui. Ele tinha 18 anos, o "L", aí ele passou de carro e pegou os meninos. Aí ele foi, ele subiu lá em cima e desceu correndo. Aí ali tem uns blocão de terra, não dá pra passar com o carro ali, eles parou e começou a trocar tiro com a polícia. Foi quando matou eles.*

Pesquisador: *Entendi. Matou o aluno daqui e mais outro…?*

Educando02S: *Matou o aluno e um que tava dirigindo. Aí tinha outro...*

Pesquisador: *Morreram os dois?*

Educando03S: *É, aí tinha um outro que pulou dentro do carro e já deitou no chão. Aí a polícia foi e prendeu ele. Aí foi um preso e dois morreu.*

Pesquisador: *O que estudava aqui era menor de idade, o que tava dirigindo já tinha mais de 18?*

("Educando03S" confirma com a cabeça)

Pesquisador: *E vocês perceberam alguma reação da escola, como que a escola se comportou com isso...?*

Educando03S: *Foi normal.*

Orientadora: *No outro dia, o que que houve na escola?*

Educando03S: *Ah, só falando, os professor falando "Ah, o I, um aluno daqui morreu".*

Educando01S: *O povo pensou que era eu que morri.*

Mediador: *Você?*

Pesquisador: *Como que é?*

Educando01S: *O povo, os amigo meu falou assim: "Uai, eu pensei que você tinha morrido", " Eu pensei que era você que tava morto".*

Pesquisador: *Ah, porque era o mesmo nome.*

Pesquisador: *A escola não fez nenhuma homenagem pra esse aluno...?*

Orientadora:	*Não teve um momento de silêncio igual a gente vê aí, quando morre alguém... teve alguma coisa assim?*
Educando03S:	*Não, porque esse menino também desrespeitava os professor demais... aí tinha uma professora lá que também, qualquer coisa que falasse pra ela, ela falava "vou te processar". E aí ele falava: "Então processa, então, desgraçada!". Aí foi indo ela "Então vou processar você". Aí foi quando ele morreu. Aí não...*

Optamos por apresentar todo o trecho, apesar de sua extensão, para que todo o contexto, desde a morte do educando até a forma como a escola se comportou diante do fato, ficasse totalmente expresso. No dia seguinte ao que um aluno da escola foi morto pela polícia, tudo seguiu normal. Percebe-se a forma silenciada e, talvez, até mesmo alinhada da escola com a política de morte, a necropolítica, como se a escola concordasse com a ação policial – ou se visse inteiramente incapaz de (re)agir diante dela. O fato de o educando que foi morto ter comportamento agressivo com uma professora, de estar envolvido com maiores de idade supostamente criminosos, não justificaria a decisão institucional da escola de normalizar a situação, por isso pontuamos um provavel alinhamento dessa instituição com as ideologias do Estado, fato que indica a escola como reprodutora de uma lógica violenta.

As falas apresentadas nesta seção são ilustrativas das percepções que os e as jovens com quem conversamos possuem sobre a ocorrência de violência e desrespeito nos ambientes escolares. Indicam também que têm suposições sobre o porquê atos violentos são cometidos e que há uma oscilação quando pensam sobre se as influências para a violência vêm de casa ou da rua.

Na seção seguinte, apresentamos e analisamos os discursos dos e das participantes da pesquisa sobre o papel da educação escolar no combate à violência.

3.3 "A gente para de sonhar": discursos sobre as relações entre as dificuldades na escolarização e o cometimento de violência

Dos e das 36 participantes da pesquisa, 24 responderam, no questionário, que não acreditam que o fato de estarem matriculados em uma escola os(as) impeça de praticarem violência. Diante das falas feitas nas rodas de conversa, podemos considerar que, ao responderem ao item 34 do questionário, *Em sua opinião, estar matriculado em uma escola te impede de praticar violência*, em que apenas 11 deles e delas responderam que sim, 1 não respondeu e os/as demais responderam não, os e as participantes consideraram a prática de violência extrema, já que a violência na forma de desrespeito verbal e

agressões físicas leves é verificada por eles, conforme demonstrado nos discursos analisados na seção anterior, no cotidiano escolar.

Os relatos sobre infrações e/ou crimes que culminaram em prisão dos infratores/autores, foram de histórias de jovens que estavam fora da escola, aí reside a contradição entre o que falaram nas rodas e o que responderam no questionário, pois, apesar de, no questionário, a maioria ter respondido não acreditar que estar matriculado na escola não fosse importante para evitar o envolvimento com violência, os discursos nas rodas de conversa deram conta do contrário. O trecho seguinte é exemplificador dessa situação:

Educanda03C:	*Porque a gente, eu acho que os professores tinha que buscar mais onde os alunos quer, né, porque muita gente desistiu de estudar, então eles tinham que ir mais no, nos alunos, eu acho que eles tinha que investir no que os alunos gostam, mas, mas aqui eles gostam mais de fazer bagunça, então... não dá certo, mas se tiver, assim, uma Feira de Ciências envolvendo toda a escola eu acho que eles ia gostar bastante.*
Mediador:	*Hum... legal. Também gosto. Eles mostraram um projeto dos..., não sei se foi vocês que fizeram...*
Educanda04C:	*Foi, foi a gente.*
Mediador:	*Achei legal. Muito legal.*
	(pausa)
Mediador:	*Vocês falaram que... eh... ah, essas pessoas que pararam de estudar eles já foram, já teve algum caso de ocorrência relacionado com eles? Ou se eles já foram presos ou alguma coisa assim?*
Educanda03C:	*Meu irmão... já.*
Mediador:	*Já. Ele já brigou e foi preso? Alguma coisa assim?*
Educanda03C:	*É. Ele, tipo, mexeu com coisa errada, uma vez ele foi roubar XXX no outro setor, aí o povo junto tudo e pegaram ele... Ele tem 17 anos e já tem seis passagens pela polícia. E aí agora XXX com ele.*
Mediador:	*Ahã.*
Educanda03C:	*Aí meu pai falou pra ele virar homem, né, porque agora vai limpar a ficha dele e se ele aprontar mais uma agora vai ficar pra sempre na ficha dele...*
Mediador:	*E aí ele parou de estudar depois disso?*
Educanda03C:	*É.*

A fala inicial da Educanda03C no trecho acima indica que, em sua opinião, deveria haver esforço maior por parte da escola para que educandos e educandas se sentissem motivados a estudar e, ao continuar suas falas, conta o que aconteceu com o irmão que não estuda mais. Há nesse discurso uma relação de causa e efeito, sendo a causa ter sido o irmão parar de estudar e o efeito ele ter se envolvido com “coisa errada”, podendo dessa fala entendermos que há uma sintonia entre o que a Educanda03C pensa

com a representação social de que a escola protege e orienta os modos de vida dos educandos e educandas.

Ainda sobre a participação da escola na motivação para seguirem ou não com os estudos, nos chamou atenção o relato feito pelo Educanda04C e o Educando01C, conforme mostra o trecho a seguir:

Educanda04C:	*Se você for nas salas dos 9ºs anos você vai ver: tem uma sala que têm mais alunos que querem estudar, alunos que não quer nada com nada, uns que é mais ou menos, outro que... (mexe o ombro em sinal de descaso)... é isso.*
Educando01C:	*Só que isso não foi eles que separaram, foi de acordo com o aprendizado de cada um. Praticamente foi uma questão de sorte. Saíram pegando, digamos, de uma sala cheia, as pessoas inteligentes, se você for uma pessoa que não tem muito interesse, logo, logo ela vai tá inteligente também, logo, logo ela vai tá interessada também em fazer o que as outras fazem.*
Educanda06C:	*Mas...*
Educando01C:	*Agora, se você coloca uma pessoa inteligente numa sala de quem não quer nada, ele vai se transformar num deles.*
Mediador:	*Ahã.*
Educando01C:	*Ou se você estimular essa pessoa ela pode virar o jogo e se transformar nessas pessoas, em pessoas inteligentes, entendeu? Em pessoas que querem estudar realmente.*
Educanda06C:	*Mas eu acho que vai depender, depende da pessoa. Se a pessoa quer ou se a pessoa não quer, porque uma não vai influenciar a outra, entendeu? Se as outras pessoas, "ah, eu tô caindo e tal, minhas notas tá ruim e não sei o quê", a pessoa pega e, tipo, ela pensa "eu tenho que melhorar, eu tenho que focar nos meus estudos", e ela consegue. Igual o meu vizinho lá perto de casa. Os filhos dele, tipo, são, as nota do filho dele são tudo boa.*
Mediador:	*Ahã.*
Educanda06C:	*Ele pegou e falou assim pros filho dele: "Pai, eu queria ser médico", ele falou assim: "Se você quer ser médico, você estuda muito, aí você consegue. Agora, se você não quer, você não vai conseguir nada na sua vida".*
Mediador:	*Ahã.*
Educanda06C:	*Vai da personalidade da pessoa, se a pessoa quer ou não quer.*

O Educando01C explicou que a separação comentada pela Educanda04C não foi voluntária, mas imposta pela escola. Na percepção do Educando01C, se houver estímulos e interações adequadas, um educando ou educanda considerado(a) ruim poderia se transformar positivamente, ao que a Educanda06C discordou, pois fez discursos que demonstram a ideologia da meritocracia. Esse trecho mostra também que, nos discursos dos e das participantes da pesquisa, a falta de empatia não está totalmente instalada, não há consenso entre as falas, o que é indicativo de que representações sociais e adoção de ideologias está ainda em aberto, constatação que poderia ser melhor observada pelos

agentes educacionais, no sentido de propor intervenções/reflexões que promovessem o rompimento da lógica individualista/meritocrática percebida na hegemonia capitalista.

O trecho a seguir ilustra a distinção que é feita entre alunos que já foram reprovados e/ou perderam algum ano escolar com os que estão na idade certa:

Mediador:	*Nossa! Entendi. A escola aqui de vocês fazem campanhas contra violência, bullying, drogas...*
Educando02P:	*Não, se você fizer bullying com alguém você ganha suspensão, se brigar com alguém, te mandam pra polícia.*
Educanda01P:	*Uma amiga aconteceu isso?*
Mediador:	*Vai pra polícia?*
Educanda01P:	*É.*
Educando03P:	*É, tem XXX. Nós 3 aqui (mostra "educando04P", ele e "educando02P), como nós é repetente, quer dizer, não é repetente... quer dizer, você não é repetente, né?*
Educando02P:	*Dois anos também.*
Educando03P:	*Nós é repetente, a gente se envolve em briga, eles chama a polícia pra nós, e os home já fica na cola. Alunos do 7º e 6º ano também são repetentes, brigam na escola, e sai só com uma... suspensão.*
Educanda06P:	*Advertência... é verdade, eles tratam os menino como se fossem criminoso.*
Educando02P:	*É diferente, é diferente, eles tá julgando muito pelo caráter das pessoas.*
Educando03P:	*Fora, assim, que quando some algum, alguma caneta, algum celular, eles vêm procurar direto na nossa mochila.*
Mediador:	*Sério?*
Educando03P:	*Nas mochilas dos repetente.*
Educando02P:	*Ficam falando da gente, porque nós é atentado, mas nós não fez nada. Só porque a gente é atentado e repetente eles acabam culpando nós, sem nós ter feito nada!*
Mediador:	*Já tem uma discriminação contra vocês.*
Educando02P:	*É, a pessoa maior santa ali, que não faz nada, foi lá e pegou e culpa a gente e nós vai levar a culpa.*
Educanda06P:	*Acho que é por isso que nosso mundo tá tão assim, a desigualdade, sabe?*
Educando02P:	*Aí se o trem não aparecer...*
Educanda06P:	*Acho que é por isso que tem muito menino violento nas escolas, eu acho que é por isso.*
Educando03P:	*E é por isso que tem gente usando droga, pra poder fugir da realidade.*
Educanda06P:	*Ahã.*
Mediador:	*Entendi.*
Educando02P:	*Tem pessoas, tem várias coisas, né, tem pessoas que fumam, que bebem, que acabam se cortando por algum problema...*

Apesar de nesse trecho haver relato da presença policial no ambiente escolar, o apresentamos nessa seção e não na anterior por querermos focar na reflexão possível em torno da distinção mencionada entre educandos(as) repetentes mais velhos(as), os(as) repetentes mais novos(as) e os(as) que não são repentes, de que tal distinção pode ser motivadora do abandono ou evasão escolar. A Educanda03P atribuiu a esse tratamento

discriminatório a motivação de muitos jovens estarem usando drogas como forma de fugir dessa realidade escolar.

Há por parte deles e delas o reconhecimento da realidade desconfortável a que são submetidos por terem em seus históricos escolares algum atraso e observam uma relação de causa e efeito também neste caso. Essa percepção/hipótese de que o envolvimento com drogas e de automutilação por parte de alguns jovens repetentes seja resposta à forma hostil como são tratados na sociedade e, mais especificamente, no ambiente escolar, é reveladora de como as interações sociais são fortemente influenciadoras da construção do eu de cada um, do ethos de cada um, o que confirma o preconizado por Augusto (2019) quando defende que as trajetórias juvenis são sempre referenciadas em transmissões que ocorrem no decorrer de todo o processo de socialização.

Entender a influência das reprovações para a formação humana dos educandos e das educandas nos convida a repensar essa prática que já está naturalizada, o que, muitas vezes, nos faz perder de vista que "reprovar, reter nos processos de aprendizagem e socialização têm repercussões sociais, éticas, raciais, democráticas ou antidemocráticas, igualitárias ou segregadoras, includentes ou excludentes" (ARROYO, 2012, p. 374).

Os discursos dos e das jovens sobre a condição dos e das repetentes no ambiente escolar são reveladores de que, no contexto deles e delas, a prática da reprovação é pautada numa diferenciação negativa dos que não conseguem avançar na escolaridade. Arroyo (2012) nos ensina que poderíamos agir como educadores da sociedade se invertêssemos essa lógica excludente já naturalizada, defendendo que

> a nossa tarefa será deixar claro à sociedade que se somos nós os que sentenciamos, a lógica que nos leva a sentenciar não é só docente nem escolar, é a lógica seletiva e excludente que a sociedade nos impõe. Neste sentido, nós podemos ser educadores da sociedade, mostrar os perversos efeitos de sua lógica excludente e seletiva nas escolas e na sociedade (ARROYO, 2012, p. 374).

O próximo trecho mostra a relação de causa e efeito que os educandos e educandas percebem na relação entre parar de estudar e se envolver com drogas e violência:

Mediador:	*Vocês conhecem pessoas que não estudam?*
Educando02P:	*O meu irmão.*
Educando04P:	*Ahã.*
Mediador:	*O seu irmão? Ele parou de estudar por quê?*
Educando02P:	*Drogas, ele entrou no mundo das drogas. Parou de estudar. Tá com 25 anos e tá no oitavo ano ainda.*
Mediador:	*Ah...*

Educanda01P:	*XXX, um deles já faleceu já.*
Mediador:	*Ele já até morreu?*
Educanda01P:	*Já, 23 anos...*
Mediador:	*Por conta de quê?*
Educanda01P:	*Por conta de drogas, ele tomou 33 tiros dentro de uma festa.*
Mediador:	*33 tiros?*
Educanda01P:	*Sim, fizeram uma casinha pra ele, porque ele tava devendo mais de 3 mil reais de drogas.*
Mediador:	*Foi a questão que ele tava devendo droga? E ele já tinha, ele ainda tava estudando nessa época?*
Educanda01P:	*Ele estudava, assim, à noite, lá no XXX. Aí ele tava fazendo, ia fazer o 7º, por conta que não terminou o 6º, parou bem no 6º.*
Mediador:	*Ahã.*
Educanda01P:	*Aí ele foi, quando ele decidiu voltar, aí quando foi no outro dia chamaram ele pra ir numa festa, aí foi eu, ele e a mulher dele. Aí as filha dele ficou lá com a minha tia. Aí nesse dia, não, aí primeiro ele não queria ir pra festa, quando chegamo lá, passou um pouquinho os cara chamou ele mais pra baixo assim e começou a dar tiro nele, sem parar.*
Mediador:	*Entendi.*

Os e as participantes da pesquisa indicam que falta esforço por parte da escola para que sejam motivados(as) a se interessarem pela vida escolar e que entendem que os(as) educandos que desistem da escola acabam por se envolverem com drogas e possuem mais chances de morrerem ainda novos. Essa falta de esforço da escola, percebida pelos(as) educandos(as), em motivá-los a se manterem na escola ou em promover ambientes em que os alunos se sintam satisfeitos de estarem estudando, pode ser reflexo do princípio da equidade em substituição ao da igualdade substantiva, já que o foco das políticas educacionais para a Educação Básica tem sido no acesso para todos e não na permanência com qualidade na escola, o que não tem contemplado todo o ciclo equitativo que, além de acesso, deveria garantir permanência e distribuição do conhecimento.

Alguns discursos nos deram pistas do que é considerado pelos/as jovens participantes da pesquisa como práticas que, no ambiente escolar, são motivadoras de suas permanências na trajetória dos estudos formais. O trecho a seguir é da entrevista que o Educando01C nos concedeu e nele é possível perceber que a diferenciação negativa não é uma regra absoluta a ser praticada por parte de docentes com estudantes que possuem reprovação escolar em seus históricos:

Entrevistadora: Educando 01C, você vai agora pro Instituto.

Educando01C: O IFG, isso.

Entrevistadora: É, pro IF, não vai?

Educando01C: Ahã.

Entrevistadora: Que curso você vai?

Educando01C: Técnico em Agropecuária.

Entrevistadora: Agropecuária.

Entrevistador: Lá em Hidrolândia?

Educando01C: Em Hidrolândia, ahã.

Entrevistadora: Ãh, é Hidrolândia?

Educando01C: É.

Entrevistadora: Ah, não é aqui não?

Educando01C: Não, tem aqui também, o diretor disse que tem como passar a vaga pra cá, mas eu acho que eu vou ficar lá mesmo.

Entrevistadora: Lá em Hidrolândia?

Educando01C: Ahã.

Entrevistadora: E você tá animado com essa história de ir pro Ensino Médio integrado?

Educando01C: Tô.

Entrevistadora: É?

Educan01C: Ahã.

Entrevistadora: E você gosta da história do curso? Da Agropecuária?

Educando01C: Ah...

Entrevistadora: Ou você nunca pensou?

Educando01C: Eu nunca pensei na área não.

Entrevistadora: Não?

Educando01C: Eu peguei mais porque a professora de Língua Portuguesa me forçou a ir ali, mas até que eu tô gostando da ideia de poder entrar num curso superior de uma Federal pra ver se eu consigo realmente ter um plano de vida melhor.

Entrevistadora: Ahã.

Educando01C: Cursar os meus desejos.

Entrevistadora: Ahã.

Entrevistador: Como assim a professora de Língua Portuguesa te forçou?

Educando01C: Não, ela me forçou assim, eh...

Entrevistador: Te incentivou?

Educando01C: Me incentivando, falava: "Não, vai lá, tem que fazer, você tem que fazer!". Aí de tanto eu ouvir ela falando assim, "Ah, quer saber? Eu vou tentar, vou tentar".

Entrevistador: Por que você não queria fazer?

Educando01C: Porque eu não acreditava em mim mesmo.

Entrevistador: Como assim?

Educando01C: Eu não tinha certeza de que eu iria passar. Falta de confiança. Nunca tive muita confiança em mim mesmo pra poder fazer as coisas.

Entrevistadora: Ahã. E passou?

Educando01C: Ahã.

Entrevistadora: E passou!

Educando01C: Passei.

Entrevistadora: Ah! Que bom! Aêee! Muito bem! E a confiança agora...

Educando01C: Aumentou.

Entrevistadora: ... tá...

Educando01C: É como a professora de Língua Portuguesa disse: se você não faz, você não tem certeza.

O educando e a educanda que experimentam a reprovação escolar passam a se sentir desacreditados por conta do valor negativo posto sobre tal acontecimento, o que influencia a formação de seus ethos. Nesse caso específico, além desse trecho em que conta de sua aprovação para um curso técnico de nível médio em um Instituto Federal, o Educando01C nos relatou que gosta muito de ler, que gosta de ouvir rock, que sempre foi um aluno muito assíduo na escola, mas ainda assim não possuía autoconfiança quando a questão era avançar na escolaridade. A insistência da professora de Língua Portuguesa em motivá-lo a tentar fazer a seleção do Instituto Federal foi importante para que esse educando resgatasse a confiança em si mesmo que foi quebrada quando da sua única experiência de reprovação escolar.

Ao dizer que está gostando da ideia de fazer um curso em uma Instituição Federal e relacionar isso à possibilidade de conseguir "realmente ter um plano de vida melhor", o Educando01C revela que suas projeções estão mais próximas da vida adulta do que da infância. Quando declara suas vontades, é possível perceber que ao final do Ensino Fundamental suas expectativas são juvenis e não mais adolescentes, já que está projetando a vida adulta.

Já no trecho a seguir, fica evidente que os educandos e as educandas têm ideias sobre como a escola poderia se organizar para que se sentissem mais felizes e motivados em estudar:

Educanda06P:	*Olha o tamanho dessa nossa escola, tem essa, tem uma possibilidade...*
Mediador:	*Sim, enorme.*
Educanda06P:	*... de ser uma escola maravilhosa, esse, esse local, sério. Deveria ter mais salas, eu acho, tipo sala de, de reforço e tal, fazer... a biblioteca ela não é muito grande, eu amo pegar livro lá, tipo, sempre eu tô pegando, sabe, e eu acho que deveria ter mais.*
Educando03P:	*Não é puxando o saco pra nós não, mas naquele espaço vago, onde os carro ficam estacionado, deveria fazer o quê, uma piscina olímpica, natação pros...*
Educanda06P:	*Verdade, aula, tem de patins também, eles disse que ia fazer antigamente, área de patins assim, nossa, eu imaginei tudo quando falava, sério! Você monta uma arquitetura, assim, na sua cabeça, mas tudo ilusão, então...*
Mediador:	*Eles só colocam tudo aí no final...*
Educanda06P:	*A gente para de sonhar até, a gente só se contenta com o que tá agora e pronto.*

Para a Educanda06P, a indisposição da escola em transformar os espaços e as práticas escolares faz com que os e as jovens estudantes parem de sonhar e, como vimos nos trechos anteriores, a interrupção dos sonhos, o desinteresse pela escola faz com que muitos(as) jovens busquem fugir das realidades que lhes causam sofrimento e ausência de perspectiva de futuro, usando drogas e, muitas vezes, como consequência desse uso, se envolvem com práticas de violência. Nem as falas dos e das jovens estudantes com quem conversamos, nem nossa análise tem a pretensão de deslegitimar o trabalho que as escolas públicas municipais de Aparecida de Goiânia têm realizado, pelo contrário, ouvir as críticas e sugestões dos e das educandas pode ser um exercício positivo para que, coletivamente, sejam planejadas e executadas ações no interior das escolas que colaborem para a permanência com qualidade de mais adolescentes e jovens no espaço escolar.

Arroyo (2012) nos chama atenção para uma certa culpa que devemos assumir diante das altas taxas de reprovações escolares, explicando que seria injusto culpabilizar os professores e professoras por isso, mas que assumir a parcela que nos cabe seria um incentivo para revermos nossas posturas e práticas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao iniciar nossa pesquisa, tínhamos três perguntas a serem respondidas, são elas: o e a jovem que tem negado o seu direito à apropriação dos conteúdos escolares na idade certa está mais propenso a se envolver em atos de violência? Os e as jovens que completaram 15 anos de idade e não ingressaram no Ensino Médio são os que mais se envolvem com a criminalidade no município de Aparecida de Goiânia? Os e as jovens estudantes percebem a existência de políticas educacionais voltadas ao combate da evasão escolar nas escolas municipais de Aparecida de Goiânia?

O primeiro enfrentamento teórico que se colocou à nossa frente, na tarefa de responder a essas questões norteadoras, se encontrava justamente na definição de "jovem". Quem, afinal, pode ser considerado um jovem? Quais os critérios para, dentro do rigor teórico-metodológico, para delimitar aqueles que seriam ouvidos durante a pesquisa?

Encontramos no aparato jurídico e também nas delimitações das políticas de assistência social, a definição etarista, que define adolescente e jovem a partir de uma fronteira cronológica, sendo o adolescente aquele sujeito entre doze e dezoito anos e o jovem, o sujeito entre quinze e vinte e nove anos de idade. Ora, dormimos criança e acordamos adolescentes, ou dormimos adolescentes e acordamos jovens. A complexidade dessa fase da vida envolve um processo de maturidade que ultrapassa a fronteira crono-biológica.

Tanto adolescência quanto juventude são conceitos historicamente construídos e constantemente reelaborados e ressignificados. Essa dinâmica de reconstrução, o que sempre serve a propósitos diversos, faz emergir diversos discursos sobre quem os jovens são, um processo padronizador que cria estereótipos e, ao fim, um inimigo social (e inclusive da escola), o "jovem problema", brigão, violento, "que não tem mais jeito", que não gosta de estudar, que não será nada na vida e que, por óbvio, abandonará a escola. Nesse sentido, compreender os jovens como sujeitos dotados de uma história, uma percepção de mundo, e, sobretudo, sujeitos que já vivenciam situações próprias da vida adulta, dentre elas, situações de violências múltiplas, e que tecem sua perspectiva de futuro a partir disso, fez com que adotássemos uma ideia de juventude dialógica, construindo esse conceito a partir dos sujeitos e não tomando a juventude como um bloco de experiências de vida homogênea, compreensão que está alinhada aos princípios do

método materialista histórico-dialético que, conforme Trivinños (1987), entende a importância da prática social como critério de verdade.

Os jovens aos quais tivemos acesso, são sujeitos que vivem a transição entre uma experiência familiar e uma experiência mais autônoma da vida social. A escola, nesse processo, não é um ambiente de isolamento das mazelas do mundo, mas que, por ser parte do mundo, todas as mazelas da sociedade adentram o seu espaço e impactam sua rotina. O primeiro elemento que nos provocou, observado no cotidiano escolar, é o que chamamos tecnicamente de distorção idade-série, um conceito acadêmico para descrever uma experiência de atraso no aproveitamento do conteúdo ensinado, que se evidencia no aluno com idade suficiente para estar à frente, mas se vê "atrasado".

Para mim, como professor de redes públicas de ensino, passou a ser bastante clara a relação entre alunos que, com 15 anos, ainda não haviam ingressado no Ensino Médio, a as práticas violentas, tanto dentro quanto no entorno das escolas, mas a percepção pura e simples não é suficiente para lançar luz sobre a questão, por isso, essa pesquisa é uma resposta a uma inquietação pessoal, compartilhada pela professora orientadora da pesquisa e, acredito, por uma multidão de outros e outras docentes. Quero dizer que é preciso estudos multifatoriais e interdisciplinares que sejam capazes de compreender tudo que envolve o "atraso escolar", em vez de adotarmos as concepções simplistas da meritocracia reforçando os discursos de "não se esforçou o suficiente".

Quando lançamos a pergunta: o e a jovem que tem negado o seu direito à apropriação dos conteúdos escolares na idade certa está mais propenso a se envolver em atos de violência? Observamos que os resultados nos mostram que, dentro do universo pesquisado, esses alunos têm uma vivencia cotidiana da violência. Seja ela de fato, como as agressões físicas vindas de familiares, colegas, desafetos, policiais e outros; até a violência simbólica como a percepção de desrespeito a sua humanidade, inclusive por parte de professores e professoras.

Nas respostas a itens do questionário aplicado e em falas nas rodas de conversa é observável que a violência é presenciada no cotidiano dos e das jovens com quem dialogamos, na forma de assaltos nas ruas dos bairros onde vivem, de violência doméstica em casas de pessoas conhecidas, das práticas policiais violentas cometidas nas abordagens de rotina e nas práticas de assassinatos de jovens envolvidos com tráfico e uso de drogas, inclusive cometidos por policiais.

Quanto as duas outras perguntas iniciais, ao considerar as percepções dos e das jovens educandos e educandas que se dispuseram a participar dessa pesquisa, respondendo ao questionário, participando das Rodas de Conversa – metodologia principal adotada para coleta de dados – e nos concedendo duas entrevistas, foi possível identificar uma contradição entre os discursos em forma de respostas aos questionários, expressos nos 35 quadros apresentados no Segundo Capítulo, e os discursos em formas de falas nas Rodas de Conversa. Tal contradição está no fato de 24 dos(as) 36 participantes da pesquisa terem respondido, no questionário, não acreditarem que estar matriculados em uma escola os impedisse de praticar violência, situação que não se verificou nos discursos proferidos nas Rodas de Conversa em que ficou evidente que os conhecidos(as) deles e delas que não frequentavam a escola eram personagens de histórias marcadas pela prática de violência, pela morte e pelo uso de drogas ilícitas.

Também ficou evidente que os e as jovens se sentiram por diversas vezes desrespeitados no ambiente escolar. Essa situação nos leva a defender que, na percepção dos e das participantes dessa pesquisa, há práticas violentas que são aceitáveis e outras não. No campo das práticas violentas aceitáveis estariam as que não culminam em intervenção policial e nem em morte e que são tão corriqueiramente observáveis que os e as jovens já não mais as categorizam como práticas violentas. Assim as brigas, inclusive as com agressões físicas, presenciadas no ambiente escolar não seriam reconhecidas como práticas violentas pelos(as) jovens com quem dialogamos, por já serem práticas naturalizadas por eles e elas.

Outro fato que chama atenção nos discursos dos e das jovens com quem dialogamos é a diferenciação negativa a que são submetidos por serem educandos e educandas com reprovação em seus históricos escolares. Tal diferenciação é percebida por eles e por elas como motivadora da evasão/abandono escolar, percebem que de tanto serem desprezados, desacreditados nos ambientes escolares, muitos e muitas jovens desistem de continuarem estudando, o que, em nosso entendimento, é porta aberta para o envolvimento/cometimento de atos infracionais.

Não é nossa intenção passar a ideia de que o fato de estar matriculado em uma escola irá impedir que um(a) jovem se envolva com drogas e/ou pratique violência, visto que entendemos que a escola é uma instituição social e, por isso mesmo, não está imune aos acontecimentos observáveis fora dela. O fato é que, a partir das percepções e

experiências dos e das jovens com quem dialogamos, as histórias de violência extrema que terminam, inclusive, em morte, são de jovens que não frequentavam uma escola. Esse é o ponto que nos faz defender a necessidade de questionar o princípio da equidade sendo respeitado apenas no acesso à escola e não sendo considerado na permanência escolar e distribuição do conhecimento.

A garantia do acesso à educação tendo como evidência a matrícula na escola, não é suficiente para garantir o resultado positivo que a escolarização com qualidade pode gerar na vida do jovem. Por isso, nossa principal defesa consiste em pontuar que a igualdade de aprendizagem, e não apenas de acesso, é capaz de corrigir de forma justa e igualitária a distorção idade-série que, por sua vez, tornar-se-á um mecanismo natural de afastamento desse mesmo jovem de situações violentas, posto que nossa amostra é capaz de evidenciar a relação entre jovens com 15 anos ou mais ainda frequentando o Ensino Fundamental e suas vivências sendo vítimas e agressores.

Nosso entendimento é de que o ambiente escolar protege a vida de crianças, adolescentes e jovens, mesmo que eles e elas, como revelado na pesquisa, não tenham total clareza disso – ou tenham alguma dificuldade em admitir isso – e nesse sentido é que defendemos que a permanência escolar e distribuição do conhecimento sejam mais observadas e cuidadas para que menos jovens se desinteressem por essa jornada.

É preciso compreender as condições que levaram um jovem a não acompanhar, conforme orientam as políticas educacionais, a série indicada para sua idade. É preciso, sobretudo, entender que o que gera a situação de distorção idade-série não é um fator individual, que revele a capacidade de um sujeito, seu mérito ou demérito, mas é resultado de um Estado que abandona uma parcela da sociedade oferecendo-lhes sempre menos- ou nada.

A violência é estrutural, quando se trata do jovem, negro, estudante de escola pública. Sua aprendizagem é reflexo disso. Logo, seus esforços individuais estão sempre sendo confrontados com um sistema que lhe impede de acessar um outro lugar social. Seja lhe negando a segurança pública, seja lhe negando o direito a assistência à saúde, moradia digna e, inclusive, a uma escola suficientemente preparada para lhe ajudar a construir perspectivas positivas de futuro a partir de uma distribuição igualitária de conhecimento.

A chave para uma maior atenção e cuidado com a permanência e distribuição do conhecimento escolar pode ser a escuta atenta de educandos e educandas, eles e elas querem participar do planejamento e organização escolar. Que isso deve ser feito e está prescrito nas teorias sobre gestão escolar democrática, já sabemos, só que os discursos dos e das jovens com quem conversamos dão conta de que, por eles e elas, ainda não é uma prática observável.

REFERÊNCIAS

ABRAMO, H. W. Considerações sobre a tematização social da juventude no Brasil. In: PERALVA, A. T.; SPOSITO, M. P. **Juventude e contemporaneidade**. Número especial. Revista Brasileira de Educação, 1997.

ALVES, M. F. O Ensino Médio na encruzilhada: do esvaziamento à crença na escola como caminho de mobilidade social. In: ALVES, M. F.; MATUTINO, A. L. (Orgs.). **Juventudes:** Educação e religião em cenários de violência. Goiânia: Editora Espaço Acadêmico, 2016.

_____. Violência e juventude em Goiás: narrativas dos jovens de escolas públicas. **Inter-Ação**, Goiânia, v. 43, n. 2, p. 433-449, maio/ago. 2018. Disponível em: http://dx.doi.org/10.5216/ia.v43i2.52504. Acesso em: 15/02/19.

_____; GONZÁLEZ-MONTEAGUDO, J. "Eu já falei que tenho algo a dizer, e disse": As rodas de conversa na pesquisa com jovens — potencialidade e limites para o fazer da pesquisa. In: OLIVEIRA, I. B.; PEIXOTO, L. F.; SUSSEKIND, M. L. (orgs.). **Estudos do cotidiano, currículo e formação docente:** questões metodológicas, políticas e epistemológicas. Curitiba: CRV, 2019.

ARROYO, M. G. **Imagens quebradas:** trajetórias e tempos de alunos e mestres. 7 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

AUGUSTO, M. H. O. Teorias sobre juventude: para que servem e para onde nos conduzem? In.: COLAÇO, V. F. R; GERMANO, I. M. P; MIRANDA, L. L. et al. (Orgs.). **Juventudes em Movimento**: experiências, redes e afetos. Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora, 2019.

BARROS, J. P. P. Juventudes desimportantes: a produção psicossocial do "envolvido" como emblema de uma necropolítica no Brasil. In.: COLAÇO, V. F. R; GERMANO, I. M. P; MIRANDA, L. L. et al. (Orgs.). **Juventudes em Movimento**: experiências, redes e afetos. Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora, 2019.

BRASIL. **Estatuto da Juventude**. Câmara dos Deputados: Brasília, 2013. Disponível em http://bd.camara.gov.br/bd/handle/bdcamara/14918. Acesso em: 10/04/17.

CASTRO, L. R. Onde estão os (sujeitos) jovens nas teorias da juventude? In.: COLAÇO, V. F. R; GERMANO, I. M. P; MIRANDA, L. L. et al. (Orgs.). **Juventudes em Movimento**: experiências, redes e afetos. Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora, 2019.

CHARLOT, B. **A mistificação pedagógica:** realidades sociais e processos ideológicos na teoria da educação. Trad. Maria José do Amaral Ferreira. Ed. Ver e ampl. São Paulo: Cortez, 2013.

CRAHAY, M. Como a escola pode ser mais justa e mais eficaz? **Cadernos Cenpec**. v. 3, n. 1, p. 9-40, jun. São Paulo: 2013.

CURY, C. R. J. A educação básica como direito. **Cadernos de Pesquisa**. v. 38, n. 134, p. 293-303, mai/ago. 2008a. Disponível em:

< http://www.scielo.br/pdf/cp/v38n134/a0238134.pdf>. Acesso em: 10 abril. 2017.

_____. A educação escolar, a exclusão e seus destinatários. **Educação em Revista**. Belo Horizonte, n. 48, p. 205-22, 2008b. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/edur/n48/a10n48.pdf>. Acesso em: 24 jan. 2018.

DAYRELL, J. O jovem como sujeito social. **Revista Brasileira de Educação**, n. 24, Set/Out/Nov/Dez, 2003.

DIÓGENES, G. Juventudes, violência e políticas públicas no Brasil: tensões entre o instituído e o instituinte. **Sinais Sociais**. v. 6, n. 18, p. 102-127, 2012.

DUARTE, A. J. A educação escolar e os processos de enfrentamento da realidade urbana por jovens da periferia. **Educativa**, v. 17, n. 1, jan./jun. 2014.

ENGELS, F. **Anti-Dühring**: A revolução da ciência segundo o senhor Eugen Dühring. Tradução: Nélio Schneider. São Paulo: Boitempo Editorial, 2015.

FAIRCLOUGH, N. **Discurso e mudança social**. 2. ed. Brasília: Editora UnB, 2016.

FERREIRA, V. S. Jovens e gerações em tempos de crise: entre Portugal e o contexto global. In.: COLAÇO, V. F. R; GERMANO, I. M. P; MIRANDA, L. L. et al. (Orgs.). **Juventudes em Movimento**: experiências, redes e afetos. Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora, 2019.

FRANCISCO, J. C; GROPPO, L. A. Adolescência(s) e Juventude(s): considerações a partir de uma coexistência legal. **Crítica Educativa**, v. 2, n. 2, jul./dez. 2016.

FRIGOTO, G. **Educação e a crise do capitalismo real**. São Paulo: Cortez Editora, 1995.

GOMES, J. V. Jovens urbanos pobres: Anotações sobre escolaridade e emprego. In: PERALVA, A. T.; SPOSITO, M. P. **Juventude e contemporaneidade**. Número especial. Revista Brasileira de Educação, 1997.

GOMES, M. P.; DUARTE, A. J. Desigualdade social e direito à educação no Brasil: reflexões a partir da reforma do Ensino Médio. **Iter-ação**, v. 44, n. 1, jan./abr. 2019.

GUIMARÃES, E. Juventude(s) e periferia(s) urbanas. In: PERALVA, A. T.; SPOSITO, M. P. **Juventude e contemporaneidade**. Número especial. Revista Brasileira de Educação, 1997.

GROPPO, L. A. **Juventudes**: sociologia, cultura e movimentos. Alfenas (MG): Unifal, 2016.

_____; SILVEIRA, I. B. Juventude, classe social e política: reflexões teóricas inspiradas pelo movimento das ocupações estudantis no Brasil. **Argum**, v. 12, n. 1, jan./abr. 2020.

MACHADO, M. M; ALVES, M. F. O PNE e os desafios da educação de jovens e adultos na próxima década. In: DOURADO, L. F. (Org.). **Plano Nacional de Educação**: PNE 2014/2024: avaliação e perspectivas. Campinas, SP: Mercado das Letras, 2017. p. 139-171.

MARTUCCELLI, D. Condición adolescente y ciudadadanía escolar. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 41, n. 1, 2016.

MBEMB, A. Necropolítica. **Temáticas**. n. 32, dez, RJ: 2016.

OLIVEIRA, V. H. N. Juventudes e Educação: estado da arte de publicações em revistas A1 de Universidades Federais Brasileiras (2010 – 2019). **Revista Educar Mais**, v. 5, n. 2, 2021.

PAIS, J. M. A construção sociológica da juventude: alguns contributos. **Análise Social**, v. XXV (105-106), 1990.

PAIVA, I. L; OLIVEIRA, M. C. S. L; COLAÇO, V. F. R. Adolescência em conflito com a lei: entre o prescrito legal e a prática social. In.: COLAÇO, V. F. R; GERMANO, I. M. P; MIRANDA, L. L. et al. (Orgs.). **Juventudes em Movimento**: experiências, redes e afetos. Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora, 2019.

PATTO, M. H. S. Teoremas e cataplasmas no Brasil monárquico: o caso da medicina social. **Novos Estudos Cebrap**, n.44, p.180-99, mar. 1996.

_____. Estado, ciência e polícia na Primeira República: a desqualificação dos pobres.

Estudos Avançados, v.13, n.35, p.167-98, jan.-abr. 1999a.

_____. **A produção do fracasso escolar**: histórias de submissão e rebeldia. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1999b.

_____. Violência nas escolas ou violência das escolas? In: _____. **Exercícios de indignação**: escritos de educação e psicologia. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2005.

_____. "Escolas cheias, cadeias vazias" Nota sobre as raízes ideológicas do pensamento educacional brasileiro. **Estudos Avançados**, v. 21, n. 61, p. 243-266, 2007.

RESENDE, A. C. A; MIRANDA, M. G. de. Igualdade, equidade e educação. In: MIRANDA, M. G. de. (Org.). **Educação e desigualdades sociais**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2016. p. 19-42.

RIBEIRO, V. M. Que princípio de justiça para a Educação Básica? **Cadernos de pesquisa**. v. 44, n. 154, p. 1094-1109, out./dez., 2014.

ROLIM, M. A Segurança Pública como prevenção. **Divulgação em saúde para debate**, n. 35, p. 55-67, 2006.

_____. Brasilidade e Anti-humanismo. **Responsabilidades**, v. 2, p. 55-74, 2012.

ROSA, M. D. Adolescência: da cena familiar à cena social. **Psicologia USP**, v. 13, n. 2, 2002.

SILVA, L. R.; NETA, M. A. Rodas de Conversa: entre falas e escutas. In: TEIXEIRA, C. L.; SILVA, L. R.; ALVES, M. F. (Org.). **A Juventude Quer Viver**: condição Juvenis e Redes de Proteção em Goiás. Goiânia: Casa da Juventude; PUC Goiás, 2010.

SÍNTESE de indicadores sociais 2016: uma análise das condições de vida da população brasileira. Rio de Janeiro: IBGE, 2016. 138 p. (Estudos e pesquisas. Informação demográfica e socioeconômica, n. 36). Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/estatisticas-novoportal/sociais/populacao/9221-sintese-de-indicadores-sociais.html?edicao=9222&t=publicacoes>. Acesso em: 28 jan. 2018.

SPOSITO, M. P. Estudos sobre juventude em educação. In: PERALVA, A. T.; SPOSITO, M. P. **Juventude e contemporaneidade**. Número especial. Revista Brasileira de Educação, 1997.

SPOSITO, M. P.; CARRANO, P. C. R. Juventude e políticas públicas no Brasil. In: **Revista Brasileira de Educação**. n. 24. Set-Dez. 2003.

TEIXEIRA, C. L.; TEIXEIRA, A. L. Pesquisa com jovens em Goiás: O que dizem os dados. In: ALVES, M. F.; MATUTINO, A. L. (Orgs.). **Juventudes**: Educação e religião em cenários de violência. Goiânia: Editora Espaço Acadêmico, 2016.

TIBALLI, E. F. A. Universalização da educação básica e desigualdade educativa no discurso educacional brasileiro. In: MIRANDA, M. G. de. (Org.). **Educação e desigualdades sociais**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2016. p. 103-128.

TRIVIÑOS, A. N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais:** a pesquisa qualitativa em educação. São Paulo: Atlas, 1987.

APÊNDICES

APÊNDICE I

Roteiro das Rodas de Conversa

(As rodas de conversa serão realizadas nas unidades escolares participantes da pesquisa e envolverão alunos maiores de 15 anos de idade matriculados em turmas de 9° ano do Ensino Fundamental)

ACOLHIDA E PREPARAÇÃO

"Acolhemos a cada um/a de vocês que aqui vieram e aceitaram o convite para participar. Assim, cada pessoa deve se sentir acolhida e bem-vinda nesta Roda de Conversa. Vamos nos apresentar dizendo nosso nome, o bairro que a gente mora".
Pedir aos mediadores para se apresentarem

PROPOSIÇÃO DO ASSUNTO

a) Dizer que o grupo ao participar da roda vai contribuir para o conhecimento da juventude em Goiás e para compreender o que pensa sobre o tema: **EDUCAÇÃO E VIOLÊNCIA**;
b) Dizer em seguida que a roda é esse bate-bola.

DIÁLOGO COM A JUVENTUDE/REALIDADE

a) Fazer motivação do tema violência propondo que os participantes escutem a música "Violência" dos Titãs: apenas escutar na primeira vez; distribuir a letra e ouvir novamente a música acompanhando com a letra impressa:

O movimento começou, o lixo fede nas calçadas
Todo mundo circulando, as avenidas congestionadas
O dia terminou, a violência continua
Todo mundo provocando todo mundo nas ruas

A violência está em todo lugar
Não é por causa do álcool nem é por causa das drogas
A violência é nossa vizinha
Não é só por culpa sua nem é só por culpa minha

Violência gera violência

Violência doméstica, violência cotidiana
São gemidos de dor, todo mundo se engana
Você não tem o que fazer, saia pra rua
Pra quebrar minha cabeça ou pra que quebrem a sua

Violência gera violência

Com os amigos que tenho não preciso inimigos
Aí fora ninguém fala comigo
Será que tudo está podre, será que todos estão vazios?
Não existe razão, nem existem motivos

Não adianta suplicar, porque ninguém responde
Não adianta implorar, todo mundo se esconde
É difícil acreditar que somos nós os culpados
É mais fácil culpar Deus ou então o Diabo

O crime é venerado e posto em uso por toda terra
De um polo a outro se imolam vidas humanas
No reino de Zópito os pais degolam os próprios filhos
Seja qual for o sexo, desde que sua cara não lhes agrade
Os coreanos incham o corpo da vítima a custa de vinagre
E depois de estar assim inchado, matam-no a pauladas
Os irmãos Morávios mandavam matar com cócegas

b) Mostrar charge sobre mortes violentas no Brasil:

Após a utilização desses dois instrumentos, conversar com os jovens sobre as cenas de violências que já presenciaram ou que tiveram notícias de que ocorreu próximo a eles:

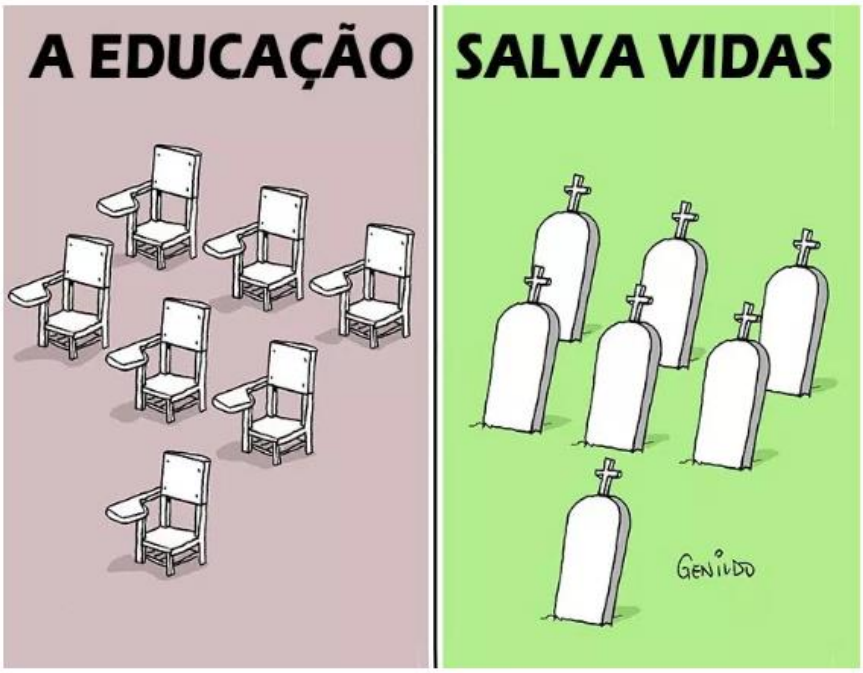
- Vocês já presenciaram casos de violência? Onde? Como foi? Quem eram os envolvidos?
- O bairro onde você mora é violento? Que tipo de violência acontece?

c) Mostrar a segunda charge sobre violência cometida por alunos.

Conversar com os jovens sobre o envolvimento deles com violência:

- Tem violência na escola? Que violência? Como acontece? Quem pratica violência na escola?
- Vocês já praticaram algum tipo de violência? Onde? Contra quem? Quais foram as consequências? Teve algum tipo de punição?

d) Mostrar as duas charges sobre as relações entre educação e violência.



Perguntar para os jovens o que pensam sobre o papel da escola no combate à violência:

- Que relação você estabelece entre escola e violência?
- Vocês acham que os jovens que estudam se envolvem menos com violência? Por que?
- Vocês conhecem muitos jovens que não estão estudando? Eles já se envolveram em casos violentos? Já foram presos?
- Na opinião de vocês, porque um jovem deixa de estudar?
- Quais dificuldades vocês encontram para serem aprovados?

ENCERRAMENTO

Finalizar a roda agradecendo a participação de todos e desejando sucesso, motivando-os a persistirem nos estudos e a não se envolverem com violência e denunciarem os casos que presenciarem.

APÊNDICE II

Questionário

(Esse questionário será aplicado para os estudantes maiores de 15 anos de idade matriculados em turmas de 9º ano do Ensino Fundamental de escolas municipais de Aparecida de Goiânia)

Responda todas as questões! (Complete os dados ou marque um X em quantas alternativas julgar necessária)

1. Sexo: ( ) Masculino ( ) feminino
2. Idade: _____
3. Etnia/raça: ( ) branca ( ) preta ( ) parda
   ( ) amarela ( ) indígena
4. Cidade que mora: _____
5. Já mudou de cidade? ( ) sim ( ) Não
6. Caso tenha mudado de cidade diga o nome da cidade e do Estado onde morou antes: _____
7. Seus pais são nascidos em que Estado do Brasil?
   Mãe _____ Pai _____
8. Você trabalha? ( ) sim ( ) não ( ) nunca trabalhou
9. Caso trabalhe: ( ) com carteira assinada ( ) sem carteira.
   Qual salário? _____
10. A renda de sua família (somando todos que trabalham em casa):
    ( ) menos de 1 salário ( ) de 1 a 2 salários ( ) de 2 a 4 salários
    ( ) mais de 5 salários
11. Quem é a pessoa que é o/a chefe da casa:
    ( ) mãe ( ) pai ( ) você ( ) outra pessoa
12. A casa que você mora é:
    ( ) alugada ( ) cedida ( ) Própria ( ) financiada
13. Você mora com:
    ( ) mãe/madrasta ( ) pai/padrasto ( ) avó/avô ( ) outro parente ( ) amigos
    ( ) sozinho/a ( ) companheiro/a
14. Você acessa a internet? ( ) sim ( ) não
15. Se acessa, como acessa? _____
16. Esse uso é:
    ( ) diário ( ) semanal ( ) de vez em quando
17. Se você acessa,
    ( ) tem acesso em casa ( ) acessa em Lan house
    ( ) na casa de amigos/as ( ) no serviço ( ) outro _____
18. Você já se sentiu desrespeitado/a na escola? ( ) sim ( ) não
19. Se sim, este desrespeito foi praticado
    ( ) por colegas ( ) por professores
    ( ) pela direção ( ) por funcionários/as
20. O que você acha mais desrespeitoso na escola?
    ( ) conteúdos fora da realidade dos alunos

( ) professores/as que não se preocupam em dar boas aulas
( ) alunos/as que faltam ou conversam nas aulas
( ) outros. Quais? _____

21. Qual é o grau de estudo de seus pais:

Mãe ( ) analfabeta
( ) ensino fundamental incompleto
( ) ensino fundamental completo
( ) Ensino médio incompleto
( ) Ensino médio completo
( ) Ensino superior incompleto
( ) Ensino superior completo

Pai ( ) analfabeto
( ) ensino fundamental incompleto
( ) ensino fundamental completo
( ) Ensino médio incompleto
( ) Ensino médio completo
( ) Ensino superior incompleto
( ) Ensino superior completo

22. Você costuma frequentar:
( ) shopping ( ) praças ( ) feiras ( ) bares ( ) bailes
( ) campo de futebol ( ) alguma outra área de esporte
23. Você já fez ou faz uso de:
( ) maconha ( ) crack ( ) êxtase ( ) cocaína ( ) fumo
( ) remédio controlado ( ) energético ( ) "bomba" ( ) cerveja
( ) pinga, wisk (destilado) ( ) outro _____.
24. Você já foi abordado pela polícia? ( ) sim ( )não
25. Você já foi agredido pela polícia? ( )sim ( ) não
26. Você já se envolveu em briga? ( ) sim ( ) não
27. Você já foi assaltado com arma? ( ) sim ( )não
28. Você já foi roubado sem arma? ( ) sim ( ) não
29. Você já presenciou atos de violência na casa onde mora? ( ) sim ( ) não
30. Você já presenciou algum ato violento na escola onde estuda? ( ) sim ( ) não
31. Se sim, descreva como foi.

_____
_____
_____
_____
_____
_____
_____
_____

32. Você já praticou alguma violência? ( ) sim ( ) não
33. Se sim, conte qual foi a violência praticada.

_____
_____
_____

_____
_____
_____
_____
_____

34. Em sua opinião, estar matriculado em uma escola te impede de praticar violência?
( ) sim ( ) não
35. Quantas vezes você já teve que repetir o ano escolar?
( ) 1 vez ( ) 2 vezes ( ) 3 vezes ( ) Mais de 3 vezes

36. Quais foram os motivos das reprovações?

_____
_____
_____
_____
_____
_____
_____
_____
_____

APÊNDICE III

Roda de conversa – Escola Municipal "Conhecimento"

Inicia com a música "Violência", dos Titãs

Violência
Canção de Titãs

Letras
O movimento começou o lixo fede nas calçadas
Todo mundo circulando as avenidas congestionadas
O dia terminou a violência continua
Todo mundo provocando todo mundo nas ruas
A violência está em todo lugar
Não é por causa do álcool
Nem é por causa das drogas
A violência é nossa vizinha
Não é só por culpa sua
Nem é só por culpa minha
Violência gera violência
Violência doméstica violência cotidiana
São gemidos de dor todo mundo se engana
Você não tem o que fazer saia pra rua
Pra quebrar minha cabeça ou pra que quebrem a sua
Violência gera violência
Com os amigos que tenho não preciso inimigos
Aí fora ninguém fala comigo
Será que tudo está podre será que todos estão vazios?
Não existe razão nem existem motivos
Não adianta suplicar porque ninguém responde
Não adianta implorar todo mundo se esconde
É difícil acreditar que somos nós os culpados
É mais fácil culpar deus ou então o diabo
O crime é venerado e posto em uso por toda a terra
De um polo a outro se imolam vidas humanas.
No reino de Zópito os pais degolam os próprios filhos
Seja qual for o sexo desde que sua cara não lhes agrade.
Os coreanos incham o corpo da vítima a custa de vinagre
E depois de estar assim inchado matam-no a pauladas
Os irmãos Morávios mandavam matar com cócegas

Mediador: Eh, o que você acharam da música? Gente, eu esqueci de perguntar o nome de cada um. Eu queria pedir pra cada um se apresentar, nome, eh, se puder falar a região onde mora e idade.

Educando01C: "Nome do educando", 15 anos, Aparecida de Goiânia.

Mediador: Ahã.

Educando02C: (fala muito baixo)

Mediador: Não entendi.

Educando02C: "Nome do educando" XXX, 14, XXX.

Educanda03C: XXX, tenho 16 anos e moro XXX.

Educanda04C: Meu nome é “Nome da educanda” XXX, tenho 15 anos e moro XXX.

Educanda05C: Meu nome é “Nome da educanda”, tenho 16 anos e moro aqui em Aparecida de Goiânia.

Educanda06C: Meu nome é “Nome da educanda” tenho 17 anos e moro em Aparecida.

(risos)

Mediador: Gente, eu sou péssimo com nome, então vai acabar que eu vou perguntar de novo. Então não repara não. Eh, eu vou passar uma tirinha pra vocês e aí eu vou pedir pra vocês lerem e vai passando. Aí quando terminar ali vocês podem colocar no centro da, da mesa, se achar melhor.

(Os alunos leem a tirinha, um a um)

Mediador: Com essa tirinha, vocês conseguem pensar, eh, se vocês já, já presenciaram algum caso de violência?

(todos concordam, com a cabeça ou respondendo sim)

Mediador: Onde?

Educando01C: Perto da minha casa.

Mediador: Perto da sua casa?

Educando01C: Sim, foi... era um dia, quarta-feira, tinha um colega meu que tava na rua, brincando normalmente, o pai chegou bêbado e começou a espancar ele até ele cair no chão. Ele desmaiou e aí levaram ele pro hospital. Eles se mudaram e nunca mais eu vi ele.

Mediador: Isso por que o menino tava brincando na rua?

Educando01C: O pai tinha acabado de se alcoolizar.

Mediador: Então... com isso você concorda que seu bairro é violento?

Educando01C: Não necessariamente.

Mediador: Não?

Educando01C: Não.

Mediador: Entendi. Eh... vocês têm algum caso de violência para contar? No bairro de vocês...? O bairro de vocês é violento? Meu vizinho, por exemplo, ele é... direto a gente escuta barulho dele brigando com a esposa e com os filhos e tal. Não tem nenhum caso de violência... vocês não têm nenhum caso...? Não tem... nunca presenciaram nenhum caso de violência... (pausa) Sempre tem algum... se não quiser falar também não tem problema, a gente passa pro próximo. Vocês que decidem.

Educanda05C: Violência não, não aqui onde eu moro agora, mas quando eu morava no Tocantins com a minha mãe, aconteceu uma vez de meu irmão estar alcoolizado, ele encontrou minha irmã na rua, num lugar onde ele não achava que minha irmã, eh, minha mãe tinha permitido minha, minha irmã andar, minha irmã, aí ele tava alcoolizado, ele pegou ela pelos cabelos lá na rua e...

Mediador: Nossa! Tudo bem agora?

Educanda05C: Tá...

Mediador: Eh, o bairro onde vocês moram, vocês veem esses casos? Não?

(alguns alunos acenam que não)

Mediador: É mais tranquilo, né?

(afirmam que sim)

Mediador: Eu vou entregar a segunda charge pra vocês, eh, da mesma forma, tá?

(os alunos leem a segunda charge, alguns riem)

Mediador: Vocês já presenciaram algum caso assim aqui, ou na...

Educanda04C: Já.

Educanda06C: Já.

Mediador: Como é que foi?

Educanda04C: Foi entre eu e uma professora.

Mediador: Você e a professora?

(risos)

Mediador: Como que foi?

Educanda04C: Não, mas não chegou, né? Quase, assim, XXX. Foi assim, aconteceu umas questão aí e ela foi, me xingou de cachorra, aí eu sou uma pessoa muito nervosa, eu não aguento. Aí nós foi e começou a bater boca, começou a gritaria, aí deu uma confusão lascada. Aí depois eu pensei que ela ia abrir uma, um BO contra mim, mas não aconteceu isso não.

Mediador: Mas tudo isso começou por... por implicância, XXX?

Educanda04C: Isso. Nós não dava certo.

Mediador: Implicância da professora contigo?

Educanda04C: Não, de nós duas, nós não dava certo.

Mediador: Foi ambas as partes.

Educanda04C: Isso.

Mediador: Ah tá. E vocês, têm algum caso?

Educanda06C: Ah, eu tenho, com meu irmão.

Mediador: Com seu irmão?

Educanda06C: O meu irmão, ele na escola, ele beliscava a professora, batia na professora, puxava o cabelo, ele era terrível.

Mediador: Por que que ele fazia isso?

Educanda06C: Ai, porque ele, eu não sei porque que ele fazia, mas é porque ele sempre foi assim, revoltadinho. Aí minha mãe direto era chamada na escola. Aí chegava em casa, apanhava, e no outro fazia a mesma coisa (risos).

Mediador: Nó, e não tinha consequência pra ele...?

Educanda06C: Não, não tinha. Ele fazia a mesma coisa. Ele apanhava, no outro dia fazia...

Mediador: Sempre a mesma coisa?

Educanda06C: Sempre. Aí ele agora tá estudando aqui, no 6º ano, até que ele parou.

Mediador: Ahã.

Educanda06C: Porque ele viu o jeito que ia ser a escola, ele estudava lá no Nova Olinda (?) e no Retiro do Bosque.

Mediador: Ahã, aqui é mais rígido?

Educanda04C: É.

Educanda06C: É, aqui é mais rígido.

Mediador: Isso é bom? É um rígido bom? Porque tem umas escolas que são...

Educanda04C: É um rígido assim, tipo assim, depende da pessoa que você caça confusão.

Mediador: Hum... entendi. Eh, como assim? Eh, você tá falando em questão dos professores ou com os alunos?

Educanda04C: Com os alunos. Tipo assim, tipo assim, imagina assim: eu vou caçar confusão com ela, aí ninguém sabe da vida dela, ninguém sabe o que ela pode fazer, o que pode fazer o pai e a mãe dela... XXX

Mediador: Hum... entendi, entendi. Eh... tem mais casos, gente? Nada? Aqui vocês já presenciaram? Já teve, eh, algum professor já agrediu... se vocês já agrediram

alguém, tem, também tem isso também. Não tem nenhum problema, pode falar, pode se sentir à vontade.

Educanda06C: A “Educanda04C”...

(todos riem)

Educanda03C: A sua agressão, né, “Educanda04C”? (risos)

Educanda04C: Tipo, com aluno? Briga com aluno?

Mediador: Sim, com aluno, com professor...

Educanda04C: Ixi, então tô ferrada.

(risos)

Mediador: Pode falar, não tem nenhum problema, a gente não tá aqui pra discriminar nada...

Educanda04C: Eu tive uma briga, no início do ano, tipo assim, eu era uma pessoa assim... a “Educanda03C” é minha amiga, se mexesse com “Educanda03C” eu entrava no meio.

Educanda03C: Isso mesmo.

Mediador: Ahã.

Educanda04C: Eu era desse jeito. Aí teve uma discussão entre a minha amiga e outra pessoa, uma colega de outra pessoa, e eu não gostei. Aí eu desci isso aqui correndo atrás das meninas, fui encontrar com a “Educanda07C” lá embaixo, aí aconteceu uma briga então. Aí chegou no outro dia, começou a chamar na coordenação. Aí, tava conversando também... aí no outro dia... aí tava todo mundo aqui, na porta da escola, aí eu tava lá na praça, aí os menino pego e falou assim: “Educanda04C”, a XXX vai te bater”. Aí eu vim, deixei meus trem lá tudinho, e vim correndo até aqui e os menino tudinho me segurou, porque eu fico muito nervosa. Aí falaram: “Não, a “Educanda04C” não vai pegar não”. Aí quando me soltou eu fui pra ir encima assim, a coordenação chegou e me trouxe pra dentro.

Mediador: Hum...

Educanda04C: Aí teve um que aconteceu...

Mediador: Aí você levou algum XXX?

Educanda04C: Não, nesse não, agora nesse que eu vou falar agora teve.

Mediador: Ah tá.

Educanda04C: Foi, teve um, um vídeo que tava acontecendo com um menino da minha sala, aí todo mundo postou, só que aí ele veio caçar confusão só comigo, não caçou confusão, tipo assim, não quis resolver com todo mundo, só comigo. Aí a irmã dele pegou e nós, aí nós foi pra Secretaria, eu, ele e os outros alunos, e resolveu. Tá, tá tudo bem, nós já tava conversando, e aí a irmã dele veio falar assim, que ia me bater. Aí ela parou lá no bebedouro e falou assim: “Fala pra “Educanda04C” que amanhã eu vou bater nela”. Eu fiquei de boa! Aí teve um dia que eu tava saindo da escola e ela tava me esperando. E eu tava tirando uma xérox pra professora e ela tava aqui na porta me esperando. Aí as menina que tava comigo entrou, nós viro assim aqui, aí começou, aí ela pegou e começou a me xingar, falou um monte de trem, aí pegou e xingou minha amiga e minha amiga avançou nela.

Mediador: Meu Deus!

Educanda04C: Aí parece que ela tá surda.

(risos)

Mediador: Tá surda? Caramba!

Educanda04C: Mas a menina ficou surda. Aí a...

(mais risos)

Alguém: Passada.

Educanda04C: É. Aí a mãe dela, aí ela falou lá que nós tava tudo... aí a mãe dela foi e abriu uma ocorrência contra nós, falou que tava com faca, um monte de coisa. Aí vai ter audiência agora.

Mediador: Acabou... ah, vai ter uma audiência.

Educanda04C: Não, já foi, já falou o que que aconteceu.

Mediador: Já foi.

Educanda04C: Agora vai ter uma audiência.

Mediador: Por que acabou que os pais se envolveram?

Educanda04C: Isso.

Mediador: Caramba! Então foi muito tenso, hein?

(risos)

Educanda04C: Foi.

Mediador: Nossa, eh...

Educanda06C: Se a menina não tivesse feito, não taria surda.

(fala muito baixa, não deu para entender)

(risos)

Mediador: Mas então pra... vocês acham que a violência ocorre mais entre os alunos ou mais entre alunos e professores?

Meninas respondem: Entre os alunos.

Mediador: Entre os alunos, entendi. Eu vou entregar agora mais duas charges pra vocês...

(os alunos leem as charges)

Mediador: Vocês, alguns de vocês falaram que, em comparação com o outro colégio que vocês estudaram, aqui é mais rígido. Você acha, vocês acham que essa rigidez do colégio, eh..., é boa pra diminuição da violência entre, entre os alunos e entre os professores? Dentro da escola?

(os alunos respondem que sim)

Mediador: Por quê?

Educanda05C: Eu acho assim, porque tipo assim, antes de eu vim pra cá, eu morava em São Paulo, aí a minha irmã queria me colocar aqui porque ouviu falar que aqui era muito liberal, as...

Educanda04C: Aqui era, é considerada a pior escola de Aparecida de Goiânia.

Educanda05C: Isso, aí por causa disso ela falou assim, que, eh, os menino fumava, o povo não tava nem aí, não dava bola, não ligava, aí ela não queria colocar, né, porque ela não queria uma escola ruim pra mim. Aí eu cheguei aqui eu vi que é tudo diferente, eu acho que é por referência do novo diretor.

Educanda04C: É, você chegou aqui bem depois que ele entrou. Se você pesquisar no Youtube, no Youtube, vai aparecer as brigas no meio da rua.

Mediador: Nossa, então foi com a mudança de, de direção...

Educanda04C: Foi.

Mediador: Foi que...

Educanda04C: Foi que melhorou.

Mediador: Ah...

Educanda06C: Mas pra mim eu acho que a escola não tem nada a ver com isso. Eu acho que tem a ver os alunos.

Mediador: Os alunos?

Educanda03C: É porque quem faz a escola é os alunos, né?

Mediador: Sim, também, mas tem, tipo, na minha, eu estudo em colégio militar, eh, lá é bem rígido, mesmo assim tem muito episódio de briga, muito mesmo. Esse ano eu acho que teve uns, uns seis entre os alunos, porque são besta, sabe? E olha que o militar toda hora tá ali, com uma arma no bolso, assim, tentando, sabe, meio que... sempre vigiando a gente, aí é meio tenso, assim. E de todo jeito tem essa, essa violência lá. Aí, igual você disse, quem faz a escola é os alunos. Mas vocês acham que a edu-, quem tem mais educação acaba se envolvendo menos com brigas ou vocês já acham que... eh, com menos educação se prejudica, o que que vocês acham dessa correlação da educação e a violência?

Educanda03C: Uma criança que vê violência em casa, né, vai na escola e acha que é igual na casa dele.

Mediador: Ahã.

Educanda03C: Foi criado mal-educado, chega na escola e acha que lá é mal-educado.

Mediador: Faz todo o sentido. O cotidiano da, da pessoa, né, pode mudar... se a criança teve uma, um, uma criação violenta, né, ela vai acabar batendo...

Educanda06C: Aí ela vai querer fazer o mesmo que ela faz em casa, vai querer matar alguém ou vai querer espancar alguém.

Mediador: Ahã. Vocês conhecem muitos jovens que não estão estudando?

Educanda06C: Praticamente o meu irmão mais velho, ele não gosta de estudar, ele não tem paciência de olhar pra cara de um professor.

Mediador: Mas é porque ele não gosta ou é...?

Educanda06C: É porque ele não gosta. Ele é muito inteligente, só que ele não tem paciência.

Mediador: Sério?

Educanda06C: Começou a estudar...

Mediador: Mas por que que ele parou?

Educanda06C: Simplesmente porque ele não gostava de estudar, porque nós não morava aqui, nós morava no Maranhão. Uma vez ele fu-, uma vez ele pulou o muro, o muro da escola, pra fugir.

Mediador: Ahã.

Educanda06C: Então desde pequeno ele não gosta, tipo, ele fala que o professor não dá futuro pro aluno, eh, o professor isso, o professor aquilo, o professor enchia o saco, e tal, não sei o que...

Mediação: Então o problema dele era com os professores?

Educanda06C: É, ele não gosta.

Mediador: Caramba! E vocês? Que pessoas são essas que pararam...? Vocês pararam de estudar, talvez, eu não sei...

Educanda03C: Eu parei, lá em Goiânia.

Mediador: Parou?

Educanda03C: Eh, meu pai, ele, meu irmão não quis mais estudar, eu tinha dezessete, ele dezoito, e ele parou de estudar no sexto ano, aí ele parou de ir pra escola, aí meu pai ele não deixava eu ir, tipo, ir pra escola sozinha, XXX, aí ele me levava, quando ele não podia me levar, aí eu ficava em casa, eu faltava aula. Aí eu fui faltando, faltando, faltando, faltando, porque ele não tinha como ele me levar, aí eu perdi dois anos da escola.

Mediador: Dois anos?

Educanda03C: Dois anos. Aí eu entrei lá no Dom Pedro, fiz dois anos em um e agora tô com um ainda atrasado. Mas... ah, não dá nada não... não adianta.

Mediador: Eh... pelo menos tá estudando ainda, né?

Educanda03C: É.

Mediador: Tem gente que tá, que vocês, alguém já parou de estudar, além dela, e continuou? (pausa) Não? Vocês têm algum caso de alguém que já parou de estudar, vocês falaram... não querem citar o que que vocês acham disso?

Educando01C: O único que eu conheci que parou de estudar foi por falta de tempo XXX, só que não era o caso de não gostar dos professores, era o caso de se envolver com coisas erradas, como drogas e violência. XXX. Acabaram desistindo ou morreram.

Mediador: Morreram?

Educanda04C: Isso.

Mediador: E vocês tem, eh, assim, tem um ponto principal que vocês acham que é o estopim pras pessoas pararem de estudar? Tipo, vocês, você falou que algum se envolveu com droga, ela falou que é falta de interesse dos alunos, do seu irmão, no caso, eh... talvez, vocês acham que têm alguma coisa que faz uma pessoa parar de estudar?

Educanda04C: Eu acho que um dos motivos que tá fazendo os jovens mais parar de estudar são as drogas, essas coisas. XXX isso.

Mediador: Fatores econômicos, família... o que que vocês acham disso?

Educanda04C: Eu acho que isso não faz você parar de estudar não.

Mediador: Não?

Educanda04C: Não.

(as meninas negam)

Educanda03C: Também acho.

Mediador: Porque ela disse que o pai, ãh, teve que ficar dois anos sem estudar, né, por causa do, do pai que não, não tinha como levar, né? A família talvez tem um papel muito importante, né, pra XXX, pra estudar. Eh, qual a dificuldade que vocês encontram para serem aprovados? Eh, em relação à instituição do colégio, relação fora do colégio, talvez, vocês têm dificuldade em casa, trabalho, talvez alguém tem filho... (pausa – todos riem baixinho). Qual é a dificuldade que vocês encontram para serem aprovados? Talvez até falta de interesse, também, pode falar, não tem problema.

Educanda04C: Ai, eu... é falta de interesse (risos).

Educanda03C: Interesse eu tenho, mas tipo assim, é porque na outra escola era bem mais diferente, tinha Feira de Ciências, tinha muitos eventos...

Mediador: Ah, eles tinham algo a mais.

Educanda03C: Muitos eventos, muitos trabalhos, e aqui tem muito poucos. É mais é tarefa mesmo.

Mediador: Então é a instituição que não tá ajudando muito.

Educanda03C: É.

Mediador: E vocês, o que que vocês acham? Você não falou nada até agora.

Educando02C: Não (risos).

Mediador: Fala (risos).

Educando02C: Não (risos).

Educanda04C: XXX. Não, mas agora eu fiquei mais assim, na escola. Eu...

Educanda06C: Você ficou mais quieta, né, na verdade.

Educanda04C: Eu era muito terrível, pulava o muro da escola, fugia... eu não tinha interesse de estudar.

Educanda06C: Batia boca com os professores em sala de aula...

Educanda04C: ... professor... Eu era uma menina nervosinha, eu não tinha medo de ninguém!

Mediador: Ahã.

Educanda04C: Aí agora eu aquietei mais, não sou mais assim nervosa.

Mediador: Por quê?

Educanda04C: Sei lá, eu acho que assim, quando a pessoa vai crescendo, vai tendo mais maturidade com as coisas.

Mediador: Ãh... que bom, né? Eh... vocês acham... então no seu caso você acha que a instituição poderia estimular mais a... essa...

Educanda03C: Porque a gente, eu acho que os professores tinha que buscar mais onde os alunos quer, né, porque muita gente desistiu de estudar, então eles tinham que ir mais no, nos alunos, eu acho que eles tinha que investir no que os alunos gostam, mas, mas aqui eles gostam mais de fazer bagunça, então... não dá certo, mas se tiver, assim, uma Feira de Ciências envolvendo toda a escola eu acho que eles ia gostar bastante.

Mediador: Hum... legal. Também gosto. Eles mostraram um projeto dos..., não sei se foi vocês que fizeram...

Educanda04C: Foi, foi a gente.

Mediador: Achei legal. Muito legal.

(pausa)

Mediador: Vocês falaram que... eh... ah, essas pessoas que pararam de estudar eles já foram, já teve algum caso de ocorrência relacionado com eles? Ou se eles já foram presos ou alguma coisa assim?

Educanda03C: Meu irmão... já.

Mediador: Já. Ele já brigou e foi preso? Alguma coisa assim?

Educanda03C: É. Ele, tipo, mexeu com coisa errada, uma vez ele foi roubar XXX no outro setor, aí o povo junto tudo e pegaram ele... Ele tem 17 anos e já tem seis passagens pela polícia. E aí agora XXX com ele.

Mediador: Ahã.

Educanda03C: Aí meu pai falou pra ele virar homem, né, porque agora vai limpar a ficha dele e se ele aprontar mais uma agora vai ficar pra sempre na ficha dele...

Mediador: E aí ele parou de estudar depois disso?

Educanda03C: É.

Mediador: A maioria daqui, de vocês, são de outro estado, né?

Educanda04C: Não.

Educanda05C: Sim.

Educanda06C: Eu sou do Maranhão.

Mediador: Maranhão... Você é da Bahia, né?

Educando01C: Aparecida.

Mediador: Aparecida, é que eu ouvi alguma coisa da Bahia (risos). E você é daqui mesmo?

Educando02C: Pará.

Mediador: Pará.

Educando02C: Eu sou XXX.

Mediador: Oi?

Educando01C: Bahia que você ouviu é que eu tinha tido depressão na Bahia.

Mediador: Sim. Eu ouvi isso XXX.

Educanda04C: E você, você é daqui?

Educanda05C: Tocantins.

Mediador: Tocantins. Nos Estados U-, nos estados de vocês, eh, de origem, é diferente a educação? Eu não sei se vocês mudaram pra cá já faz tempo ou...

Educanda05C: Onde eu morava era... eles pegam muito no pé lá, só passam mesmo se, mesmo se, mas aí lá pra onde eu fui lá em São Paulo, é mais fácil de passar mesmo.

Mediador: É?

Educanda05C: O aluno ele aprende se ele quer. Se não quer, o professor tá lá pra ensinar, ele não aprende, então, mesmo assim ele passa.

Mediador: Nossa, então...

Educanda05C: Só reprova por falta.

Educando01C: Igual XXX aqui.

Mediador: Igual você tá fazendo aqui?

Educando01C: Na questão também, isso que ela tá falando, tem dois tipos de alunos: os que querem e os que não querem. Os que querem serão aprovados até sexta-feira, pela Coordenação (?), só que quando eles chegarem no 1º, no 2º, 3º ano, eles vão parar, eles não vão conseguir passar dessa aula. Quem quer, continuará a vida tranquilo. Eles estão fazendo meio que esse projeto pra eliminar pessoas que vão atrapalhar a vida de quem quer estudar.

Mediador: E eles não tá tentando nem incluir esse povo...

Educando01C: Não adianta, eles tentam, eles têm várias técnicas de ensino, tentando fazer essas pessoas aprenderem, mas de certa forma eles não querem. Desistem.

Mediador: Os, os professor deixa isso claro na sala de aula?

Educando01C: Deixa.

(todos os alunos concordam que deixam).

Educanda06C: É igual, o, tipo, eu tava no 7º ano, tinha o Fred, tinha os menino, e, tipo assim, eles não fazia nada, só era bagunça. Praticamente eles passaram no 8º ano.

Mediador: Nossa!

Educanda06C: Sem ter feito nada.

Mediador: Vocês... Nossa, então os, a, a educação não tá ajudando então a estimular os alunos que talvez estejam pra trás dos alunos que estão mais na frente? Entendi. E em relação aos estados que vocês falaram que já moraram lá, vocês acham que em relação lá e aqui, eh, a educação é melhor, é pior? Você falou que no Tocantins é mais rígido, passa só quem...

Educanda05C: ... realmente se esforça. Eh, eu acho que... é que nem ele falou, lá tem um termo de que é meio que uma separação, só passa realmente quem se esforça, realmente merece, quem tem interesse.

Mediador: Ahã. No seu, do Pará que você vem?

Educando02C: É, isso.

Mediador: Você tem alguma vivência da escola de lá?

Educando02C: Eu vim de lá bebê.

Mediador: Ah, então você não tem nenhuma...

Educando02C: Não lembro de nada não.

Mediador: Entendi. Eh, como que é feito essa separação? Porque pra mim não faz sentido. Como que um professor vai separar, eu sei que tem alguns fazendo bagunça, claro, mas, gente, não pode separar!

Educanda06C: Mas o...

Educanda04C: Se você for nas salas dos 9ºs anos você vai ver: tem uma sala que têm mais alunos que querem estudar, alunos que não quer nada com nada, uns que é mais ou menos, outro que... (mexe o ombro em sinal de descaso)... é isso.

Educando01C: Só que isso não foi eles que separaram, foi de acordo com o aprendizado de cada um. Praticamente foi uma questão de sorte. Saíram pegando, digamos, de uma sala cheia, as pessoas inteligentes, se você for uma pessoa que não tem muito interesse, logo, logo ela vai tá inteligente também, logo, logo ela vai tá interessada também em fazer o que as outras fazem.

Educanda06C: Mas...

Educando01C: Agora, se você coloca uma pessoa inteligente numa sala de quem não quer nada, ele vai se transformar num deles.

Mediador: Ahã.

Educando01C: Ou se você estimular essa pessoa ela pode virar o jogo e se transformar nessas pessoas, em pessoas inteligentes, entendeu? Em pessoas que querem estudar realmente.

Educanda06C: Mas eu acho que vai depender, depende da pessoa. Se a pessoa quer ou se a pessoa não quer, porque uma não vai influenciar a outra, entendeu? Se as outras pessoas, "ah, eu tô caindo e tal, minhas notas tá ruim e não sei o quê", a pessoa pega e, tipo, ela pensa "eu tenho que melhorar, eu tenho que focar nos meus estudos", e ela consegue. Igual o meu vizinho lá perto de casa. Os filhos dele, tipo, são, as nota do filho dele são tudo boa.

Mediador: Ahã.

Educanda06C: Ele pegou e falou assim pros filho dele: "Pai, eu queria ser médico", ele falou assim: "Se você quer ser médico, você estuda muito, aí você consegue. Agora, se você não quer, você não vai conseguir nada na sua vida".

Mediador: Ahã.

Educanda06C: Vai da personalidade da pessoa, se a pessoa quer ou não quer.

Mediador: Lá no meu colégio esse ano eles fizeram um remanejamento. Eles pegaram os alunos que tinha nota acima de 8,0 e 9,0 pra cima, jogaram tudo numa sala e aí quem tem a nota mediana, mais ruinzinha, deixou tudo em uma sala só, e quem tinha notas piores deixaram tudo num, numa sala só. Aí eu, foi esse negócio que você disse, assim, eh, deixaram, eh, alguns, eh, deixaram todo mundo inteligente pra lá, porque os bagunceiro atrapalhava e tal e aí eu fiquei no meio, porque eu nunca fui tão, de tirar nota tão boa assim. Sempre fiquei na média assim. Aí os meninos da minha sala tinha uns, têm uns menino muito inteligente, não sei porque que eles, que eu fiquei assim: "Uai, por que essa separação, né?". E aí, eh, eu fiquei encabulado, porque estragou a vivência nossa com nossos alunos, com nossos amigos lá da sala, estragou também muita convivência entre nós, assim, que a gente perdeu, que a gente tinha também. E aí também, dizendo eles que era pra, pra ajudar nos estudos. Você acha que isso ajuda?

Educanda06C: Eu acho que não ajuda, porque se eu sou...

Educanda05C: Eu acho que não, porque às vezes, através de uma amizade, a pessoa se influencia, e se essa pessoa é tirada do lado dela, talvez ela possa se sentir oprimida, pode até desistir dos estudos.

Mediador: Ahã.

Educando01C: É igual uma pesquisa que eu li, XXX, pra continuar estudando também, a geração XXX eles separaram em duas áreas: a geração nem nem acolchoada e nem mais e nem menos. Nem mais e nem menos são as pessoas que são largadas pelo governo ou pelos próprios país, então, assim, os pais não influenciam na vida dos filhos, não ajudam eles a criar objetivos. Agora os nem nem acolchoados são aqueles que já têm uma tendência a ser uma pessoa na vida, têm os pais sempre em cima, têm sempre alguém ali, ajudando e protegendo eles para que nada venha a ocorrer para que eles continuem a vida normalmente, tendo uma vida boa, um salário bom. É isso que eles tão fazendo, tão separando os nem nem acolchoados e os nem menos, nem mais.

Mediador: E essa separação acaba com a gente, não é?

Educanda06C: Eu acho que isso não tem, eu não sei porque que eles faz isso, porque tem os inteligente e tem os baguncento, eles acham que os outro vai influenciar o outro, mas eu acho que não adianta nada.

Mediador: Ahã.

Educanda06C: Porque só vai piorar a situação.

Educanda03C: E a pessoa que é separada foi, tipo assim, do muito mais inteligente, não é que ela é burra, mas se separa um mais inteligente já fala assim: "Ah, eu sou burro? Eu sou continuar sendo burro."

Mediador: Sim, isso limita a capacidade dos outros, não é? Fazer isso.

Educanda03C: É.

Educanda04C: Igual...

Educanda03C: Acho que vai trazer revolta, né, para as outras pessoas.

Educanda04C: Nessa separação, a minha sala XXX a mais pior. Igual a professora falando assim, que já tem oito alunos que trabalham, na minha sala de aula, e eu acho assim, nessa separação, atrapalhou muita gente. Muita mesmo, porque, tipo assim, ó, ela é inteligente, superinteligente, aí, tipo, ele tem muita dificuldade, ela pode muito bem ajudar ele.

Mediador: Sim.

Educanda04C: Aí isso atrapalhou muita gente da minha sala. E tem uma menina lá, muito inteligente mesmo, mas ela não vai dar conta, tipo assim, de uns, dela pedir ajuda pra ele e ele não vai dar conta, entendeu?

Mediador: Ahã.

Educanda04C: Eu acho assim, que se tivesse sem ter feito essa separação eu acho que teria mais, tipo assim...

Mediador: XXX.

Educanda04C: É, estudo.

Mediador: Essa separação ocorreu, tipo, igual na minha escola?

(alguém entra e fala alguma coisa)

Mediador: É, a última. Essa separação que vocês, que ocorreu, ocasionou em casos de violência ou vocês acham que atrapalharam, alguma coisa assim? Vocês, aconteceu essa separação igual no meu colégio? Separar os alunos da, da sala?

Educando01C: Na minha opinião, isso influencia muito mais a violência, por quê? Porque você vai tá criando um grupo de pessoas revoltadas porque elas foram separadas de pessoas que são igual a elas, mas só tem um aspecto diferente: um pouquinho mais de vontade de fazer as coisas. Mas, digamos assim, se você juntar todas essas pessoas, essas pessoas que são consideradas mais inteligentes podem influenciar essas outras pessoas a largar a violência, largar

	coisas fúteis, que vão transformá-las em traficantes, ladrões ou qualquer outra coisa relacionada à violência.
Educanda06C:	Estragar a vida, né?
Mediador:	Ahã, ahã, eu vou passar o... o...
Alguém:	O questionário.
Mediador:	... o questionário pra eles, pra vocês, aí é rapidinho.

Legenda:

XXX – inaudível

(?) – em dúvida

APÊNDICE IV

Entrevista - Educando01C

Entrevistador:	Entrevista com o “Educando01C”, da Escola Municipal “Conhecimento”, no dia 2 de dezembro de 2019. Bem, “Educando01C”, eh, então daquele pessoal que participou da roda na semana passada e a gente quis conversar mais um pouco com você...
Educando01C:	E com a “Educanda04C”.
Entrevistador:	... e com a ‘educanda04C” por conta de alguns elementos que vocês trouxeram que a gente gostaria de aprofundar, porque a gente acha que vai ajudar na minha pesquisa.
Educando01C:	Ahã.
Entrevistador:	Certo? Eh… tudo bem pra você?
Educando01C:	Tô.
Entrevistador:	Tá à vontade?
Educando01C:	(risos)
Entrevistadora:	Eu queria agradecer você topar vir conversar com a gente de novo, né, duas vezes (risos), mas a gente, eh, ouviu umas coisas muito interessantes de vocês que vale a pena ouvir, puxar algumas coisas pra poder completar nosso raciocínio.
Educando01C:	Certo.
Entrevistador:	Você tem que idade?
Educando01C:	15 anos.
Entrevistador:	15. Você reprovou?
Educando01C:	Sim, lá na Bahia.
Entrevistador:	Na Bahia.
Educando01C:	Ahã.
Entrevistador:	Por que você reprovou?
Educando01C:	Eh, eu tive depressão.
Entrevistador:	Em que, em que ano foi isso?
Educando01C:	Ano passado.
Entrevistador:	No ano passado? Então você reprovou no 9º ano?
Educando01C:	Foi, no 9º ano.
Entrevistador:	Ãh... eh... e aí essa depressão que você teve te atrapalhou na... você finalizou o ano escolar ou você deixou a escola?
Educando01C:	Não, eu continuei na escola. Eu não, eu finalizei, mas reprovei, no caso, aí eu tomei a decisão de retornar pra cá.
Entrevistador:	Você morava na Bahia...?
Educando01C:	Não, eu sou daqui desde sempre, só que meu pai resolveu casar e ele me jogou pra lá, só que aí ele não pode ir porque ele tava, ele tem muito serviço aqui, ele tem mais conhecimento na área dele aqui. A gente, ele foi até pra lá, mas teve que voltar. Aí eu fiquei sozinho com a família da minha madrasta. Aí quando eu fui pra lá eu não conhecia ninguém lá, não conhecia ninguém. Eu fui sem, sem conhecer ninguém, só ela.
Entrevistador:	Peraí, a madrasta é de lá, da Bahia?

Educando01C: É de lá da Bahia. Meu pai é daqui de Goiânia. Eles se conheceram novamente e ele me mandou pra lá, querendo ir morar lá também.

Entrevistador: Morar com a madrasta?

Educando01C: Sim.

Entrevistador: E ele ficou aqui?

Educando01C: Ficou aqui, trabalhando. Aí nesse meio termo eu passei um ano praticamente sem ver ele, porque eu passei praticamente todo o ano lá e o quesito da, da, da minha depressão foi mais o *bullying* escolar. Eu era considerado escroto, aquele mais XXX, que não... entendeu? Aí por conta disso eu acabei...

Entrevistadora: Você era considerado o quê? Eu não entendi...

Educando01C: Um escroto, o mais jogado pra lá, entendeu?

Entrevistadora: Entendi.

Educando01C: O mais destruído. Aí por conta disso eu acabei tendo muitos problemas psicológicos, hoje em dia eu não consigo dormir cedo, durmo lá pela meia-noite, no máximo, não consigo passar desse horário, nem dormir antes. Eh, por conta disso também eu acabo que eu sou muito, muito bravo, assim, no quesito de manhã cedo, de manhã cedo eu não consigo aguentar as pessoas.

Entrevistador: Mal-humorado.

Educando01C: Mal-humorado, bem mal-humorado, e eu não gosto muito de conversar, normalmente.

Entrevistadora: Ah é?

Educando01C: Eu sempre tô com meu fonezinho, quietinho no meu canto. Eu prefiro ficar calado do que ter que soltar alguma bomba, soltar alguma coisa desnecessária. O meu pai reclama muito dessa questão.

Entrevistador: Você voltou pra cá e mora só você e seu pai?

Educando01C: Eu, meu pai e minha vó.

Entrevistador: Sua vó?

Educando01C: Ahã.

Entrevistador: E quando você falou pro seu pai que você queria voltar pra cá foi tranquilo?

Educando01C: Não, ele perguntou o que que tava acontecendo, porque eu queria voltar, aí eu acabei que não disse pra ele, ele até hoje não sabe que eu tive depressão. Eu saí da depressão por conta própria.

Entrevistador: Tá. E quem disse que você teve depressão, além de você sentir? Você fez tratamento...?

Educando01C: Não, não fiz tratamento, mas eu tinha praticamente toda a certeza, porque eu tentei me suicidar e esse braço todo meu aqui era todo cortado.

Entrevistador: É?

Educando01C: Tinha cortes completos aqui, era fechado.

Entrevistador: Tá. E aí nesse tempo da depressão... você não conversava com ninguém sobre isso?

Educando01C: Não. O povo, as pessoas até viam eu me cortando, perguntavam o que que tava acontecendo, mas por conta de eu ser muito fechado nessa questão, acabava ficando só no meu canto, normalmente.

Entrevistador: Em que cidade que você estudou?

Educando01C: Eh… Luís Eduardo Magalhães.

Entrevistador: Cidade do interior... grande ou pequena?

Educando01C: Ela é… 18 anos só a cidade.

Entrevistador: Uma cidade nova.

Entrevistadora: É a cidade do filho do Antônio Carlos Magalhães, quando ele morreu. Fica entrando na Bahia, Goiás com a Bahia ali, cidade relativamente grande, não é cidade pequena não...

Entrevistador: É, tá. A escola fez alguma coisa pra te ajudar no ano passado, quando você tava nesse quadro?

Educando01C: Não.

Entrevistador: Não?

Educando01C: Eles poderiam até ver, mas eles não interferiam na vida do aluno. Eles somente passavam o que era descrito a eles, que, no caso, era o conteúdo escolar.

Entrevistador: E quanto ao *bullying*? A escola não tinha uma ação de combate...?

Educando01C: Não. Eles prezavam mais a educação, eles não se preocupavam muito com os alunos. No caso eles se preocupavam assim, de certa forma com os deveres que eles deviam cumprir. Eles não se preocupavam se o aluno estava sendo violentado, esse tipo de coisa eles deixavam lá de fora. Porque normalmente os alunos eles não cometiam muito *bullying* e brigas dentro da escola, eles, eles faziam isso fora. Por isso a escola não se preocupava, deixava acontecer.

Entrevistador: Ok. O que que você acha disso?

Educando01C: Completamente errado, porque, igual eu disse da outra vez, XXX, eles estão deixando as pessoas fazerem o que querem pra depois perceber o erro que elas cometeram. Aí quando a pessoa tiver grande, tiver numa certa, numa certa violência acumulada, eles não vão dar conta de combater aquilo. Essa pessoa que, no caso, se tornou, ãh, raivosa, vamos dizer assim, ela pode voltar na escola e violentar algum outro aluno, como até já aconteceu aqui. Teve uns alunos que...

Entrevistador: Aqui nessa escola?

Educando01C: Já.

Entrevistador: Ãh?

Educando01C: Uma vez um dos alunos que largou a escola voltou um tempo depois pra bater em outro. Eu não sei o que que aconteceu normalmente, aí ele voltou e espancou o aluno e simplesmente foi embora. Ninguém foi atrás.

(pausa)

Entrevistador: Antes de ir pra Bahia você estudava aqui?

Educando01C: Estudava aqui, desde o 1º ano.

Entrevistador: Do 1º ano do Fundamental?

Educando01C: Do Fundamental, até o 8º.

Entrevistador: Você mora aqui perto?

Educando01C: Sim.

Entrevistador: Aí então você foi lá na Bahia estudar numa outra escola...

Educando01C: É, tive esses problemas e aí...

Entrevistador: Foi ruim, reprovou, voltou pra cá.

Educando01C: Pedi pra retornar, porque eu não tava aguentando mais ficar lá.

Entrevistador: Você gosta dessa escola?

Educando01C: Gosto.

Entrevistador: Por que que você gosta dessa escola?

Educando01C: Ah, eu acho bem mais interessante ficar aqui por que? Porque eu conheço bem mais pessoas, eu consigo me socializar melhor, eu consigo fazer parte dos planos da escola.

Entrevistador: Aqui você não sofre *bullying*?

Educando01C: Normalmente não.

Entrevistador: Não?

Educando01C: Aqui a gente encara o *bullying* como uma brincadeira, mais assim, a gente vai, tipo, a gente não, não joga tanto o *bullying* à força mesmo, a gente tenta diminuir o passo, aqui é só uma brincadeira normal, tipo... aquela...

Entrevistador: Não é pra ofender?

Educando01C: Não é pra ofender, isso. Mas assim, a gente faz esse tipo de brincadeira só entre amigos, a gente não tenta juntar as outras pessoas pra denegrir outra pessoa.

Entrevistador: Entendi.

Entrevistadora: Mas você reprovou lá na Bahia por média?

Educando01C: Por média, sim.

Entrevistadora: Ou por falta?

Educando01C: Não, eu nunca faltei. Mas foi por média.

Entrevistadora: Não? Você ia pra escola?

Educando01C: Eu ia pra escola, só que eu não conseguia me concentrar.

Entrevistadora: Você lê muito?

Educando01C: Sim.

Entrevistadora: Estranho a reprovação por fa-, por média.

Educando01C: Ahã.

Entrevistadora: Eu fiquei pensando porque que você reprovou ano passado, porque o seu português, a sua fala é muito articulada.

Educando01C: Ahã.

Entrevistadora: Né? Você é super jovem e tal, então não é a fala de quem tenha problemas de aprendizado, por assim dizer.

Educando01C: Sei. Não, isso não é um problema pra mim.

Entrevistadora: Qual que era o problema?

Educando01C: Normalmente é porque eu não, não me sentia bem pra poder conseguir fazer as tarefas.

Entrevistadora: Ahã.

Educando01C: Eles me denegriam tanto que eu resolvi ficar no meu canto e deixar as coisas de lado.

Entrevistadora: Então não fazia?

Educando01C: Praticamente não.

Entrevistadora: Ahã. E não estudava também? Não estudava a matéria, nada?

Educando01C: Eu até estudava, às vezes eu conseguia ajudar os outros alunos, mas eu não consegui terminar todo esse progresso.

Entrevistadora: Entendi, entendi.

Entrevistador: Aí você tirava notas ruins nas provas?

Educando01C: Sim, provas, matéria, trabalhos, mas eu sempre tive interesse de tentar passar, só que não deu certo.

Entrevistadora: Ahã, entendi.

Entrevistador: Você falou agorinha de..., você usou a expressão “violência acumulada”.

Educando01C: Ãh?

Entrevistador: Seria uma violência acumulada de quem sofre o *bullying*...

Educando01C: O *bullying.*

Entrevistador: Aí ele vai acumulando a violência contra ele...

Educando01C: É, porque tem pessoas que elas vão...

Entrevistador: ... até que ele explode?

Educando01C: É. Tem pessoas que elas não querem falar o que tão sentindo, como eu, mas geralmente eu não acumulo violência, mas tem pessoas que eles acumulam tanto, tipo a "Educanda04C", a "educanda04C" ela, você viu, ela não pode ouvir nada que ela já vai pra cima, entendeu? Ela já é liberada. Mas tem pessoa que ela vai segurando aquilo, vai segurando, até que uma hora ela não aguenta mais e acaba cometendo alguma coisa.

Entrevistador: Qual que é a sua estratégia pra não acumular a violência?

Educando01C: Música.

Entrevistador: Música?

Educando01C: Educando01C.

Entrevistadora: Eu também.

(risos)

Entrevistadora: Combinamos, "Educando01C". A música me deixa noutro lugar.

Educando01C: É.

Entrevistador: Que tipo de música você escuta?

Educando01C: Rock.

Entrevistador: Rock?

Educando01C Eu gosto muito de rock.

(pausa)

Entrevistadora: "Educando01C", e essa questão, eh, do *bullying* na escola, ele tem interferência no aprendizado? Você viveu essa experiência.

Educando01C: É.

Entrevistadora: Você acha que ele aumenta as brigas, essa violência dentro da escola, ou o *bullying* tem uma, eh, consequência fora da escola? Como é que você vê essa coisa com o *bullying*?

Educando01C: Pra mim que essas duas questões estão interligadas, porque dependendo da pessoa ela pode acumular e voltar pra escola e, digamos, denegrir ou matar alguém.

Entrevistadora: Ahã.

Educando01C: Ou ela pode destruir a convivência dessas pessoas que estão tentando estudar.

Entrevistadora: Ahã.

Educando01C: Então essa...

Entrevistadora: O que que você mais vê, desses dois? Você disse que eles estão interligados, mas o que que você mais vê?

Educando01C: O que eu mais vejo, eh, é esse que é interligado aqui na escola, só é da escola.

Entrevistadora: Ahã.

Educando01C: Esse outro fora é bem pouco, mas sempre é relativo, sempre pode acontecer.

Entrevistadora: Ahã, entendi.

(pausa)

Entrevistador: Além do *bullying*, que outra violência que você percebe que acontece na escola?

Educando01C: Bastante as brigas.

Entrevistador: Brigas dentro da escola?

Educando01C: Dentro ou fora da escola, sempre acontece aqui.

Entrevistador: É?

Educando01C: Envolvendo alunos. Agora aqui deu uma diminuída por conta do diretor, ele tá bem de pulso firme com esses garotos, mas... deu uma melhorada bastante, antigamente era, digamos, toda semana tinha briga, toda semana você podia ter certeza que havia briga, até você mesmo já deve ter visto quando você trabalhava aqui.

(pausa)

Entrevistador: Por enquanto, do que você tá falando pra gente, é violência entre os alunos.

Educando01C: Sim.

Entrevistador: Você já verificou alguma violência...

Educando01C: Entre os pais e alunos?

Entrevistador: Não, também, poderia ser, mas que partisse da escola? Alguma ação da escola que você poderia dizer "Isso é violento com os alunos?".

Educando01C: Não, agora relacionado, que a escola pode fazer parte dessa violência não, porque de certa forma eles sempre tentam evitar que os alunos briguem. Ele não, eles querem o máximo fazer com que os alunos sempre estejam quietos ou bem comportados, não querem que eles se envolvam nesse tipo de coisa.

Entrevistador: Pensando naquilo que você contou na roda de conversa da, da separação que existe entre alunos bons e alunos ruins...

Educando01C: Certo.

Entrevistador: Né, que, que há na escola esse movimento de...

Educando01C: Sei.

Entrevistador: Como que isso acontece exatamente, assim, na sua percepção?

Educando01C: Ó, na minha percepção acontece o seguinte: digamos, na minha sala tem uma mistura ainda, tem alunos que não querem estudar, que é a turma mais do fundo, agora os mais interessados, um pouco mais interessados, eles estão entre o meio e a frente. Eu não sei se isso interfere, digamos, o local onde eles estão, parece que têm mais chance de conversar, mais chance de fazer coisa errada, mas isso de certa forma eu acho que é normal, mas assim... na sala da frente, porque nós somos virados pra cá, né, essa sala da frente que eu falo assim, tem uma sala que tem poucos alunos inteligentes e a maioria não quer fazer nada. Eu acho que meio que houve essa separação, só que eu acho isso muito errado, sabe? Porque eles poderiam juntar todo mundo, igual como eu disse antes também, ficaria bem melhor, seria mais socializável, entendeu?

Entrevistadora: Nessa sala que você tá dizendo que tem poucos alunos bons, que tem uns alunos que não querem, eles estão divididos dentro da classe também? Tem um grupo, por exemplo, que você poderia dizer "Ah, não, eles estão mais aqui, estão mais ali, estão mais à frente, tão mais no meio?"

Educando01C: Não...

Entrevistadora: Ou não, tá meio misturado?

Educando01C: Não, tá mais espalhado essa sala.

Entrevistadora: Mais, né?

Educando01C: Porque são bem mais.

Entrevistadora: Ahã, tão mais espalhados.

Entrevistador: A turma, o desinteresse é da turma inteira?

Educando01C: Não, não de toda a turma, tem certos alunos que digamos, a "Professora de Português", ela, ela consegue numerar ali quais são os alunos que realmente sabem.

Entrevistador: Ah, mas eles não se agrupam...

Educando01C: Não se agrupam.

Entrevistador: ... lá na frente?

Educando01C: Eles podem até se agrupar, mas é só pra fazer bagunça.

Entrevistadora: Ahã, entendí.

Educando01C: Porque eles vão atrapalhar o aprendizado de outras pessoas.

Entrevistadora: "Educando01C", você vai agora pro Instituto.

Educando01C: O IFG, isso.

Entrevistadora: É, pro IF, não vai?

Warley: Ahã.

Entrevistadora: Que curso você vai?

Educando01C: Técnico em Agropecuária.

Entrevistadora: Agropecuária.

Entrevistador: Lá em Hidrolândia?

Educando01C: Em Hidrolândia, ahã.

Entrevistadora: Ãh, é Hidrolândia?

Educando01C: É.

Entrevistadora: Ah, não é aqui não?

Educando01C: Não, tem aqui também, o diretor disse que tem como passar a vaga pra cá, mas eu acho que eu vou ficar lá mesmo.

Entrevistadora: Lá em Hidrolândia?

Educando01C: Ahã.

Entrevistadora: E você tá animado com essa história de ir pro Ensino Médio integrado?

Educando01C: Tô.

Entrevistadora: É?

Educando01C: Ahã.

Entrevistadora: E você gosta da história do curso? Da Agropecuária?

Educando01C: Ah...

Entrevistadora: Ou você nunca pensou?

Educando01C: Eu nunca pensei na área não.

Entrevistadora: Não?

Educando01C: Eu peguei mais porque a "Professora de Português" me forçou a ir ali, mas até que eu tô gostando da ideia de poder entrar num curso superior de uma Federal pra ver se eu consigo realmente ter um plano de vida melhor.

Entrevistadora: Ahã.

Educando01C: Cursar os meus desejos.

Entrevistadora: Ahã.

Entrevistador: Como assim a "Professora de Português" te forçou?

Warley: Não, ela me forçou assim, eh...

Entrevistador: Te incentivou?

Educando01C: Me incentivando, falava: "Não, vai lá, tem que fazer, você tem que fazer!". Aí de tanto eu ouvir ela falando assim, "Ah, quer saber? Eu vou tentar, vou tentar".

Entrevistador: Por que você não queria fazer?

Educando01C: Porque eu não acreditava em mim mesmo.

Entrevistador: Como assim?

Educando01C: Eu não tinha certeza de que eu iria passar. Falta de confiança. Nunca tive muita confiança em mim mesmo pra poder fazer as coisas.

Entrevistadora: Ahã. E passou?

Educando01C: Ahã.

Entrevistadora: E passou!

Educando01C: Passei.

Entrevistadora: Ah! Que bom! Aêee! Muito bem! E a confiança agora...

Educando01C: Aumentou.

Entrevistadora: ... tá...

Educando01C: É como a "Professora de Português" disse: se você não faz, você não tem certeza.

Entrevistadora: O que que você gosta de ler?

Educando01C: Ficção.

Entrevistadora: Ficção. O que que você normalmente lê?

Educando01C: Uai, tipo, histórias do sertão, terror...

Entrevistadora: Ah é?

Educando01C: Eu gosto muito de terror.

Entrevistadora: Legal.

Educando01C: Bastante coisa.

Entrevistadora: É, eu acho que...

Entrevistador: Eh... só pra... você conhece jovens que deveriam estar na escola e não estão?

Educando01C: Conheço. O "JP" mesmo, ele é um colega meu de muito tempo que eu estudei aqui. Eu conheci ele no 8º ano, ele já era bem de maior já, já tava com 18, 17 anos, agora ele tá com 18, mas, assim, ele não tinha muito bem, digamos, inteligência pra poder estudar, ele não conseguia estudar direito, não conseguia se concentrar. Aí ele acabou que saiu, ele acabou saindo, eu conheço todos os sobrinhos dele, estudam aí comigo. Um deles estuda comigo.

Entrevistadora: Ah tá.

Educando01C: Mas... eu acho que ele deveria voltar, porque eu acho ele inteligente, mesmo...

Entrevistador: O que que ele tá fazendo da vida?

Educando01C: Andando por aí e tentando arrumar dinheiro, porque os pais deles morreram. A mãe dele morreu, depois acho que foi o pai dele, agora ele anda por aí sem rumo, mas ele sempre volta pra casa, cuida dos sobrinhos dele. Aí ele fica aí, por aí fazendo bico, tentando arrumar um dinheiro só pra sobreviver.

Entrevistador: Aí ele tenta arrumar dinheiro trabalhando?

Educando01C: É, mas ele trabalha bem pouco, ele, normalmente eu vejo ele muito andando por aí, na rua.

Entrevistadora: Ahã.

Educando01C: Mas ele consegue se manter, viver, tá aí até hoje.

(pausa)

Entrevistador: Na roda de conversa você falou que jovens que não estão na escola podem se envolver com coisas erradas...

Educando01C: Violência e drogas... ahã.

Entrevistador: ... e acabar morrendo.

Educando01C: Sim.

Entrevistador: Você conhece alguma história...?

Educando01C: Ãh... de alguém que morreu não, mas eu consigo lembrar de um dos alunos que já estudaram aqui, ele foi pro Machado, não, foi dois, dois alunos, e um de outra escola. Eles morreram, assim, recentemente. Eles eram chamados "aviãozinhos". Antes do diretot, eles já eram aviãozinhos.

Entrevistadora: Aqui?

Educando01C: Aqui. Depois passou pro Machado, no Machado eles tavam estudando ainda, tavam eu acho que com 18 anos. Um morreu ali perto de casa, um morreu aqui embaixo e o outro eu não lembro onde morreu, mas foi recentemente, mês passado ou mês retrasado, eu não lembro.

Entrevistadora: E... e como que a comunidade lida com essas mortes?

Educando01C: Normalmente ninguém se preocupa. Eles "Ah, morreu mais um maconheiro.", "Tá bom". Deixa passar. É normalmente isso que eu escuto, que eu vejo as pessoas fazendo.

(pausa)

Entrevistador: Inclusive da escola?

Educando01C: Da escola...

Entrevistador: Tipo, quando chegou, você percebeu alguma coisa? Tipo, notícias desses alunos, que são ex-alunos daqui?

Educando01C: Ex-alunos e...

Entrevistador: Foram assassinados... como que a escola recebeu...

Educando01C: Em questão aos professores que já estavam aqui eles ficaram tristes, alguns alunos também, mas de outros acabaram achando que era só mais um que não teria futuro, que não teria salvação. Então essa falta de...

Entrevistador: De outros, inclusive aqui da escola?

Educando01C: Sim. Então essa falta de, de conscientização entre as pessoas acaba transformando elas em pessoas que literalmente não se importam com a sociedade, não querem fazer parte duma comunidade preparada pra ajudar outras pessoas.

Entrevistadora: Ahã... e como que você acha que a gente poderia ajudar essas, esses meninos que estão fora da escola?

Educando01C: A gente podia ajudar desde pequeno, no, no caso, né, que eles sempre passam pela escola e vão saindo. Então se a gente pudesse reforçar mais desde o primeiro ano esses garotos a se envolver mais nas coisas da escola, a se envolver com conteúdos mais interessantes, porque aqui eu não vejo muita coisa também... Tem ali a sala de informática, né, onde tem os garotos que sempre tão por aí, andando, fazendo trabalhos pra ajudar a escola, pra ver se eles conseguem aumentar um pouquinho o bônus da escola, só que aí eles deixam só isso aqui, então a gente podia aumentar mais as áreas, aumentar mais o conteúdo pra que eles pudessem se envolver, sentir mais interesse. Porque é muito pouca coisa que a escola faz, mas é muito pouca coisa também que os alunos fazem para que a escola crie mais objetivos.

Entrevistador: Você, se você fosse pensar, eh, pensando fora da escola...

Educando01C: Ãh?

Entrevistador: Porque a gente já falou da violência na escola, briga, né, *bullying*, briga... fora da escola, qual é o tipo de violência que você mais observa que o jovem se envolve?

Educando01C: Ah... agora a questão relacionada às drogas, normalmente. Eles, muita gente aí vê todo mundo morrendo por conta de besteira que faz XXX, do tráfico, normalmente é mais isso que eu vejo. É esse tipo de coisa.

Entrevistadora:	Os meninos que você disse que morreram, que eram “aviãozinhos”, que eram alunos, ex-alunos daqui, eh, as mortes são vinculadas ao tráfico?
Educando01C:	Sim.
Entrevistadora:	Eh... mas você acha que há uma, eh, compreensão da sociedade que têm uns que tão, eh, que têm chance, e os outros que não têm chance, por isso que eles não importam?
Educando01C:	Sim.
Entrevistadora:	Porque você falou isso.
Educando01C:	Ahã.
Entrevistadora:	Eu fiquei confusa aqui. Como você pensa essa coisa?
Educando01C:	Ah, eles, digamos, a senhora falou que tem, tem essa separação, né, eles pegam mais...
Entrevistadora:	Você que disse, eu tô pensando contigo aqui.
Educando01C:	É.
Entrevistadora:	Você que disse!
Educando01C:	Eu sei, eu sei. Eles pegam mais essas pessoas que querem, né, como eu já disse, que têm mais chance, e deixam os “aviãozinhos”.
Entrevistadora:	Ahã.
Educando01C:	Vamos colocar como drogados. Eles acabam largando essas pessoas, se importando mais com essas, porque essas ainda têm chance de ter uma vida boa, ter um aprendizado.
Entrevistadora:	Ahã.
Educando01C:	E isso interfere muito na nossa sociedade, interfere muito na nossa política.
Entrevistadora:	Ahã, ahã.
Educando01C:	Entendeu?
Entrevistadora:	Entendi, entendi. É, por mim...
Entrevistador:	É isso, “Educando01C”.
Entrevistadora:	“Educando01C”, muitíssimo obrigada, viu?
Educando01C:	De nada.

Legenda:

XXX – inaudível

(?) – em dúvida

APÊNDICE V

Entrevista - Educanda04C

Entrevistador:	Entrevista com a aluna “Educanda04C”, da Escola Municipal “Conhecimento”, no dia 2 de dezembro de 2019.
Entrevistadora:	Então, “Educanda04C”, a gente agradece muito você topar conversar com a gente mais um pouco, eh, a pesquisa é a pesquisa do Fred, mas eu sou professora dele e aí eu tô aqui fiscalizando se ele tá fazendo direitinho. Tá bom?
	(risos)
Entrevistadora:	Eh, e a gente, na última roda, ficou muito impressionada com a sua, eh, narrativa, e é por isso que a gente...
Alguém:	Só vim ver se tava tudo bem.
Entrevistadora:	Ah, tá.
Alguém:	Mais alguma, professora, a senhora vai precisar?
Entrevistador:	O “Educando01C”, quando a gente terminar com a ‘educanda04C” a gente vai chamar o “Educando01C”.
Alguém:	O “Educando01C” é do 8º, né?
Entrevistador:	Do 9º.
Entrevistadora:	Do 9º A.
Alguém:	Ah tá, vou chamar, pode deixar.
Entrevistador:	Mas é quando a gente terminar com ela.
Alguém:	XXX vou chamando o “Educando01C”.
Entrevistador:	Tá.
Entrevistadora:	A gente quer de novo dizer que a gente fica muito feliz de você topar conversar e vou deixar o Fred fazer as questões e vou um pouco ouvir, eh...Gostei muitíssimo de escutá-la naquele dia, por isso que eu falei pro Fred que eu queria muito estar com você. Tranquilo? Está bem?
Educanda04C:	Ahã.
Entrevistadora:	Sim, nós dois? Não te incomodamos?
Educanda04C:	Não.
Entrevistadora:	Quer que eu saia?
Educanda04C:	Não.
Entrevistadora:	Então tá bom. Vai lá, Fred.
Entrevistador:	Karine, eh, primeira coisa que a gente queria que você contasse pra gente é sobre suas experiências com reprovação. Você tem que idade?
Educanda04C:	15.
Entrevistador:	15, mas você já reprovou?
Educanda04C:	Já.
Entrevistador:	Uma vez...?
Educanda04C:	Uma.
Entrevistador:	Uma?
Educanda04C:	Ahã.
Entrevistador:	Reprovou uma vez só. Você lembra quando?

Educanda04C: Ãh... foi no 8º ano.

Entrevistador: Ah, o ano passado.

Educanda04C: É, tô de novo.

Entrevistador: Ano passado então você...

Educanda04C: Ahã.

Entrevistador: Ano retrasado você reprovou no 8º...

Educanda04C: É, ano retrasado.

Entrevistador: Fez o 8º de novo no ano passado.

Educanda04C: Foi.

Entrevistador: E por que que você reprovou? Se fosse pra você explicar o motivo da sua reprovação foi o quê?

Educanda04C: Foi assim, tipo, como eu era bem terrível, aí eu tava na recuperação, eu até poderia passar de ano, só que eu não fiz tarefa, fugia da escola, não fazia nada. Aí...

Entrevistador: Nessa escola mesmo?

Educanda04C: Não.

Entrevistador: Não?

Educanda04C: Não, lá no XXX.

Entrevistador: Aqui em Aparecida.

Educanda04C: É, lá no Rosa dos Ventos.

Entrevistador: É par, é estadual?

Educanda04C: Isso.

Entrevistador: O Maria Joana é estadual.

Educanda04C: Aí não fiz tarefa, não queria saber de nada, brigava com a professor... Aí até que os meus pais foram à escola e eles falou que não tinha como eles me passar de ano.

Entrevistador: Entendi. Aí você reprovou lá, e de lá você veio cá?

Educanda04C: Não, fiz o 8º lá de novo e vim pra cá.

Entrevistador: Ah, você reprovou e permaneceu na mesma escola?

Educanda04C: Sim.

Entrevistador: E como que foi pra você esse ano seguinte ao da reprovação? Como que a escola te tratava?

Educanda04C: Eh..., não, tipo assim, eu era terrível mas ao mesmo tempo assim, eu nunca fui, como se fala, eu sempre era carinhosa, sabe? Eu era carinhosa, esses trem, aí ninguém nunca me tratou mal.

Entrevistador: Você era terrível com quem?

Educanda04C: Com professor.

Entrevistador: Com professor. Não era com seus colegas?

Educanda04C: Com todos, é.

Entrevistador: Não era com colegas?

Educanda04C: Alguns colegas só.

Entrevistador: O que que é “ser terrível”?

Educanda04C: Eu era custosa, não obedecia ninguém, falava pra mim entrava num ouvido e saía no outro, eu não escutava ninguém.

Entrevistador: E você não se considera mais terrível?

Educanda04C: Não. Hoje eu mudei completamente.

Entrevistador: O que que aconteceu pra você mudar?

Educanda04C: Eu acho assim, que a pessoa quando, com o passar dos tempos amadurece, sabe, e pensa bem o que se fez antes, se arrepende...

Entrevistador: Tá, quando você era terrível, né, que você falou que fugia da escola, não fazia tarefa... mas você acha que os professores que você tinha eles insistiam pra que você melhorasse ou eles deixavam pra lá?

Educanda04C: Insistia, insistia, insistia, só que aí, como eu disse, eu não queria saber de nada, aí não fazia nada, não ficava dentro de sala de aula. E eu, tipo assim, aí eu já saía e eles sabiam como que era e já me deixavam, não ficava falando toda hora, toda vida. Mas quando tava dentro da sala de aula os professores insistia, me ajudava... aí esse ano, aí eu melhorei bastante, até a "Professora de Português" percebeu. Ela conversou com vocês?

Entrevistador: Não, elas não...

Educanda04C: Se vocês conversar com ela vocês vai ver como que era, eu briguei já com ela.

Entrevistador: Por quê?

Educanda04C: Questão besta, sem motivo. Aí nós brigou feio, e agora não, eh, fez as pazes, aí agora tá aí, como amigas assim, sabe? E eu mudei bastante, ela falou também já, percebeu que eu mudei. Eu não respeitava ninguém.

Entrevistador: Entendi. No, no dia da roda, você comentou da briga com... era uma colega sua?

Educanda04C: Não. Qual?

Entrevistador: Que parece que ficou surda...

Educanda04C: Ah, é daqui.

Entrevistador: É daqui da escola?

Educanda04C: Sim.

Entrevistador: Você pode falar pra gente porque que essa briga aconteceu? O que que...?

Educanda04C: Foi assim, eh..., lá na minha sala, o irmão dela estuda lá, e ele é gay. Aí tava eu e um amigo e outra menina. Aí ele...

Entrevistador: O irmão dela, da sua sala...

Educanda04C: Sim.

Entrevistador: Ela não é da sua sala?

Educanda04C: Não.

Entrevistador: Ela é de qual sala?

Educanda04C: Do 6º.

Entrevistador: 6º ano. Então ela é mais nova que você?

Educanda04C: Sim, não, mas ela é bem grandinha. Aí pegou, e nós estava brincando, aí pegou e a menina fez um vídeo, aí eu tava, aí quase que alguém postou esse vídeo, aí a, ele viu, tá. No vídeo mostra que ele tava rindo, aí, só que quando a mãe dele viu, aí ela falou que ela não gostou. Aí ele veio perguntar pra mim porque que eu postei, eu expliquei e tudo e nós virou, nós ficou amigo, conversou e tal. Só que aí a irmã dele começou a implicar, a falar que ia me bater, ficava me implicando, xingando, esses trem. E como eu já, se eu fosse a "Educanda04C" de antes, nossa, na mesma hora que ela falasse eu já tinha brigado. Eu não tava nem aí pro local, pro lugar, eu brigava.

Entrevistador: Ah, então quando aconteceu a briga você já era a outra "Educanda04C"?

Educanda04C: Era, porque não...

Entrevistador: A nova "Educanda04C"?

Educanda04C: Aí, tipo, aí nós pegou e eu tava aqui, tirando xérox pra Professora de "Português", e ela tava aí na porta, já tinha saído. Aí quando eu saí ela tava aí, me esperando com as menina. Aí eu peguei e desci com as menina e aí ela começou, eh, a caçar confusão, bem XXX. Aí pegou e ela começou a xingar, aí a menina pegou e falou assim, "Não, moça, vocês não vai brigar aqui". E eu nem tava na minha cabeça de brigar, porque eu não posso brigar, por causa que eu tenho problema com o Conselho Tutelar, aí elas pegou, aí a, aí, aí elas me pegou e xingou a minha amiga, aí as duas começou a brigar lá, deu a maior confusão, rolava lá no chão, e eu não vi como... Aí depois eu não vi a menina, só que aí parece que ela ficou surda de um ouvido.

Entrevistador: Não era você na briga?

Educanda04C: Mas era...

Entrevistador: Você não tava na briga?

Educanda04C: Eu tinha batido, eu tinha batido boca com ela, esses trem com ela.

Entrevistador: Entendi.

(pausa)

Entrevistador: O problema com o Conselho Tutelar, eh, o que você teria? Você pode me dizer ou...?

Educanda04C: Briga.

Entrevistador: Briga? Na escola?

Educanda04C: Sim.

(pausa)

Entrevistador: Em escola?

Educanda04C: Sim.

Entrevistador: Mas e como é que foi parar no Conselho?

Educanda04C: Eh, foi lá no Maria Joana, eu tive, eu tava num ensaio de uma quadrilha, e aí a menina tava indo embora e, tipo assim, só que nós era amiga, só que, não, tipo assim, nós não se batia. Aí pegou e o menino correu atrás dela e falou que eu ia bater nela, só que eu tava num ensaio da quadrilha e nem falei nada. Aí ela veio com a..., caça, com a..., tirar satisfação comigo e no vídeo dá de ver que o menino empurrou ela encima de mim, por isso que nós saiu brigando, aí nós foi pra Secretaria e tudo o mais, aí quando nós chegou lá e falaram que eu tava com infarto, só que eu não tava com infarto, aí que XXX e a doutora chamou o Conselho Tutelar, aí eu XXX no Conselho Tutelar.

Entrevistador: Ah, foi a escola que chamou o Conselho, não foi a família da menina?

Educanda04C: É, mas também minha mãe e meu avô.

Entrevistador: Te levou?

Educanda04C: Ahã.

Entrevistador: No Conselho?

Educanda04C: Sim. Ela foi, me colocou no carro e falou: "Karine, vamo ali". Só que eu não sabia. Aí eu peguei e fui. Chegou lá, ela falou, me entregou pra eles.

Entrevistador: Te entregou pro Conselho?

Educanda04C: Sim.

Entrevistador: Te deixou lá?

Educanda04C: Não, falou que...

Entrevistador: Te levou lá para conversar?

Educanda04C: É, não...

Entrevistador: Pra ver se eles ajudavam ela...

Educanda04C: É, ajuda-, é... me ajudavam.

Entrevistador: Na sua educação?

Educanda04C: É, falou que não tavam me aguentando mais.

Entrevistador: E aí, como é que você se sentiu nesse dia?

Educanda04C: Nossa! Eu fiquei bem triste, sabe, porque é ruim uma pessoa chegar nesse ponto. Aí passou uns tempo e aí eu melhorei. Não sou mais aquela.

Entrevistador: Mas você acha que isso contribuiu pra você melhorar? Sua mãe ter te levado lá no Conselho?

Educanda04C: Sim.

Entrevistador: Ter falado que não te aguentava mais...?

Educanda04C: Mas eu melhorei, porque, se você conservasse comigo antes eu não falava desse jeito, eu só falava gíria.

Entrevistador: Entendi. Até sua linguagem mudou.

Educanda04C: Mudou.

Entrevistador: Seu estilo de linguagem mudou?

Educanda04C: Era uma menina que só falava gíria. Eu era arrogante, tipo assim, se você XXX, Nossa Senhora! Eu fazia assim: o que esse homem quer saber da minha vida? Esses trem tá...

Entrevistador: Entendi.

(pausa)

Entrevistador: Certo.

Entrevistadora: Karine, eh, você, você faz alguma ligação dessas suas brigas, mesmo que não seja você à frente, pelo que eu tô entendendo você mais tá no olho da confusão do que você é a confusão... como é que a escola lida com isso? Como é que você... a escola ajuda, atrapalha? O que que você acha da escola nesse, na questão das brigas? As brigas acontecem dentro ou fora da escola?

Educanda04C: Fora.

Entrevistadora: Sempre fora?

Educanda04C: Sim.

Entrevistadora: Dentro não?

Educanda04C: Não.

Entrevistadora: Não tem briga dentro da escola?

Educanda04C: Não, às vezes, às vezes bate-boca.

Entrevistadora: Só? Mas tapa não?

Educanda04C: Dentro da escola não.

Entrevistadora: E aí sai e briga lá fora?

Educanda04C: É.

Entrevistadora: E a escola faz o quê? Normalmente?

Educanda04C: Não, só chama, conversa e pronto.

Entrevistadora: É?

Educanda04C: É.

Entrevistador: Mas lá na outra escola foi a escola que chamou o Conselho pra você?

Educanda04C: É, lá é diferente.

Entrevistador: O que que você achou disso?

Educanda04C: Eu achei...

Entrevistador: De a escola chamar o Conselho pra você numa briga que foi fora da escola?
Educanda04C: Não, na lá do XXX foi dentro da escola.
Entrevistador: Ah, lá foi dentro da escola.
Educanda04C: Foi dentro, foi dentro.
Entrevistadora: Ah, foi dentro da escola!
Educanda04C: Sim.
Entrevistadora: Ah... essa briga... e ela te deu um tapa?
Educanda04C: Deu, a gente brigou feio.
Entrevistadora: Dentro da escola?
Karine: Ahã.
Entrevistadora: E a escola chamou o Conselho?
Educanda04C: Chamou, porque ela machucou assim, a calça dela rasgou, ficou sem blusa, aí tava pelada lá.
Entrevistadora: Foi uma crise, foi uma briga mais violenta?
Educanda04C: Foi.
Entrevistadora: E a daqui, da porta da escola?
Educanda04C: Foi também, porque aí como nós foi lá pra polícia, aí ela falou tanta coisa assim que agora a polícia tá quase sempre na minha casa.
Entrevistadora: Ah...
Entrevistador: Como assim... a polícia vai lá na sua casa?
Educanda04C: É, eles, tipo, fica me vigiando, porque a menina falou que eu pus a faca pra matar ela na hora, falou que nós tava chamando facção...
Entrevistador: A daqui?
Educanda04C: Ahã, esses trem, pra pegar ela...
Entrevistador: E o que que a escola fez?
Educanda04C: Nada.
Entrevistador: Essa daqui nada? Não chamou Conselho...?
Educanda04C: Não, a mãe dela fez o BO na justiça.
Entrevistador: Fez o BO na delegacia?
Educanda04C: Abriu uma ocorrência contra nós.
Entrevistador: Entendi. Foi a mãe, não foi a escola.
Educanda04C: Foi a mãe.
Entrevistadora: E ela não estuda aqui mais?
Educanda04C: Estuda.
Entrevistadora: É?
Educanda04C: Ahã.
Entrevistadora: Ela continua aqui?
Educanda04C: Estuda.
Entrevistadora: Uai, e vocês continuam pacíficas aqui dentro?
Educanda04C: Não, ela ainda continua me provocando, mas aí eu tenho, aí eu me controlado mais.
Entrevistadora: Ahã, entendi.
Entrevistador: E a polícia já chegou, você falou “a polícia quase todo dia tá lá em casa”, é o quê? Na porta da sua casa ou chega a te abordar...?
Educanda04C: Não, a gente...

Entrevistadora: Fala contigo, fala com a família, ou não?

Educanda04C: Eles vêm aqui na escola também.

Entrevistadora: Vêm?

Educanda04C: Vêm. Eles só chegam lá e perguntam como é que eu tô pros meus pais, essas coisas.

Entrevistador: Ah, conversa com seus pais.

Educanda04C: Sim, comigo, perguntam se eu tô bem, se eu tô brigando, se eu...

Entrevistador: De forma agressiva ou não?

Educanda04C: Não.

Entrevistador: Não?

Educanda04C: Não.

Entrevistadora: Tranquila?

Educanda04C: Tranquila.

Entrevistador: Com respeito?

Educanda04C: Sim.

Entrevistador: Que bom, né? Pelo menos isso.

(pausa)

Entrevistador: Eh, você conhece muitos jovens com idade para estudar e que não estão estudando?

Educanda04C: Não.

Entrevistador: Não?

Educanda04C: Conheço!

Entrevistador: Conhece?

Educanda04C: Conheço.

Entrevistador: E você sabe porque que eles não estão estudando?

Educanda04C: Por causa de drogas, essas coisas.

Entrevistador: Por causa de drogas?

Educanda04C: Sim.

Entrevistador: Ahã. E... você sabe de alguma história de algum desses jovens que acabou em violência...?

Educanda04C: Sim. Eh... ele estudava, nós era colega de classe, e chegou um ponto assim que ele afundou na droga assim de uma maneira, nossa, assim, afundou com tudo. E começou a vender, esses trem e os...

Entrevistador: Você estudava com ele nessa escola ou na outra?

Educanda04C: Não, na outra.

Entrevistador: Na outra.

Educanda04C: Aí os bandido entrou na casa dele, teve um tiroteio lá, uma confusão!

Entrevistador: Alguém morreu nesse tiroteio?

Educanda04C: Não.

Entrevistador: Ele tá vivo ainda?

Educanda04C: Tá.

Entrevistador: Mas continua envolvido com droga?

Educanda04C: Sim.

Entrevistador: Ele não conseguiu, como você, melhora?

Educanda04C: Não.

Entrevistador: Né? Eh... se tornar...

Educanda04C: Uma pessoa melhor.

Entrevistador: ... menos terrível.

Educanda04C: É.

Entrevistador: (risos).

Educanda04C: Não.

Entrevistadora: Karine, você falou que a mãe da menina que vocês brigaram na escola, eh, ao fazer a denúncia, usou de argumento que vocês estavam armadas e que tinha facção envolvida.

Educanda04C: Sim.

Entrevistadora: Que história é essa de facção aí?

Educanda04C: É porque, tipo assim, minha família, eh, minha família a maioria mexe com essas coisas, entendeu?

Entrevistadora: Ahã.

Educanda04C: Meus primos...

Entrevistadora: Ah... tá.

Entrevistador: Facção?

Educanda04C: Sim.

Entrevistador: Droga?

Educanda04C: Sim.

Entrevistador: Ah...

Educanda04C: A maioria da minha família tá presa. Aí as pessoas acham assim: não, só porque a família dela é assim...

Entrevistador: Ela também é.

Educanda04C: É. Aí... pra você ver, toda briga que tem aqui na escola as menina me chama, acha que assim: "Não, se a 'Educanda04C' vim, os parentes dela vêm...".

Entrevistadora: Ah, entendi o seu terrível!

Entrevistador: Você é vista como a... a perigosa.

Educanda04C: É.

Entrevistadora: "Educanda04C", quem fala... quem...

Entrevistador: O terrível é de perigosa.

Entrevistadora: Quem fala que você é terrível? Quem fala? Você fala ou as pessoas é que falam e você repete?

Educanda04C: Eu falo, as pessoas falam...

Entrevistadora: Ãh... entendi o terrível.

Entrevistador: É uma construção mesmo.

Entrevistadora: É uma construção, eh... Que legal você fazer a desconstrução disso, né?

Entrevistador: De não se achar mais terrível.

Entrevistadora: É, porque isso te põe em outro lugar, "Educanda04C", te põe em outro lugar no mundo. Te põe em outro lugar na vida, né? Você é super jovem, né?

Educanda04C: É, mas... tipo, se eu quiser entrar no crime eu já tinha entrado no crime.

Entrevistador: E por que você não entrou?

Entrevistadora: É uma boa pergunta.

Educanda04C: Tipo, eu não me vejo numa coisa dessa...

Entrevistador: Ahã. Por quê?

Educanda04C: Ah, eu acho assim, eu vejo assim, umas coisas tão perigosas, sabe, e eu sou uma pessoa que tem medo de morrer.

Entrevistador: Você tem medo de morrer.

Educanda04C: E eu vejo, assim, os meus primos morrendo assim na minha frente... teve uma vez que eu tava na casa da minha vó e meu primo tava lá, e ele, vocês conhecem o *serial killer*, né?

Entrevistadora: Ahã.

Educanda04C: Meu primo é igual homem... E aí os bandidos entrou lá com aquela arma que atira um monte de uma vez? Aí só não matou nós porque as balas foram tudo no chão, porque senão e minha família tinha tudo morrido.

Entrevistador: Isso aqui na região?

Educanda04C: Não, lá no XXX das Mansões.

Entrevistador: XXX Mansões. Ahã. Então você já, você tem primos que já morreram?

Entrevistadora: Eles estudavam, Karine?

Educanda04C: Não.

Entrevistadora: Não?

Educanda04C: Não.

Entrevistadora: A escola também não fazia parte da vida deles?

Educanda04C: Não.

Entrevistador: Seus... seus primos que morreram, morreram porque bandido matou ou foi a polícia?

Educanda04C: Sim, bandido matou, aí meus outros primos sabiam quem era, ia lá e matava. Aí...

Entrevistador: Ah, virava uma disputa.

Educanda04C Isso.

Entrevistador: Ficava na... vingando.

Educanda04C: É.

Entrevistador: Um vingando a morte do outro. E... (pausa) E sua família sofre? Tipo, suas tias, que são as mães...

Educanda04C: Sofrem.

Entrevistador: Não se acostumaram com isso, não?

Educanda04C: Não, mas tem alguns que aceitam, que acobertam eles aí...

Entrevistador: Que acoberta?

Educanda04C: Sim. Minha vó, minha bisa, que morreu, era acobertava o meu primo, fugia com ele pra polícia não pegar ele...

Entrevistador: Entendi.

Educanda04C: Aí ele tava aqui, aprontou, aprontou, aí era pra ele ser preso, minha vó levou ele pra São Paulo e lá ele aprontou de novo e foi preso lá.

Entrevistadora: E tá preso?

Educanda04C: Tá.

Entrevistadora: Em São Paulo?

Educanda04C: Não, aqui.

Entrevistadora: Aqui?

Educanda04C: Sim.

Entrevistadora: Ah tá. No XXX Guimarães?

Educanda04C: Ahã.

Entrevistadora: Ah... então agora eu entendi seu terrível, "Educanda04C". Que bom que você tá fazendo diferente. Isso é muito interessante. Eu fico pensando assim que, porque se querem você na briga, porque os dois relatos de briga seu, não foi você que foi lá e partiu pra cima...

Educanda04C: Não.

Entrevistadora: Não. É o uso da imagem do terrível aí pra fazer você entrar na briga.

Educanda04C: É, antes, antes é porque o meu primo me ligava lá, preso lá, aí as meninas via e acontecia isso.

Entrevistador: Ah, ele te ligava do presídio?

Educanda04C: Sim.

Entrevistadora: Não pode ligar, mas liga.

(risos)

Entrevistador: Então você se relaciona bem com seus primos que são envolvidos em coisas erradas?

Educanda04C: Sim.

Entrevistador: Apesar de você não se envolver nas coisas erradas deles, vocês têm uma vida familiar boa?

Educanda04C: Sim... não tenho nada contra eles. Só meus pais que não gostam muito, meus pais são evangélicos.

Entrevistador: Ãh?

Educanda04C: Aí eles não gostam muito do XXX.

Entrevistador: E você é evangélica?

Educanda04C: É porque, tipo assim... Não.

Entrevistadora: Não? Só seus pais?

Educanda04C: Sim. Eh... é porque os meus primos é assim: sempre quando eu me envolvo em briga, eles entravam no meio.

Entrevistador: Pra te proteger?

Educanda04C: Sim.

Entrevistador: Pra te defender?

Educanda04C: Aí... e sempre dava polícia. Por isso, porque eles, do jeito que eles é, né, sempre dava polícia.

Entrevistador: Ahã.

Educanda04C: Igual, entraram na minha casa, roubaram meus trem, né, roubaram as coisas da minha casa, meus primos já matou quem entrou lá em casa.

Entrevistador: Matou?

Educanda04C: Matou.

(pausa)

Entrevistador: Você acha que, no seu contexto, matar e morrer é comum?

Educanda04C: Não é, só que... já foi tanta coisa que aconteceu que não... só que eu não sou...

Entrevistador: Mas você ainda não vê isso como normal?

Educanda04C: Não...

Entrevistador: Matar uma pessoa, uma pessoa morrer...

Educanda04C: Não, só que eu não sou uma pessoa tranquila... eu não, eu não consigo ficar sozinha em casa, eu sou muito, eu tenho que ficar, tipo assim, quando a

pessoa mexe com você, percebe uma pessoa que mexe com essas coisas, a pessoa fica toda hora nervosa, aí eu preciso ir lá, pra ver se tá acontecendo alguma coisa, entendeu? Eu sou desse jeito.

Entrevistadora: Você também fica ansiosa?

Educanda04C: Sim.

Entrevistador: Por causa desse contexto?

Educanda04C: Sim.

Entrevistador: Que você conhece?

Educanda04C: É.

Entrevistador: De já ter visto...

Entrevistadora: Você não fica sozinha em casa?

Educanda04C: Não. E... meu pai XXX, então a minha casa é cheia de cama (?), esses trem, saca? Não resolve.

Entrevistadora: Não resolve, né?

Educanda04C: Não.

Entrevistadora: Entendi.

Entrevistador: Então mesmo que você tenha, que você esteja inserida nesse contexto, isso tudo te assusta?

Educanda04C: E aí eu ainda tenho esse primo... E tenho parente policial.

Entrevistadora: Ui!

Entrevistador: Você tem parente policial?

Educanda04C: Sim.

Entrevistador: Mas você tem...

Entrevistadora: Família bem diversa, hein?

Entrevistador: Você tem de tudo, "Educanda04C", na...!

Educanda04C: A parte do meu pai é tudo, tudo, é tudo criminosa! Agora, por parte de mãe eu tenho gente da ROTAM, XXX.

Entrevistadora: Nossa!

Educanda04C: Aí que é... complica tudo.

Entrevistadora: É, complica mesmo. Tem razão.

Entrevistador: Mas você não quer ser nem criminosa, nem polícia?

Educanda04C: É, não... na verdade, antes eu guardava uns trem, já guardei arma...

Entrevistador: Ah é?

Educanda04C: Drogas, essas coisas...

Entrevistador: Dos teus primos?

Educanda04C: Sim, porque tipo assim, na casa da minha tia, direto tem policial indo lá, essas coisas XXX estar lá, só que minha tia tirou de lá, aí eu vou e... ia e guardava isso.

Entrevistadora: Na sua casa?

Educanda04C: Sim.

Entrevistadora: Ãh?? E seu pai mais sua mãe que são evangélicos?

Entrevistador: Não sabiam...

Educanda04C: Não sabiam.

Entrevistadora: Ãh?? Sério? Você conseguia esconder deles?

Educanda04C: Sim.

Entrevistadora: Putz, cara.

Entrevistador: E por que que você parou?
Educanda04C: Porque...
Entrevistador: Você parou?
Educanda04C: Parei, ahã. Medo.
Entrevistador: Medo.
Entrevistadora: E seus pais não descobriram?
Educanda04C: Não.
Entrevistador: Medo de quê?
Educanda04C: De morrer.
Entrevistador: De morrer...
Educanda04C: Essas coisas.
Entrevistador: De ser presa...
Entrevistadora: E ela tem medo de ser presa? "Educanda04C"? Ou você tem mais medo da morte?
Educanda04C: Eu tenho mais medo da morte.
Entrevistadora: É?
Educanda04C: Porque eu já fui "aviãozinho" já.
Entrevistador: Você já foi "aviãozinho"?
Educanda04C: Já.
Entrevistador: Você vendia aonde?
Educanda04C: Eu? Daqui.
Entrevistador: Nessa escola?
Educanda04C: Não, eu era...
Entrevistador: Ah, você não vendia em escola, não?
Educanda04C: Ãh?
Entrevistadora: O "aviãozinho" vende ou só leva?
Educanda04C: Entrega.
Entrevistador: Só entrega? Você entregava aonde?
Educanda04C: Em todo canto, tipo assim, lá no meu setor, Independência...
Entrevistador: Quando isso?
Educanda04C: Até meus 14... não, 13 anos...
Entrevistador: Você tinha treze anos? Você tá com 15. Dois anos atrás?
Educanda04C: Sim.
Entrevistadora: Na época da sua reprovação?
Educanda04C: Sim.
Entrevistador: Foi.
Entrevistadora: Na época que você perdeu o ano?
Educanda04C: Foi.
Entrevistadora: Você desistiu do ano ou você chegou até o final dele e foi reprovada?
Educanda04C: Cheguei até o final e fui reprovada.
Entrevistadora: Reprovada.
Entrevistador: Os pais foram na escola e aí falar que não tinha mais jeito.
Entrevistadora: Mas você cumpriu o ano inteiro?
Educanda04C: Sim.

Entrevistadora: Sim. E a escola? Ou você não ia à escola também?

Educanda04C: Eu ia.

Entrevistadora: Ia? Ah... legal. Tá certo. Vixi, "Educanda04C", tu tem que escrever um livro da tua vida.

Educanda04C: Só que... nem a metade assim meus pais sabem...

Entrevistadora: Não, um livro da tua vida, não, claro que não, bobagem!

Educanda04C: Nem isso meus pais sabem.

Entrevistadora: Um livro da tua vida não, um livro da história de uma menina...

Entrevistador: Não precisa dizer que é você...

Entrevistadora: De uma menina que... tem tudo isso pra contar. É superinteressante, "Educanda04C"! Muito legal! Você tem que escrever um livro da tua vida. É, não vai dizer que é seu pra sua mãe e pro seu pai não ficar ligado, XXX.

Educanda04C: Eles nem sabem que eu... eu saí sem eles saber.

Entrevistador: Como?

Educanda04C: Eu saí dessa vida sem meus pais saber.

Entrevistador: Que você entrou?

Entrevistadora: Eles não sabiam nem que tava lá.

Educanda04C: Não.

Entrevistador: Eles nem souberam que você entrou.

Educanda04C: Não.

Entrevistador: Você acha que você teve sorte?

Educanda04C: Tive. Tinha só merda na cabeça.

Entrevistadora: E eles não te pegaram nem uma vez também?

Educanda04C: Quem?

Entrevistadora: Quando você era "aviãozinho"? A polícia?

Educanda04C: Não.

Entrevistadora: Não. Você não chegou a ser pega pela polícia?

Educanda04C: Criança, eu acho que eles não...

Entrevistadora: Não pensava, né?

Educanda04C: Não.

Entrevistador: Criança, mulher...

Entrevistadora: Eu vou fazer uma pergunta, você se sente à vontade pra responder: quem te fez de "aviãozinho"? Alguém da sua família?

Educanda04C: Sim.

Entrevistadora: Alguém da família.

Educanda04C: Ahã.

Entrevistadora: Que tinha, que conhecia você, que tinha... sabia quem era a criança "Educanda04C"?

Karine: Ahã.

Entrevistadora: É isso?

Entrevistador: Primo?

Educanda04C: Tipo assim, eles sabe que XXX.

Entrevistadora: Ahã. Sabia que você podia contribuir nesse trabalho?

Entrevistador: Primo seu?

Educanda04C: Ahã.

Entrevistadora: Ahã. Entendi. “Educanda04C”, eh, eu fiquei aqui pensando: quando você pensa “escola”, você pensa a escola como um lugar que é possível, eh, ajudar a sair desse, dessa vida que você tava? Ou não? Ou a escola não, nem fede, nem cheira? O que que você acha?

Educanda04C: Não, a escola não me ajudou a sair dessa vida.

Entrevistadora: Não?

Educanda04C: Porque a maioria dos jovens entra nessa vida na escola.

Entrevistador: Ãh?

Entrevistadora: Sério, “Educanda04C”?

Educanda04C: Sim.

Entrevistadora: Como assim?

Educanda04C: Aqui, é porque, vocês nunca veio aqui antes não? Bem antes?

Entrevistador: Eu fui professor aqui, de 2011 a 2015.

Educanda04C: Você não percebeu que alunos aqui fumavam droga.

Entrevistador: Sim. Eu percebi o uso.

Educanda04C: Então...

Entrevistador: Mas eu não percebia a venda.

Educanda04C: Aqui sempre teve isso. Aqui, brigas aqui não era igual tem agora, aqui era faca, arma, essas coisas.

Entrevistadora: Você ficou aqui até quando, Fred?

Entrevistador: De 2011 a 2015.

Entrevistadora: Ah, já tem... 4 anos que você saiu.

Entrevistador: Já. Então a escola não colabora pra...

Educanda04C: Eu acho assim, que agora tá mais colaborando, porque saiu os menino tudo...

Entrevistador: Então você acha que depende de cada escola?

Educanda04C: É, igual esse diretor...

Entrevistadora: Onde você tava lá, que você reprovou, você acha que a escola te ajudou? Quando você saiu? Porque você entrou, você tava naquela escola.

Educanda04C: Sim.

Entrevistadora: E saiu.

Educanda04C: É, acho que sim.

Entrevistadora: A sua escola te ajudou?

Educanda04C: Ahã, aquela lá é bem mais rígida, eu acho que ajudou, sim.

Entrevistadora: Ahã, entendi.

(pausa)

Entrevistador: “Educanda04C”, mais uma vez, muito obrigado, tá? Nós não vamos te identificar na pesquisa, né, não vai aparecer seu nome, não vai...

Educanda04C: Onde que vai tá a venda desse livro?

Entrevistadora: Na verdade, o Fred vai escrever um trabalho, né?

Entrevistador: É uma tese.

Entrevistadora: É uma tese.

Entrevistador: A gente chama de tese.

Entrevistadora: É, e, eh, normalmente ele fica disponível na biblioteca, mas aí depois o Fred pode tomar a decisão se quiser publicar um livro. Depende muito do que o

Fred quer fazer depois com esse trabalho. Mas o que ele precisa, é quase um trabalho aqui da escola, como seu, óbvio, né, uma tese é sempre mais difícil.

Entrevistador: Você vai estudar aonde o ano que vem? Já sabe?

Educanda04C: No Machado, eu já sei.

Entrevistador: No Machado, porque daí o que eu posso fazer é quando terminar o trabalho, ir na escola em que você estiver trabalhando, estudando.

Entrevistadora: É, a nossa proposta é que o Fred termine o ano que vem, até o fim do ano.

Entrevistador: Se você quiser até passar, me passar o seu telefone pra ter como eu te procurar depois...

Educanda04C: Tem.

Entrevistadora: É.

Entrevistador: Pra te entregar o trabalho, entendeu?

Entrevistadora: XXX. "Educanda04C", e, sério, eu acho que assim, eu não sei como é que você é com a escrita... devia escrever a história das meninas... a história das meninas que, que superam. É muito legal a sua história, "Educanda04C", muito legal, entendeu? Eu acho que você tem uma história tão bonita pra contar pra todas as meninas, tu é uma menina tão linda, vai contar uma história maravilhosa. Tem que escrever! Tem que escrever! O que você viveu, "Educanda04C", é uma coisa assim, fantástica. Né? Eu fico toda feliz.

Entrevistador: (risos).

Entrevistadora: Feliz mesmo, "Educanda04C", de ver, você precisa contar essa história, pensar assim, quantas meninas, né, quantas meninas, tem que escrever. Fazer uma coisa bem legal. E eu assim, se você quiser pensar uma escrita aí, tem a maior alegria de poder ajudar.

Entrevistador: A Miriam (?) participa de um projeto que se chama "Cajueiro".

Entrevistadora: É, ah, legal!

Entrevistador: Convidar a "Educanda04C", né?

Entrevistadora: É, a gente tem uma turma de pré-universitário. Quando termina o Ensino Médio e... atendemos jovens, né, que terminaram ou tão terminando, tão no terceiro ano, que no caso você tá no terceiro ano, tão no terceiro ano e querem ir para a Universidade...

Entrevistador: E que estão se preparando pro Enem, pra colaborar com a preparação pro Enem...

Entrevistadora: É, querem continuar estudando... e é um projeto que tem, eh, lá no centro da cidade, no, na rua 83, num lugar chamado Cara Vídeo. E a gente trabalha muito com jovens lá, então... também é um lugar, "Educanda04C", se você procurar "Cajueiro", você não vai esquecer, que é fácil, eh, na internet, tem nosso site, tem as nossas informações...

Entrevistador: Mas eu te mando informações também.

Entrevistadora: É, então se você resolver escrever você sabe que você tem gente que ajuda! Eu acho que, assim, talvez, eh, essa coisa da tua vida pudesse ser uma escrita de meninas para meninas, entendeu? De meninas lindas, como você, para outras tantas lindas desse país, ok?

Educanda04C: Ok.

Entrevistadora: Fico feliz. Posso te dar um abraço?

Educanda04C: Pode.
Entrevistadora: Você é linda demais!

Legenda:

XXX – inaudível

(?) – em dúvida

APÊNDICE VI

Roda de Conversa - Escola Municipal "Sabedoria"[18]

Educando01S:	Violência, esses trem, né?
Educando02S:	Violência, drogas...
Mediador:	Eh, tem uma parte aqui que eu achei interessante, que ela fala que não é por causa do álcool e nem, nem por causa de drogas que a violência está em todo o lugar. Então o que seria a causadora dessa, dessa violência em todo o lugar? Se não é drogas, nem, nem bebida...
Educando02S:	Bullying?
Mediador:	Pode ser bullying. Ah, gente, não tem resposta certa, vocês podem ir falando, não precisam ficar com vergonha, não vou forçar ninguém a falar nada, podem ficar de boa.
	(os alunos falam alguma coisa, mas é inaudível)
Educando01S:	Não sei...
Mediador:	Governo? Indignação? Conta? Questão econômica? O que que vocês acham?
Educando02S:	O governo XXX educação XXX.
Mediador:	Eu vou entregar essa charge aqui pra vocês, aí... vocês veem e a gente vai fazer uma discussão sobre ela.
	(Os alunos leem)
Mediador:	Pode passar pro lado. Ai, gente, eu sou péssimo com nomes, então vocês XXX de cada um para decorar assim. Eh... o que que vocês têm a dizer sobre, eh, essa charge em questão ao que vocês vivem hoje em dia?
	(pausa)
Mediador:	Vocês presenciam XXX de violência?
Educando03S:	Eu não.
Educando02S:	A primeira vez foi ali na sala... duas meninas brigando.
Mediador:	O que que aconteceu?
Educando02S:	Foi o que aconteceu lá na sala no 6º ano. Um menino brigando por causa de uma menina.
Mediador:	Como que aconteceu isso? Como que foi?
Educando02S:	Eles XXX, foi pra cima.
Educando01S:	Eu separei ele.
Mediador:	Você separou?
Mediador:	Mas a menina? Foi o menino que foi encima da menina?
Educando02S:	Não. A menina, os dois menino tavam brigando.
Mediador:	Por causa da, da outra menina.
Educando02S:	Sim. XXX.
Mediador:	Uai, como assim? Quando foi esse caso?
Educando02S:	Ano passado?
Mediador:	Sim.

[18] Houve um problema de ordem técnica e a gravação do vídeo não capturou o momento em que os participantes dessa roda ouviram a música, por isso o início da transcrição se deu já a partir da conversa.

Educando02S: Ano passado é que, tinha uma menina que não gostava que, a "AJ" XXX também, e não gostou, aí ela começou a falar trem, a "AJ" mandou ela ir pra cima, aí a "AJ" foi e bateu nela.

Mediador: Bateu? Foi feia a briga?

Educando02S: Não, eu separei, só que ela levou uma na cara.

Mediador: Sério?

Educando01S: E hoje também... aconteceu aqui.

Educando02S: Aí... ela não gostou e a menina foi pra cima dela e ela começou a brigar.

Mediador: Mas ela não gostou porque a menina fez alguma coisa com ela?

Educando02S: Não, a menina... porque a "AJ" é de boa, a irmã não fala nunca nada, aí... Foi isso... Se pegou com a menina XXX no caminho dele, foi pra cima dela.

Mediador: Então não tinha nenhum motivo aparente assim?

Educando02S: É, nenhum motivo. Aí hoje... foi só briga mesmo.

Mediador: Mas essa de hoje foi por causa de...

Educando01S: É menino, discussão mesmo de menino. É porque o outro xingou a mãe dele, ele não gostou e...

Mediador: Vocês acham que essa violência que reverberou aqui no colégio, tipo hoje e o ano passado, tem alguma coisa a ver com o que eles vivem ou com quem eles se relacionam cotidianamente em casa, no setor que eles moram?

Educando02S: Eu acho que é com quem eles vivem e relacionam.

Educando01S: O cara tá de boa, mas tipo assim, tem os motivos, né? Vai xingar sua mãe e você não vai fazer nada? Minha mãe não é XXX, deu motivo, né?

Mediador: Você não acha que é por causa do cotidiano delas?

Educando03S: Eu acho que não.

Mediador: Então ela só brigou porque...

Educando02S: Pra falar a verdade, o cara não devia xingar a mãe dos outros.

Mediador: Não, mas vocês não acham que, que brigar por brigar não é, não é sem sentido? Uma pessoa briga porque tem alguma coisa, assim.

Educando02S: Não... O cara não gosta de xingamento. XXX.

Mediador: Oi?

(risos)

Mediador: Pode falar mais alto, a gente não vai falar que diga que foi você, nem pro professor... se tiver alguma coisa pra falar da diretoria pode falar, entendeu? Não precisa ficar com medo ou vergonha, tá? Eh... o bairro em que vocês moram tem algum caso de violência? E se vocês presenciam algum caso de violência por lá?

Educando01S: No, aonde que você falou? Não entendi.

Educando02S: No bairro.

Mediador: No bairro onde que vocês moram.

Educando01S: Ah, no bairro. Ixi... demais.

Educando04S: No meu bairro, demais.

Mediador: É? Em relação a que tipo de violência? Porque tem várias...

Educando04S: Briga, né? Lá perto de casa...

Educando02S: O namorado dela brigou com aquela menina que tinha, aquela briga que tinha droga XXX. Aí começou a bater XXX.

Mediador: Eram seus vizinhos?

Educando02S: Eram, aí ele foi embora, voltou e a menina tava XXX. Aí ele foi embora de novo.

Educando01S: Lá perto de casa dá é tiro, moço, Deus me livre.

Mediador: Tem muita briga por lá?

Educando01S: Tem, briga de facção, né? Aí é muito perigoso.

Mediador: No de vocês é tranquilo?

Educando03S: É, mais ou menos.

Educando02S: O meu só tem velho também.

Mediador: Só tem velho?

Educando02S: O meu é. XXX (risos)

Mediador: Eh, vocês acham que esse tipo de violência pode influenciar em, aqui, em vocês, aqui no colégio?

(aluno demonstra dúvida)

Mediador: Se, é, por exemplo...

Educando03S: Se a violência influencia em você.

Mediador: Ele falou que lá no bairro dele tem várias coisas de violência, direto, de facção. Vocês acham que vocês, eh, vocês acham que isso pode, pode trazer alguma coisa pro colégio?

Educando01S: Pode, pode.

Educando02S: Ai, eu acho que não.

Educando01S: Aluno trazendo droga, arma...

Mediador: Você, você falou que você separou as amigas...

Educando01S: Não, eles, hoje.

Mediador: Ah, tá. E aí...

Educando04S: Ele separou elas por XXX.

Mediador: Vocês são amigos dela?

Educando04S: Ahã.

Educando02S: Ela é minha prima.

Mediador: Ela é sua prima?

Educando02S: Ahã, prima, porque a "F" XXX nela, né?

Mediador: Ãh... Eu vou entregar essa outra charge pra vocês... É a mesma tirinha, tá?

(os alunos leem a charge e riem)

Mediador: Já aconteceu isso aqui no colégio? Ou vocês já fizeram isso?

Educando02S: Eu não, eu fiquei sabendo.

Educando01S: Meu irmão bateu numa pessoa aí.

Educando03S: Eu não tenho coragem.

Educando01S: Ãh?

Educando03S: Eu não tenho coragem mais não.

Mediador: Você tem coragem?

Educando03S: Não.

Educando01S: Não, tipo, se ele, se um professor agredir eu, eu posso agredir ele; se ele agredir eu, eu posso agredir ele.

Mediador: Não, mas por que que o professor ia te agredir?

Educando02S: Uai, por algum motivo, porque...

Educando01S: Uai, porque... tem professor que é doido, né?

Mediador: Mas você, já aconteceu isso aqui no colégio?

Educando01S: Já aconteceu uma vez, mas há muito tempo, muito, muito tempo mesmo. Nem lembro quem é o professor.

Mediador: E por quê?

Educando01S: Ah, eu não sei.

Mediador: E aí ele levou advertência?

Educando01S: Ah, não sei, tem muito tempo desse trem, moço.

(alunos falam baixo, embolados, não dá para entender)

Mediador: Eh... essa, você falou que poderia ter até coragem de fazer isso com algum professor. Mas... por quê? Por que essa violência, dessa coisa assim? Por que que você acha que algum aluno poderia fazer isso com um professor ou um professor bater no aluno?

Educando03S: Ah, o professor ofende o aluno, né? Ofender aí XXX.

Educando02S: É, tipo, o professor falar uma coisa que ele não gostar.

Educando01S: Ele pode xingar você, aí XXX.

Mediador: Ué, mas aí vocês, tipo assim, mas violência, como o anúncio fala, violência gera violência. Então...

Educando02S: Tá, mas aí o aluno ele tá quieto, ele vai e fala alguma coisa que o aluno não gosta, daí ele vai rolar em cima.

Educando01S: Se ele não gosta, XXX.

Educando02S: Pois é.

Mediador: Aqui tem muita reprovação?

Educando01S: Nada.

Educando02S: Agora mesmo quase que eu não passo nesse colégio.

Mediador: Então é de boa pra passar?

Educando02S: É de boa.

Mediador: Então aqui quase não tem XXX de professor batendo em aluno...

Educando01S: Tem nada.

Mediador: Ou aluno batendo em professor?

Educando04S: Os professor aqui é tudo de boa.

Educando04S: No XXX acho que tem.

(novamente, eles falam tudo entre eles, baixo)

Mediador: Vocês praticam algum tipo de violência?

Educando01S: Eu não.

(risos)

Mediador: Bullying? Eh...

Educando03S: Ano retrasado eu bati nesse aqui.

Mediador: Você bateu nele?

Educando01S: Bateu em mim.

Mediador: Por quê?

Educando03S: Ah, porque ele era folgado. Ficava falando o que não deve.

Mediador: Folgado?

Educando03S: Nós juntamo a sala tudinho e eu bati nele.

Mediador: Foi muito forte?

Educando01S: Menino! Teve porrada, chute (aluno que bateu fala)

Mediador: E você levou alguma advertência?

Educando03S: Não.

Mediador: Aconteceu alguma coisa?

Educando01S: Deixa eu te explicar. Hoje nós todo mundo é amigo. (aluno que apanhou) Ano passado é porque eu queria conversar com ele, queria discutir, esses trem, aí eles começou a bater em mim, chutar.

Mediador: Você queria explicar os trem.

Educando01S: É... XXX posso sentar com vocês? Esses trem. Eles não, começavam e batiam em mim.

Mediador: Uai, mas só por causa disso você...

(risos)

Mediador: ... bateu nele? Ele só queria ser seu amigo!

Educando01S: Era todo mundo, era umas quinze pessoas.

Educando03S: Porque toda sala, assim, tem um cara que manda praticamente na sala. Aí eu era do grupo, né, que mandava na sala. Aí foi ele caçar confusão, nós XXX nele.

Educando01S: Cacei confusão só porque eu disse que tava XXX.

Educando01S: Tacaram mochila, caderno, tudo encima de mim.

Mediador: Sério? Todo mundo? Então não foi só ele, foi todo mundo?

Educando03S: Foi.

Mediador: Então todo mundo tava batendo em você?

Educando01S: Aí eu fiquei quase três dias sem vim aqui pro colégio.

Mediador: E os meninos, vocês que fizeram isso, os meninos...?

Educando01S: Não, os outros eu não converso mais não, só com ele. Porque ele, praticamente ele não fez nada, ele só começou, "Não faz isso, não", ficou falando, falando. Aí os meninos começou a bater em mim, aí ele separou lá.

Mediador: Ah, então na verdade não foi tanto você que bateu?

Educando03S: Eu não bati no começo não.

(de novo, falam baixo e juntos)

Educando01S: Aí hoje nós é amigo, só eu e ele só. O resto eu não gosto não.

Mediador: É engraçado que no jornal agora a gente tá vendo um caso desses de aluno, de jovens e... adolescentes, assim, que tá agindo assim, como você falou, às vezes fal-, falta de paciência, assim, porque a pessoa fala simplesmente e já tá lá, pou pou pou. Vocês acham que essa violência vem daonde? Assim, essa falta de paciência? É falta de paciência, talvez, ou é só falta de lidar com alguém?

Educando01S: Vem de casa.

Mediador: Vem de casa?

Educando01S: Da rua também.

Educando02S: Da rua também.

Mediador: Da rua?

Educando02S: Mais da rua.

Mediador: Da rua? Vocês falam, como assim, da rua?

Educando01S: Ah, tipo, você vê uma briga de trânsito, aí você pensa: “Nossa, o que que é aquilo?”, aí você vai pensar com a cabeça e quer fazer a mesma coisa que ele fez.

Mediador: Influenciado, no caso, né? Entendi. Eu vou entregar outra charge pra vocês, na verdade são duas.

(entrega as charges)

Educando01S: Ó eu aqui no meio, ano passado. Pior que salva mesmo.

Mediador: Por que que você acha que salva?

Educando01S: Ah... ixi... Aí bateu muito a cabeça XXX. Nossa, hoje tem, tem aluno que pode, tipo, matar você amanhã, pode agredir você... O colégio é muito difícil, viu?

Mediador: Por quê? Mas por quê? Tipo, matar você?

Educando01S: Mas vai que tem um aluno doido aí, psicopata, pega uma arma e...

Educando02S: Nossa professora de, XXX, ela falou que conheceu um..., quando ela era muito pequena, sabe? Conheceu uma menina e a menina era, brincava com a menina e o menino começou a apaixonar na menina, só que a menina não queria nada com ele aí ele começou a marcar hora, aí estava todo dia lá. Aí na hora que ela ia pegar o elevador pro colégio, pro colégio, ele pegava o elevador também. É, postava tudo que ela fazia. Aí ele começou a seguir ela, aí quando foi ver, foi no prédio dela, entrou...

Mediador: E matou ela?

Educando02S: Matou.

Educando03: Dentro do elevador.

Educando04S: Não, matou ela, aí ele foi pra escola.

Educando04S: Foi pra escola.

Mediador: Foi aqui?

Educando04S: Não.

Educando01S: Aqui? Eu não estudava aqui mais nunca.

Educando02S: Aí os policiais chegou lá na escola ele tava fazendo XXX.

Educando03S: Aí ele pegou e foi preso.

Mediador: Vocês acham que a escola tem um papel contra essa violência que tá acontecendo no colégio? Vocês falaram que essa violência vem das ruas, vem da casa, é influenciado... qual é o papel da escola em relação a isso? O que vocês acham?

Educando02S: Para manter regras.

Educando03S: Fala.

Educando02S: Você não vai falar?

Educando01S: “Educando04S”, você não falou até agora.

Mediador: Verdade.

(riem e brincam entre si)

Educando03S: Ah, não sei não. Não sei o que responder não...

Mediador: Ah... quando a gente tava vindo, antes da gente vir para cá, pra sala, a diretora falou que teve um caso de bullying, não sei se é esse das meninas, no início do ano. Aqui.

Educando02S: Nesse ano?

Mediador: É.

Educando01S: Deve ser lá...

Educando02S: É lá da minha sala.

Mediador: Foi na sua sala?

Educando02S: Sim.

Mediador: E como que começou isso? Porque ela só falou assim, aí ela falou que, que começou a tomar medidas para ver se melhorava.

Educando02S: Não, o "L", "H", o "LEB" ele começou a falar com a menina, só que a menina não fala com ninguém, aí, mas a gente chegou a falar.

(todos falam juntos)

Educando01S: Tipo um aluno, tipo, ele é mais na dele.

Mediador: Ele é mais tímido?

Educando02S: Não, só que aí ele começou a falar que a menina era tímida, esses trem. Aí ele foi e achou ruim, entendeu? XXX.

Mediador: Esse achou ruim?

Educando02S: É, quando ele falou, o "LEB" foi conversar com a menina, ela não deu moral pra ele, e ele falou, "Não, a menina é tímida", esses trem, e aí o "F" apelou e mandou ele tomar no... aí ele foi e falou pro pai dele que ele tava fazendo bullying com ele e a menina. Queimou todo mundo da nossa sala.

Mediador: Aí todo mundo foi punido?

Educando02S: Aí falou que era pra ter respeito, o "F", esses trem...

Educando04S: Quem é "F"?

Educando01S: O "F" é aquele carinha gente boa...?

Educando02S: O cabeludão, que tava te procurando na nossa sala, que senta lá, perto da "G".

Mediador: Vocês acham que isso aí é uma injustiça que assola vocês?

Educando03S: Não, só XXX na sala.

Mediador: Ah tá.

Educando02S: Só que ele não gosta que nós fala com os amigo dele, assim, que ele apela e é tímido. Ele não gosta.

Mediador: Ah, então, tipo assim, se XXX.

(novamente, todo mundo fala junto)

Educando04S: Os amigo dele é só amigo dele.

Educando02S: Ó, se ele for, se ele faz amizade com o "M", aí se você for falar com o "M", ele já vai lá e não gosta.

Mediador: Nossa!

Educando02S: XXX bagunça, senão ele vai lá e fala pra diretora.

(falou baixo de novo)

Mediador: Entendi. E aí então vocês não tem muito contato com esse menino porque...

Educando02S: Não, nós não fala porque ele começa a falar esses trem, assim, aí nós vai e fica quieto.

Mediador: Não, aí por exemplo, nesse caso, tipo, que que a escola tomou contra esse caso, o que poderia ter feito?

Educando02S: Ah, o colégio falou, a diretora falou que era pra respeitar o espaço dele, não falar mais nada dele, e aí agora nós tá de boa. Aí ele é o capitão da sala, a diretora falou, ele é o capitão...

(risos)

Educando04S: Capitão?

Educando02S: É, assim, tipo, o cara que olha todo mundo e depois fala pra diretora.

Educando03S: Cagoete, X-9.

Mediador: Ah...

Educando04S: É o X-9 da sala.

Mediador: Vocês acham que tem alguma relação, assim, porque ele é assim com a diretora e aí ele XXX por causa disso?

Educando02S: É, ele deveria respeitar o espaço do outro também, mas se o outro XXX também.

Mediador: Sim, poxa, porque, né?

Educando02S: XXX. Não é porque ele fez amizade comigo que eu tenho que ser amigo só dele.

Mediador: Ahã. Verdade.

Educando01S: O cara tá é doido!

Mediador: E a escola tem campanhas de bullying? Toda escola tem praticamente.

Educando01S: Aqui não tem não.

Educando03S: Não tem não. Não tem nada não.

Educando01S: Nunca nem vi.

Educando02S: Acho que tem, porque a diretora falou que se fizesse bullying chamava a polícia.

Educando01S: Aqui tem?

Educando02S: Aqui tem.

Educando02S: A diretora falou que se fazesse bullying chamava a polícia.

Mediador: E vocês acham que adianta?

Educando02S: Adianta.

Mediador: Adianta?

(risos)

Mediador: Se, mas e essas campanhas, se vocês acham que adianta, contra as drogas, essas coisas assim, sempre tem no colégio. Por que que ainda continua a violência?

(risos)

Educando02S: Fala aí.

Educando01S: Eu? Porque você tá perguntando pra mim, véi, ô, é muito... Eu não sei de nada.

Educando02S: Fala...

Educando01S: Fala aí, Educando04S. XXX, Alan. (pausa) Sociedade.

Mediador: Sociedade? Por que a sociedade?

Educando01S: Porque… tem, tipo, se fosse você pedir opinião "Ô, desculpa, e tal, sabe onde tem um lugar"? "Não, vai tomar no cu", o cara xinga você, aí você fica meio "Uai, aquele cara, que falta de respeito".

Mediador: Não, eu, tipo assim, eu fico de boa, eu não gosto nem de brigar assim.

Educando01S: Eu também não.

Mediador: Eu fico na minha.

Educando01S: Eu saio correndo de briga.

Mediador: Eu também. Eu sou péssimo com briga, então eu já fico até de fora, assim, mas eu não sei se é porque lá em casa, assim, eu sempre fui muito, minha família sempre foi muito de boa intenção em não entrar em briga, só meus tios que é mais briguento mesmo, mas minha mãe sempre, tipo assim, "ó, você para de ficar brigando e tal". Aí, aí eu não fiquei tão violento assim. Então às vezes essa violência pode vir de casa também, né?

Educando02S: É.

Mediador: Vocês acham que os jovens que estudam menos, ou, no caso, que não têm muito acesso à escolaridade têm mais, eh, são mais violentos? Têm mais acesso à violência?

Educando02S: Têm.

Educando01S: Acho que tem.

Mediador: Vocês concordam então que a educação ela é crucial para diminuir os casos de violência no caso, dentro do país, no caso, não somente na escola?

Educando02S: Sim.

Mediador: E, mas por que, então, eh... vocês acham que a educação pode fazer esse poder pra sociedade? Pode falar em relação a vocês mesmos, não tem nenhum problema. (pausa) Vocês gostam de estudar, vocês...?

Educando03S: Eu não gosto (ri).

Mediador: Não?

Educando01S: Eu gosto, porque hoje em dia sem estudo você não faz nada, né? Não arruma emprego...

Educando03S: Você gosta de estudar, "Educando01S"?

Educando01S: Uai, eu gosto. Mas é que o colégio é distante, né, da minha casa.

Educando03S: Você vem uma vez na semana.

Educando01S: Nossa, que mentira! Uma vez na semana...

Mediador: Por que que você falta tanto?

Educando01S: Não, eu não faltei nenhum, mentira!

Educando03S: É mentira... (risos, como se dissesse o contrário).

Educando01S: Uma vez na semana, XXX?

Educando03S: Ahã...

Educando01S: É mentira dele.

Mediador: Por que que você não gosta de estudar?

Educando03S: XXX, ficar escrevendo toda hora.

Mediador: Vocês gostam?

Educando02S: Ah, estudar é bom, só que tem umas professoras que passa da, que passa do limite, né?

(risos)

Mediador: Do limite? Como assim?

Educando02S: Uai, você tá fazendo uma tarefa, ele vai e começa, manda você fazer outras coisas já...

Mediador: Ah, aí fica muito pesado.

Educando02S: É, fica muito pesado. Igual teve, nós temo uma professora que, como é só uma aula, ela passa muita coisa XXX, aí ela quer que faz tudo só em uma aula só. Aí ela passa quatro páginas, uma página inteira, sabe? Passa as quatro páginas de livro pra XXX.

Mediador: Ahã, no meu colégio era assim, principalmente quando era, tipo, inglês, espanhol, que só tem uma vez na semana, passava muito exercício, só que aí

	eu acho que isso não é bom, porque aí meio que "aprendizado" assim. Porque aí ela tá tentando ver o melhor pra vocês, já como ela só tem uma aula por semana com vocês, ela tá passando conteúdo pra vocês.
Educando02S:	Ela deveria ensinar, né?
Mediador:	Vocês trabalham? Algum de vocês trabalha?
Educando02S:	Não, menino, eu só jogo bola no domingo (risos). Jogo bola.
Educando01S:	Eu tô fazendo um curso pra mim entrar pro serviço. Eles pediram pra fazer um curso de informática.
Mediador:	Ãh... vocês fazem curso ou alguma coisa assim à tarde?
Educando02S:	Não faço não... à tarde eu fico jogando bola.
Educando01S:	Eu faço duas vez na semana.
Mediador:	Duas vezes na semana? De... pra entrar no mercado de trabalho?
Educando01S:	É, eles, o curso é de dois anos, aí eu tô terminando um curso agora pra mim entrar, escrever já no currículo, porque eu já tenho um curso... porque são vinte cursos já, dois anos. Tem *designer* de jogos, esses trem tudo, misturado, que eles pediram pra fazer.
Mediador:	Ãh... legal, que bom. Eh... você falou que não gostava de estudar. O que que você acha que fez, que poderia fazer alguma pessoa parar de estudar, definitivamente, assim?
Educando02S:	Ah, o professor.
Mediador:	Por causa do professor? Mas por que essa, essa, XXX?
Educando01S:	Ah, o professor é chato mesmo!
Mediador:	Por que, gente?
Educando01S:	Tem professor que é chato.
	(alunos falam algo que não dá para entender)
Mediador:	É por que elas pegam muito no pé?
Educando04S:	É.
Mediador:	Ou é por que vocês não gostam de estudar?
Educando02S:	Ela faz é provocar, moço.
Educando01S:	Ela faz é provocar *nóis*.
Educando03S:	XXX ela diz que é pra você não passar muito perfume, pra não ficar um fedorzão na sala, aí ela não deixa você ir no banheiro, não deixa você conversar dentro da sala...
Mediador:	Ela implica mesmo.
Educando04S:	Ela implica até por causa da mochila.
Educando01S:	Ah, porque XXX eu banho, passo perfume, faço tudo lá. Chego aqui todo cheirosinho e ela "Ah, esse perfume forte!". Ah, minha filha, então...!
Mediador:	Ela reclama XXX dentro da sala de aula?
Todos:	É.
Educando02S:	Dentro da sala de aula.
Mediador:	E vocês já reclamaram disso pra diretoria, alguma coisa assim?
Educando02S:	Não, ela falou que é alergia.
Educando01S:	Alergia... então porque ela fica passando aquele perfume dela?
	(risos)
Mediador:	Então vocês acham que é a escola que tá, não tá ajudando na continuação, pra vocês gostarem de estudar, no caso?
Educando02S:	Não, a escola não, tem uns professor que não ajuda.

Educando01S: A escola é boa, a escola é boa, você tem seus amigos, seus amigos já que você estudou os quatro anos, tem seus amigos já tudo XXX, dentro da sala, aí você vem, na animação, mas o professor é... triste (balança a cabeça).

Mediador: Ah, então... mas vocês acham que são os professores que fazem essas coisas pros alunos pararem de estudar ou perder a motivação de estudar?

Educando02S: Não, tem professor, tem aluno, né, que fazem os *bullying*, esses trem, xingamento, aí o aluno não gosta, pede pra mudar de colégio ou senão para de estudar.

Mediador: Ahã.

Educando02S: É por causa disso, mais é por causa dos colegas, né, que fazem *bullying* com a pessoa, ele vai e sai do colégio, porque não gosta e sai.

Mediador: Vocês não acham que também essa violência fora do colégio pode reverberar nisso do aluno ficar desmotivado em estudar ou alguma coisa assim?

Educando02S: Fora do colégio?

Mediador: É, ele falou que a sociedade tem um papel crucial na questão disso, né?

Educando01S: Ahã.

Mediador: Vocês não acham que isso pode ocasionar em alguma coisa pra pessoa sair do colégio?

Educando01S: Pode. Todo dia tem muita droga, esses trem, e o jovem vai encima a droga.

Mediador: Aqui tem muito caso disso?

Educando01S: Ixi, tem.

Educando02S: Ano passado tinha.

Educando01S: Hoje até que não tem.

Educando02S: Hoje tá tranquilo.

Educando01S: Esse ano tá tranquilo, ano passado...

Mediador: E como que era ano passado?

Educando01S: Ano passado a gente ficou... quantos anos sem recreio?

Educando02S: Foram dois.

Educando01S: Dois anos sem recreio.

Mediador: Dois anos sem recreio?

Educando01S: É por causa que os alunos vendia...

Educando03S: Vendia maconha, fumava, brigava...

Educando02S: Dentro do banheiro ou senão lá na quadra.

Mediador: E era, tipo assim, na cara dura?

Educando01S: É.

Mediador: Todo mundo...

Educando02S: É, tipo, como não tem ninguém, nenhum segurança, esses trem, XXX.

Educando01S: Antigamente tinha um guardinha, ele cuidava do recreio, olhava, depois parou.

Mediador: Mas aí eles continuaram a estudar?

Educando01S: Não, uns saiu, outros morreram.

Mediador: Morreu.

Educando01S: Um morreu aqui embaixo, você lembra, né?

Educando02S: Lembro.

Mediador: Não, olha aí, igual vocês estão falando, ó, eles pararam de estudar porque alguns morreram, porque estavam envolvidos com droga... e o que que

aconteceu do ano passado pra cá pra mudar essa...aqui no colégio? Tipo, de... ou de diminuir ou... por que eles saíram ou porque a coordenação...?

(todos falam juntos)

Educando02S: Coordenação e também porque, quando começa a juntar muita criança, eles acha ruim e vai saindo... vai pra outro colégio que já tem mais pessoas, mais alunos...

Mediador: Então na verdade a maioria saiu?

(todos falam juntos)

Educando01S: Tens uns que foi expulsos...

Educando03S: Tem uns que foi lá pros guardinha (?). Suspensão...

Educando02S: Tem uns que sai pra achar um colégio que tem as pessoa que gosta do que eles faz, que gosta do que eles..., né?

Mediador: Vocês eram amigos deles?

Educando02S: Eu não estudei nessa época...

Educando01S: Não, eu não era muito chegado não...

Educando02S: Meu irmão estudava aqui, aí ele...

Educando03S: Eu era, o cara era de boa.

Mediador: E eles, eles tipo assim, você falou que ele era de boa, eles se envolviam com alguma coisa aqui ou eles só... isso, por exemplo, por eles fumarem drogas, ou alguma coisa assim, eles eram violentos...

Educando03S: Eram.

Mediador: ... ou faziam alguma coisa aqui?

(todos falam ao mesmo tempo)

Mediador: Só usavam mesmo aqui no colégio?

Educando03S: Não, eu só sei que eles eram de boa, porque meu irmão era da sala deles, aí pegava moral com os caras e eles eram de boa comigo. Me davam até dinheiro.

(risos)

Mediador: Uai, por quê?

Educando03S: Sei lá, de medo de eu cagoeta. Aí eles me dava vinte, dez conto, aí eu lanchava.

Mediador: Mas eles eram de boa com você porque você era chegado, e com os outros?

Educando03S: Aí... eu não sei não.

Educando01S: Ô, eu tinha medo deles, porque eles ficavam encarando eu. Eu hein? Me deu até prensada.

Educando02S: Tem menino que não gosta quando alguém começa a olhar para ele começa a falar trem, os cara vai, já sabe quem é, pega e vai pra cima. XXX.

Educando01S: Tipo assim, eles ameaça o aluno, ameaçou, um montão de aluno ameaçou pra não contar, né?

Mediador: Pra não contar o quê?

Educando01S: Pra não contar pra diretora sobre esses trem de droga aqui no colégio.

Mediador: Ah, porque os alunos já estavam incomodados com isso aí.

(aluno balança a cabeça)

Educando02S: Tinha aluno que não gostava, os cara vai, você faz uma coisa fala que vai te pegar lá fora.

Mediador: Tinha esses casos assim aqui?

Educando02S: É, se falasse alguma coisa, tinha que vazar do colégio.

Mediador: E... quais as dificuldades que vocês encontram pra, pra ser aprovados? Passar de ano? Passar no bimestre?

Educando03S: Matemática.

(risos)

Educando02S: É, matemática.

Educando01S: Português.

Educando03S: Ah, português é só fazer tarefa.

Educando03S: Português é fácil! É só fazer as tarefas.

Educando04S: Os outros professor...

Educando04S: Ah, mas aqui nesse colégio, bora passar lá no outro pra você ver.

Educando01S: Bora passar pro outro lá, o outro é estadual, meu filho, lá é...

Educando02S: Eu estudei de noite...

Educando01S: Eu estudei de noite também, porque eu trabalhava...

Mediador: Como assim, outro colégio?

Educando02S: O "RB".

Educando01S: É estadual o outro.

Mediador: Ah, vocês vieram de outro colégio?

(todos negam)

Educando02S: Não, nós é desse colégio, só que o outro colégio é mais difícil.

Educando03S: É porque a professora de português ela passa a resposta. Ela...

Educando02S: Ela passa a resposta, só porque é assim...

Educand003S: Da uma à dez, aí ela...

Educando02S: Os professor fala que é mais fácil tirar nota no caderno do que na prova, porque tem gente que tira zero. Aí por isso que ela passa os trem, aí quando chega no final ela, aí ela olha e é a média, pra você passar de ano, e eles te passa.

Educando01S: Tipo, ela faz quatro pontos no caderno.

Educando03S: Faz ponto.

Mediador: Hum...

Educando02S: Tipo, você tirou 2,5 na prova, aí você tá, aí você fez tudinho até no final do ano, ela te passa.

Mediador: É, no meu colégio também era assim.

Educando02S: Porque a média, chega na média e passa.

Mediador: Eu tirava nota péssima na prova, aí eu tinha que fazer os trem tudo.

Educando02S: Tirava 10?

Mediador: Não, eu tirava péssimo, porque eu ia péssimo nas provas.

Educando01S: Pensei que era 10.

Mediador: Não. Mas... e não tem algo a mais que pode fazer ter essa dificuldade de aprendizado pra vocês passarem de ano?

Educando01S: É, eu tive que apresentar isso, tipo, eu tive aula de reforço, tive... minha mãe pagava uma professora, aí ela ia lá em casa, ajudava eu, ela me ensinou a ler, ela era dessa escola, ela era dessa escola aqui. Me ajudou a ler, escrever, a fazer as atividades, tudinho.

Mediador: Ah, que bom, então aí...

Educando01S: É por isso que eu reprovei no 5º ano.

Mediador: Você reprovou?

Educando01S: É.

Mediador: Aqui no colégio?

Educando01S: Aqui no colégio, porque eu não dava conta de ler, nem sabia onde é que tava o "a".

Mediador: Mas aí você não sabia ler, tipo, porque a escola não ensinou ou você acha que algum professor...

Educando01S: É, a escola não ensinou.

Mediador: E dentro de casa...

Educando01S: É porque eu não estudava nesse colégio, eu vim pra cá no 5º ano. Aí eu saí do outro colégio, o colégio nem ligava, aí eu vim pra cá.

Mediador: Os outros colégios nem...

Educando02S: Você estudou no "SC", foi?

Educando01S: Ahã.

Educando02S: O "SC" é muito difícil mesmo.

Educando01S: O professor nem ensina nada lá, né? Não ensina nada.

(Marcus balança a cabeça)

Mediador: Quer falar alguma coisa, "Educando04S"?

Educando04S: Não.

Mediador: É, gente, então é isso. Eh... não sei se vocês perguntam alguma coisa...

Pesquisador: Só pra ficar registrado aqui o seu nome?

Educando01S: "Educando01S".

Pesquisador: "Educando01S", "Educando03S", "Educando02S" e "Educando04S". Eh... vocês conhecem jovens que não estão estudando e deveriam?

Educando02S: Sim.

Pesquisador: Quem falou Sim?

Educando04S: O "Educando02S".

Pesquisador: E eles estão fazendo o que da vida?

Educando02S: Uai, vendendo droga. Eu conheci um que parou no 9º ano porque começou a mexer com droga e foi e parou. Ele estudava aqui no XXX.

Pesquisador: E ele é da sua idade, "Educando02S"?

Educando02S: É, tem, hoje deve ter 15 ou 16.

Pesquisador: Sim, jovens como vocês. Você tem quantos anos?

Educando02S: Eu tenho 16.

Pesquisador: 16? Você ia falar, "Educando01S"?

Educando01S: É, eu conheço uma, um jovem, um amigo meu, que parou de estudar por causa do serviço, ele falou: "Não, vou parar de estudar porque vou trabalhar".

Pesquisador: Pra trabalhar? ("Educando01S" acena com a cabeça) E ele tá trabalhando de quê?

Educando01S: Eh, trabalhando num supermercado.

Pesquisador: Num supermercado. Você falou que alguém pediu pra você fazer um curso pra começar a trabalhar. O que que seria o trabalho que você vai conseguir? Já tem em vista?

Educando01S: Tenho, eu vou trabalhar no XXX ou no Palácio Pedro Ludovico.

Entrevistador: Ah, a XXX me disse. Aí não vai atrapalhar seus estudos.

Educando01S: Não, não vai atrapalhar não. Vou estudar de manhã e à tarde é o serviço.

Entrevistador: Ah...

Educando01S: Meio período.

Educando03S: Meio período.

Pesquisador: O “Educando01S” falou de um jovem que morreu, um desses que...

Educando03S: Era da nossa sala.

Pesquisador: Ah, era da sala de vocês?

Educando03S: Ahã.

Pesquisador: Esse ano, “Educador02S”?

Educando01S: Ano passado.

Pesquisador: Ano passado?

Educando2S: Ano retrasado.

Educando01S: Ano retrasado? Foi ano retrasado?

Pesquisador: Vocês faziam que série?

(falam algo incompreensível)

Educando02S: Nós fazia o 6º ano.

Pesquisador: Fazia o 6º ano e ele foi assassinado?

Educando01S: Foi.

Educando01S: Aqui embaixo, na mata. Nós era de terça-feira, nós saía 11h45. Aí meio-dia aconteceu.

Pesquisador: Durante o dia?

Educando01S: Foi, de dia.

Educando03S: XXX. Aí eles correu pra dentro da mata. Aí dentro da mata tem uns bloco de, de terra, que não dá pra passar com o carro. Aí eles parou o carro e foi trocar tiro com a polícia. Aí foi a hora que matô eles.

Pesquisador: Ah, foi a polícia que matou?

(os alunos confirmam com a cabeça)

Pesquisador: Peraí, só, conta de novo, “Educando03S”, o que que foi o fato.

Educando03S: Porque eles tinham uma XXX, bem por aqui pra cima.

Pesquisador: Aluno aqui da escola?

Educando03S: Aluno.

Orientadora: Estudava aqui na escola?

Pesquisador: Saiu da... na hora que liberou...

Educando03S: Foi.

Pesquisador: Ele saiu...

Educando03S: É, tinha um menino que não estudava aqui. Ele tinha 18 anos, o “L”, aí ele passou de carro e pegou os meninos. Aí ele foi, ele subiu lá em cima e desceu correndo. Aí ali tem uns blocão de terra, não dá pra passar com o carro ali, eles parou e começou a trocar tiro com a polícia. Foi quando matou eles.

Pesquisador: Entendi. Matou o aluno daqui e mais outro…?

Educando02S: Matou o aluno e um que tava dirigindo. Aí tinha outro...

Pesquisador: Morreram os dois?

Educando03S: É, aí tinha um outro que pulou dentro do carro e já deitou no chão. Aí a polícia foi e prendeu ele. Aí foi um preso e dois morreu.

Pesquisador: O que estudava aqui era menor de idade, o que tava dirigindo já tinha mais de 18?

(“Educando03S” confirma com a cabeça)

Pesquisador: E vocês perceberam alguma reação da escola, como que a escola se comportou com isso...?

Educando03S: Foi normal.

Orientadora: No outro dia, o que que houve na escola?

Educando03S: Ah, só falando, os professor falando "Ah, o Ítalo, um aluno daqui morreu".

Educando01S: O povo pensou que era eu que morri.

Mediador: Você?

Pesquisador: Como que é?

Educando01S: O povo, os amigo meu falou assim: "Uai, eu pensei que você tinha morrido", " Eu pensei que era você que tava morto".

Pesquisador: Ah, porque era o mesmo nome.

Pesquisador: A escola não fez nenhuma homenagem pra esse aluno...?

Orientadora: Não teve um momento de silêncio igual a gente vê aí, quando morre alguém... teve alguma coisa assim?

Educando03S: Não, porque esse menino também desrespeitava os professor demais... aí tinha uma professora lá que também, qualquer coisa que falasse pra ela, ela falava "vou te processar". E aí ele falava: "Então processa, então, desgraçada!". Aí foi indo ela "Então vou processar você". Aí foi quando ele morreu. Aí não...

Pesquisador: Esse que morreu?

Educando03S: Foi.

Pesquisador: Foi quando aconteceu isso com esse que morreu.

(alguém interrompe perguntando por um aluno)

Pesquisador: Tá. Vocês todos moram aqui perto da escola?

Educando03S: Eu moro lá pra baixo um pouco, bem pouco longe... daqui lá em casa dá uns 500 m.

Pesquisador: "Educando01S", falou que perto da casa dele tem mais brigas de facção.

("Educando01S" acena com a cabeça)

Pesquisador: Você mora em que bairro?

Educando01S: Nova Era.

Pesquisador: Nova Era? E por que que você estuda aqui?

Educando01S: Ah, porque... os meus pais moravam aqui perto, aí eu... desde o 5º ano eu estudo aqui, aí eu não quis mudar de colégio, porque eu tava familiarizado já com esse regime.

Pesquisador: Qual que é esse setor aqui, gente?

Educando03S: Eh... Vila Brasil.

Pesquisador: Vila Brasil.

Educando01S: Esse aqui é Jardim Bonanza.

Educando03S: Ah é, Jardim Bonanza.

Pesquisador: Jardim Bonanza.

Educando02S: Ele fala do setor dele porque o setor dele é muita pessoa perigosa. É o Nova Era, o XXX, tem muitas pessoa de XXX.

Pesquisador: Então o Nova Era é mais perigoso do que aqui no Jardim Bonanza?

Educando02S: O povo é mais torcida do Vila Nova, aí o povo não gosta da torcida do Goiás, aí junta os colega...

Educando01S: É, é mais em dia de Goiás e Vila e tal.

Mediador: Nossa, esses trem é difícil.
Pesquisador: Então só o "Educando01S" que mora em outro setor?
Educando02S: Eu moro lá no XXX, perto do Parque América.
Pesquisador: Um pouco longe. Você vem de que para a escola?
Educando02S: Bicicleta.
Pesquisador: Bicicleta. "Educando04S", mora aqui mesmo?
Educando04S: Moro perto do Solução ali.
Pesquisador: Solução é o quê?
Educando04S: Supermercado.

Educando01S: Ali tem um colégio, na esquina.
Pesquisador: Ah, sei. Sei.
Orientadora: Eu fiquei pensando: você tá aqui há quantos anos? Você veio no 5º ano pra cá?
Educando01S: Eu entrei no 5º ano na escola, eu entrei no 5º ano, daí eu reprovei um ano aqui.
Orientadora: Aqui? Reprovou um ano aqui?
Educando01S: Ahã.
Orientadora: E tá desde o 5º?
Educando01S: Desde o 5º.
Orientadora: E tu?
Educando03S: Desde o primeiro.
Orientadora: Desde o primeiro?
(aluno acena com a cabeça)
Mediador: Nossa!
Orientadora: Tem uma história aqui já quase como a sua idade.
Educando03S: É.
Orientadora: E tu, "Educando02S"?
Educando02S: Desde o 8º, entrei no ano passado.
Orientadora: Ano passado. Esse é seu segundo ano.
Pesquisador: Você é o mais novo aqui?
Educando02S: É.
Orientadora: "Educando04S", você veio, você tá aqui desde quando?
Educando04S: Ano passado.
Orientadora: Ano passado. Desde o ano passado.
Educando02S: Você também foi no meio do ano.
Orientadora: Vocês reprovaram aqui? Não? Na outra escola?
Educando02S: Na outra, eu reprovei no "AS".
Orientadora: Certo. Você também, "Educando04S"? Reprovou antes de vir pra cá?
Educando04S: Também.
Orientadora: Vocês vieram pra cá porque foram reprovados lá?
Educando02S: Não. Quando eu reprovei, aí minha mãe me mudou, mudou pro "SC". Aí eu estudei lá no "SC", fui pro 6º, aí no 6º eu fui pro Militar. Aí talvez nós ia, no ano passado nós ia mudar pra lá de Brasília, aí minha mãe foi e tirou pra arrumar uma vaga lá, só que aí não deu certo na casa, aí ela foi e me mandou

	morar com a minha irmã. Aí como eu não posso ir embora XXX aí os cara tá me mandando eu ficar aqui agora.
Orientadora:	Não pode o quê?
Educando02S:	Eu jogo bola XXX no time, aí eles tavam me mandando ficar aqui em Goiânia mesmo.
Orientadora:	Hum... Certo! E você, "Educando04S", quando reprovou você veio pra cá ou não? Não foi esse o motivo?
Educando04S:	Não, eu vim porque eu quis mesmo. XXX.
Orientadora:	E vocês reprovaram por quê? O que que vocês fizeram que vocês reprovaram de ano?
Educando01S:	Eu por causa do motivo...
Orientadora:	Ou o que que vocês não fizeram?
Educando01S:	Eu por causa do motivo que eu precisava, eu não dava conta de ler.
Pesquisador:	Tinha dificuldade de aprendizagem.
Educando01S:	É, tinha dificuldade.
Educando03S:	Eu fazia muita bagunça.
Orientadora:	E não fazia as tarefas? Ou fazia...
Educando03S:	Não, fazia, mas fazia muita bagunça, eu reprovei porque eu fazia muita bagunça, discutia com professor, aí brigava na sala... aí eles me reprovaram.
Pesquisador:	Entendi.
Orientadora:	E tu, "Educando02S"?
Educando02S:	Eu reprovei porque faltou nota em Matemática e Português.
Pesquisador:	E por que que faltou nota?
Educando02S:	Eu não fiz as tarefas e as provas, porque a professora não gostava de mim e eu não gostava dela. E não fazia.
Orientadora:	E tu, "educando04S"?
Educando04S:	Eu fazia muita bagunça.
Orientadora:	E fazia tarefa ou também não fazia?
Educando04S:	Não fazia.
Orientadora:	Não fazia e fazia muita bagunça.
	(risos)
Orientadora:	Entendi agora.
Pesquisador:	Então todos vocês só reprovaram uma vez?
	(todos acenam afirmativamente)
Orientadora:	Que legal.
Pesquisador:	Então obrigada, meninos.
Orientadora:	Muito obrigada.

Legenda:

XXX – inaudível

(?) – em dúvida

APÊNDICE VII

Roda de Conversa - Escola Municipal “Experiência”

Orientadora:	Essa pesquisa do Frederiko é importante XXX ouvir vocês, por isso que eu brinquei que era pra gente estar visível, o Frederiko vai fazer um registro da roda hoje e a gente quer dar voz a vocês. Então além da gente gravar, ele está gravando ali, eu também tô filmando, gravando aqui a voz, porque é importante pra nós o que vocês vão dizer. Então eu queria muito agradecer a presença de vocês, meninos e meninas, aqui hoje e dizer que a gente fica bem alegre em contar com um grupo grande aqui pra discutir o tema.
Mediador:	Meu nome é Carlos, eu acabei de terminar o Ensino Médio, e eu tô aqui pra tentar orientar a roda de conversa com, com vocês, de acordo com a pesquisa dele. Eu vou pedir pra cada um apresentar, eh, falar seu nome e falar a turma de que vocês fazem parte. Pode começar por aqui.
Pesquisador:	E a idade, o nome e a idade.
Mediador:	Ah, e a idade também. Falem alto pra, pro áudio conseguir captar.
Educando01E:	“Educando01E”, 16 anos, 9º D.
Mediador:	Dá pra falar um pouquinho mais alto?
Educando01E:	“Educando01E”, 16 anos, 9º D.
Mediador:	Ahã.
Educando02E:	“Educando02E”, 15, 9º A.
Educando03E:	“Educando03E”, 17, 9º A.
Educando04E:	“Educando04E”, 15 anos, 9º B.
Educando05E:	“Educando05E”, 15 anos, 9º A.
Educando06E:	“Educando06E”, 15 anos, 9º C.
Educanda07E:	“Educanda07E”, 15 anos, 9º D.
Educando08E:	“Educando08E”, 16 anos, 9º C.
Educanda09E:	“Educanda09E”, 15 anos, 9º B.
Educando10E:	“Educando10E”, 15 anos, 9º C.
Educando11E:	“Educando11E”, 15 anos, 9º C.
Educanda12E:	“Educanda12E”, 16 anos, 9º C.
Educanda13E:	“Educanda13E”, 15 anos, 9º B.
Educanda14E:	“Educanda14E”, 17 anos, 9º B.
Educando15E:	“Educando15E”, 16 anos, 9º B.
Educanda16E:	“Educanda16E”, 15 anos, 9º C.
Educanda17E:	“Educanda17E”, 17 anos, 9º A.
Educando18E:	“Educando18E”, 15 anos, 9º A.
Educando19E:	“Educando19E”, 16 anos, 9º B.
Educando20E:	“Educando20E”, 16 anos, 9º A.
Educando08E:	XXX de você, você não quis ser o primeiro.
Eyucando20E:	E daí?
Mediador:	Eh, eu entreguei a letra de uma música pra vocês, e aí ele vai tocar a música agora e a gente vai acompanhar a letra e depois a gente vai fazer uma discussão junto com uma charge que eu vou entregar depois.

ÁUDIO 2

Mediador:	É muito extenso mesmo, então não precisa XXX nem uma hora. Agora eu vou entregar a charge pra gente discutir ela junto com a música.
	(pausa enquanto a charge vai passando aluno para aluno)
Mediador:	Aí vai passando até chegar no meio e deixa XXX.
	(Pausa.)
Mediador:	Eu vou recolhendo a letra da música. (passa recolhendo) Se as pessoas que já viram a charge quiserem ir comentando alguma coisa, o que que vocês acharam da música... da charge... pode ir falando.
	(Os alunos cochicham.)
Mediador:	Coloca no meio, por favor. A música fala sobre a violência estar em todo o lugar e também a charge fala que, também fala sobre essa violência nas ruas, né? Eh... o que que vocês têm a dizer sobre isso? Eh, vocês presenciam muita violência? Eh, vocês veem muitos casos de violência cotidianamente?
Educando(?)E:	Não.
Educando(?)E:	"Educando20R"!
Educando20E:	Não, véio, XXX.
Mediador:	Aonde?
Educando20E:	Na rua.
Mediador:	E... já aconteceu contigo?
Educando20E:	Não.
Mediador:	Não?
Educando(?)E:	Mas se acontecer...
Educando20E:	Não é doido!
Educando(?)E:	Ele não é doido.
	(Risadinhas.)
Mediador:	E com vocês?
Educando(?)E:	Já, pode falar.
Educando(?)E:	O "M".
Educando(?)E:	Violência ocorre em casa.
Mediador:	Oi?
Educando(?)E:	XXX lá perto de casa o XXX é ruim comigo.
Mediador:	Seu setor é perigoso?
Educando(?)E:	Nem é perigoso tanto assim não, é só XXX.
Educando(?)E:	Mas aí depende.
Educando(?)E:	Não, morreu dois ontem.
	(Os alunos falam juntos, não dá para entender.)
Mediador:	Mas como é que foi essa violência?
Educando(?)E:	É, foi três.
Educando(?)E:	Sei lá.
Educanda07E:	A polícia matou três...
Educando(?)E:	...CPF.

Educando(?): Não sabe.
Mediador: Oi?
Educanda07E: XXX. Você acredita nisso?
Mediador: No setor dele?
Educanda07E: Aqui mesmo, bem ali embaixo.
Mediador: Aqui pertinho do colégio?
Educanda07E: Sim, só que ali, um pouco mais pra baixo.
Mediador: Como é que foi? Foi aluno aqui do colégio?
Educanda07E: Não. Não foi... mais.
Mediador: Ele mexia com droga?
Educando02E: Deve ter vindo lá do XXX, pra lá.
Educando10E: Roubou um carro, moço. Roubou um carro, a polícia pegou lá e matou tudo, todo mundo.
Educando02E: Foi.
Educando(?)E: Foi lá perto da casa dele, uai.
Mediador: E vocês presenciaram tudo?
Educando02E: Foi lá perto de casa, embaixo lá, uai.

Educando11E: Moço, a ROTA passou do meu lado, moço.
(todos falam juntos)
Educando02E: Aí eu cheguei lá no serviço e o IML tava lá. Aí tava a polícia técnico-científica também lá, aí imediatamente veio o IML na XXX lá. Parece que era mais de, de sete viatura nesse trem lá. Tava lá, né, eu cheguei elas já tava lá.
Mediador: Mas ele não era aluno daqui do colégio?
Educando(?)E: Não era não.
Educando02E: Ãh?
Mediador: Ele não era aluno do colégio?
Educando02E: Não.
Mediador: Vocês nem conhecia ele?
Educando02E: Não.
(Os alunos falam juntos.)
Mediador: E vocês presenciaram tudo?
Educando02E: Parecia que tinha...
Educando(?)E: Eu fiquei sabendo da notícia.
Educando02E: Parece que um deles era menor assim, tipo ele dali, ó, franzininho, sabe?
Educando(?)E: Nó.
Mediador: Ele ia pro colégio?
(todos falam juntos)
Educando(?)E: Eu não sei.
(todos falam juntos)
Mediador: Pois é, a música sabe sobre vários tipos de violência: violência doméstica, cotidiana. O que que vocês têm a falar sobre isso? A música fala, falou que tem vários tipos de violência. A música fala sobre violência doméstica, eh, cotidiana, tem a sexual, tem vários tipos de violência. O que que vocês têm

	pra falar sobre isso? Se vocês já sofreram ou se vocês já fizeram alguma coisa?
Educando19E:	Só brincando mesmo, XXX.
	(alunos falam juntos e resmungando).
Educando(?)E:	Nem briguei na minha vida.
Educando(?)E:	É, eu também não.
Educando(?)E:	Não sei nem o que que é soco, cara!
Educando(?)E:	Eu nunca roubei!
Educando(?)E:	Quer falar uma coisa aqui, ó.
Mediador:	Alguém quer falar?
Educando(?)E:	Fala o que você falou pra mim esses dias!
Educando(?)E:	Moço, me deixa!
	(risos)
Mediador:	Gente, eu vou entregar a próxima charge para vocês e aí a gente faz o mesmo esquema.
	(todos falam juntos e alguém pede silêncio).
Educanda(?)E:	Acabei de ficar sabendo de uma violência aqui.
	(conversa paralela)
Educando(?)E:	Ela sofreu violência aqui.
	(todos conversam juntos).
Educando(?)E:	Levou uma tijolada aqui.
Educando(?)E:	Ele apanhou.
Educando(?):	Ô, “Educando08E”, falar nisso, você meteu o tijolo nele?
	(risos e todos falam juntos)
Educando11E:	Mostra os arranhões que você tem aqui no pescoço. Ei, professor, ele tem um arranhão bem aqui no pescoço da briga na rua.
Educando(?)E:	Tu é fofoqueiro, hein, bicho?
	(todos falam juntos)
Educanda07E:	Aqui, olha a violência, bem aqui.
Mediador:	Por causa de quê?
Educando(?)E:	Ela tava querendo brigar na hora do recreio.
Educando08E:	Bateu nele bem aqui, ó.
	(todos falam juntos)
Educando08E:	Mentira desse aqui, ó! (aponta para ‘Educando11E”)
Educando11E:	Eu?
Educanda07E:	Mentira, o motivo não era essa não.
Mediador:	As meninas brigaram por causa sua?
Educanda07E:	Não.
	(todos falam juntos de novo)
Educando20E:	Elas tavam brigando: “Não, ele é seu”, “Ele é seu”.
Educanda(?)E:	Mentira!
Mediador:	Daonde que começou isso? Deixa ela falar.
Educanda14E:	Não, sem comentários, pelo amor de Deus.
	(todos falam junto, de novo)
Educanda14E:	Sabe aquela pessoa que não é nada pra ninguém?

Mediador: Ãh?
Educanda14E: Que fala mal de todo mundo pelas costas?
Mediador: Ahã.
Educanda14E: Pois é, é ela.
Mediador: Aí você brigou com ela porque você não gostava dela?
Educanda14E: Porque ela tava falando mal de mim.
(risos)
Educanda07E: Não, ela brigou com ela porque a menina tava falando mal dela.
Educanda14E: Foi.
Educando08E: Começou, começou...
Educanda07E: Só que eu acho que é muita falta de maturidade, porque se você for brigar com todo mundo que fala mal de você...
(todos falam juntos)
Mediador: Mas por que ela falou mal dela?
Educanda(?)E: Ai, gente, não se irrita, gente.
(todos falam juntos)
Educando(?)E: Volta pra charge.
Educando(?)E: Senão eu ia ter que brigar com todo mundo.
Educando(?)E: Rapaz, se a gente for bater nas pessoas pra mudar de opinião...
Mediador: O que que vocês acham dessa ação do aluno?
Educanda07E: Ridícula, né?
Educando(?)E: Ela foi engraçada.
Educanda07E: Engraçada?
Educando(?)E: Foi engraçada.
Educanda07E: Engraçada não, foi ridícula.
Educando(?)E: Foi engraçada.
Educanda07E: Foi ridícula.
Educanda(?)E: É ridícula, menino, tá falando besteira.
Mediador: Vocês já presenciaram algum caso assim aqui dentro da escola?
Educando(?)E: Só a XXX que mostrou pra professora.
Educanda(?)E: Aqui não, mas eu já presenciei.
Educando(?)E: Só os molequinhos seguindo a professora (?). Ano passado, eu presenciei no ano passado.
Mediador: O que aconteceu?
Educando(?)E: A “E” adora xingar a professora.
Educando(?)E: As meninas lá da...
Educando(?)E: A “E”, é.
Educando(?)E: Moço, o quê?
Mediador: O que aconteceu?
Educando(?)E: As meninas brigou lá dentro da sala.
Mediador: Mas por quê?
(um aluno fala, mas não dá para entender)
Mediador: Ãh?
(todos falam juntos)
Educanda07E: Eu nunca briguei.

Educando(?)E: A menina tava conversando com o menino, falando mal da outra menina. Aí o menino que tava escutando a conversa falou com a menina.

Educando(?)E: "Educanda17E", "Educanda17E", qual que é a situação da charge? É um aluno falando que, relatando um caso de violência contra um professor. Então é isso que o Carlos Eduardo tá perguntando.

Educanda17E: Ah não...

Educando(?)E: Você já presenciou?

Educanda17E: Não.

Pesquisador: Vocês já presenciaram alguma situação aqui na escola?

Educando(?)E: Não, mas eu já vi...

Pesquisador: De um aluno ou aluna agredir um professor?

(todos falam juntos)

Pesquisador: Calma, só assim, gente, vamos só ter o cuidado de falar um de cada vez pra depois eu conseguir saber.

Educando02E: Lá no XXX eu estudava numa sala lá que o moleque tacou a borracha bem no meio da testa do professor.

Educando(?)E: Só isso?

Educando(?)E: Lá no XXX onde eu estudava o aluno tacou uma cadeira no professor.

Mediador: Por que que ele fez isso? Por que que ele fez isso?

Educando02E: É porque a professora tava mandando ele vazar pra fora porque ele tava aprontando...

Mediador: Porque ele tava fazendo bagunça, no caso?

Educando02E: É, aprontando.

Educando10E: Lá no XXX um cara lançou uma cadeira no professor.

(todos falam juntos)

Mediador: Peraí, gente, um de cada vez.

Educando10E: Ano passado o menino não bateu no professor não, mas ele chamou o professor pra porrada, o "D".

Mediador: O aluno chamou o professor pra porrada?

Educando10E: O aluno.

Mediador: Por quê?

Educando(?)E: Quem que era?

Educando10E: Porque ele tava brincando e foi chamar a atenção dele, sabe, aí ele achou ruim.

Mediador: Ele achou ruim o professor chamar a atenção?

Educando10E: Foi.

Mediador: Por que ele tava atrapalhando a aula?

Educando10E: Xingou ele, chamou ele pra porrada, falou que se ele era homem mesmo ia lá pra trocar umas porrada mais ele.

(todos falam juntos)

Educando11E: Um professor me ameaçou.

Mediador: Um professor te ameaçou aqui dentro?

Educando11E: Foi.

Mediador: Por quê?

Educando11E: Não sei, porque eu tava bagunçando na sala.

Educanda(?)E: Ah, ele não sabe.

Educando(?)E: Não acredito nisso!

(risos)

Educando11E: Não era não, é porque eu tava conversando, aí ele pegou e falou pra eu ficar quieto, XXX.

Mediador: E teve alguma punição pra esses alunos que vocês falaram de violência contra o professor?

Educando02E: Esse foi suspenso quase duas semanas, praticamente.

Educando(?)E: É, XXX, não pode mais fazer nada.

Pesquisador: Esse qual?

Educando02E: Esse que deu uma borrachada na cara do professor.

(risos)

Pesquisador: Em outra escola?

Educando02E: Foi.

Pesquisador: Lá no "RI" (nome de outra escola municipal)?

Educando02E: No "RI".

Pesquisador: Era um menino ou menina?

Educando02E: Menino.

Pesquisador: Menino.

Educando11E: Lá no "RI", lá no "Ri" o meu irmão quase matou a professora.

Educando(?)E: Teu irmão?

Educanda07E: O "R"?

Educando11E: O mais velho, meu outro. Ele rumou a cadeira na professora, xingou ela.

Educando02E: É o cotidiano, né, de professor, aqui no Brasil.

Mediador: Por quê?

Educando11E: Uai, ele era atentado, era o primeiro ano dele.

Mediador: Qual a questão que vocês acham que faz o aluno fazer, fazer alguma coisa nesse ponto contra um professor?

(todos falam e riem juntos)

Educando02E: É muito fraco, né, cabeça fraca, né, pra fazer uns trem desse.

Mediador: Mas como assim? Cabeça fraca?

Educando02E: Cabeça fraca, não pensa antes de fazer nada, não, não, pensa duas vezes antes de fazer aquilo, né?

Educanda07E: Eu acho que já, já são pessoas que já convivem com esse tipo de coisa, tipo, já é acostumado com violento, com violência, tipo, até com a mãe mesmo, às vezes a mãe bate nele, não sei, pega e bate nele...

Mediador: Ahã, concordo, às vezes a pessoa tá tão, eh, XXX numa violência que, né? Fica acostumada.

Educando02E: Exatamente.

Mediador: Vocês já praticaram algum tipo de violência? Os meninos já falou que têm vários casos aqui de violência, que...

(todos falam juntos)

Educando08E: Não posso nem pegar mais a XXX pelo pescoço.

Educando(?)E: Eu não.

Educando05E: Você brigou foi com uma gata, foi?

(risos – todos falam juntos)

Mediador: O que aconteceu, “Educando08E”?

(“Educando08E” balança a cabeça, todos falam juntos)

Mediador: Fica tranquilo, a gente não vai espalhar pra ninguém, só XXX.

Educando(?)E: Só pra gente...

Educando02E: Ele pegou o menino assim, ó (faz gesto com a mão).

Educando(?)E: Dois arranhões no pescoço já tem dois anos.

Mediador: Mas e vocês? Vamos mudar o foco do “educando08E”, né?

Educando11E: Eu não sou de brigar, mas já briguei XXX. Não, ele veio pra cima de mim com o canivete, porque ele era torcida organizada. Eu era do Goiás, e ele do Vila.

Mediador: Isso aqui, dentro da escola?

Educando11E: Não, não foi aqui na escola não. Foi lá no XXX.

Mediador: Ah, em outra escola.

Educando11E: Ele veio pra cima de mim e eu... nós brigou lá.

Educanda07E: Eu também, ah, na verdade, assim, a menina falou que ia me bater, aí ela veio pro meu rumo e aí eu soquei o murro na cara dela.

(risos)

Mediador: Mas por que ela ia te bater?

Educanda07E: Porque...

Educando05E: Macho?

Educanda07E: Não, porque ela é doida! Ela... porque ela tinha inveja, porque, tipo assim, umas menina era minha amiga e não era dela, entendeu? Aí ela, sei lá, ficou sabendo que eu tava falando mal dela, eu não sei disso, mas enfim. Aí ela veio e falou que ia me bater. Aí a hora que ela veio socar no meu rumo eu soquei o murro na cara dela.

Mediador: E você levou alguma punição?

Educanda07E: Mas eu só me defendi.

Mediador: Aconteceu alguma coisa depois?

Educanda07E: Não.

Mediador: A escola não fez nada a respeito?

Educanda07E: Não, porque foi mais pra frente da escola, porque senão ia dar merda.

Mediador: Ah, não foi dentro do colégio?

Educanda07E: Não, foi fora.

Mediador: Mas foi aqui?

Educando08E: Então, se fosse a “H” ela tinha feito, porque eu briguei lá na esquina...

Educando02E: Foi igual você, você foi lá embaixo.

Educando11E: E as meninas que brigou lá embaixo e levou suspensão? Lá perto do Bob’s, lá embaixo.

(todos falam juntos e não dá para entender)

Educando(?)E: Ainda tacaram pedra no carro dele.

Mediador: Vocês ficam aqui, eh, você falou que já brigou... alguém de vocês quer falar? As meninas aí caladas.

(todos falam juntos)

Educando(?)E: Solta a voz, garotas.

Mediador: Solta a voz, mulheres.

Educando11E: Solta a voz, mulheres.

Educando10E: Pode parar.

Educanda(?)E: Não, não tenho nada pra falar.

Educanda(?)E: Essa menina desde o ano passado eu vejo ela caçando briga com outras menina.

Mediador: Sério? Por quê?

Educanda(?)E: Tudo por causa de macho.

(todos falam juntos)

Mediador: Por que que vocês acham que a maioria dos adolescentes estão brigando por conta disso, por conta de relacionamento?

Educanda(?)E: Por conta que a gente pergunta, porque, assim, eu e ela mesmo, a gente não deixou as duas brigar, só que elas tava falando que ia brigar e isso e aquilo. Só que a menina era muito pequenininha. Aí XXX perguntando porque que ela tava querendo brigar, aí ela pegou e falou por conta que a menina tava falando de macho XXX.

Mediador: Mas porque essa dependência de macho sendo que a gente é tão novo e nem deveria tá preocupando tanto com isso?

(todos falam juntos)

Mediador: Mas daonde que vocês acham que pode vir essa dependência da outra pessoa, que pode causar talvez ciúme nas outras?

Educando10E: É porque quando a pessoa é bonita, que nem esse menino aqui, aí uma quer, a outra também quer, aí XXX, aí as outras não quer dividir...

Educanda09E: E tipo... e tipo... é meio grupal, entre os menino, sendo que os menino namora.

Educando10E: Exatamente.

Educando08E: Não, mas eu achei engraçado que um dia ela tava brigando por conta dele, aí chegou lá na esquina de casa elas duas brigando aqui, ele foi me encontrar lá na esquina de casa.

(todos falam juntos)

Pesquisador: Segue a roda.

Mediador: Gente, agora eu vou entregar duas charges.

(vai passando as charges, enquanto os alunos conversam)

Mediador: Você já brigou aqui no colégio?

Educanda07E: Aqui no “Experiência” (?) é raro, muito raro.

Educando(?)E: Mas na rua, da porta pra fora aí, todo mundo briga.

Mediador: O colégio faz programas contra, contra violência, tem XXX?

Educanda07E: Não, é a assistente mesmo. A assistente ela, ela, como que fala... eh... ela é bem atenta com esse tipo de coisa, sabe? Ela, tipo, ela vê uma..

Mediador: A coordenadora?

Educanda07E: É.

(todos falam juntos)

Educando(?)E: Cara, você levou murro?

Educando10E: Levei, saí com a cara toda inchada.

(todos falam juntos e, também, baixo)

Mediador: Eh, qual a relação que vocês têm em relação à escola no combate à violência dentro da escola?

Educanda07E: Como foi a pergunta?

Mediador: Qual a relação que vocês têm da escola contra o combate da violência dentro da escola?

Educando(?)E: Nenhuma.

Mediador: Por que nenhuma?

Educanda07E: Porque eles...

Mediador: Não, você falou nenhuma, tem que justificar.

Educando(?)E: Nenhuma.

Mediador: A escola não faz nenhuma, nenhuma coisa contra...

Educando02E: Só de vez em quando que a assistente chama os guardinhas... eles parecem a XXX: "O que que vocês tá olhando aqui?".

(risos)

Educando02E: Aí eles fala: "Desce todo mundo, isso não é pra ficar olhando aqui não."

(alguns alunos falam, mas não dá para entender)

Educando02E: Mais fácil chamar a polícia mesmo pra botar moral que os guardinha.

Educando10E: Às vez até elas (as coordenadoras) mesma não faz.

Educando02E: Ãh?

Educando10E: Às vez até elas (as coordenadoras) mesmo faz.

Educando02E: É.

Educando10E: Eles tava brigando aqui dentro, eles tava brigando aqui dentro, a assistente foi separar e tomou uns tapa lá.

(risos)

Pesquisador: Às vezes até a coordenadora faz papel de guarda? É isso que você tá querendo dizer?

Educando02E: É, ela quis separar.

Educando10E: Tipo isso, tipo isso.

Educando11E: É porque ela já foi da Rotam, aí ela quer XXX.

Educando(?)E: A assistente já foi da Rotam?

Pesquisador: Quem já foi da Rotam?

Educanda07E: A assistente.

Alguém: A assistente.

(todos falam juntos)

Educanda07E: A gente fala assim do jeito que, do jeito que ela, que ela trata, sabe, esse tipo de coisa, briga, essas coisa. Igual, se for lá na sala dela assim, aí ela já fala sobre a autoridade, que você tá XXX a autoridade.

Mediador: Ela se impõe, no caso.

Educanda07E: É.

Educand010E: Você tá achando que você tá falando com quem? (imitando a coordenadora)

(risos)

Mediador: Vocês acham que isso pode diminuir, uma autoridade que se impõe, que fala que não pode fazer isso?

Educando02E: Exatamente.

Mediador: Por conta dela diminuiu os casos de violência aqui?

Educanda07E: Ahã.

Educando02E: Diminuiu.

Educando(?)E: Ela não bota a mão não.

Educanda07E: É, tanto é que ano passado todo mundo tava falando, pedindo, tipo, fez, como o diretor ia entrar, né, aí no caso ela ia sair, só que os pais não quiseram que ela saísse, até eu mesma não queria que ela saísse, porque se ela sair eu acho que a escola vai...

Educando02E: Acabou.

Educando(?)E: Acabou.

Mediador: Mas vocês, vocês não acham que se a escola fazer outros meios de, de educação, de... pode diminuir os, os...

Educanda07E: Sim, pode também, só que...

Mediador: ... os índices de violência aqui dentro?

Educanda07E: Pode também, só que são poucos, né, que pensam assim.

Mediador: Porque eu estudei em colégio militar e todo ano tinha briga, não importava assim, se o militar chegasse lá, às vezes o militar nem se importava, fora que a coordenação às vezes não, não era tão assim, igual... eh, todo mundo era igual ela, assim, igual vocês falou, mas não botava tanto moral assim como, depois de um tempo. Então talvez, eh, nem sempre uma, uma violência pode fazer com a outra parar, no caso. Porque do jeito que você falou parece que ela tem um tom autoritário que faz vocês terem medo de fazer violência.

(todos falam juntos)

Educanda07E: Isso é verdade. Se ela põe a cara na sala já tá todo mundo calado, sentado.

Educando02E: Todo mundo sentado.

Mediador: Vocês acham que pessoas que estudam mais têm menos, se envolvem menos com violência?

Educanda07E: Eu acho que sim.

Mediador: Por quê?

Educanda07E: Porque eu acho que quem tem menos estudo conhece, né, violência...

Educando10E: Porque eu acho que estudando a mente vai ficar preocupada com o estudo, e não com outras coisas, pra ficar brigando, né?

Mediador: Hum... entendi. E vocês? Vocês não falaram nada ainda.

Educanda14E: Eu não acho. Eu não acho isso porque tem muitas pessoas que não estudaram e tem educação, só isso. Não tem violência, não tem nada.

Mediador: E daonde que vem essa educação, que você acha?

Educanda14E: Dos pais. A pessoa às vezes fala: “Ah, não, meu pai me bate, por isso eu sou violento.” Não, porque antigamente era muito difícil porque batia pior do que hoje, hoje quase não bate.

Educando02E: Hoje é proibido.

Educanda14E: Antigamente batia e não XXX.

Mediador: Você tocou num ponto interessante, porque você falou que mesmo se as pessoas que não tem educação podem ficar normais, digamos assim, e não vão tornarem violentas. Eh, mas e as pessoas que, que tem educação, que tem a família ali, e mesmo assim são violentas? O que fazem elas tornarem violentas no meio da sociedade?

Educando02E: Eu acho que a sociedade e talvez a criação dos pais, que deixa tudo.

Mediador: Mas mesmo, tem alguns pais que são muitos presentes na vida das pessoas, ou às vezes não é, mas tem algo a mais...

Educando02E: Pode ser, mas deixa, mas deixa...

Mediador: ... que pode fazer uma pessoa tornar violenta?

Educando02E: Pode até conviver com os pais, mas os pais, tá?

Mediador: Você acha que o papel crucial...

Educando02E: Cria filho igual batata, entendeu?

Mediador: Ahã, você acha que é crucial a, claro, é crucial a família pra formação...

Educando02E: É.

Mediador: ... de uma pessoa.

Educando02E: Claro.

Mediador: Mas você acha que isso é a principal causa das pessoas se tornarem violentas?

Educando02E: Ah, não é bem assim.

Educando02E: Eu acho que é a sociedade também; as amizades, talvez.

Mediador: A amizade?

Educando02E: Pode ser a...

Educando10E: Eh, aí briga, o que, a reação pode ser excelente, o cara chega na escola e quer ser o bichão, XXX, aí pega e começa a brigar pra se amostrar pros outros.

(todos falam juntos)

Mediador: E como que a sociedade pode empregar essa violência dentro da cabeça de nós, jovens? Desde quando a gente é criança. Como que a gente aprende essa violência?

Educando02E: Uai...

Mediador: Sendo que os nossos pais ensinam pra gente que a gente não pode fazer isso e a sociedade impregna isso em alguma pessoa, que faz a gente...

Educanda07E: Eu acho que é o que ele falou: gente fraca, que vai na influência dos outros...

Educando02E: Isso.

Educando10E: E a violência nas ruas também, né?

Mediador: Violência nas ruas.

Educando(?)E: Nasce também (?).

Mediador: Hum... entendi.

Educanda07E: Não ser violento, às vezes fala assim, “Ah, você é bichão”, “Eu sou o tal”, então eu posso fazer isso, ninguém vai fazer isso comigo”.

Mediador: Vocês conhecem muitos jovens que não estudam?

Educando(?)E: Eu conheço.

Educando02E: Eu conheço dois, conheço dois.

Educanda07E: O meu irmão mesmo.

Educando19E: Eu conheço um que era pra estar estudando, mas não vai pro colégio.

Mediador: Por quê?

Educando19E: Ele fez a matrícula.. uai, porque é vagabundo! Eu falava “Você vai pro colégio”, eu falava “Bora, eu vou lá levar você pro colégio”. Depois eu vou lá e volto buscar, só que ele nunca veio.

Mediador: Por quê? Por que que essas pessoas que vocês conhecem não estão dentro do colégio?

Educando19E: Ah, sei lá.

Educanda07E: Por causa de drogas.

Mediador: Sim.

Educando(?)E: Alguns é droga...

Educando19E: Ele tá na bebida.

(risos, todos juntos)

Mediador: Essas pessoas que tão fora da escola, que vocês conhecem, se envolvem com brigas, drogas...

Educanda07E: Meu irmão é da XXX Vermelha, né?

Mediador: Eles estão vivos, talvez, né, não sei se vocês conhecem alguém que morreu que tava dentro do colégio...?

Educanda17E: XXX vermelha, o nome dele é XXX, ele tinha 16 ou 15 anos...

Educando(?)E: Ele morreu?

Educanda17E: Ele começou a levar bebida alcoólica pra escola, a diretora tomou e revistou ele e hoje ele vive dentro da droga. Agora que ele tá começando a querer entrar no eixo e sair da droga, eu tô tentando ajudar, mas pra quem entra não é fácil sair, né?

Mediador: Ahã, entendi.

Educando(?)E: Eu conheço duas que se mataram.

Mediador: Eles já foram presos, essas pessoas que vocês conhecem?

Educando(?)E: Não.

Educando(?)E: Não.

Educando(?)E: Já.

Mediador: Já? Por qual motivo?

Mediador: Quais as dificuldades que vocês encontram pra serem aprovados?

Educando(?)E: Que dificuldade que a gente encontra pra ser aprovado?

Mediador: No bimestre, no ano...?

(alguns alunos falam baixo)

Educando(?)E: Sei lá.

Mediador: A escola... vocês acham que... os professores não ensinam, ou vocês que não querem estudar... ou talvez alguma questão familiar que possa estar atrapalhando também...?

Educando20E: Uma dificuldade, uma dificuldade que todas as escolas sempre tem...

Mediador: Ahã.

Educando20E: É a questão do professor, ele passar uma tarefa, tipo, ele explicou uma tarefa em tal dia, aí em vez de ele passar mais pra gente aprender sobre esse trem, do nada ele já vai inventar de colocar outra matéria, XXX, aí, tipo, aí depois ele passa essa tarefa, aí depois ele tem que responder, ensinar a gente a responder, e ele já quer passar outra tarefa. Em vez de ele continuar naquela até a gente aprender certinho, ele não continua.

Mediador: Ahã.

Educando20E: Só vai dando conteúdo.

(todos falam juntos)

Educanda07E: Fora que assim, ele explica uma coisa e aí ele já começa a passar muita, muita, muita tarefa no quadro mesmo, ao invés de ele passar, XXX. Isso, ao invés dele passar uma tarefa, explicar, XXX ficar em cima... Ele passa, explica e depois passa um tanto de tarefa e pronto, a gente que tem que se virar.

(todos falam juntos)

Mediador: Vocês, algum de vocês trabalha?

(falam juntos e baixo)

Mediador: Vocês acham que fatores econômicos podem diminuir a chance de alguém ser aprovado?

Educando(?)E: Pode.

Mediador: Tipo, você trabalha, você acha que pode, se você estiver um dia cansada, alguma pessoa muito pobre, que não tem condições talvez de vir sem comer, deixa de jantar pra tá aí, chega aqui, tipo, hoje teve bolacha de lanche, né, e ela não vai conseguir se sustentar com uma bolacha.

Educanda14E: Eu saio do trabalho e venho pra escola. Só lancho na escola. Aí quando eu volto que eu janto...

Mediador: Nossa!

Educanda14E: Então eu acho que não atrapalha não.

Mediador: Você falou...

Pesquisador: Com que que você trabalha?

Educanda14E: Eu trabalho com faxina.

Educando10E: E eu de pedreiro.

(risos)

Pesquisador: Quem que é pedreiro?

Mediador: É sério? Pedreiro mesmo?

Educando10E: Não, é servente.

Pesquisador: Servente?

(aluno balança a cabeça)

Pesquisador: Mas trabalha mesmo?

Educando10E: Só em alguns finais de semana.

Pesquisador: Com quem? Quem é o pedreiro que você ajuda?

Educando10E: O pai do meu amigo.

Pesquisador: O pai do seu amigo.

Educando10E: Mas todo dia eu chego em casa, durmo e como, ô, como e durmo. Aí final de semana eu trabalho.

Pesquisador: Ah tá.

Mediador: Vocês falaram que tem algum aluno que parece que é mais pobre, que não tem condições de... Vocês comentaram assim o nome de aluna...

(não entendi)

Mediador: Ah tá.

Educando(?)E: Ah, não é ninguém daqui.

Educando(?)E: Foi um exemplo.

Mediador: Ah tá, entendi. Mas não tem mais fatores que vocês acham que podem dificultar essa coisa?

Educando(?)E: Não, tudo, mas assim, passar dificuldade XXX, porque eu não como bolacha Mabel (?).

(risos)

Mediador: Vocês que já repetiram de ano, quais foram as dificuldades de vocês?

Educando(?)E: Nossa, preguiça!

(risos)

Educanda14E: Achar vaga na escola.

Mediador: Ãh?

Educanda14E: Achar vaga na escola.

Mediador: Achar vaga na...

Educanda14E: XXX só nessa escola aqui eu esperei um ano vaga.

Mediador: Você perdeu um ano por conta de falta de vaga?

Educanda14E: Ahã, a minha mãe foi na Secretaria de Educação, foi atrás XXX, falou que eu não tinha condição de ir, mas só saiu aqui em novembro a vaga pra mim XXX.

Pesquisador: Então você nunca reprovou, você perdeu o ano?

Educanda14E: Sim, porque no tempo que eu não vim pra cá eu fiquei sem estudar. Eu só reprovei uma vez.

Pesquisador: Ah tá.

Mediador: Aí ó, no caso dela não é por culpa dela, é por conta do governo que não tá oferecendo vagas novas, escolas pra gente. Então isso também dificulta a aprovação dos alunos e a entrar no colégio também, né, pra continuar os estudos. Eh, eu tenho que terminar agora, se vocês tiverem alguma pergunta pra mim e pro Fred...

Orientadora: Eu quero fazer duas perguntas, posso?

Pesquisador: Sim.

Orientadora: Eu queria perguntar duas questões que me intrigaram muito na conversa de vocês. Bom, a primeira é a questão da polícia. Eh, quando vocês contaram das histórias da polícia, da ROTAM, tem um murmurinho aí que eu nem sei se eu vou dar conta de, porque quando vocês falam juntos é muito difícil de...

Pesquisador: De entender depois.

Orientadora: ... depois a gente transcrever a fala de vocês. Eu queria ouvir um pouco mais organizado a fala de vocês sobre a questão da polícia. Vocês disseram: “Ah, matou alguém ali”, “a ROTAM passou perto de mim” e parece que há um tom meio assustado. Como é que vocês veem essa coisa da polícia com os jovens, com vocês, nessa idade aí?

Pesquisador: Um de cada vez.

Orientadora: É, pode falar uma palavra, como você disse, mas vamos gravar de uma vez. Por exemplo, qual palavra que você usou?

Educando(?)E: Eles é violento com nós.

Orientadora: Ok, que mais?

Pesquisador: Como que é?

Educando02E: Não, depende do que você fazer.

Educando(?)E: Violento, violento.

Educando10E: Não, tem alguns, tem alguns que você tá de boa, você tá só andando na rua, eles pegam você, se você não tiver com o documento eles solta a mão na sua orelha, XXX.

Orientadora: Depende, você disse depende.

Educando02E: Não, mas isso aí que ele falou é verdade. Os bichos ele é muito, eles é ignorante mesmo. Parece que eles cheiram um trem antes de trabalhar, fumam uma maconha, fazem alguma coisa, mas...

Educando02E: Ficam querendo colocar palavra na boca da gente, fica perguntando onde que é a boca, cadê a droga e não sei o quê.

Educanda07E: É igual uma vez que eu morava XXX, elas, elas, sempre a polícia entrava, invadia a minha casa, sabe? Teve um dia que a gente tava brincando, brincando mesmo assim na rua e eles pararam a gente e invadiu a gente, assim, do nada, a gente não tinha nada e eles entraram...

Orientadora: Invadiam a sua casa por quê?

Educanda07E: Porque os meninos do lado vendiam droga, aí era como se, eles achavam que a gente ajudasse.

Orientadora: Tu ia falando, fala menino.

Educando15E: Não, assim, XXX que eles implica muito, tem muitos que usa brinco, tatuagem...

Orientadora: Eles implicam com a aparência?

Educando15E: É.

(todos falam juntos)

Orientadora: Qual é a implicância maior: brinco?

Educando15E: Brinco, tatuagem, essas coisas.

Educando(?)E: Corrente.

Orientadora: Corrente.

Educando(?)E: O jeito de se vestir.

Educando(?)E: O jeito de se vestir é XXX.

Orientadora: Ok.

Educando02E: Teve uma vez que eu tava de moto mais um colega meu, né? Não foi ROTAM, não foi CPR, não foi nada, não foi o Choque, foi os militares.

Orientadora: Ahã. A PM?

Educando02E: Foi, a PM. Aí nós tá, aí eles vai (faz o barulho da sirene). Aí nós parou, né? Aí nós parou lá e eles falou: "Daonde vocês é aí, brother?", "Nós somos lá do "PS", XXX ali embaixo", "O que que cês tá fazendo aqui?", aí, "Não, nós só tá dando uma volta aqui mesmo". Aí ele foi, foi lá na viatura, aí o outro ficou lá: "Cadê o documento da moto?", aí o meu colega ele tinha acabado de comprar a moto, ele não pegou os documento ainda, foi de garagem ainda. Aí, eh, o outro, que tinha ido lá na viatura, pego um, aquele negócio de borrifar água pra limpar vidro? Com álcool. E pegou esse trem e tá, tá no meu olho, tá no meu olho, e ardeu no meu olho, ardeu no dele. Aí na hora que nós saiu um pouco pro lado eles deu dois tapão na nuca nossa, pá, pá, em nós dois. Aí o outro chega quase caiu, bateu a cara na moto, o meu colega, porque deu um tapão, né? Aí foi "Dá o fora daqui, suas desgraça", aí nós vazou.

Orientadora: Ela quer falar, XXX.

Educanda16E: Antes de eu vir pra cá eu estudava lá no "S", aí teve uma briga lá na porta e do lado tem uma delegacia.

Orientadora: Certo.

Educanda16E: Aí só porque lá tem uma mulher que trabalha na viatura ela bateu em mim, numa amiga minha e numa outra.

Orientadora: E era briga das meninas?

Educanda16E: Era, foi, briga de menina lá na porta da escola e aí eu acabei no meio dessa briga.

Orientadora: Ahã.

Educanda16E: Aí só porque pegou XXX aí ela falou assim, se eu achava que eu era mais melhor do que os outros, porque que não pegou na minha cintura? Achou ruim e veio pra cima de mim e da minha colega. Aí minha colega começou a XXX só na conversa. Ela pegou e falou assim que não, que ela já tinha a lei em cima do nome dela.

(alguém fala algo que não entendi)

Educando02E: Agora vem cá, que necessidade tem dos polícia fazer um negócio desse com os cidadão de bem?

Educanda07E: É, eu acho certo, que eles têm que sim, eh, chegar na pessoa, se eles tão suspeitando, chega, olhar, né, dá baculejo, como eles dão...

Educando10E: Tá doido?

Educanda07E: Agora, chegar já agredindo não, acho que ninguém é melhor do que ninguém, né, XXX.

Educando02E: Não tinha ocasião nenhuma de eles ter batido em mim.

Orientadora: E aí quando vocês falam que a escola chama o guardinha, eh, quando vem o guardinha ou quando vem alguma autoridade policial na escola, seja ela o que for, como eles reagem dentro da escola? Vocês, quem já viu a ação deles dentro da escola?

Educanda07E: Ano passado eles tipo, tinha uns aluno da nossa sala que XXX, era envolvido com XXX e tudo o mais, e aí eles chamaram os guardinha e eles entraram todo mundo pra dentro da sala e fecharam a porta. Mas ninguém sabe o que que aconteceu lá.

Educando20E E, eu tava!

Orientadora: Você tava?

Educando20E: Eu tava lá mesmo.

Orientadora: E pode contar pra nós como é que foi?

Educando20E: Esses trem não pode não.

(risos)

Educando20E: Você tá doido? Já foi três vezes assim lá.

Educanda07E: E é desse jeito, eles saiu de lá, a gente perguntava o que foi e eles não falavam o que aconteceu lá dentro.

Educando20E: Não pode, uai!

Orientadora: Não pode?

Educando20E: Não.

Orientadora: A gente não vai perguntar duas vezes.

(alguém fala algo, mas não dá para entender)

Orientadora: O que que é?

Educanda16E: Eles se acham que é mais do que os outro porque tem uma arma na cintura.

Orientadora: Ok.

Educando03E: Uma vez eu tava XXX, eles foi lá, veio mais cinco viatura, fechou a rua todinha assim, XXX.

(todos falam juntos)

Educando03E: XXX aí chegou os cara XXX até as muié, até os bebezinho XXX tava lá.

Orientadora: Fora da escola isso?

Educando03E: Foi.

Orientadora: Fora da escola?

Educando03E: É, ficou me acusando de roubo se eu não tinha roubado nada.

Orientadora: Tá, mas eu quero pensar essa atuação aqui dentro da escola. Aqui ou noutra escola que vocês estudaram pra gente entender um pouco disso, porque lá fora vocês estão dizendo um pouco de como acontece.

Educando10E: Pois é, o "Educand011E" quer falar aqui que ele apanhou de cabo de vassoura dentro da escola.

(risos)

Orientadora: Vamos ouvir o "Educando11E".

Educando11E: Nós tava jogando bola dentro da escola, foi na terça-feira. Na segunda-feira roubaram a escola, aí nós foi jogar bola. Aí esperou eles passar do meu lado ainda. Aí nós fico lá, aí eles pegaram o cabo de vassoura e pararam, não perguntaram nada, nem documento, nem nada. Aí nós olhou pra esses cara, tava tudo drogado. Deu pra perceber, porque tava até vomitando o policial. Aí nós ficou duas, uma hora e meia apanhando lá dentro. E enquanto nós não falava que roubou eles não, não XXX.

Pesquisador: Não era horário de aula?

Educando11E: Ãh?

Pesquisador: Era horário de aula?

Educando11E: Era num sábado, era num, num, na terça-feira, 5h, tinha acabado a aula já. Aí nós, nós tinha autorização pra jogar.

Pesquisador: Ah.

Educando11E: Aí nós falou: "Moço, nós tem autorização pra jogar".

Pesquisador: Nessa escola?

Educando11E: Não, lá no "R" (outra escola), lá embaixo.

Pesquisador: No "RI".

Educando11E: Aí na hora, ele falou que eu não tenho autorização, aí ele falou quem tem autorização ali era ele. Ele pegou e levou o menino lá pra baixo, aí pegaram um balde, encheram d'água e enquanto ele não falava quem era ele não tirava a cabeça dele de dentro do balde. Foda, né?

Orientadora: Dentro da escola?

Educando11E: Dentro da escola. E eles tava com medo da câmera virá pra eles, porque era a câmera da caixa, que era 360, da caixa, eles tava com medo. Aí eles batia no canto, batia em nós no cantinho assim, porque nós não tava XXX. Se não fosse meu irmão e minha prima ir lá e ver a viatura e chamar minha mãe pra ir lá buscar nós, eles ia levar nós lá pra Serra das Areia e dar um fim em nós.

Educanda(?)E: O que eles fazem, né?

Educando(?)E: O que é muito comum, né?

Orientadora: É muito comum?

Educanda(?)E: É.

Educando11E: Tiraram foto nossa, quebraram cabo de vassoura, bateram na cara dos cara...

Orientadora: É muito comum matar jovens e dar fins neles? É isso que vocês tão dizendo?

Educando10E: Na Serra das Areias, é tipo um cemitério de, de adolescente.

Educando11E: É porque enquanto eles falavam assim, se vocês não fala nós vai continuar batendo ou senão nós vai dá um rolezinho lá pra Serra das Areia.

Orientadora: Tá, e deixa eu perguntar pra vocês: quando tem alguma notícia aqui, no "PS", na região, de que algum jovem desapareceu, depois descobrem que esse jovem foi morto, encontra o corpo lá na Serra das Areias, como que a comunidade reage?

Educando10E: É polícia.

(risos)

Educando(?)E: Desse jeito que eles fala.

Orientadora: Mas a comunidade se revolta ou acha que tá certo isso, esse comportamento?

Educando(?)E: É normal.

Educanda07E: É normal.

Orientadora: Revolta?

Educanda09E: Não.

Educando10E: Às vezes, às vezes a ROTAM pega alguns moleque, uns bandidos, e os moleque também, aí tem vezes que eles manda por arma, sabe, eles anda com uns XXX dentro do carro, aí XXX, ajoelha os cara, mata, deixa as armas lá e fala que é troca de tiros pra não dá nada pra eles.

Educando04E: Igual o meu cunhado ano passado, que morreu.

Educando10E: Que nem o cunhado dele aí.

Orientadora: Eu queria uma última pergunta.

Educando(?)E: Cunhado de quem?

Educando04E: Meu, morreu ano passado. Ontem fez um ano que ele morreu.

Pesquisador: Que idade ele tinha?

Educando04E: 19.

Pesquisador: 19?

(o aluno balança a cabeça)

Pesquisador: Ele foi morto nessa situação?

Educando04E: Foi, ele foi levar um negócio pra uma mulher, porque a vó dele é dona de um bar, lá no Jardim Paraíso, aí XXX. Aí, tipo, ele tava envolvido com uns cara, eu acho que os cara tava dentro de uma casa com um carro roubado, aí, eh, veio onze viatura numa, numa rua e XXX da outra. Aí deu um tiro nele aqui na costela e levaram ele pra dentro do mato. E deu mais tiro pra cima pra dizer que tava trocando tiro.

Pesquisador: Entendi.

Orientadora: Meninos e meninas, deixa eu explicar uma coisa: ela me perguntou uma coisa e eu quero que vocês fiquem bem tranquilos. Nós não vamos postar, nós não vamos expor a imagem de vocês, nós não vamos expor a voz de vocês gravada, o que nós vamos fazer é transcrever, mas nem o nome de vocês vai aparecer. Eu geralmente identifico, o Frederiko vai pensar como, jovem 1, escola A, turno matutino. Só pra vocês ficarem bem tranquilos. Não é nosso objetivo, de maneira alguma, expor vocês, nada. A gente quer ouvir porque isso nos interessa, inclusive, pra gente ajudar a pensar o lugar da escola, o lugar da violência, a vida de vocês, né? Só pra vocês ficarem bem tranquilos, nós jamais, por exemplo, uma fala dessa natureza jamais a gente vai expor. Fiquem tranquilos, tá bom? Porque é muito grave isso que vocês estão contando, é muito triste isso que vocês tão contando. Então assim, a gente precisa entender essas coisas. O Fred disse que eu virei uma chorona de plantão, mas como a gente não se emociona com essas histórias? São vocês, vocês jovens! Olha a cara de vocês! São tudo menino ainda! Então assim, só pra vocês ficarem bem tranquilos. E eu tenho uma última

pergunta: eu fiquei curiosa, depois, se os meninos permitirem, eu quero que as meninas fiquem um minutinho que eu quero conversar só com as meninas, eu fiquei curiosa com a conversa de vocês aí. Eu queria que vocês me dissessem, na escola, quais são as formas de briga mais comum e quem briga mais, se são as meninas ou se são os meninos? Dentro, não é lá fora não, aqui dentro.

Educando(?)E: As meninas.

Educanda(?)E: Com certeza as meninas.

Orientadora: As meninas brigam mais? E quais são as formas de briga?

Educando(?)E: Por macho.

Orientadora: Não, calma, não cheguei nesse pedaço da história não.

Pesquisador: As formas.

Orientadora: Como brigam? Dá murro, dá chute?

Educando(?)E: É tudo.

(todos falam juntos)

Orientadora: Me descreve uma briga. Vamos ouvir vocês. Como é que é uma briga das meninas?

Educanda09E: Uai, depende da menina que briga.

Educando02E: Segura o cabelo.

Educanda09E: Segura o cabelo...

Orientadora: Puxa o cabelo?

Educanda07E: Tem menina que traz faca, né, pessoa? Traz faca pra escola pra brigar com as outras meninas.

Orientadora: Tá, que mais? E a briga dos meninos, como é que é?

Educando(?)E: É só dando murro um no outro, é só na porrada.

(todos falam juntos)

Educando10E: A maioria das briga é causada, tipo, vem um de lá e outro de cá, aí começa, aí um olha pro outro: "Tá olhando o quê?"

Educando02E: É desse jeito aí mesmo.

ÁUDIO 3

Orientadora: Do nada?

Educando10E: Do nada. Eu tava com ela aqui, pá (o aluno encena o colega passando), "O que que você tá olhando?

(risos)

Educando10E: Aí o outro pergunta porque eu tô olhando também, XXX.

Educanda07E: É, e aí fala assim: "Na hora da saída nós resolve".

Orientadora: Então eu quero saber o que é que causa a briga das meninas e aí depois vocês vão me contar o que é que faz vocês, meninos, brigarem. O que que faz as meninas brigarem?

Educanda07E: A maioria das vezes é por conta de macho mesmo.

Orientadora: Eu gostei dessa palavra macho. E os meninos brigam por conta de quê?

(todos falam juntos)

Orientadora:	Eu vou ouvir de cada.
Educando19E:	Quando chega na gente ele pensa que é o bichão, que é o cara, que é o mais forte do colégio e tal, é igual ele falou ali, ó, a gente não faz nada e o cara já quer xingar, já quer falar que você é um merda e tal e aí depois XXX.
Orientadora:	O que que vocês tavam dizendo aqui?
Educando10E:	Tipo, tipo, é assim: aí tem um cara, que nem ele falou, tem um cara que tá oprimindo todo mundo, sabe? Aí tem hora que ele bate de frente com um que não é que não é que nem XXX, aí XXX e bate nele.
Orientadora:	Aí vira briga.
Educando10E:	É, aí dá briga. XXX.
	(risos)
Orientadora:	Tem briga dos meninos por meninas? Porque já que as...
Educando(?)E:	Tem, tem, mas são uns otários.
Orientadora:	(ri)
Educando(?)E:	Mas são uns otários.
Orientadora:	O que que é?
Educando(?)E:	Raramente.
Orientadora:	Raramente? Por quê?
Educando(?)E:	É porque...
Orientadora:	Vocês não brigam não?
	(todos falam juntos e Fred fala que tá na hora de fechar)
Orientadora:	Mais alguma coisa, Fred?
Pesquisador:	Não.
Orientadora:	Eu queria agradecer muitíssimo a vocês pela participação...

Legenda:

XXX – inaudível

(?) – em dúvida

APÊNDICE VIII

Roda de Conversa - Escola Municipal “Pensamento”

Orientadora:	Eu sou XXX, eu sou professora lá da Universidade Federal de Goiás, eu sou professora do Frederiko e eu estou aí acompanhando o trabalho que ele tá fazendo com as escolas e que queria agradecer vocês, que se disponibilizaram a conversar com a gente. Muito obrigada. Que bom que vocês estão dispostos a falar muito, isso é ótimo pra nós.
Mediador:	O meu nome é Carlos, eu vou fazer a roda. Eu acabei de terminar o Ensino Médio, tenho 18 anos e... eh, o tema da nossa roda vai ser em torno de Educação e Violência. Eh...eu queria deixar vocês seguros e falar que tudo que vocês falarem não vai ser usado contra vocês, não vai expor o nome de vocês, então pode falar. Pode ficar tranquilo que se for, se tiver alguma queixa contra a escola não vai nada pra eles, então pode ficar tranquilos. A gente não vai usar o nome de vocês, vai ser mais a fala. Eu vou pedir pra cada um se apresentar pra... pra gente ter um registro melhor. Aí fala o nome, a idade e a turma.
Educanda01P:	Eu sou a “Educanda01P”, tenho 15 anos e sou do 9º C.
Educando02P:	Meu nome é “Educando02P”, tenho 15 anos e sou do 9º C.
Educando03P:	“Educando03P”, 16 anos, 9º C.
Educando04P:	“Educando04P”, 17 anos, 9º C.
Educanda05P:	“Educanda05P”, 15 anos, eu sou do 9º C.
Educanda06P:	“Educanda06P”, 15 anos e 9º A.
Mediador:	Eh, eu entreguei a letra de uma música pra vocês, aí a gente vai ouvir e vai fazer uma discussão depois, junto com uma charge que eu vou entregar.
	ÁUDIO 2
Mediador:	Uai, talvez seja uma metáfora, né? Eu vou entregar a charge pra vocês e aí quando terminar coloquem a folha no centro que aí.
Educanda01P:	É pra entregar... (faz o jeito).
Mediador:	Sim, aí quando terminar coloca no centro, por favor.
Pesquisador:	Mas essa parte da música aí ela fala de culturas que têm a violência como práticas culturais, tá? Então fala de várias culturas que tem práticas do convívio deles que são violentas.
Mediador:	Então, eh, com a música e com a charge, eh, o que que vocês têm a falar... tá acontecendo violência? Vocês presenciam muitos XXX de violência no bairro de vocês?
Educanda01P:	Em todos os lugares, às vezes.
Mediador:	Em todo lugar? Em todo lugar onde?
Educanda01P:	Tem aqui na escola, perto de casa, em todo lugar.
Mediador:	Como é que essa violência na escola?
Educanda01P:	Assim... (parece sem graça).
	(os alunos riem)
Educando02P:	Uma é de briga, né, porque ontem uma pessoa chegou batendo no nosso amigo, a gente não vai deixar isso impune, né? Nós queria pegar eles lá na

saída, só que eles acabaram saindo. Aí hoje ele tava falando com nóis, e nós tava planejando de bater neles.

Mediador: Hoje?

Educando02P: É, uai, foi.

Mediador: Vocês ainda estão com esse plano?

Educando02P: Tamos, porque eu não vi o motivo que ele chegou batendo no nosso amigo. Ele chegou ele e mais cinco. Então... se tivesse alguma explicação para ele fazer isso, mas não. Ele só chegou batendo. Eu não ia deixar isso.

Educando04P: Foi um ato de covardia, sabe? Tipo, nós era... aqui nós era os maioral, protege os mais fraco, praticamente, aí, só que eles chegaram em montinho e mexeram com o mais fraco, que é o que nós mais briga e que nós mais gosta de defender.

Mediador: Mas por que que eles mexeram com ele? Vocês têm algum caso de...?

Mediador: Você sabe? O que que aconteceu? Se você puder falar...

Educanda01P: Não... ele... (ela parece envergonhada e "Educando02P" fala)

Educando02P: Eu vou falar. É que assim...

Educanda01P: É porque o menino queria ficar com uma amiga nossa e ela disse não. Pediu pra ele respeitar (?). Só que esse menino ele gosta dela, aí ele foi meio que XXX, sei lá o que ele queria fazer, aí ele foi falar com um dos meninos, e esse menino achou ruim e chamou o outro amigo dele pra bater nos nossos amigos.

Mediador: Ah... então foi coisa de relacionamento?

Educanda01P: Ah, tudo isso, só que aí esse menino começou a mandar foto com arma e tudo mais pra essa menina.

Mediador: Mandou fotos?

Educanda01P: Foi.

Educando02P: Foto de arma, ameaçando a menina.

Educando04P: Falando que era do Comando Vermelho e tal...

Mediador: Sério?

Educando02P: Comando Vermelho, essas coisas.

Mediador: Não, mas ele mandou foto de arma pro amigo de vocês.

Educando02P: Sim.

Mediador: Ameaçando ele? Nossa! Mas esse menino que mandou a foto é daqui do colégio?

Educando02P: É, XXX.

Mediador E ele é da turma de vocês?

Educanda01P: Não, tem uns dois no 7º e um do 9º, eu acho.

Educando04P: Sorte dele.

Mediador: São mais novos ainda na verdade então.

Educanda01P: Sim.

Educando03P: Mais ou menos, reprovaram.

Mediador: O bairro que vocês moram é muito violento?

Educando04P: O meu até que é de boa, mais tranquilo.

Mediador: Mais tranquilo?

Educando04P: É.

Educando02P: XXX. Lá é meio violento.

Mediador: É?

Educando02P: Parece que todo dia (?) tem morte, bala.

Mediador: Dos vizinhos...

Educando02P: É.

(todos falam juntos)

Educanda01P: Eu moro no Garavelo. Do lado da minha casa lá têm uns vizinhos que mexem com droga, XXX, aí, esses dias pra trás eles entraram lá dentro de casa e roubaram um bocado de coisa lá.

Mediador: Eles entraram dentro da sua casa?

Educanda01P: (acena com a cabeça). Sim, e só tava minha irmã, nesse dia. Aí...

Mediador: Sua irmã é mais nova?

Educanda01P: XXX. Aí eles levaram um bocado de coisa de lá. Aí eles, toda vez eles faz isso. XXX.

Mediador: Então não é a prim-, eles já fizeram isso mais vezes na sua casa?

Educanda01P: Já é a segunda vez que eles entra lá. E tipo, eles sempre espera a mãe deles viajar pra eles poder entrar lá dentro, porque ela é a dona da casa.

Mediador: Ãh... então eles já sabem até da rotina, né?

Educanda01P: Ahã.

Mediador: Lá em casa também já aconteceu casos assim de entrar e roubarem, duas vezes também. Vocês duas têm mais alguma coisa pra falar?

Educanda05P: A minha vizinha, eh, eu ouvi uma pessoa gritando assim: “Socorro! Socorro!”. E elas também XXX.

Mediador: É?

Educanda05P: É.

Mediador: Ãh. Na música fala sobre tipos de violência, violência doméstica e cotidiana. Eh, vocês conseguem interligar isso com o cotidiano de vocês, no bairro de vocês? Vocês conseguem, tipo, distinguir as XXX? Você falou que a sua vizinha gritou “socorro”. Você sabe se isso é uma violência doméstica ou um relacionamento abusivo ou um caso de violência, assim, por causa de drogas...

Educanda01P: É, pode até ser, talvez, sei lá, se ela for casada, muito marido bate em mulher XXX.

Mediador: Ahã.

Educando03P: Na minha opinião, esse negócio que droga deixa a pessoa violenta não existe não.

Mediador: Têm outros fatores além da droga que fazem a pessoa ficar violenta?

Educando03P: Não, a droga em si não deixa violenta. Nem a droga, nem o álcool, porque a droga desacelera. A maconha ela desacelera as pessoa, as pessoa só quer saber de dormir, a pessoa fuma, come e dorme.

Mediador: Mas o que faz uma pessoa ser violenta então?

Educando03P: É o caráter. É o relacionamento em casa. Se o pai ou a mãe dele for violenta a pessoa tem tendência a ser.

Educando04P: A mentalidade da pessoa também XXX.

Mediador: A mentalidade?

Educando02P: Mas nem sempre é a educação. A mãe e o pai podem dar uma educação perfeita, o filho aprende na rua. Aí vai pela cabeça e pela mente dele, se ele vai seguir a fala dos outro ou vai seguir o ensinamento da mãe e do pai.

Educanda01P: Muitos filhos acham que os pais estão errados e quer seguir os exemplos do pessoal da rua.

Mediador: Ahã. É, tá tudo certo. Eh, assim, não tem certo, nem errado, tá tudo, as respostas estão todas certas, assim, certas eu quero dizer que vocês podem ir falando, tá? Eh, então a família tem um fator muito forte na questão da educação pra pessoa ser violenta. Ele falou, ele contradiz isso. Ele diz que a rua influencia muito as pessoas a serem violentas.

Educando02P: É verdade, porque os pais só preparam esses meninos.

Mediador: Ahã, entendi. Eu vou entregar outra charge pra vocês e aí é praticamente a mesma dinâmica, aí quando todo mundo ver aí vocês colocam no centro, por favor.

(os alunos veem a charge e riem)

Educando02P: Ai, tem que ser preso um trem desse.

Mediador: Vocês já fizeram isso ou já viram algum caso assim?

Educanda01P: Não, eu já vi fazendo isso.

Mediador: Aqui no colégio?

Educando02P: Bater em mulher, eu não aceito bater em mulher. Mas se um doido bater em mulher na minha frente, seja o que for, da minha família ou não, vai se arrepender.

Mediador: Não, ainda mais uma professora, né?

Mediador: Pois é.

Educando02P: Bater na mulher com um pedaço de pau? XXX.

Mediador: O que que você, você ia falar e...?

Educanda01P: Eu já vi. XXX do Jardim XXX. Lá tem um menino que tem problema.

Mediador: Problema psicológico?

Educanda01P: Só pode, porque tacar uma cadeira na professora não é certo, né?

(risos)

Mediador: Ele tacou uma cadeira nela? Por quê?

Educanda01P: Foi por causa que ela ficou mandando ele calar a boca, e ele queria conversar com um menino lá. Aí ela ficou mandando ele calar a boca e começou a xingar ele, a falar um monte de coisa, falou que ele tinha problema, que ele era depressivo e tal. Aí nisso ele foi lá e pegou a cadeira e tacou nela. E começou a querer agredir todo mundo da sala.

Mediador: Ele queria agredir todo mundo da sala ainda? E aí ele foi, ele foi expulso do colégio?

Educanda01P: Não, encaminharam ele pra uma psicóloga e da psicóloga encaminharam pra psiquiatra, aí a gente não sabe se...

Mediador: Ãh... e vocês já viram casos assim? Aqui dentro do colégio? Vocês já fizeram isso com alguma pessoa...?

Educando03P: Ahã.

Mediador: Porque às vezes, né, a gente tá falando nisso, mas vocês já fizeram alguma coisa com alguma pessoa.

Educando03P: Só xingar mesmo, só.

Mediador: Xingar professora?

Educando03P: (balança a cabeça)

Mediador: É um tipo de violência também.

Educanda01P: Quem nunca?

Mediador: Por que que você xingou o professor?

Educando03P: Eh, sei lá, eu não lembro não.

Mediador: Chata?

Educanda01P: XXX, tem uns que quer mandar em tudo e tal, beleza.

Mediador: Mas... eh... por quê? Como que foi isso? Em questão pra vocês, você tá falando que os professores são chatos...

Educanda01P: Tem muitos que, tipo assim, que quer pagar, tipo, de uma coisa que ele não é. Aí, apesar dele ser grosso e tal, eles são..., sendo que eles eram só professores...

Mediador: Ahã.

Educando04P: Eles querem respeito, mas não te respeitam.

Educanda01P: Isso que eu queria falar.

Mediador: Entendi.

Educando02P: E acaba não fazendo o papel de professor, ele quer ser seu pai e sua mãe. Aí já, já aconteceu, uma vez um professor gritar comigo e eu falar que ele não é meu pai pra gritar. E ele gritava comigo, e eu sou uma pessoa de pavio curto, então só saí da sala.

Mediador: Você só saiu?

Educando02P: É, eu sou uma pessoa de...

Educanda06P: Já aconteceu comigo, mas eu fiquei quieta, porque...

Mediador: Como, como que foi?

Educanda06P: Assim, ãh, tem professor às vezes que, meio que é ignorante, sabe? Eu acho que só porque é professor,...

Mediador: É dessa escola? Aconteceu nessa escola?

Educanda06P: Ahã, só porque é professor acha que pode gritar com você... às vezes têm aluno meio assim, XXX, só que, por exemplo, tem professor que são muito mal-educado, você tenta ser educado com ele, só que ele não é com você. Teve uma vez que eu, eu sempre, eu sou muito gentil, educada, sabe? Eu tento ser com todo mundo, e toda vez quando eu chego assim na sala meio atrasada o professor de Ciências fala “bom dia”.

Mediador: Ahã.

Educanda06P: E teve uma vez que... o ano todinho eu fiz “bom dia”, só que teve uma vez que eu esqueci de pedir licença e falar “bom dia”, e ela gritou comigo, ela falou assim: “Você não vai pedir licença?”. Eu falei assim: “Não, porque toda vez que eu peço você não fala”, você não fala, tipo, pode entrar ou alguma coisa.

Mediador: Ahã.

Educanda06P: E aí ela falou assim: “Mas você tem que falar”. Eu saí: “Então licença”. E ela falou assim: “Pode entrar, não sei o que”. Aí eu também... fiquei quieta, porque eu sou muito... (risos).

Mediador: Entendi. Nossa, então, o que vocês estão contando é que às vezes os professores já vem com uma violência pra cima de vocês?

Edocanda06P: Sim, tipo, por nada, só porque, por mínima coisa, sabe? É um...

Mediador: São todos os professores daqui que são assim?

(os alunos dizem que não)

Educando02P: Só um, o “A”.

Mediador: Só um que é de boa, que vocês?

Educando03P: Não, só um que é assim.

Mediador: Ah, só um que é...

Educanda06P: Então, eu acho, na minha opinião, o “A” ele é assim, tem muito..., não sei se é por causa da idade, sabe, mas ele é meio... não, teve uma vez que a minha amiga, a menina tava conversando, né, aí ele chegou nela e falou assim: “cala a boca”, não, assim, tipo, do lado.

Mediador: Do nada?

Educanda06P: Do lado dela, do lado dela, sabe? Aí ela falou assim: “Calma”, aí ele bateu o pé no chão assim e XXX a cadeira dela aqui: “Eu mandei você calar a boca!”.

Mediador: Chutou a cadeira dela?

Educanda06P: Tipo, ele empurrou e bateu o pé no chão assim, como se... aí ela falava assim: “Nossa, desculpa então”. Aí ele “Não pede desculpa não” e não sei o quê. Aí ele saiu. Eu fiquei com, eu falei assim: “será que ele vai agredir a aluna?”

Mediador: E a escola nunca tomou nenhuma providência?

Educanda06P: Tipo, pois é, a maioria dos alunos de hoje aqui deixa tudo quieto, sabe, não vai contar e tal, porque a maioria...

Mediador: Por quê?

Educanda06P: Tipo assim, você conta e alguns falam: “Ah, mas o que você fez?”, “mas também é isso, e não sei o quê, vocês faz isso”.

Educanda01P: Sempre ficam do lado dos professores, porque eles acham que os professores são as autoridades.

Educanda06P: Ahã, eles estão sempre certos.

Mediador: Ãh...

Educanda06P: Eles estão sempre certos, na minha opinião eu acho isso.

Educando02P: Ele tem relatos de agredir crianças aqui.

Mediador: Ele já agrediu alguns alunos aqui?

Educando02P: Ahã.

Educanda06P: Não, ele não. Já teve relatos de outros professores, eu não, eu não sei se ele já agrediu.

Mediador: Ah, sei.

Educando02P: Já, minha prima estudava aqui.

Educanda06P: Já?

Educando02P: Já. O “A”, a minha prima estudava aqui, aí as duas estavam conversando, ele chegou mandando calar a boca.

Educanda06P: Ele é desse jeito.

Educando02P: Ela, ela foi lá e rebateu com ele, ele sentou o trabalho que ela tinha feito na cara dela. Ela saiu conversar com a diretora, só que independente da pessoa que fala da sala, eles não acredita. Aí o professor vem, fala outra coisa, e eles acredita. Aí você acaba levando uma suspensão ou advertência. XXX até hoje, ele grita com nós, e nós fica quieto. Aí se outra pessoa falar, e ele falar pra gente, aí ele sai gritando, xingando, aí se nós rebate ele vai lá na coordenadora e fala um monte de coisa. Aí nós fala: “coordenadora, foi, eh, eh, ele tá mentindo”. “Ah, você tá me chamando de mentiroso? Então

beleza, eu quero seu pai aqui, dá três dias de suspensão", e não pode falar nada.

Mediador: Então a punição sempre fica pro lado, pra vocês?

Educando02P: É, a única pessoa que acredita em nós é nossos pais.

Educanda06P: Acho que não deveria ser assim, apesar do aluno ser meio custoso e tal, é, não faz tarefa, eu acho que ninguém deveria agredir outra pessoa porque ele não gosta ou só porque é, assim, não é?

Mediador: É.

Educanda06P: Por exemplo, você é de um jeito, aí só porque eu não gosto do seu jeito eu vou agredir você?

Mediador: Ahã.

Educanda06P: É meio...

Educanda06P: É.

Mediador: Sim.

Educando02P: Só porque ele é professor ele pode fazer o que quiser com nós?

Mediador: E, mas, eh, vocês falaram sobre isso e vocês acham que por..., vocês falaram que a, a escola, a coordenação, a direção, não escutam vocês, e por causa disso que vocês pararam de falar, de denunciar os casos de violência que os professores fazem isso com vocês?

Educanda06P: Antes havia muito, tipo, muito aluno ia lá nos coordenadores fala, hoje quase que você não vê ninguém, só criancinha mesmo, assim, quando você vê que fala: "Sim, tia, ele pegou meu negócio" e não sei o que. Assim, mas...

Educando02P: Hoje em dia eu acho que os adolescente tá mais respondão.

Educanda06P: É.

Mediador: Ah, quer resolver logo, peitando?

Educando02P: Eu, eu já, antes eu conversava, falava, tentava, eh, falar com alguém, ninguém acreditava, agora grita comigo, eu grito com você. Me desrespeita ou xingar eu vou fazer a mesma coisa. Eu vou tratar do mesmo jeito.

Educando04P: Uma vez ele veio gritar comigo, né, os menino fez bagunça, ele mandou eu sair da sala, eu saindo de boa e ele gritava pra mim: "você sai logo, moço!". Eu virei pra ele, apontei o dedo na cara dele e falei pra ele: "Moço, você cala a boca, você não grita comigo não", e saí da sala e bati a porta. Aí depois ele queria me dar suspensão, mas eu não ganhei suspensão não, mas eu apontei o dedo na cara dele e falei pra ele não gritar comigo. XXX.

Mediador: Entendi. Eu, eu vou entregar já a próxima charge, porque aí eu já vou fazer uma pergunta encima disso, tá? São duas, na verdade.

("Educando04P" e "Educando03P" conversam, mas não dá para entender)

Pesquisador: Como que é?

Educando03P: Os professor, tem alguns que acha que só porque a gente é repetente a gente são problemáticos. Aí trata nós diferente dos que tão na idade certa praquela turma.

Educando02P: Tá certinho.

Pesquisador: Vocês concordam com isso que o...?

Educando02P: Sim.

Educanda06P: Eu, assim...

Educando02P: Porque tem muita diferença quando a pessoa é bem estudiosa com um bagunceiro. O professor trata ele melhor.

Educanda06P: Eu acho que eles acha que só porque repetiu não é bom o suficiente, não é inteligente o suficiente dos que tão na idade, tem que ser tratado diferente.

Mediador: Eles tratam as pessoas que não passaram de ano diferente então? As pessoas que têm dificuldade de aprendizado?

Educanda06P: Sim, o meu amigo, que era pra tá aqui, só que ele não veio, ele repetiu um ano porque ele parou de estudar, e tipo, esse professor de História ele trata ele muito mal, assim, eu acho, sabe? Eh, o nosso, o nosso grupo, apesar de que conversa às vezes, a gente tem todas as tarefas, todos os vistos, a gente, quando é explicação a gente presta atenção, e às vezes ele chega assim do nada e "cala a boca", e não sei o quê, "dá licença!". Aí eu falo assim: "Não, XXX, vamos ficar quietinho então e tal".

Mediador: Entendi. Como é que é esse tratar diferente com os outro, com esses alunos que têm dificuldade?

Educanda01P: Tipo, eles falam mais com educação com os outro.

Mediador: Sem, com mais educação, com...

Educanda06P: Não, você fala com quem já é repetente?

Mediador: Isso, com que já é.

Educanda06P: Do jeito que eles falam?

Mediador: É, como que eles tratam?

Educanda06P: Eu acho que é com mais ignorância, não são?

(os alunos conversam juntos)

Educando03P: Se você ergue a mão pra fazer uma pergunta eles deixa os que tão na idade certa pra fazer primeiro...

Educando02P: Os mais inteligentes, sabe?

Educanda01P: É verdade.

Educando03P: Já aconteceu comigo de eu tá com muito problema pra copiar a tarefa, chamar a professora e ela não ver. Meu colega do lado, que tava na idade certa, chamou e ela veio ajudar ele... Aí foi, eu fiquei com raiva, joguei a cadeira no chão e saí da sala.

Educanda06P: Apesar de que eu nunca repeti, mas eu sou, assim, eh, como é que fala... atrasada (?), nunca aconteceu comigo não, porque eu sempre tive que me manter na linha, sabe? Eu sempre quis me manter na linha, foi, foi uma escolha minha, então...

Mediador: Ahã.

Educanda01P: É, eu já repeti de ano.

(risos)

Pesquisador: Quantas vezes?

Educanda01P: Duas.

Educando04P: Normal.

Educando04P: Tá no padrão pra você (?).

Educanda01P: Tá bom.

Educando03P: Agora fala você, "Educando04P".

Educando04P: Deixa a XXX primeiro.

(risos)

Mediador: Eh, vocês falando dessa relação com a escola e com a violência que vocês estão sofrendo dos professores, mas qual é a relação que vocês acham que a escola tem em relação à violência?

(pausa)

Educando02P: A relação?

Educanda01P: Como assim?

Educanda06P: Como assim se há, você fala como é que eles tratam a violência?

Mediador: É...

Educanda06P: Do jeito que eles acham que é a violência?

Mediador: Por exemplo, por exemplo aquela imagem que você me perguntou, eh, são lápis que a...

Educanda06P: Julgando o outro, você acha?

Mediador: Não.

Educando02P: Você acha normal, é isso?

Mediador: Não.

(risos)

Mediador: Não, são lápis apontando para uma bala, que a educação pode mudar a violência, entenderam?

Educanda06P: Não.

Mediador: Então, tipo assim, qual é o papel da escola em relação à violência? Porque...

Educanda06P: É difícil, bem difícil, porque não é todo mundo que quer mudar, por exemplo.

Educanda01P: Tem muitas pessoas aqui da escola que eles preferem ficar do lado das pessoas que estão erradas do que das pessoas que estão certas.

Mediador: Você fala em relação aos alunos ou da, da escola...?

Educanda01P: Da coordenação mesmo.

Mediador: Da coordenação?

Educanda01P: Ahã. teve uma vez, tava assim, eu e mais duas amigas matando aula, eh, eles, tipo assim, ela chegou na XXX, que é a diretora daqui, e falou pra menina que nós tinha dopado ela, que nós queria bater nela e tudo o mais. Falou um bocado de coisa, sendo que era mentira, que a ideia de quem foi de cabular a aula foi dela. Aí a diretora (?) chamou a minha mãe...

Mediador: Dela...?

Educanda01P: Da menina.

Mediador: Ah tá. Ahã.

Educanda01P: XXX, elas já sabem quem que é. Aí ela chamou a minha mãe e o meu pai, chamou a mãe da outra e o pai dela.

Mediador: Ahã.

Educanda01P: Só que dessa menina que chamou não chamou ninguém.

Educanda06P: XXX desse jeito.

Educanda01P: Eles ficaram do lado dela.

Mediador: Por quê?

Educanda01P: Porque tipo assim, ela se paga de santinha.

Mediador: Ãh, entendi...

Educanda01P: Ela quer ser a coitadinha da sala, entendeu?

Mediador: Ãh... entendi.

Educanda01P: Aí...

Mediador: Aí meio que, é como se fosse uma queridinha, né?

Educanda01P: Sim, isso. Aí... eles foram ficar do lado dela, não chamaram ninguém, aí a minha amiga XXX e tem mais um monte de coisa. Fora que ficamos sem

celular, a nossa mãe bateu na gente e tudo o mais. Já ela não aconteceu nada com ela, ela ficou de boa.

Mediador: Nossa! Entendi. A escola aqui de vocês fazem campanhas contra violência, *bullying*, drogas...

Educando02P: Não, se você fizer *bullying* com alguém você ganha suspensão, se brigar com alguém, te mandam pra polícia.

Educanda01P: Uma amiga aconteceu isso?

Mediador: Vai pra polícia?

Educanda01P: É.

Educando03P: É, tem XXX. Nós 3 aqui (mostra "educando04P", ele e "educando02P), como nós é repetente, quer dizer, não é repetente... quer dizer, você não é repetente, né?

Educando02P: Dois anos também.

Educando03P: Nós é repetente, a gente se envolve em briga, eles chama a polícia pra nós, e os home já fica na cola. Alunos do 7º e 6º ano também são repetentes, brigam na escola, e sai só com uma... suspensão.

Educanda06P: Advertência... é verdade, eles tratam os menino como se fossem criminoso.

Educando02P: É diferente, é diferente, eles tá julgando muito pelo caráter das pessoas.

Educando03P: Fora, assim, que quando some algum, alguma caneta, algum celular, eles vêm procurar direto na nossa mochila.

Mediador: Sério?

Educando03P: Nas mochilas dos repetente.

Educando02P: Ficam falando da gente, porque nós é atentado, mas nós não fez nada. Só porque a gente é atentado e repetente eles acabam culpando nós, sem nós ter feito nada!

Mediador: Já tem uma discriminação contra vocês.

Educando02P: É, a pessoa maior santa ali, que não faz nada, foi lá e pegou e culpa a gente e nós vai levar a culpa.

Educanda06P: Acho que é por isso que nosso mundo tá tão assim, a desigualdade, sabe?

Educando02P: Aí se o trem não aparecer...

Educanda06P: Acho que é por isso que tem muito menino violento nas escolas, eu acho que é por isso.

Educando03P: E é por isso que tem gente usando droga, pra poder fugir da realidade.

Educanda06P: Ahã.

Mediador: Entendi.

Educando02P: Tem pessoas, tem várias coisas, né, tem pessoas que fumam, que bebem, que acabam se cortando por algum problema...

Educanda06P: Pois é, eu acho que se tentar achar um... vamos se dizer, uma coisa para se jogar ali e esquecer das outras? É isso.

Mediador: Ahã, entendi. E qual é a relação da polícia com o colégio? Em relação a vocês? Vocês falaram que eles já ficam aqui ou chama?

Educando02P: Eles chama.

Mediador: Eles chama? Não tem guarda assim pra quando...?

Educanda06P: Não.

Educand02P: Eles chama, aí já conversa com nós, fala "Óh, se você fazer isso, isso e isso lá no colégio vai ser fichado". Aí ele, vai pra nossa ficha. E como XXX o serviço vai adiantar muito.

Educando04P: Igual aconteceu comigo semana passada...

Educando03P: Retrasada.

Educando04P: Retrasada, eu quase briguei aqui, né? Aí chamou eu e o menino, aí começou a dar bronca, dar bronca, aí quando citava o menino só falava que ia chamar o responsável dele e ia dar uma certa suspensão pra ele, né? E pra mim, toda vez que eles iam falar comigo, meu nome ia ser fichado, XXX ia ser levado pra delegacia. Aí pegou, aí ele falou: "Não, tá encerrada a conversa". Aí pegou, na hora que eu ia sair junto com o menino, que nós ia sair ele pegou e falou: "Não, ele sai, mas você fica". Aí deixou eu e ficou falando o maior sermão comigo, toda hora falando que ia chamar a polícia pra mim se eu, tipo, se brigasse lá fora, se eu triscasse a mão dele ia botar a polícia pra me levar, aí na hora que eu saí lá fora a polícia tá lá, esperando, pra ver se eu ia XXX.

Mediador: Vocês já apanharam da polícia?

Educando02P: Bom, apanhar assim porque XXX...

Mediador: Aqui no colégio?

Educando02P: No colégio não, porque, eh, como eles ameaçam chamar a polícia.

Mediador: Aqui no colégio?

Educando02P: É, eu não faço muito não, porque se eu for pra delegacia minha mãe me espanca lá mesmo.

Educanda06P: (risos)

Educando02P: Ela pega o cassetete de um policial lá e me espanca lá mesmo.

Educando03P: Mas tipo assim, apanhar eu nunca apanhei, mas já fui xingado na porta.

Mediador: Aqui?

Educando03P: Ahã, eu tava saindo, peguei a bicicleta do meu colega, aí eles achou que eu tinha roubado, colocou a mão na arma e me chamou assim: "Vem cá". Aí eu fui, de boa, e eles falou: "O que você tá fazendo, seu vagabundo?". E eu saí da escola e eles me chamou de vagabundo. Aí foi, eu só devolvi a bicicleta e saí.

Educando02P: É muito abuso de poder. O polícia, ele abusa muito. Teve uma vez...

Educanda06P: E quando tem uns policial que XXX? Nossa Senhora!

Educando02P: Teve uma vez que eu fui jogar futebol, jogar bola, eu e um primo meu, a gente vinha entrar no colégio, nós ia entrar, a polícia passou e enquadrou nós. Pensou que nós era, tipo, bandido, sabe?

Mediador: Ahã, entendi. Você falou que a polícia te chamou de vagabundo e você tava saindo do colégio. Vocês acham que quem estuda, eh, se envolve com menos violência? Quem estuda mais, quem tem mais educação, se envolve com menos violência?

(os alunos respondem que sim)

Educando03P: Certeza, porque ele fica mais tempo ocupado e não tem que se preocupar com as coisas bestas, como a violência. Quem briga na escola, XXX, se envolve com coisas bestas.

Educanda01P: Nem sempre.

Educando03P: É, assim, nem sempre.

Educanda01P: XXX tem a parte da tarde, ou é influência da tarde por fazer a coisa errada de manhã?

Mediador: Mas que outros fatores que a educação pode trabalhar com a violência nesse estilo de vida? Além disso de ocupar a mente?

Educanda01P: Como assim?

Mediador: É porque, por exemplo, eh, uma pessoa que, que estuda no colégio de elite aqui de Goiânia, vocês acham que ela tem, pode ter menos possibilidade de se envolver em uma briga por conta de...?

Educanda06P: Não... Eu acho os mimados bem mais violento, eles são, eles acham que só porque, tipo, "Ah, eu sou de uma escola melhor, eu sou da escola particular, eu posso e você não". Assim, eles são desse jeito. Eu tenho certeza, eu já vi. Desse jeito, ahã.

Educando02P: São uns burguesinhos.

Educando03P: São uns nariz empinado.

Educanda06P: Ah, esses alunos da escola pública eles são uns merda, e não sei o quê.

Educanda01P: Tem muita pessoa que fala que os XXX da escola pública não tem estudo melhor, isso e que não pode fazer nada e tal, mas na verdade é o contrário. Eu estudei praticamente a minha vida inteira em escola particular e tive um ensino, é outro nível, não gostei do ensino de escola particular, por conta que além de eles passar coisas, assim, nem da tua turma, eh, eles não conseguem te explicar direito. Tem muitas escolas que tentam ensinar uma coisa que você nem sabe o que que é que eles tão passando.

Mediador: Ahã. E você sentia muito mais dificuldade de... de aprender as coisas lá do que quando você veio pra cá?

Educanda01P: Não, mas antes de vir pra cá eu passei por muitas escolas.

Mediador: Públicas ou particulares?

Educanda01P: Pública. Na verdade, estadual, porque eu, quando eu saí do Método (?), eu fui pro Maria XXX. Lá eu fui expulsa de lá e eles falaram que se eu não achasse escola, que eles ia me mandar pro Conselho, por causa de eu ter feito uns trem lá.

Mediador: Você foi expulsa por conta de violência?

Educanda01P: Ahã (ri). É isso aí. É, não só violência como eu quebrei câmeras lá com os meninos, foi bem no início da minha depressão, que eu parei de estudar.

Mediador: Entendi, você fez isso na escola como um ato de revolta contra a escola ou você tava... era um momento de, de, digamos, fragilidade sua?

Educanda01P: Praticamente foi fragilidade minha e porque eu fui na cabeça de outras pessoas, que foram os meus próprios amigos que me chamaram pra fazer isso. Aí eu fui, pra falar a verdade foi por vontade própria, mas...

Mediador: Teve um, uma influência assim...

Educanda01P: Sim.

Mediador: Entendi.

Educanda01P: Aí falou que nós não só bateu nas meninas lá como quase matamos elas e a gente quebrou as câmeras e roubaram lá a diretora lá dentro.

Mediador: Roubaram a diretora?

Educanda01P: Foi. Aí colocaram a culpa em mim e mais em duas meninas. Aí eu fui lá e me fodi.

Mediador: Nossa!

Educanda01P: Por causa de amizades.

Mediador: Essas pessoas, vocês conhecem pessoas que não estudam? Você falou dessas meninas: elas ainda estão estudando?

Educanda01P: Estão.

Mediador: Estão tudo matriculadas assim?

Educanda01P: (balança com a cabeça)

Mediador: Vocês conhecem pessoas que não estudam?

Educando02P: O meu irmão.

Educando04P: Ahã.

Mediador: O seu irmão? Ele parou de estudar por quê?

Educando02P: Drogas, ele entrou no mundo das drogas. Parou de estudar. Tá com 25 anos e tá no oitavo ano ainda.

Mediador: Ah...

Educanda01P: XXX, um deles já faleceu já.

Mediador: Ele já até morreu?

Educanda01P: Já, 23 anos...

Mediador: Por conta de quê?

Educanda01P: Por conta de drogas, ele tomou 33 tiros dentro de uma festa.

Mediador: 33 tiros?

Educanda01P: Sim, fizeram uma casinha pra ele, porque ele tava devendo mais de 3 mil reais de drogas.

Mediador: Foi a questão que ele tava devendo droga? E ele já tinha, ele ainda tava estudando nessa época?

Educanda01P: Ele estudava, assim, à noite, lá no XXX. Aí ele tava fazendo, ia fazer o 7º, por conta que não terminou o 6º, parou bem no 6º.

Mediador: Ahã.

Educanda01P: Aí ele foi, quando ele decidiu voltar, aí quando foi no outro dia chamaram ele pra ir numa festa, aí foi eu, ele e a mulher dele. Aí as filha dele ficou lá com a minha tia. Aí nesse dia, não, aí primeiro ele não queria ir pra festa, quando chegamo lá, passou um pouquinho os cara chamou ele mais pra baixo assim e começou a dar tiro nele, sem parar.

Mediador: Entendi.

Educanda01P: Aí a minha tia foi e vazou, tipo, por conta que ela sabia que os policial ia lá na casa dela pelo fato dele ter matado ele, e ela foi pra esconder as droga dele. E eu fiquei sozinha lá. Aí uma amiga minha foi, já tava na festa foi e me ajudou e eu fui embora. Aí eu tive que avisar a minha tia, e a minha ficou praticamente louca na hora que ela ficou sabendo que meu tio tinha morrido. E fora que no dia do enterro um deles, dos cara que matou ele, foi lá dentro.

Mediador: Eles eram, eles eram de fora da escola? Ou eram alguma coisa?

Educanda01P: Dentro da escola. É porque o XXX ele vendia pra fora, aí os cara veio e se matriculou dentro da escola, ficou um tempo lá, só vigiando o meu primo.

Mediador: Ah então começou, esse planejamento dentro do colégio. E o seu primo vendia droga dentro do colégio também?

Educanda01P: Sim, dentro, fora, ele traficava, fora que ele já tinha mais de 10 homicídios nas costas, tráfico de drogas, um bocado de coisa.

Mediador: Vocês têm alguma coisa para falar?

(falam muito baixo)

Mediador: Vocês concordam que pessoas que... que estão fora do colégio ou que foram expulsas de algum modo se envolvem em casos mais violentos de violência?

(todos concordam)

Educanda01P: Principalmente quem foi expulso XXX botaram fogo aqui na minha escola.

Mediador: Colocaram o quê?

Educanda01P: Fogo aqui dentro da escola, foram pessoas que, que estudavam aqui e que foram expulsas.

Mediador: Eles expulsaram os alunos e como revolta os alunos tacaram fogo?

Educanda06P: Sim, queimaram tudo.

Educando02P: Queimaram essa sala aqui, ó, XXX.

Educanda06P: Essa daqui, o teto caiu, aí...

Educando03P: Ficou tudo preto.

Educando02P: Já aconteceu várias vezes de alunos mesmo destruir a escola.

Educanda06P: E a secretaria, o ano que eles, a Secretaria foi derrubada quase.

Educanda01P: Queimaram tanto livro...

Mediador: Livros?

Educanda01P: Livros, cadeiras...

Mediador: Mas eles foram expulsos por questão de violência aqui dentro ou... ? O que que eles falaram, o que que eles...?

Educanda06P: Devem ter sido expulso por reclamação, alguma coisa.

Mediador: Ah, vocês não...

Educando02P: Por causa de briga também.

Mediador: Vocês não souberam...

Educando02P: Não, só sabia, eles nos conta, essa parte eles não conta, eles só falam que foi tal aluno e que botaram fogo ou acabaram depredando o colégio ou fazendo alguma coisa.

Mediador: Entendi.

Educando03P: É igual o negócio que começou XXX tava falando o negócio. No meu 2º ano (?) nessa escola eu tive a oportunidade de mexer nos computadores. Essa sala aqui assim era tudo cercada. Quando eu cheguei mais ou menos no 6º ano não tinha nenhum computador que prestava, porque eles tinha roubado teclado, mouse.

Mediador: Roubado?

Educando03P: Pc... Ahã. aqueles, aqueles lá, alunos daqui tomava suspensão, quando eles voltavam da suspensão eles tiravam o XXX pequeno do negócio e começavam a cortar, assim, o cabo. Aí não dava nem pra jogar e nem pra brincar. Só porque eles tinham tomado suspensão, eles ficava revoltado e quebravam tudo.

Educando02P: Vários alunos também já destruíram a Secretaria. Mãe já ajudou!

Mediador: A mãe ajudou?

Educando02P: Sim, só porque o filho dela não tirou nota boa, ela veio aqui e bagunçou toda a Secretaria.

Mediador: Ahã.

Educando02P: Ela acabou sendo pega.

Mediador: Aí ela foi presa ou alguma coisa assim?

Educando02P: Bom, não fala isso pra nós, né, infelizmente não fala isso pra nós.

Educando03P: É, eles fala que nós não pode ficar sabendo de muitas coisas.

Educando02P: Não pode ficar sabendo. A única coisa que eu sei falar é que foi mãe que veio aqui mais o aluno, que não gostou disso, disso e disso.

Mediador: Mas isso tudo só porque o aluno tirou uma nota ruim?

Educando02P: Foi, ela pediu pro professor dar nota boa pra ele, o professor não quis, ela foi lá e rebentou tudo.

Mediador: Gente, nossa! Isso é muito sério! Assim, porque, porque a, como vocês disseram, a família tem um papel crucial na educação de aluno, né? E...

Educando02P: Sim, é.

Mediador: Se a mãe fez isso, o que o filho pode fazer, né? Muito trash (?). Eh, vocês encontram dificuldades pra serem aprovados? Vocês já foram...

Educando04P: Sim.

Mediador: Repetentes... qual a dificuldade que vocês têm?

Educando03P: Eu tenho dificuldade de pegar e guardar na memória. Tipo assim...

Mediador: Ah, de aprendizado.

Educando03P: O que eu aprendi no passado eu não sei de mais nada. Aí esse ano aqui eu já, tipo assim, se me perguntar alguma coisa eu travo, eu fico olhando pra ele até ele parar de me perguntar.

Mediador: Mas é uma questão sua ou você acha que a escola poderia trabalhar alguma coisa pra poder te ajudar?

Educando03P: Não, tipo assim, ela poderia, né, me ajudar, tipo assim, com aulas...

Educanda06P: Também acho.

Educando03P: Com mais aulas de reforço.

Mediador: Com mais aulas de reforço.

Educanda06P: Tipo, tem a AEE aqui, mas é só pros deficientes e... pra quem?

Mediador: Tem aulas pra deficiente?

Educanda06P: É, né?

Educanda01P: Cadeirantes.

Educanda06P: É, pra cadeirantes, só, tipo, só. Eu acho que deveria ter mais aula... minha irmã ela é meia, mas eu já falei que é coisa da cabeça dela.

Mediador: Ah?

Educanda06P: Ela se limita muito, ah, tipo, eu não sei, eu não vou aprender e tal. Aí...

Mediador: Ela tem a autoestima baixa.

Educanda06P: Mais ou menos, é, sim, ela, a minha mãe achou que ela tinha problema, de pegar o aprendizado também, aí ela fez por um tempo, quando era mais pequenininha e depois parou, porque só é pra deficiente e tal...

Mediador: Ah é? Aqui no colégio?

Educanda06P: Ahã. Acho que deveria ter mais, pra alunos mais velhos e tal, porque tipo, eu sou péssima em matemática, e é ruim, é ruim mesmo, sabe, é ruim. Você, nossa, tem hora que eu dou vontade de chorar, porque eu acho assim e não entra na minha cabeça, não entra. É horrível. E aí, aí (risos) eu acho que deveria ter mais, tipo... Ah, tinha o Mais Educação de tarde, não tem mais.

Mediador: Mais Educação o que que era?

Educanda06P: Tinha o curso de Robótica, que eu comecei a fazer, depois parou também, parece.

Educando02P: O Mais Educação era, tipo, se tivesse alguma dúvida em alguma tarefa, você vinha no Mais Educação...

Educanda06P: Tinha as matérias, eh, tinha tipo, aula de capoeira, né?

Educando02P: Ahã.

Educanda06P: Tinha aula de matemática, né, de português... as principais.

Mediador: Ah, fora do horário da aula!

Educanda06P: Fora do horário. Eh, tipo, era de tarde.

Educando02P: Se você tivesse algumas questões, se o professor não soubesse te explicar...

Educando03P: Aí também tinha o negócio que distraia os alunos pra poder atraí mais.

Educanda06P: É.

Educando03P: Tinha o curso de robótica, tinha...

Educanda06P: Tinha o curso de robótica, aula de capoeira...

Educando03P: Educação física.

Educando02P: Aula de capoeira, educação física, e acabou tirando.

Mediador: Por quê?

Educando02P: Não falaram. Falou que tirou e pronto.

Educando03P: Falou que não tinha mais como fazer e tiraram. Aí o...

Mediador: Foi questão de governo?

Educanda06P: Acho que foi.

Educando02P: Acho que foi.

Mediador: Não sabem...

Educanda06P: Olha o tamanho dessa nossa escola, tem essa, tem uma possibilidade...

Mediador: Sim, enorme.

Educanda06P: ... de ser uma escola maravilhosa, esse, esse local, sério. Deveria ter mais salas, eu acho, tipo sala de, de reforço e tal, fazer... a biblioteca ela não é muito grande, eu amo pegar livro lá, tipo, sempre eu tô pegando, sabe, e eu acho que deveria ter mais.

Educando03P: Não é puxando o saco pra nós não, mas naquele espaço vago, onde os carro ficam estacionado, deveria fazer o quê, uma piscina olímpica, natação pros...

Educanda06P: Verdade, aula, tem de patins também, eles disse que ia fazer antigamente, área de patins assim, nossa, eu imaginei tudo quando falava, sério! Você monta uma arquitetura, assim, na sua cabeça, mas tudo ilusão, então...

Mediador: Eles só colocam tudo aí no final...

Educanda06P: A gente para de sonhar até, a gente só se contenta com o que tá agora e pronto.

Educando04P: Vai fazer aula no parquinho ali.

(todos falam juntos)

Educanfa06P: Meu sonho, gente, ir naquele escorregador lá, e não pode. Então eu...

(risos)

Educanda06P: É, disse que ia ter passeios, quem disse? Não teve. Teve só pros pequenininho.

Educanda01P: Foi do 6º ao 9º.

Mediador: A escola não tá estimulando os alunos a quererem estudar, né?

Educando02P: Tá, tipo, tocando o foda-se.

Mediador: Aí como a escola não estimula, aí os alunos já vai ficando desmotivados...

Educanda06P: É, aí tipo, é. Aí o pessoal olha assim: "Essa escola não vale nada. Vou estragar ela mais ainda". Eu... não é? Eu acho que é assim. O governo falou que ia mandar... parece que era 50 ou era 100 cadeira, até hoje...

Mediador: Nada.

Educanda06P: Aí esse povo vem aqui, a sala ali, "Queremos cadeira", as criancinha tudinho gritando "queremos cadeira".

Mediador: Do pré?

Educanda06P: Ahã. Todo mundo gritando, as crianças.

Educanda06P: É. Os professores falaram que era pra chamar pai e vir aqui reclamar, sabe, pro governo...

Mediador: Já deu certo essas...

(risos)

Mediador: Nunca, nunca?

Educanda06P: Porque é ruim aquela, não sei, aquela oficialidade de todo mundo vir aqui, não tem, sabe? Não tem. Não, é incrível, quando é reunião de pais eles ficam quase 1h falando e falando... e não vem nada.

Mediador: Só fica no projeto, fala, fala, fala, "ah, vai ter", nunca tem.

Edicanda06P: É, nunca tem.

Educando03P: E também, puxando pro lado das cadeiras, só que falando de quadro, tiveram que virar o quadro de costas porque o quadro caiu por causa das chuvas, deu infiltração, aí o quadro caiu, nós, eu mesmo, eu e ele aqui ajudamos o "C" a virar o quadro de costas pra poder dar pra escrever, porque senão os alunos iam ficar sem quadro.

Mediador: A estrutura do colégio também não está...

Educando04P: Não tá legal.

Educanda06P: Eu ahco que deveria quebrar, asism, sabe, destruir e fazer de novo.

Mediador: Os alunos destruir a escola?

Educanda06P: Não. Não!

(risos)

Educanda06P: Não, por exemplo, eles só fica vindo aqui e coloca no colo, é maquiagem, maquiagem, os banheiros das menina, tipo, sabe? Só trocaram o vaso, pintaram...

Mediador: Reconstruir realmente, né?

Educanda06P: É, reconstruir realmente, levantar muros e as...

Educando03P: Pelo menos o banheiro das meninas eles pinto, o dos meninos só deu uma descarga, desentupiram o vaso e pronto. Colocaram dois mictório só, que não tem a paredinha, sabe? Você, se você tiver lá urinando, chegar alguém vai e olhar vai ver.

Mediador: Ahã.

Educando02P: Vai ver tudo.

Mediador: Eu vi lá.

(risos)

Educanda06P: Olha, quando tava fazendo o, a reforma, né, a coordenadora foi lá na nossa sala e falou que teve já onze pessoas que foram lá e quebraram aquele negocinho de colocar o papel higiênico, assim?

Mediador: Sei, ahã.

Educanda06P: Quebraram! Ela falou assim: "Se eu ver quem foi, se vocês vê, vocês vai me falar que eu vou não sei o quê, eu vou chamar a polícia.

Pesquisador: Carlos, precisamos finalizar.

Mediador: Gente, eu tenho que finalizar, foi ótima a conversa, obrigado. Eh, eu vou deixar com, com o Fred e a XXX, eu não sei se eles têm alguma coisa pra falar... e tem o formulário ainda pra fazer.

Pesquisador: É porque a gente precisa de um tempinho pra vocês responderem um questionário, mas antes eu só queria pensar aqui com os meninos da história da... vou chamar de revanche aí, né? Um amigo de vocês apanhou ontem e

	hoje vocês estão articulando pra bater no que bateu no amigo de vocês. Eu fiquei pensando, vocês disseram na roda que por vocês serem repetentes...
	ÁUDIO CONCLUSÃO
Pesquisador:	... os professores e a própria escola já trata vocês de forma diferente, né, com, com estigma, né, com, os alunos-problema, digamos assim, né? E aí vocês não tem medo de já, por conta de já ter essa representação, da escola já ter essa representação de vocês, vocês ainda vai lá, caçar uma briga, sabendo que pra vocês vai chamar a polícia? Como que vocês...
Educando02P:	Eu, eu sei que vai ir, depois dessa briga vai acontecer com a polícia, vai chamar a polícia, vai acontecer muita coisa pra mim, mas eu não vou deixar isso passar impune.
Educanda06P:	Pra você isso é justo, né? Revidar.
Educando02P:	É, porque aí eu deixo ele bater no menino hoje, deixo por isso mesmo. Amanhã ele pode ir lá e bater nele de novo.
Pesquisador:	"Educando02P", né, você?
Educando02P:	Isso.
Pesquisador:	E não haveria outra maneira de resolver, de ele ter uma punição que não fosse vocês fazendo justiça pelas próprias mãos?
Educando02P:	Não.
Educando04P:	Eu não acho não.
Pesquisador:	Não?
Educando03P:	Não adianta, a gente chega na coordenadora e fala assim: "Bateu num colega meu", ela vai lá, chama o menino que bateu e só fala "Se você fizer isso de novo, você vai ser expulso". Volta pra sala.
Educanda01P:	Aí...
Educando02P:	Deixa eu te falar, nós falou com a coordenadora!
Pesquisador:	Ontem?
Educando02P:	Falamos com a coordenadora, ontem mesmo, a coordenadora chamou quem apanhou, os menino e quem tava de prova e não fizeram, e não fez nada. Conversou com os menino, deu uma suspensão, não chamaram a polícia. Porque os meninos bateu bem aqui, e antigamente.
Pesquisador:	Foi dentro da escola?
Educando02P:	Foi, depois que bateu o sino do recreio. O menino chegou e...
Pesquisador:	Aqui dentro?
Educando02P:	Foi. Aí, se fosse a gente que tivesse batido em alguém, tinha chamado a polícia, suspensão, advertência...
Pesquisador:	Isso aqui? Nós não vamos, como já dissemos, falar pra coordenadora, nem pra diretora... vocês estão pensando em bater nesses meninos que bateram no outro onde? Dentro da escola ou fora?
Educando02P:	Fora.
Educando03P:	Não, é fora.
Pesquisador:	Vocês têm, vocês têm uma organização pra isso? Vocês têm...?
Educando02P:	Temos (rindo).
Pesquisador:	Vocês estão fazendo um planejamento?
Educando02P:	Lógico.
Pesquisador:	Só, vamos ouvir lá os meninos que tão organizando...

Educando03P: Mas o “C” falou que não vai adiantar se a gente brigar aqui, fora da escola, ele falou que nós pode brigar até perto aqui do Garavelo, se ele ficar sabendo que nós brigou, todos vão ser expulsos e com o nome fichado. Nós três.

Educando04P: Aí todo mundo vai ser fichado.

Pesquisador: E vocês vão correr o risco?

Educando02P: Nós vai correr o risco.

Educando03P: Sim.

Mediador: Gente!

Educando02P: Nós vai porque ele é nosso amigo, uai!

Educando04P: E ontem ainda teve uma menina ali que separou a briga, ele chamou ela e falou a hora que ele, que ela separou a briga, ele foi grosso com ela e tipo, falou pra ela avisar nós que se nós fosse se envolver com a briga lá e descontar o que aconteceu ele botar a culpa toda em cima da menina, sendo que ela não tem nada a ver. Tipo, ela separou a briga.

Educando02P: Ela não tem nada a ver. Ela separou, o menino xingou ela de vagabunda, puta... falou um monte de coisa pra ela e eles não fizeram nada pra isso, nada! Tivessem levado uma suspensão, uma advertência, chamado os pais, não. Conversou e deixou todo mundo ir embora.

Pesquisador: Me digam, vocês três, por que que vocês vão correr o risco de serem expulsos da escola, de serem, de irem parar na delegacia pra... vingar uma coisa que nem foi com vocês?

Educando03P: É tipo princípio. A gente é muito unido lá na sala, se mexeu com um, mexeu com todos.

Educando02P: Nós tem uma união muito forte. Ainda mais quando é com os mais fracos.

Educando03P: É, se mexesse com um de nós aqui, que é um dos mais fortes, a gente se defendia sozinho. Mas mexeu com um cara, gordinho, baixinho, que não tem força no braço.

Educando02P: Se fosse, véio, um contra um eu não falaria nada. Ele tem que aprender a se defender, mas veio cinco em cima do menino. Então eu não vou deixar.

Pesquisador: Ah, aí hoje vocês vão enfrentar cinco?

Educando02P: Não é enfrentar, nós XXX lá na rua. Eu chamei alguém, ele chamou alguém. Todo mundo tem medo dele, só por causa que ele é do CV.

Pesquisador: CV?

Educando02P: É, Comando Vermelho.

Educando03P: Uma das facções forte. Tipo o PCC – Primeiro Comando da Capital.

Educando02P: É, é tipo o PCC. O CV ele controla metade aqui de Goiânia.

Pesquisador: Vocês são de alguma facção?

Educando02P: Não.

(risos)

Educanda01P: Tá doido.

Educando03P: Deus me livre!

(todos falam juntos)

Orientadora: Eu tenho umas perguntas, posso? Você tá é doido se vai mexer com a facção, é doida!

(risos)

Orientadora: Na verdade, duas perguntas: vocês usaram uma palavra que me chamou a atenção, que nós não ouvimos dos outros jovens, nas outras rodas, que é “nós somos repetentes e eles estão na idade certa”. A palavra “idade certa”,

nova na boca de vocês, a gente usa porque é professor e tal. Onde vocês escutaram essa palavra? Porque vocês falaram várias vezes "Não, a gente é repetente e eles tão na idade certa". Onde é que vocês escutaram esse termo "idade certa?".

Educando04P: Foi aqui na escola mesmo que a gente escutou.

Educando03P: Um professor falou isso pra mim.

Orientadora: O professor aqui?

Educando03P: Foi.

Orientadora: Nessa escola?

Educando03P: Ahã.

Educanda01P: Às vezes ele repete que nós é repetente e tal e tipo, ele não, tipo assim, não tá nem aí pra nós, sabe?

Orientadora: Ahã.

Educanda01P: Eles preferem dar mais educação pra quem está na idade certa e... do que pra nós.

Orientadora: Certo.

Educanda01P: Eles não tão nem aí.

Orientadora: Então é da escola que vocês escutaram a palavra "o outro é da idade certa e nós não somos"?

Educando02P: Isso. Quando nós repete ele zoa da nossa cara. "Ah, tal fulano é repetente. Ele tá faltando dois anos, aquele ali tá na idade certa". "Quantos anos você tem?"

Educanda06P: "Bem feito!".

Educando02P: "Quantos anos você tem?", " Eu tenho 13".

Educanda06P: Eh, tipo, repetiu, bem feito, não fez isso e nem aquilo.

Educando02P: É.

Educanda01P: Tinha uma amiga nossa que tava na nossa sala, quando eu estudava com ela no 8º, ela ia fazer 18 anos lá, faltava uns dois meses pra ela fazer 18 anos e eles não tavam nem aí pra ela. Os professores só pegavam no pé dela. Brigava com ela e tudo mais. Se ela faltava eles ficam assim: "Ah, você tem 18 anos e não sei mais o quê" e ficava com, tipo deboche pro lado dela.

Orientadora: Certo.

Educanda01P: E nisso ela foi ficando grilada, e ela foi cada vez mais faltando por conta que ela não queria, sabe, ficar escutando os professor. Acabou que ela ainda repetiu de novo.

Orientadora: E uma outra coisa que eu queria, você falou em um dos momentos aí, iniciais, você não admite bater em mulher.

Educando02P: Ahã.

Orientadora: Eh, e aí eu tô pensando aqui com os meninos, porque os meninos estão, estão armando briga, pelo amor de Deus.

(risos)

Orientadora: Briga não, vamos pensar em outra coisa, vamos pegar outra coisa, gente, sejam inteligentes, pensamento estratégico. Mas, eh, queria perguntar pra vocês, os meninos e as meninas, como é que é a questão da briga das meninas na escola? Porque em uma outra roda a gente escutou muitas meninas comentando na roda da briga delas. Aqui tem briga mais dos meninos ou mais das meninas?

Educanda06P: Das meninas, não é?

Educando02P:	Das meninas.
Educanda06P:	Das meninas.
Orientadora:	As meninas brigam mais?
Educanda06P:	Ahã, por conta de menino.
Orientadora:	Mas eles também são briguentos. Já contaram aí.
Pesquisador:	As meninas brigam por conta de quê?
Educanda06P:	De menino.
Educanda01P:	Tem muita briga por causa de menino.
	(todos falam juntos)
Orientadora:	E vocês brigam por quê? (para os meninos) Vocês, os meninos, brigam por quê?
Educando02P:	Pra se defender.
Educando03P:	A gente briga por tudo. Se o cara olhou torto demais pra nós a gente briga, se ele xingou nossa namorada nós briga, se ele mexeu com alguma coisa que é nossa, nós briga.
Educando02P:	Bateu num menino mais fraco, nós briga. Nós tem, nós não precisa de motivo pra bater na pessoa. Nós fica na nossa, deu motivo? Vira briga.
Orientadora:	Tá.
Educando03P:	A gente viu que a pessoa fez alguma coisa que a gente não aprova, a gente vai lá e briga.
Orientadora:	E as meninas brigam...
Educanda01P:	Quê? Eu não sei de nada.
Orientadora:	Como assim?
Educanda06P:	XXX teve uma briguinha meio hoje aqui, por causa que, por exemplo, ontem tinha duas meninas da nossa sala, no recreio, e ela trombou na menina assim sem querer, sabe, aí a menina olhou e falou assim: “Desculpa”, a que tinha trombado nela, aí ela, a menina que foi trombada, assim, ficou seguindo ela, sabe? Aí hoje ela foi e falou assim: “Você perdeu o cu na minha cara?”, nas duas meninas sabe? Aí as meninas falou assim: “O que que foi?”, ela falou assim: “Vocês ficam olhando torto pra mim!”, aí as meninas falou assim: “Por que que você tá brigando comigo? Eu não fiz nada pra você!”. Aí o “C” chegou e falou assim: “Vai, sai daqui agora”, olhando pra menina. Aí a menina falou assim: “Eu tô conversando com ela”. “Eu te dei uma ordem!”. Aí ela saiu. Aí depois ele foi e chamou as duas outras lá, que não tem nada a ver.
Orientadora:	Ahã.
Pesquisador:	Foi meio que uma motivação mais parecida com a dos meninos.
Educanda06P:	É.
Pesquisador:	Eles não tinha motivo. Uma topou na outra...
Educanda06P:	Foi!
Pesquisador:	Olhou torto e começou a brigar.
Educanda06P:	Aí a outra foi e caiu pra cima. Gente, se eu fosse apanhar de tanto trombo que eu já levei eu tava morta. Eu sou desastrada, sério!

Legenda:

XXX – inaudível

(?) – em dúvida